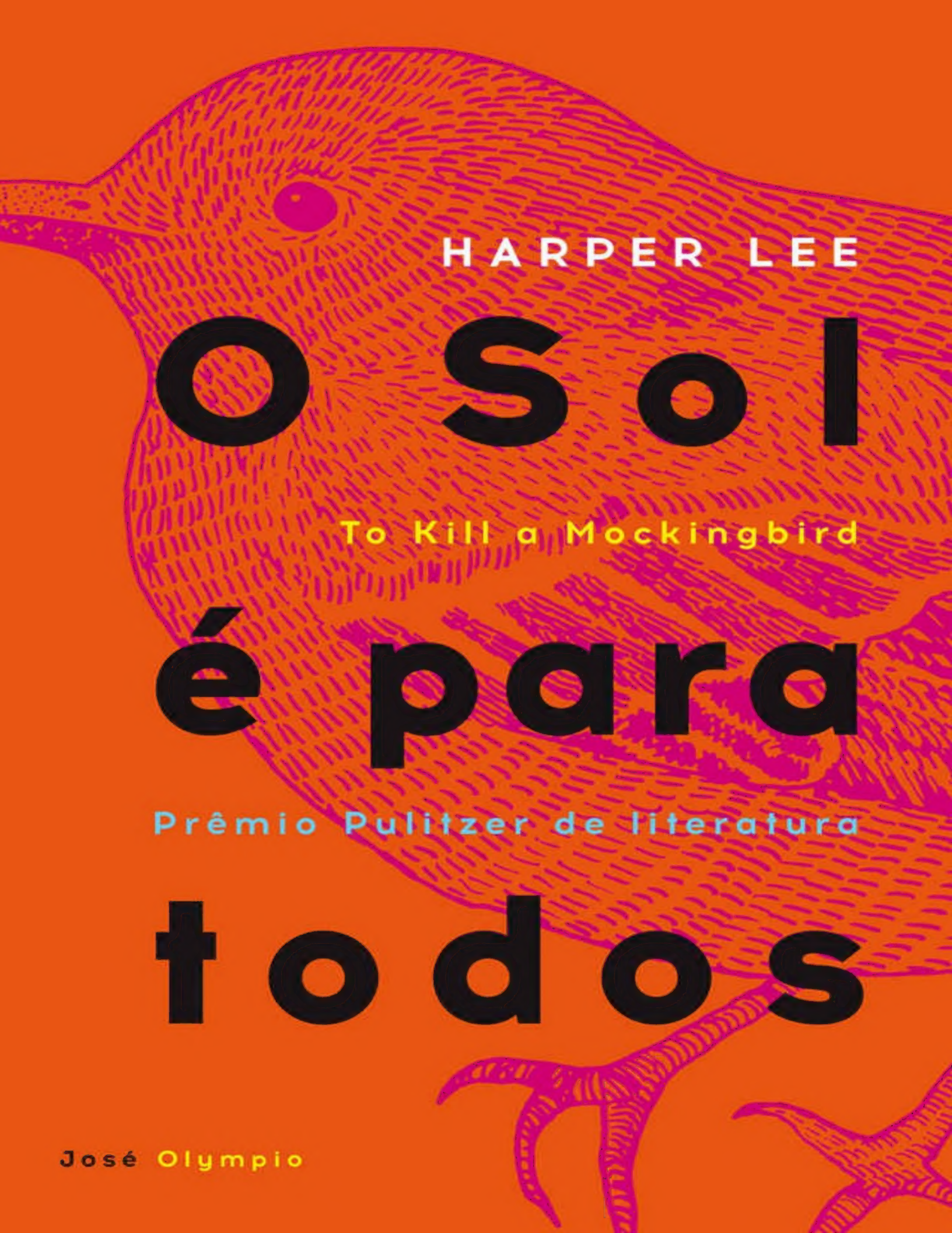

HARPER LEE

O Sol é para todos

To Kill a Mockingbird

Prêmio Pulitzer de literatura

José Olympio

HARPER LEE

O Sol é para todos

To Kill a Mockingbird

Prêmio Pulitzer de literatura

Tradução
BEATRIZ HORTA

6ª edição

JOSÉ OLYMPIO
EDITORA
Rio de Janeiro, 2015

Copyright © 1960 by Harper Lee, renovado em 1988

Copyright da tradução © José Olympio, 2015

Título do original em inglês
TO KILL A MOCKINGBIRD

Capa
Carolina Vaz

Revisão de tradução
Marina Vargas

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L516s
Lee, Harper, 1926-
O sol é para todos [recurso eletrônico] / Harper Lee ; tradução Beatriz Horta. - 1. ed. - Rio de Janeiro : José Olympio, 2015.
recurso digital
Tradução de: To kill a mockingbird
Formato: ePUB
Requisitos do sistema: Adobe Digital Wditions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-03-01264-5 (recurso eletrônico)
1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Horta, Beatriz. II. Título.
15-23168

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Este livro foi revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Leitura Facil

Reservam-se os direitos desta tradução à
EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380
Tel.: 2585-2000

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Produzido no Brasil
2015

Para o sr. Lee e Alice,
em retribuição ao amor e afeto

Os advogados, suponho, um dia foram crianças.

CHARLES LAMB

PRIMEIRA PARTE

1

Quando tinha quase treze anos, meu irmão Jem sofreu uma fratura grave no cotovelo. Depois que o cotovelo ficou bom, e Jem perdeu o medo de não poder mais jogar futebol, ele passou a dar menos importância ao que aconteceu. O braço esquerdo ficou um pouco mais curto que o direito; quando ele ficava de pé ou andava, o dorso da mão ficava perpendicular ao corpo e o polegar paralelo à coxa. Ele não ligava, desde que pudesse continuar dando chutes e passes.

Quando tantos anos se passaram que podíamos olhar para trás e lembrar deles, às vezes comentávamos os fatos que levaram ao acidente. Continuo achando que tudo começou com os Ewell, mas Jem, que era quatro anos mais velho que eu, dizia que as coisas começaram bem antes. Ele dizia que começaram no verão em que conhecemos Dill e ele nos deu a ideia de fazer Boo Radley sair de casa.

Eu disse a Jem que, se ele queria ter uma visão ampla da coisa, tudo tinha começado mesmo com Andrew Jackson. Se o general Jackson não tivesse empurrado os índios creek rio acima, Simon Finch jamais teria subido a remo o Alabama, e onde estaríamos se não fosse isso? Estávamos velhos demais para resolver uma discussão no braço, por isso consultamos Atticus. Nosso pai disse que nós dois tínhamos razão.

Como éramos sulistas, o fato de não termos antepassados que tivessem lutado em um dos lados da Batalha de Hastings era motivo de vergonha para alguns membros da família. Só o que tínhamos era Simon Finch, um farmacêutico e negociante de peles originário da Cornualha, na Inglaterra, cuja carolice só não era maior que seu pão-durismo. Na Inglaterra, Simon ficou irritado com a perseguição que os crentes mais liberais faziam aos autointitulados metodistas e, como se considerava metodista, resolveu atravessar o Atlântico e ir para a Filadélfia, depois para a Jamaica, daí para Mobile, até Saint Stephens. Consciente das duras críticas que John Wesley fazia ao uso da esperteza no exercício do comércio, Simon ganhou muito dinheiro com a prática da medicina, mas foi infeliz, por ter cedido à tentação de fazer coisas que sabia que não eram pela glória de Deus, como acumular ouro e trajes luxuosos. Assim, esquecendo os ditames de seu mestre sobre a posse de bens humanos, Simon comprou três escravos e com a ajuda deles construiu uma casa à margem do rio Alabama, uns sessenta quilômetros acima de Saint Stephens. Voltou a Saint Stephens apenas uma vez, para arrumar uma esposa, e com ela iniciou uma descendência farta em filhas. Simon viveu até idade avançada e morreu rico.

Os homens da família costumavam se estabelecer na propriedade de Simon, que se chamava Finch's Landing, e viver do plantio de algodão. O lugar era autossustentável: modesto se comparado com os impérios ao redor, mas produzia todo o necessário para o sustento, menos gelo, farinha de trigo e peças de vestuário, que eram comprados nas embarcações fluviais que vinham de Mobile.

Simon deve ter sentido uma ira impotente em relação aos conflitos entre o norte e o sul do país, já que, por causa deles, seus descendentes não herdaram nada além de suas terras. A tradição de viver nelas, porém, se manteve inalterada até depois da metade do século XX, quando meu pai, Atticus Finch, foi para Montgomery estudar Direito e seu irmão caçula foi para Boston estudar Medicina. A irmã deles, Alexandra, foi quem ficou na propriedade: casou-se com um sujeito calado, que passava quase o dia inteiro deitado em uma rede na beira do rio, se perguntando se seu espinhel já estaria cheio de peixes.

Depois de obter o diploma, meu pai voltou para Maycomb e começou a exercer a profissão. Maycomb ficava pouco mais de trinta quilômetros a leste de Finch's Landing e era a sede do condado Maycomb. No escritório de Atticus no tribunal havia

apenas um cabide para chapéus, uma escarradeira, um tabuleiro de damas e um imaculado exemplar do Código Penal do Alabama. Seus dois primeiros clientes foram as duas últimas pessoas condenadas à forca no condado Maycomb. Atticus tinha insistido para que eles aceitassem a generosidade do Estado, que permitiria que continuassem vivos caso se declarassem culpados de homicídio. Mas os dois condenados tinham o sobrenome Haverford, que no condado de Maycomb era sinônimo de burrice. Os Haverford tinham matado o melhor ferreiro de Maycomb por causa de um mal-entendido pela posse de uma égua e foram incautos a ponto de fazer isso na frente de três testemunhas. Os dois alegaram que "o filho da puta mereceu" como se isso fosse justificativa suficiente para o crime. Continuaram se declarando inocentes da acusação de homicídio; então só o que restou a Atticus foi assistir à execução de seus clientes, o que provavelmente foi o início do profundo desencanto de meu pai pelo direito penal.

Nos cinco primeiros anos que passou em Maycomb, Atticus praticou a economia mais do que qualquer outra coisa; depois, usou o dinheiro para custear a educação do irmão. John Hale Finch era dez anos mais jovem que meu pai e decidiu estudar Medicina numa época em que não era vantajoso plantar algodão. Mas assim que tio Jack estava encaminhado, Atticus obteve uma renda razoável com a advocacia. Ele gostava de Maycomb, era nascido e criado lá, conhecia as pessoas e as pessoas o conheciam e, graças à enorme descendência de Simon Finch, Atticus era parente, por laços de sangue ou de casamento, de quase todo mundo na cidade.

Maycomb era uma cidade antiga, mas quando a conheci, era antiga e decadente. Quando chovia, as ruas viravam um lamaçal vermelho; o mato crescia nas calçadas e o tribunal parecia afundar no meio da praça. De alguma maneira, fazia mais calor; num dia de verão, os cachorros pretos penavam, mulas ossudas atreladas a carroças abanavam o rabo para espantar as moscas na sombra escaldante dos carvalhos da praça. Às nove da manhã, o colarinho duro dos homens já estava mole. As mulheres tomavam um banho antes do meio-dia e outro depois da sesta das três da tarde; mesmo assim, ao anoitecer pareciam aqueles bolinhos que costumavam ser servidos nos chás, com cobertura de suor e talco perfumado.

No calor, as pessoas se movimentavam devagar. Andavam pela praça com esforço, entravam e saíam das lojas se arrastando, demoravam para fazer qualquer coisa. Os dias tinham vinte e quatro horas, mas davam a impressão de durar mais. Ninguém tinha pressa, pois não havia aonde ir, nada que comprar nem dinheiro para tal, nem nada para ver nos arredores do condado de Maycomb. Mas foi uma época de vago otimismo para algumas pessoas, pois pouco antes o condado tinha tomado conhecimento de que não precisava ter medo de nada, só dele mesmo.

Nós morávamos na principal rua residencial na cidade: Atticus, Jem e eu, mais Calpúrnia, nossa cozinheira. Jem e eu gostávamos de nosso pai; ele brincava conosco, lia para nós e nos tratava com afetuoso distanciamento.

Já Calpúrnia era totalmente diferente. Era toda ângulos e ossos; míope e estrábica, tinha as mãos largas como ripas de estrado e duas vezes mais duras. Vivia me expulsando da cozinha, me perguntando por que eu não me comportava tão bem como Jem, embora soubesse que meu irmão era mais velho, e me chamando para casa quando eu ainda não estava com vontade de ir. Nossas brigas eram épicas e injustas; Calpúrnia ganhava toda vez, principalmente porque Atticus sempre ficava do lado dela. Ela trabalhava na nossa casa desde o nascimento de Jem, e eu sentia sua presença tirânica desde que tenho memória.

Nossa mãe morreu quando eu tinha dois anos, por isso nunca senti falta dela. Ela era uma Graham de Montgomery; Atticus a conheceu quando cumpria seu primeiro mandato de deputado estadual. Já era um homem de meia-idade na época, quinze anos mais velho que ela. Jem foi fruto do primeiro ano de casamento; nasci quatro anos depois e dois anos mais tarde nossa mãe teve um ataque cardíaco fulminante. Disseram que era mal de família. Eu não senti falta dela, mas acho que Jem sentiu. Ele lembrava bem de nossa mãe e, às vezes, no meio de uma brincadeira, suspirava fundo, então se afastava e ia brincar sozinho atrás da garagem. Quando ele fazia isso, eu tinha o bom senso de não azucrinar.

Quando eu estava com quase seis anos e Jem com quase dez, nossas fronteiras no verão (ou seja, à distância de um berro

de Calpúrnia) eram a casa da sra. Henry Lafayette Dubose, que ficava duas propriedades ao norte da nossa, e a Residência Radley, três casas ao sul. Jamais ficamos tentados a ultrapassar esses limites. A Residência Radley era habitada por uma figura desconhecida cuja mera descrição bastava para ficarmos comportados por dias a fio; já a sra. Dubose era simplesmente infernal.

Foi nesse verão que conhecemos Dill.

Um dia de manhã cedo, quando estávamos começando a brincar no quintal, Jem e eu ouvimos um barulho no canteiro de couve da srta. Rachel Haverford, nossa vizinha. Fomos até a cerca de arame para ver se era um filhote (a terrier da srta. Rachel estava prenhe) e em vez disso encontramos um garoto sentado, olhando para nós. Sentado, ele era quase da mesma altura das couves. Ficamos olhando fixamente até que ele disse:

— Oi.

— Oi — respondeu Jem, simpático.

— Meu nome é Charles Baker Harris — ele disse. — Eu sei ler.

— E daí? — reagi.

— Pensei que vocês iam gostar de saber. Se tiverem alguma coisa para ler, posso fazer isso…

— Quantos anos você tem? — perguntou Jem. — Quatro e meio?

— Vou fazer sete.

— Então não tem nada demais ler — disse Jem, me indicando com o polegar. — A Scout lê desde que nasceu e ela ainda nem começou a escola. Você é bem pequeno para sete anos.

— Sou pequeno, mas sou mais velho — ele explicou.

Jem afastou o cabelo para ver melhor.

— Por que não vem até aqui, Charles Baker Harris? Céus, que nome você tem! — estranhou Jem.

— É tão esquisito quanto o seu. Tia Rachel disse que você se chama Jeremy Atticus Finch.

Jem ficou sério.

— Sou do tamanho do meu nome — ele retrucou. — Já o seu é maior do que você. Aposto que tem uns dois centímetros a mais.

— Todo mundo me chama de Dill — disse ele, passando por baixo da cerca.

— É melhor passar por cima — sugeri. — De onde você é?

Dill era de Meridian, no Mississippi, estava passando o verão com a tia, a srta. Rachel, e dali em diante passaria todos os verões em Maycomb. A família dele era do condado; a mãe trabalhava para um fotógrafo em Meridian, enviou uma foto de Dill para um concurso de beleza infantil e ganhou cinco dólares. Deu o dinheiro a Dill, que o gastou indo ao cinema vinte vezes.

— Aqui não tem cinema, às vezes passam no tribunal uns filmes sobre a vida de Jesus — disse Jem. — Você já viu algum filme bom?

Dill tinha visto *Drácula*, o que fez Jem olhá-lo com mais respeito.

— Conta o filme para nós — pediu ele.

Dill era uma figura curiosa. Usava calça curta de linho azul presa à camisa por botões, tinha os cabelos brancos como a neve e colados à cabeça como penas de pato; era um ano mais velho que eu, mas bem mais baixo. Enquanto nos contava a velha história do vampiro, seus olhos azuis se iluminavam e escureciam; tinha uma risada repentina e alegre e ficava afastando uma mecha de cabelo que caía no meio da testa.

Quando Dill deixou Drácula reduzido a pó e Jem disse que o filme parecia melhor do que o livro, perguntei a Dill onde

estava o pai dele.

— Você não disse nada sobre ele.

— É porque não tenho pai.

— Ele morreu?

— Não…

— Então se ele não morreu, você tem um pai, não tem?

Dill enrubesceu e Jem me mandou calar a boca, sinal que Dill tinha sido avaliado e aprovado. A partir daí, o verão seguiu numa alegre rotina. Isso significava: fazer melhorias na nossa casa na árvore que ficava entre dois imensos cinamomos no quintal; fazer bagunça; encenar nossa lista de peças baseadas em obras de Oliver Optic, Victor Appleton e Edgar Rice Burroughs. Sob esse aspecto, tivemos sorte em conhecer Dill, que passou a desempenhar os papéis que antes cabiam a mim, ou seja, o macaco de *Tarzã*, o sr. Crabtree em *The Rover Boys*, o sr. Damon em *Tom Swift*. Assim, passamos a considerar Dill um míni Merlin, com uma cabeça cheia de planos excêntricos, desejos esquisitos e fantasias incríveis.

Mas, lá pelo final de agosto, nosso repertório ficou chato devido às inúmeras repetições, e foi então que Dill deu a ideia de fazermos Boo Radley sair de casa.

Dill era fascinado pela Residência Radley. Apesar dos nossos avisos e explicações, o lugar o atraía como a lua atrai a água, mas ele não ia além do poste da esquina, que ficava a uma boa distância do portão dos Radley. Ele ficava lá, abraçando o grosso poste, olhando e pensando.

A casa dos Radley ficava pouco depois da nossa, numa curva fechada. Ao andar para o sul, passava-se diante da varanda; a calçada fazia a curva e acompanhava o terreno. A casa era baixa e um dia tinha sido branca, com uma grande varanda na frente e janelas verdes, mas havia muito tinha escurecido e ficado da cor do quintal cinzento que a rodeava. O telhado da varanda tinha os beirais apodrecidos pela chuva; os carvalhos não deixavam o sol entrar. Os resquícios de uma cerca de estacas que pareciam bêbadas de tão tortas protegiam o pátio da frente (que ninguém jamais varria), onde cresciam grama e ervas-daninhas.

Na casa morava um fantasma do mal. As pessoas garantiam que ele existia, mas Jem e eu nunca o vimos. Diziam que ele saía à noite, quando a lua estava alta, e espiava pelas janelas. Quando as azáleas nos jardins do condado congelavam em uma noite muito fria, era por que ele tinha soprado sobre elas. Ele era o culpado de todos os pequenos delitos furtivos em Maycomb. Uma vez, a cidade foi aterrorizada por vários fatos mórbidos ocorridos à noite: galinhas e animais domésticos foram encontrados mutilados. Embora o culpado fosse Addie Maluco, que acabou se afogando na correnteza do riacho Barker, as pessoas continuavam a olhar para a casa dos Radley, recusando-se a abandonar suas primeiras suspeitas. Nenhum negro passava na frente da casa à noite: ia para o outro lado da rua e ficava assoviando enquanto caminhava. O pátio da escola de Maycomb dava para os fundos do terreno dos Radley; os frutos das altas nogueiras do galinheiro deles caíam no pátio da escola, mas nenhuma criança pegava, porque as nozes dos Radley eram letais. Se uma bola de beisebol caía no quintal deles, era considerada perdida e não se falava mais nisso.

A maldição da casa começou muitos anos antes de Jem e eu nascermos. Os Radley, que eram muito bem-vindos na cidade, não se relacionavam com ninguém, o que era imperdoável em Maycomb. Não iam à igreja, a principal diversão local, cumprindo suas devoções religiosas em casa; a sra. Radley raras vezes ou nunca atravessava a rua para tomar um café com as vizinhas e jamais participou de uma reunião dos missionários. Já o sr. Radley ia à cidade todos os dias às onze e meia da manhã e voltava pontualmente ao meio-dia, às vezes carregando um saco de papel pardo que as pessoas supunham que fossem mantimentos para a casa. Eu nunca soube do que o velho sr. Radley vivia (Jem dizia que "vivia de algodão", o que era uma forma delicada de dizer que ele não fazia nada), apesar de ele e a sra. Radley morarem ali com os dois filhos desde sempre.

As janelas e as portas da Residência Radley ficavam fechadas aos domingos, o que era outra esquisitice para os hábitos

locais: só se fechavam janelas por motivo de doença ou nos dias frios. O domingo à tarde era justamente o dia para fazer visitas: as mulheres punham espartilho; os homens usavam paletó; as crianças calçavam sapatos. Mas subir a escada da frente dos Radley e chamar "olá" num domingo à tarde era algo que os vizinhos jamais fizeram. A casa não tinha portas de tela. Um dia, perguntei a Atticus se alguma vez teve e ele disse que sim, mas antes de eu nascer.

Rezava a lenda que, quando o caçula dos Radley era adolescente, fez amizade com os Cunningham de Old Sarum, uma família enorme e desordeira que morava no norte do condado. Com eles, o jovem Radley formou a coisa mais próxima de uma gangue que já se tinha visto em Maycomb. Os rapazes não faziam muita coisa, mesmo assim eram assunto na cidade e foram advertidos publicamente nos três púlpitos. Eles ficavam rondando a barbearia; aos domingos, iam de ônibus até Abbotsville para ir ao cinema; frequentavam os bailes no antro de jogatina à margem do rio, a Pousada e Campo de Pesca Dew Drop e bicavam uísque ilegal. Ninguém em Maycomb tinha coragem de dizer ao sr. Radley que o filho dele estava se metendo com más companhias.

Certa noite, após beber bastante, os garotos pegaram um calhambeque emprestado e ficaram dando voltas na praça. Receberam voz de prisão do sr. Conner, o velho oficial de justiça de Maycomb, mas resistiram e ainda o trancaram no banheiro do tribunal. A cidade então decidiu que alguma providência precisava ser tomada; o sr. Conner disse que reconhecera cada um deles e estava determinado a não deixar aquilo passar em branco. Então, os rapazes foram levados diante do juiz, acusados de perturbação da ordem e da paz, agressão e uso abusivo de linguagem profana na presença de senhoras. O juiz perguntou por que o sr. Conner fez essa última acusação, e ele respondeu que os rapazes praguejaram tão alto que com certeza todas as senhoras de Maycomb tinham escutado. O juiz decidiu mandar os rapazes para a escola industrial do estado, para onde outros jovens às vezes eram enviados com a única finalidade de dar-lhes comida e um teto decente: não se tratava de uma prisão, nem de uma desonra. Mas o sr. Radley achava que era. Se o juiz soltasse seu filho Arthur, garantia que ele não causaria mais problemas. Como sabia que o sr. Radley era um homem de palavra, o juiz aceitou a proposta de bom grado.

Os outros rapazes frequentaram a escola industrial e tiveram a melhor educação secundária do estado; um deles acabou cursando engenharia em Auburn. As portas da casa dos Radley passaram a ficar fechadas a semana inteira, de domingo a domingo, e o filho do sr. Radley não foi mais visto durante quinze anos.

Mas um dia, meio apagado na memória de Jem, muitas pessoas ouviram a voz de Boo Radley e o viram, mas não Jem. Ele dizia que Atticus não falava muito nos Radley; quando Jem perguntava, Atticus dizia apenas para ele cuidar da própria vida e deixar os Radley cuidarem da deles, pois tinham esse direito. Nesse tal dia, porém, Jem disse que Atticus balançou a cabeça e fez *hum, hum, hum.*

Jem sabia de quase tudo pela srta. Stephanie Crawford, uma vizinha megera que dizia conhecer toda a história. Segundo ela, Boo estava sentado na sala cortando artigos do *Maycomb Tribune* para colar em seu caderno de recortes quando o pai entrou. Quando passou por Boo, ele enfiou a tesoura na perna do pai, tirou-a, limpou-a nas próprias calças e voltou a recortar o jornal.

A sra. Radley saiu correndo para a rua, berrando que Arthur estava matando todos eles, mas, quando o xerife chegou, Boo continuava sentado na sala, recortando o *Tribune*. Tinha então trinta e três anos.

A srta. Stephanie contou também que, quando sugeriu-se que seria bom para Boo passar uma temporada em Tuscaloosa, o velho sr. Radley dissera que nenhum Radley iria parar em um manicômio. O rapaz não era maluco, ele às vezes ficava irritado, só isso. O sr. Radley aceitou que prendessem Boo, mas insistiu para que não o acusassem de nada, pois ele não era um criminoso. O xerife não teve coragem de colocá-lo numa cela junto com os negros, então Boo ficou preso no porão do tribunal.

Jem não lembrava direito como Boo tinha sido levado do porão para casa. A srta. Stephanie Crawford disse que alguém do conselho municipal avisou ao sr. Radley que, se não tirasse o filho de lá, ele iria morrer por causa do mofo causado pela umidade. Além do mais, Boo não podia viver o resto da vida à custa do condado.

Ninguém sabia de que tipo de intimidação o sr. Radley lançava mão para manter Boo fora de vista, mas Jem achava que ele ficava acorrentado à cama quase todo o tempo. Atticus dizia que não, que não era nada disso, que havia outras maneiras de fazer alguém virar um fantasma.

Lembro de ver, às vezes, a sra. Radley abrir a porta da frente, ir até a beira da varanda e molhar as plantas. Mas todo dia Jem e eu víamos o sr. Radley indo e vindo da cidade. Era um homem magro, de pele dura e olhos sem cor, tão baços que não refletiam a luz. Tinha os ossos da face pontudos e a boca larga, com o lábio superior fino e o inferior carnudo. A srta. Stephanie Crawford dizia que ele era tão rigoroso que tinha a palavra de Deus como única lei, e nós acreditamos, pois o sr. Radley andava reto como uma vareta de espingarda.

Ele nunca falava conosco. Quando passava por nós, olhávamos para o chão e dizíamos:

— Bom dia, senhor.

E ele, em resposta, tossia. O filho mais velho do sr. Radley morava em Pensacola; ele passava o Natal na casa dos pais e era uma das poucas pessoas que víamos entrar e sair de lá. Dizia-se que a casa morreu quando o sr. Radley levou Arthur para lá.

Um dia Atticus nos disse que, se fizéssemos barulho no quintal, ele acabava com a gente. Quando saiu de casa, encarregou Calpúrnia de nos vigiar para que não desobedecêssemos. O sr. Radley estava morrendo.

Ele custou a morrer. Fecharam a rua com cavaletes nas duas extremidades do terreno dos Radley, jogaram palha nas calçadas e desviaram o trânsito para a rua de trás. Sempre que era chamado, o dr. Reynolds estacionava o carro na frente da nossa casa e andava até a casa dos Radley. Jem e eu nos arrastamos pelo quintal por dias a fio até que finalmente os cavaletes foram retirados e assistimos da varanda o sr. Radley passar pela última vez diante da nossa casa.

— Lá vai o pior homem que Deus já botou no mundo — resmungou Calpúrnia, dando uma boa cuspida no quintal. Olhamos para ela surpresos, pois raramente fazia algum comentário a respeito dos brancos.

Quando o sr. Radley morreu, os vizinhos pensaram que Boo ia sair de casa, mas não foi o que aconteceu: o filho mais velho do sr. Radley voltou de Pensacola e assumiu o lugar do pai. A única diferença entre os dois era a idade. Jem dizia que o sr. Nathan Radley também "vivia de algodão". Mas ele respondia aos nossos cumprimentos e às vezes voltava da cidade com uma revista na mão.

Quanto mais coisas contávamos a Dill sobre os Radley, mais ele queria saber, quanto mais tempo ficava abraçado ao poste na esquina, mais imaginava.

— Fico me perguntando o que ele faz lá dentro — ele murmurava. — Ele deve pelo menos colocar a cabeça para fora de casa.

Jem disse:

— Tem razão, ele deve sair quando está bem escuro. A srta. Stephanie Crawford disse que uma vez acordou no meio da noite e ele estava na janela, olhando fixamente para ela... e que a cabeça dele parecia uma caveira. Você nunca acordou à noite e ouviu, Dill? Ele anda assim... — Jem arrastou os pés no cascalho. — Por que acha que a srta. Rachel tranca a casa inteira à noite? Várias vezes vi as pegadas dele no nosso quintal de manhã; uma noite, eu o ouvi arranhando a porta telada dos fundos, mas, quando Atticus foi lá, ele tinha ido embora.

— Como ele é? — perguntou Dill.

Jem fez uma boa descrição de Boo. A julgar pelas pegadas, ele tinha uns dois metros de altura; comia carne crua de

esquilo e de qualquer gato que conseguisse pegar, por isso tinha as mãos manchadas de sangue (quem come animais crus nunca consegue limpar o sangue). No rosto tinha uma grande cicatriz irregular e seus poucos dentes eram amarelos e podres; os olhos eram saltados e ele estava sempre babando.

— Vamos tentar fazê-lo sair — disse Dill. — Quero ver como ele é.

Jem disse que, se Dill queria morrer, bastava subir a escada da casa e bater na porta.

Nossa primeira incursão só aconteceu porque Dill apostou um exemplar de *O fantasma cinzento* contra dois da série *Tom Swift* que Jem não passaria do portão da casa. Jem nunca recusou uma aposta na vida.

Passou três dias pensando no caso. Acho que ele prezava mais a honra do que a própria vida, porque Dill convenceu-o facilmente:

— Você está apavorado — disse Dill no primeiro dia.

— Não tenho medo, tenho respeito — reagiu Jem.

No dia seguinte, Dill insistiu:

— Você está tão apavorado que não bota nem o dedão do pé no pátio da frente.

E Jem repetiu que não estava, pois passava diante da casa desde que tinha começado a ir à escola.

— Sempre correndo — acrescentei.

Dill pegou-o de jeito no terceiro dia, quando disse que as pessoas em Meridian não eram tão medrosas quanto em Maycomb, que ele nunca tinha visto gente tão amedrontada como ali.

Foi o bastante para Jem ir até a esquina, encostar-se no poste e olhar o portão da casa, que estava meio bambo nas frágeis dobradiças.

— Espero que esteja claro na sua cabeça que ele vai matar todos nós, Dill Harris — disse Jem quando nos juntamos a ele — Não ponha a culpa em mim quando ele arrancar os seus olhos. Lembre-se que foi você que começou.

— Você continua apavorado — murmurou Dill, paciente.

Jem queria que Dill entendesse de uma vez por todas que ele não tinha medo de nada.

— Só não consigo pensar em uma maneira de fazer ele sair da casa sem pegar a gente.

Além do mais, Jem precisava pensar na irmãzinha.

Quando disse isso, eu soube que estava com medo, porque também tinha de pensar na irmãzinha quando apostei que ele não tinha coragem de pular do telhado de casa. "O que vai ser de você se eu morrer?", perguntou para mim. Em seguida pulou, não sofreu um arranhão e esqueceu a responsabilidade até se ver diante do desafio da Residência Radley.

— Vai fugir do desafio? — perguntou Dill. — Se vai, então…

— Dill, essas coisas têm que ser bem pensadas — disse Jem. — Me deixe pensar um minuto… É como fazer uma tartaruga sair do casco…

— Como assim? — perguntou Dill.

— É só acender um fósforo embaixo dela.

Eu disse a Jem que, se ele pusesse fogo na casa dos Radley, eu ia contar para Atticus.

Dill disse que acender um fósforo embaixo de uma tartaruga era uma coisa horrível.

— Não é horrível, é só para convencer o bicho, ninguém vai assá-lo vivo — resmungou Jem.

— Como você sabe que a tartaruga não sente o fósforo?

— Tartarugas não sentem nada, burro — disse Jem.

— Você já foi tartaruga?

— Que droga, Dill! Me deixe ver… Podemos jogar uma pedra…

Jem pensou durante tanto tempo que Dill fez uma pequena concessão:

— Não vou contar para ninguém que você fugiu da raia e ainda dou *O fantasma cinzento* se você subir a escada e tocar na casa.

Jem se animou.

— Só tocar na casa?

Dill concordou com a cabeça.

— Tem certeza que é só isso? Não vale dizer outra coisa quando eu voltar.

— É só isso — concordou Dill. — Ele provavelmente vai sair quando avistar você no quintal, então Scout e eu pulamos em cima dele e o seguramos até ele entender que não queremos machucá-lo.

Saímos da esquina, atravessamos a rua lateral que dava em frente à casa dos Radley e paramos no portão.

— Anda, vai — insistiu Dill. — Scout e eu estamos bem atrás de você.

— Já vou. Não me apressa — pediu Jem.

Ele seguiu até a extremidade do terreno e voltou, como se estivesse avaliando a melhor maneira de entrar, franzindo o cenho e coçando a testa.

Zombei dele.

Jem então escancarou o portão e correu até a lateral da casa, bateu com a palma da mão na parede e passou correndo por nós, sem ver se sua investida tinha dado certo. Dill e eu corremos atrás dele. Quando estávamos a salvo em nossa varanda, ofegantes e sem fôlego, olhamos para trás.

A velha casa estava igual, sombria e feia, mas enquanto olhávamos para ela, tivemos a impressão de ver um movimento em uma das cortinas. Um movimento leve, quase imperceptível, e a casa continuou quieta.

2

Dill nos deixou no começo de setembro para voltar para Meridian. Nós o acompanhamos quando foi pegar o ônibus das cinco da tarde e fiquei péssima sem ele até lembrar que as aulas começariam em uma semana. Nunca esperei tanto uma coisa em toda a minha vida. Durante o inverno, passei horas na casa da árvore olhando o pátio da escola, espiando a criançada com o potente telescópio que Jem tinha me dado, aprendendo as brincadeiras, acompanhando o casaco vermelho de Jem nas rodas de cabra-cega e compartilhando em segredo suas derrotas e pequenas vitórias. Eu estava louca para me juntar a eles.

No primeiro dia de aula, Jem aceitou com certa má vontade me levar para a escola, o que costumava ser feito pelos pais, mas Atticus disse que Jem ia adorar me mostrar onde era a minha sala. Acho que, no meio dessa história, uma certa quantia mudou de mãos, pois, quando viramos a esquina dos Radley, ouvi um tilintar estranho nos bolsos de Jem. Quando diminuímos o passo perto da escola, Jem teve o cuidado de me explicar que durante o período que ficássemos na escola não era para eu importuná-lo, pedir para encenar um capítulo de *Tarzã e os homens-formiga*, constrangê-lo contando suas histórias pessoais ou ficar atrás dele na hora do recreio e ao meio-dia. Era para eu ficar com os alunos do primeiro ano e ele com os do quinto. Em resumo, eu tinha de deixá-lo em paz.

— Você está dizendo que não podemos mais brincar? — perguntei.

— Em casa, continua tudo como sempre — avisou —, mas você vai ver que na escola as coisas são diferentes.

Era mesmo. Antes de terminar a manhã, nossa professora, a srta. Caroline Fisher, me arrastou até a frente da sala e bateu na palma da minha mão com uma régua, depois me deixou de pé no canto até o meio-dia.

A srta. Caroline tinha apenas vinte e um anos. Tinha cabelos castanhos e sedosos, maçãs do rosto rosadas e unhas pintadas com esmalte vermelho. Usava sapatos de salto alto e um vestido de listras vermelhas e brancas. Tinha a aparência e o cheiro de uma bala de menta listrada. Morava do outro lado da rua, uma casa depois da nossa, no quarto de frente do andar de cima da casa da srta. Maudie Atkinson. Quando a srta. Maudie nos apresentou à professora, Jem ficou agitado por vários dias.

A professora escreveu o nome no quadro-negro e disse:

— Está escrito: Sou a srta. Caroline Fisher. Nasci no norte do Alabama, no condado de Winston.

A classe murmurou apreensiva, temendo que ela tivesse alguma das peculiaridades dos nascidos naquele condado. (Quando o Alabama se separou da União, em 11 de janeiro de 1861, o condado de Winston se separou do Alabama; qualquer criança de Maycomb sabia disso.) O norte do Alabama estava cheio de fabricantes de bebidas alcoólicas, membros da igreja episcopal, indústrias de aço, republicanos, professores e outras pessoas sem qualquer lastro.

A srta. Caroline começou a aula lendo para nós uma história sobre gatos. Os gatos conversavam muito entre si, usavam roupinhas lindas e moravam numa casa acolhedora, embaixo do forno da cozinha. Quando a sra. Gato ligou para a lanchonete e pediu ratos de chocolate, a classe toda estava muito agitada, parecia um balde cheio de minhocas. A professora parecia não se dar conta de que seus alunos do primeiro ano, meninos e meninas que usavam roupas remendadas, camisas de brim e saias de saco de farinha, a maioria dos quais tinha colhido algodão e dado comida aos porcos desde que aprenderam a andar, eram imunes à literatura fantástica. Ao terminar a leitura, a srta. Caroline perguntou à classe:

— Ah, não acharam essa história uma graça?

Então foi até o quadro-negro, escreveu o alfabeto em letras de forma enormes, virou-se para a classe e perguntou:

— Alguém sabe o que é isso?

Todo mundo sabia, porque a maioria estava repetindo o ano.

Acho que ela me escolheu porque sabia o meu nome. Enquanto eu lia o alfabeto, surgiu uma leve ruga entre as sobrancelhas dela e, depois de me fazer ler em voz alta quase todo o *Meu primeiro livro* e as cotações da Bolsa no *Mobile Register*, ela concluiu que eu era alfabetizada e me olhou com mais do que um mero desagrado. Mandou eu dizer ao meu pai para não me ensinar mais nada, pois podia atrapalhar a minha leitura.

— Ensinar? — perguntei, surpresa. — Ele não me ensinou nada, srta. Caroline. Atticus não tem tempo de me ensinar nada — acrescentei, quando ela sorriu e balançou a cabeça. — À noite ele fica tão cansado que só fica sentado na sala e lê.

— Se ele não ensinou, quem foi? — perguntou a srta. Caroline de bom grado. — Alguém ensinou. Você não nasceu lendo o *Mobile Register*.

— Jem diz que sim. Ele leu em algum lugar que eu sou uma Bullfinch e não uma Finch. E que meu nome verdadeiro é Jean Louise Bullfinch, fui trocada por outro bebê ao nascer e na verdade sou uma…

A srta. Caroline deve ter achado que eu estava mentindo.

— Não vamos nos deixar levar pela nossa imaginação, querida — ela disse. — Peça a seu pai para não lhe ensinar mais nada. É melhor começar a ler do zero. Diga a ele que vou assumir a tarefa daqui em diante e tentar desfazer o dano…

— Como disse, senhora?

— Seu pai não sabe ensinar. Agora vá se sentar.

Murmurei um pedido de desculpas e fiquei pensando no meu erro. Nunca aprendi a ler deliberadamente, mas dava uma olhada nos jornais sem ninguém autorizar. Será que aprendi nas longas horas passadas na igreja? Não conseguia me lembrar de não saber ler os hinos. Agora que era obrigada a pensar no assunto, concluí que ler foi uma coisa que simplesmente me aconteceu, como aprender a abotoar a parte de trás do pijama sem me virar para olhar ou dar laços no cadarço do sapato. Não lembro quando foi que as linhas que Atticus indicava com o dedo passaram a se dividir em palavras, mas eu tinha olhado para elas todas as noites da minha vida enquanto ouvia as notícias do dia, os atos a serem promulgados em lei, os diários de Lorenzo Dow — qualquer coisa que Atticus estivesse porventura lendo à noite, quando eu me esgueirava para o colo dele. Eu não gostava de ler até o dia em que tive medo de não poder ler mais. Ninguém ama respirar.

Eu sabia que a srta. Caroline estava aborrecida comigo, por isso deixei o assunto de lado e fiquei olhando pela janela até a hora do recreio, quando Jem me afastou do grupinho do primeiro ano no pátio. Ele me perguntou como estava indo a escola. Contei.

— Jem, se eu não fosse obrigada a ficar, ia embora, a maldita professora disse que Atticus está me ensinando a ler e que tem de parar com isso…

— Não se preocupe, Scout — consolou-me Jem. — A nossa professora disse que a srta. Caroline está introduzindo um novo método de ensino que aprendeu na faculdade. Logo, todas as séries vão usar esse método e não vai mais ser preciso aprender só com livros. É assim: se quiser aprender sobre vacas, você vai ordenhar uma, entendeu?

— Tudo bem, Jem, mas não quero estudar vacas, eu…

— Claro que quer. Você precisa entender de vacas, elas são uma parte importante da vida no condado de Maycomb.

Limitei-me a perguntar se Jem tinha ficado maluco.

— Só estou tentando explicar o novo método de ensino no primeiro ano, sua teimosa. Chama-se Sistema Decimal de Dewey.

Como nunca questionei as afirmações de Jem, não vi motivo para fazer isso agora. O Sistema Decimal de Dewey consistia

em parte, na srta. Caroline ficar mostrando grandes fichas para nós nas quais estava escrito *o*, *gato*, *rato*, *homem* e *você*. Aparentemente, não se esperava qualquer comentário de nossa parte e a classe recebia em silêncio aquelas revelações impressionistas. Fiquei entediada e comecei a escrever uma carta para Dill. A srta. Caroline me pegou escrevendo e repetiu que eu devia dizer a meu pai para não me ensinar.

— Além do mais — disse ela —, no primeiro ano não usamos letra cursiva, só letra de forma. Só no terceiro ano é que você vai aprender caligrafia.

A culpada de tudo aquilo era Calpúrnia. Para que eu não a azucrinasse nos dias de chuva, ela fazia uns garranchos e me mandava copiar o alfabeto com letra firme numa tabuinha e embaixo, um capítulo da Bíblia. Se eu copiasse direito, era premiada com um sanduíche de pão, manteiga e açúcar. No método de Calpúrnia, não havia lugar para sentimentalismo: eu quase nunca a agradava e ela quase nunca me premiava.

— Levante a mão quem vai merendar em casa — disse a srta. Caroline, interrompendo meu novo ressentimento em relação a Calpúrnia.

As crianças que moravam na cidade levantaram a mão e ela olhou o resto da classe.

— Quem trouxe merenda, coloque-a sobre a carteira.

Latas de melado surgiram do nada e os reflexos do metal dançaram no teto. A srta. Caroline percorreu as carteiras olhando o que havia nas lancheiras, concordando quando gostava do que via e franzindo um pouco o cenho quando não gostava. Parou na carteira de Walter Cunningham.

— Onde está sua merenda? — perguntou.

Pela cara de Walter Cunningham dava para ver que ele tinha lombriga. Os pés descalços mostravam como tinha pegado a doença. As pessoas pegavam lombriga andando sem sapatos em estábulos e chiqueiros. Se Walter tivesse sapatos, teria usado no primeiro dia de aula para depois tirar e só voltar a usá-los em meados do inverno. Mas a camisa era limpa e o macacão, remendado com capricho.

— Esqueceu a sua merenda hoje? — insistiu a srta. Caroline.

Walter olhou bem para a frente. Vi um músculo saltar em seu rosto magro.

— Esqueceu a merenda? — repetiu a professora. O rosto de Walter se contorceu de novo.

— Sim, senhora — ele resmungou, por fim.

A srta. Caroline foi até a mesa dela e abriu a bolsa.

— Aqui tem uma moeda de vinte e cinco centavos — ela disse para Walter. — Vá até a cidade comer. Amanhã você me devolve.

Walter balançou a cabeça.

— Não, obrigado, senhora — ele resmungou baixinho.

A srta. Caroline disse com impaciência:

— Ande, Walter, venha aqui pegar o dinheiro.

Ele balançou a cabeça novamente.

Quando ele balançou a cabeça pela terceira vez, alguém cochichou:

— Conta pra ela, Scout.

Virei para trás e vi que quase todos os alunos que moravam na cidade e todos os que vinham de ônibus estavam olhando para mim. A srta. Caroline e eu já tínhamos nos desentendido duas vezes e eles me olhavam com a ingênua certeza de que com a familiaridade vem a compreensão.

Levantei-me para interceder por Walter:

— Hum... srta. Caroline...

— O que foi, Jean Louise?

— Ele é um Cunningham.

Voltei a me sentar.

— Como assim, Jean Louise?

Pensei que eu tivesse deixado as coisas bem claras. Para nós, estava bastante evidente: Walter Cunningham tinha contado uma bela mentira. Ele não tinha esquecido a merenda, ele não tinha o que levar. Não tinha naquele dia, não teria no dia seguinte, nem no próximo. E certamente nunca tinha visto três moedas de 25 centavos juntas na vida.

Tentei de novo.

— Walter é um Cunningham, srta. Caroline.

— Como assim, Jean Louise?

— Tudo bem, daqui a pouco a senhora vai conhecer todo mundo do condado. Os Cunningham não aceitam nada que não possam devolver depois: nem cestas de mantimentos da igreja, nem vales alimento do governo. Nunca tomaram nada de ninguém, se viram para viver com o que têm. Não é muito, mas dão um jeito.

Meu conhecimento a respeito dos Cunningham — de um ramo deles, pelo menos — era baseado em fatos do inverno anterior. O pai de Walter era um dos clientes de Atticus. Uma noite, após uma séria conversa dos dois na nossa sala a respeito de um morgadio, o sr. Cunningham disse, ao sair:

— Sr. Finch, não sei quando poderei pagá-lo.

— Não se preocupe com isso, Walter — tranquilizou-o Atticus.

Perguntei o que era morgadio e Jem respondeu que era quando alguém ficava com a corda no pescoço. Perguntei a Atticus se o sr. Cunningham um dia ia nos pagar.

— Em dinheiro, não — respondeu Atticus —, mas antes do fim do ano estaremos pagos. Espere só.

Esperamos. Um dia de manhã, Jem e eu achamos uma pilha de lenha no quintal. Mais tarde, um saco de nozes na escada dos fundos. No Natal, um engradado de salsaparrilha e azevinho. Na primavera, quando encontramos um saco de estopa cheio de nabos, Atticus disse que o sr. Cunningham tinha pago a dívida com folga.

— Por que ele paga assim? — perguntei.

— Porque é como pode pagar. Ele não tem dinheiro.

— Nós estamos pobres, Atticus?

Meu pai concordou com a cabeça.

— Estamos, sim.

Jem franziu o nariz.

— Pobres como os Cunningham?

— Não exatamente. Os Cunningham são gente do campo, lavradores, e a Depressão os afetou mais.

Atticus disse que quem tinha diploma estava pobre porque quem vivia da terra também estava. Como o condado de Maycomb era agrícola, os médicos, dentistas e advogados não eram pagos. A questão da sucessão hereditária era apenas uma das dores de cabeça do sr. Cunningham. As terras que não eram abrangidas pelo morgadio estavam hipotecadas e o pouco que ele conseguia ganhar ia para pagar os juros. Se fizesse tudo direito, podia conseguir um trabalho na Bolsa de Empregos, mas então teria que abandonar a terra, que ficaria arruinada, e ele preferia passar fome para ficar com a terra e votar como bem entendesse. Atticus disse que o sr. Cunningham era de uma raça de homens turrões.

Como não tinham dinheiro para custear um advogado, nos pagavam com o que tinham.

— Sabia — disse Atticus — que o dr. Reynolds também trabalha assim? Para algumas famílias, ele faz um parto em troca

de um saco de batatas. Srta. Scout, se me conceder a sua atenção, posso lhe explicar o que é um morgadio. Às vezes, as definições de Jem são muito pouco exatas.

Se eu tivesse conseguido explicar tudo isso à srta. Caroline, teria evitado um problema para mim e uma situação delicada para ela, mas eu não tinha capacidade de explicar tão bem quanto Atticus. Por isso, disse:

— A senhora está envergonhando o Walter, srta. Caroline. Ele não tem dinheiro em casa para lhe pagar e a senhora certamente não precisa de lenha para o fogão.

A srta. Caroline ficou paralisada; em seguida me agarrou pela gola e me arrastou até a mesa dela.

— Jean Louise, já estou farta de você esta manhã. Está começando mal em todos os sentidos, minha cara. Estenda a mão — ela ordenou.

Pensei que ela fosse cuspir na minha mão, que era o único motivo para uma pessoa em Maycomb estender a mão: uma cusparada era a maneira consagrada de selar os acordos verbais. Perguntando-me qual teria sido o acordo que nós duas tínhamos feito, virei-me para a classe em busca de resposta, mas todos me olhavam confusos. A srta. Caroline pegou a régua, me deu meia dúzia de reguadas e me mandou ficar de pé no canto. Quando finalmente se deram conta de que a srta. Caroline tinha me batido, toda a classe explodiu em uma grande risada.

A srta. Caroline ameaçou fazer a mesma coisa com todos, e a classe explodiu em risadas outra vez e só ficou num silêncio gélido quando a srta. Blount apareceu na porta. Nascida em Maycomb e até então ainda não iniciada nos mistérios do Sistema Decimal, a srta. Blount pôs as mãos na cintura e avisou:

— Se eu ouvir mais um barulho vindo desta sala, expulso todos vocês. Srta. Caroline, a bagunça na sua sala não está deixando o sexto ano se concentrar nas pirâmides.

Meu castigo no canto durou pouco. Fui salva pelo sinal do recreio, e a srta. Caroline ficou olhando a classe sair em fila. Como fui a última a sair, vi quando ela se afundou na cadeira e enterrou a cabeça nos braços. Se tivesse sido mais simpática comigo, eu teria pena dela. Era tão bonitinha.

3

Tive um certo prazer em acertar as contas com Walter Cunningham no pátio da escola, mas quando eu estava esfregando o nariz dele na lama, Jem apareceu e mandou parar.

— Você é maior que ele — disse Jem.

— Ele é quase da mesma idade que você. E me fez passar vergonha — expliquei.

— Larga ele, Scout. O que houve?

— Ele não trouxe merenda — respondi, e contei do meu envolvimento nos problemas alimentares de Walter, que se levantou do chão e ficou quieto, ouvindo a conversa. Estava com os punhos meio cerrados, como se esperasse uma investida nossa. Bati os pés com força no chão para enxotá-lo, mas Jem estendeu a mão e me deteve. Olhou para Walter de um jeito inquiridor.

— Você é filho do sr. Walter Cunningham, de Old Sarum? — perguntou, e Walter concordou com a cabeça.

Walter dava a impressão de ter sido criado com ração de peixe: os olhos eram azuis como os de Dill Harris, mas aguados, com as pálpebras rosadas. O rosto não tinha cor, a não ser a ponta do nariz, que era de um rosa úmido. Segurava as alças do macacão e mexia, nervoso, nos ganchos de metal.

De repente, Jem riu para ele e disse:

— Venha almoçar com a gente, Walter. Teremos prazer na sua companhia.

O rosto de Walter se iluminou, depois escureceu. Jem acrescentou:

— Nossos pais são amigos. A Scout é doida, mas não vai mais brigar com você.

— Não tenha tanta certeza — eu disse.

Fiquei irritada com o fato de Jem decidir por mim, mas os preciosos minutos do almoço estavam passando.

— É, Walter, não vou bater mais em você. Gosta de feijão-manteiga? A nossa cozinheira, Cal, é ótima.

Walter ficou onde estava, mordendo o lábio. Jem e eu desistimos e, quando estávamos quase diante da Residência Radley, Walter gritou:

— Ei, esperem, eu vou!

Quando Walter nos alcançou, Jem começou a conversar com ele.

— Aqui mora um maluco — informou, amistoso, apontando para a casa dos Radley. — Já ouviu falar nele, Walter?

— Acho que sim — respondeu Walter. — Quase morri no primeiro ano da escola, quando comi aquelas nozes. Disseram que ele mija nelas e joga por cima do muro do pátio.

Jem parecia não ter tanto medo de Boo Radley agora que eu e Walter caminhávamos ao lado dele. Chegou a se vangloriar:

— Uma vez, fui até a casa — disse ele para Walter.

— Quem já foi até a casa não devia correr toda vez que passa na frente dela — eu disse, olhando para o alto, como quem não quer nada.

— E quem é que corre, dona Metida?

— Você, quando está sozinho.

Quando chegamos na escada da nossa casa, Walter já tinha esquecido que era um Cunningham. Jem correu até a cozinha e

pediu para Calpúrnia colocar mais um prato na mesa, pois tínhamos um convidado. Atticus cumprimentou Walter e começou a falar sobre colheita, assunto sobre o qual Jem e eu não sabíamos nada.

— Não consegui sair do primeiro ano na escola, sr. Finch, porque na primavera tenho de ajudar meu pai na colheita, mas agora tem mais um irmão com idade para a lida no campo.

— Vocês pagaram um saco de batatas por ele? — perguntei, mas Atticus sacudiu a cabeça para mim, me repreendendo.

Enquanto Walter se servia, Atticus e ele conversavam como se fossem dois adultos, para surpresa minha e de Jem. Atticus discorria sobre os problemas do campo quando Walter interrompeu para perguntar se em nossa casa tinha melado. Atticus chamou Calpúrnia, que voltou com o pote de melado e ficou esperando Walter se servir. Ele colocou bastante melado nos legumes e na carne e certamente também teria colocado no copo de leite, se eu não tivesse perguntado o que diabos ele estava fazendo.

O pires de prata retiniu quando Walter pôs o jarro de volta em cima dela e imediatamente colocou as mãos no colo e abaixou a cabeça.

Atticus sacudiu a cabeça de novo para mim.

— Mas ele exagerou, encharcou a comida de melado — reclamei. — Encheu tudo…

Então Calpúrnia mandou eu ir para a cozinha com ela.

Ela estava furiosa e quando ficava assim, a gramática ia para o brejo. Quando estava calma, ela se expressava tão bem quanto qualquer pessoa de Maycomb. Atticus dizia que Calpúrnia era mais educada do que a maioria dos negros.

Ela estreitou os olhos para mim e as rugas finas ao redor dos olhos ficaram mais fundas.

— Nem todo mundo come igual nós — afirmou, ríspida —, mas não é para chamar atenção disso na mesa. O menino é convidado e se ele quiser comer a toalha da mesa, deixa, entendeu?

— Cal, ele não é convidado, é só um Cunningham.

— Não diz isso! Não interessa quem ele é, quem pisa aqui é convidado e não quero você criticando, toda cheia de coisa! Vocês pode ser melhor que os Cunningham, mas não é para ficar se achando superior. Se não sabe se comportar na mesa, vai comer na cozinha!

Calpúrnia me deu uma boa palmada e me empurrou pela porta da sala de jantar. Peguei meu prato na mesa e terminei de comer na cozinha, grata por ter sido poupada da humilhação de ter que ficar diante deles de novo. Avisei a Calpúrnia que ela não perdia por esperar, eu não ia esquecer aquela história: qualquer dia, quando ela estivesse distraída, eu ia me afogar no riacho Barker e ela ia se arrepender. Além do mais, acrescentei, ela já tinha me criado problema por me ensinar a escrever e tudo o que aconteceu na escola tinha sido culpa dela.

— Fica quieta — ela mandou.

Jem e Walter voltaram para a escola antes de mim: fiquei para trás para falar com Atticus sobre as injustiças de Calpúrnia, sem me importar de depois passar sozinha pela Residência Radley.

— De todo jeito, ela gosta mais de Jem que de mim — concluí a conversa e sugeri que Atticus não perdesse mais tempo e mandasse Calpúrnia embora de uma vez.

— Já parou para pensar que Jem não dá a metade da preocupação a ela? — A voz de Atticus estava dura como pedra. — Não tenho a menor intenção de despedi-la, nem agora nem nunca. Não viveríamos um dia sem Cal, não percebe? Pense em tudo o que ela faz por você e obedeça-a, entendeu?

Voltei para a escola odiando profundamente Calpúrnia até que um grito agudo e repentino afastou meus ressentimentos. A srta. Caroline estava no meio da sala, com cara de puro pavor. Pelo jeito, tinha resolvido persistir na profissão.

— Está vivo! — ela berrou.

A população masculina da classe correu para acudi-la. Meu Deus, pensei, ela está com medo de um ratinho. O Little Chuck

Little, que tinha enorme paciência com todos os seres, perguntou:

— Para que lado ele foi, srta. Caroline? Diga, rápido! — Virou-se para um menino atrás dele e ordenou: — D.C., feche a porta e nós o pegamos. Rápido, senhora, para onde ele foi?

A srta. Caroline apontou um dedo trêmulo não para o chão ou para uma carteira, mas para um garoto grandalhão que eu não conhecia. Little Chuck franziu a cara e disse, cuidadoso:

— A senhora quer dizer ele? É verdade, está vivo. Ficou assustada?

A srta. Caroline explicou, desesperada:

— Eu ia entrando na sala quando a coisa foi saindo do cabelo dele… simplesmente saindo.

Little Chuck abriu um sorriso.

— Não precisa ter medo de piolho, senhora. Nunca viu um? Não tenha medo, volte para a sua mesa e continue a dar aula para a gente.

Little Chuck Little era outro membro da população que não sabia de onde ia vir sua próxima refeição, mas era um cavalheiro nato. Segurou a srta. Caroline pelo braço e levou-a até a frente da sala.

— Não tenha medo, senhora. Não precisa ter medo de piolho. Vou pegar um copo de água fresca.

O hospedeiro do piolho não demonstrou a menor preocupação com o caos que tinha causado. Passou a mão na testa, localizou o intruso e esmagou-o entre o polegar e o indicador.

A srta. Caroline assistiu à cena com um fascínio horrorizado. Little Chuck trouxe água num copo de papel e ela bebeu, agradecida. Finalmente, recuperou a voz.

— Como se chama, filho? — perguntou, delicada.

O garoto do piolho piscou.

— Quem? Eu?

Ela concordou com a cabeça.

— Burris Ewell.

A srta. Carolina consultou a lista de chamada.

— Tem um Ewell aqui, mas sem o primeiro nome… Pode soletrar para mim?

— Não sei soletrar, mas em casa me chamam de Burris.

— Bem, Burris, acho melhor dispensá-lo pelo resto do dia. Quero que vá para casa e lave a cabeça.

Ela pegou em sua mesa um volume grosso, folheou as páginas e leu por um momento.

— Um bom remédio caseiro para… Burris, quero que você vá para casa e lave a cabeça com sabão de lixívia. Depois, esfregue a cabeça com querosene.

— Para que, dona?

— Para se livrar dos, hum, piolhos. Sabe, as outras crianças podem pegar. Você não quer isso, não é?

O garoto se levantou. Era a pessoa mais suja que eu já tinha visto. O pescoço era cinza escuro, o dorso das mãos parecia manchado de ferrugem e as unhas eram pretas até a raiz. Espiou a srta. Caroline por um espaço limpo na cara pouco maior que um punho fechado. Ninguém tinha notado a presença dele antes, provavelmente porque a professora e eu tínhamos mantido a classe entretida quase a manhã inteira.

— E, Burris, por favor, tome banho antes de vir amanhã — pediu a srta. Caroline.

O garoto deu um riso grotesco.

— Não é a senhora que está me mandando para casa não, eu já estava indo. Por esse ano, chega.

A srta. Caroline pareceu confusa.

— O que você quer dizer?

O garoto não respondeu, apenas fez um muxoxo de desprezo.

Um dos alunos mais velhos da classe disse:

— Ele é um Ewell, senhora.

Fiquei pensando se a explicação seria tão inútil quanto a que dei antes. Mas a srta. Caroline se dispôs a ouvir.

— A escola está cheia deles. Assistem à primeira aula e não voltam mais. A inspetora os obriga a vir ameaçando chamar o xerife, mas desistiu de fazer eles continuarem vindo. Acha que cumpre a lei só de colocar o nome deles na lista de chamada e fazer com que venham no primeiro dia de aula. A senhora pode marcar falta para ele no resto do ano...

— Mas e os pais deles? — perguntou a srta. Caroline, realmente preocupada.

— Eles não têm mãe e o pai não liga para escola.

Burris Ewell ficou orgulhoso da própria história.

— Faz três anos que venho para a primeira aula. Se eu ficar esperto, acho que dessa vez me passam para o segundo ano… — disse ele, à vontade.

A srta. Caroline mandou:

— Por favor, Burris, sente-se.

E assim que ela disse isso vi que tinha cometido um grande erro. O desprezo do garoto se transformou em raiva.

— Tente me obrigar, senhora.

Little Chuck ficou de pé.

— Deixa ele ir, senhora — pediu. — Ele é ruim, ruim e marrento. Pode criar caso e aqui tem crianças pequenas.

Little Chuck era um dos menores da classe, mas quando Burris Ewell virou-se para ele, levou a mão direita ao bolso e avisou:

— Cuidado, Burris. Mato você num piscar de olhos. Agora vai para casa — ameaçou.

Burris parecia com medo de um garoto que tinha a metade do tamanho dele e a srta. Caroline aproveitou sua indecisão.

— Burris, vá para casa senão eu chamo a diretora — ela disse. — De todo jeito, terei de dar parte disso.

O garoto bufou e foi andando para a porta sem pressa, arrastando os pés. Quando estava fora de alcance, virou-se e berrou:

— Pode dar parte, que se dane! Está para nascer a porcaria de professora metida que vai me obrigar a fazer alguma coisa! Não está me obrigando a ir embora, senhora. Lembre-se disso: não está me obrigando a ir para lugar nenhum!

Esperou até ter certeza de que ela estava chorando e saiu arrastando os pés.

Fomos então até a mesa dela e tentamos consolá-la de todos os jeitos. Ele era ruim mesmo… Demais da conta… A senhora não foi chamada para ensinar gente assim… Nem todo mundo em Maycomb é desse jeito, professora, não mesmo... Não ligue para isso. Por que não lê uma história para nós? Aquela dos gatos que a senhora leu de manhã era muito boa…

A srta. Caroline sorriu, assoou o nariz e disse:

— Obrigada, queridos.

Pediu que voltássemos para as carteiras, abriu um livro e deixou o primeiro ano encantado com a longa história de um sapo que vivia numa sala.

Quando passei pela Residência Radley pela quarta vez naquele dia (duas, a toda velocidade) meu ânimo estava igual ao da casa. Se o resto do ano fosse tão dramático quanto o primeiro dia de aula, talvez fosse até divertido, mas pensar em ficar nove meses me controlando para não ler nem escrever me deu vontade de fugir.

No final da tarde os meus planos de fuga estavam quase prontos. Quando Jem e eu apostamos corrida na calçada para encontrar Atticus vindo do trabalho, eu nem me esforcei muito. Nós costumávamos sair correndo até Atticus assim que o

víamos dobrando a esquina do correio, lá longe. Ele parecia ter esquecido meu mau comportamento no almoço e fez muitas perguntas a respeito da escola. Respondi com monossílabos e ele não insistiu.

Vai ver que Calpúrnia percebeu que o meu dia não tinha sido dos melhores, porque me deixou acompanhar os preparativos do jantar.

— Fecha os olhos e abre a boca, vou te dar uma surpresa — ela disse.

Não era sempre que ela fazia pão de torresmo, dizia que nunca tinha tempo, mas com nós dois na escola, o dia tinha sido calmo. Ela sabia que eu adorava pão de torresmo.

— Senti sua falta hoje — confessou ela. — A casa ficou tão vazia que lá pelas duas da tarde tive de ligar o rádio.

— Por quê? Jem e eu só ficamos dentro de casa quando chove.

— Eu sei — ela disse —, mas é só eu chamar que aparecem. Nem sei quantas vezes chamo vocês todo dia. Bom — ela continuou, levantando da cadeira da cozinha —, deu tempo de fazer pão de torresmo. Vá saindo agora e deixa eu colocar o jantar na mesa.

Calpúrnia inclinou-se e me deu um beijo. Saí correndo, pensando no que teria dado nela. Vai ver que estava querendo ficar de bem comigo. Sempre foi muito dura comigo, deve ter percebido a própria rabugice e se arrependeu, mas era teimosa demais para admitir. Eu estava exausta dos problemas do dia.

Depois do jantar, Atticus sentou-se com o jornal e me chamou:

— Scout, quer ler?

Deus tinha me dado um fardo maior do que eu aguentava, por isso fui para a varanda da frente. Atticus foi atrás.

— O que houve, Scout?

Respondi que não estava me sentindo bem e que, se ele concordasse, não ia mais voltar à escola.

Atticus se sentou na cadeira de balanço e cruzou as pernas. Apalpou o bolso do paletó e pegou o relógio; dizia que só assim conseguia pensar. Esperou, fazendo um silêncio amistoso, e insisti, reforçando minha posição:

— Você nunca foi à escola e está muito bem de vida, então eu também não vou. Você pode me ensinar como o vovô ensinou você e o tio Jack.

— Não, não posso. Tenho que trabalhar. Além disso, eu seria preso se deixasse você ficar sem ir à escola. Tome uma colher de leite de magnésia esta noite e amanhã você vai — explicou.

— Na verdade, estou me sentindo muito bem — eu disse.

— Foi o que eu pensei. Então, qual é o problema?

Aos poucos, contei as desgraças do dia.

— … e ela disse que você me ensinou tudo errado, então nunca mais podemos ler juntos, nunca. Por favor, não me mande de novo para a escola.

Atticus se levantou e foi até a beira da varanda. Quando acabou de examinar as glicínias, voltou para o meu lado.

— Em primeiro lugar, Scout — ele disse —, se aprender um truque simples, vai se relacionar melhor com todo o tipo de gente. Você só consegue entender uma pessoa de verdade quando vê as coisas do ponto de vista dela.

— É?

— Precisa se colocar no lugar dela e dar umas voltas.

Atticus disse que eu tinha aprendido muitas coisas naquele dia, e a srta. Caroline, por sua vez, tinha aprendido outras tantas. Havia aprendido a não oferecer nada a um Cunningham, mas, por outro lado, se Walter e eu tivéssemos nos colocado no lugar dela, veríamos que foi um erro bem-intencionado. Não podíamos esperar que ela aprendesse tudo sobre Maycomb num único dia e não podíamos culpá-la por isso.

— Essa, não! — reclamei. — Eu não sabia que não podia ler e ela botou a culpa em mim. Escute, Atticus, não sou

obrigada a ir à escola. — De repente, tive uma ideia. — Lembra do Burris Ewell? Ele só vai à escola no primeiro dia. A inspetora acha que cumpriu a lei só de colocar o nome dele na lista de chamada…

— Você não pode fazer isso, Scout — disse Atticus. — Às vezes, em casos especiais, é melhor desrespeitar a lei um pouco. Mas no seu caso, a lei permanece rígida. Você tem de ir à escola.

— Não sei por que eu sou obrigada e ele não.

— Então, escute...

Atticus contou que os Ewell eram a desgraça de Maycomb havia três gerações. Nunca trabalharam um só dia na vida. E que, quando ele fosse jogar fora a árvore de Natal, me levaria para mostrar como eles viviam. Eram gente, mas viviam como bichos.

— Eles podem ir à escola quando quiserem, desde que mostrem que querem estudar — explicou Atticus. — Existem maneiras de obrigá-los a ficar na escola, mas é bobagem botar gente como os Ewell num novo ambiente…

— Se eu não for à escola amanhã, você vai me obrigar a ir.

— Vamos combinar uma coisa — propôs Atticus, seco. — Você, srta. Scout Finch, é gente comum. Tem de obedecer à lei.

Ele explicou que os Ewell eram uma sociedade à parte, formada só por eles mesmos. Em determinadas situações, as pessoas davam a eles alguns privilégios, fazendo vista grossa para algumas de suas atividades. Os Ewell não tinham de ir à escola, por exemplo. Outro exemplo: o sr. Bob Ewell, pai de Burris, podia caçar e montar armadilhas fora da temporada de caça.

— Atticus, isso é muito errado — considerei. No condado de Maycomb, caçar fora da temporada era contra a lei e um crime grave aos olhos de todos.

— É ilegal, é verdade — disse meu pai —, além de errado, sem dúvida. Mas quando um homem compra uísque com os vales fornecidos pelo governo, os filhos acabam chorando de fome. Não conheço nenhum proprietário de terras por aqui que impeça aquelas crianças de comerem um animal caçado pelo pai delas.

— O sr. Ewell não devia fazer isso… — eu concluí.

— Claro que não, mas ele não vai mudar. Vai culpar os filhos pelos erros do pai?

— Não, senhor — murmurei, e dei o golpe final: — Mas se eu continuar indo à escola, não vamos poder mais ler…

— Você está muito aborrecida com isso, não é?

— É, sim.

Atticus olhou para mim com aquela cara que sempre me fazia esperar por alguma coisa.

— Sabe o que é um compromisso, Scout?

— É burlar a lei?

— Não, é um acordo com concessões de ambas as partes. Funciona assim: se você aceitar que tem que ir à escola, continuaremos lendo todas as noites — prometeu Atticus.

— Combinado!

— Consideremos que o acordo está feito, sem necessidade das formalidades de praxe — disse Atticus ao ver que eu estava me preparando para cuspir.

Quando abri a porta telada, ele disse:

— Aliás, Scout, é melhor você não comentar nada sobre nosso acordo na escola.

— Por que não?

— Temo que as autoridades mais instruídas demonstrem profunda desaprovação por nossas atividades.

Jem e eu estávamos acostumados com o palavreado jurídico que nosso pai usava e tínhamos permissão para interrompê-lo

e pedir a tradução quando não conseguíamos entender.

— Como é, pai?

— Nunca fui à escola, mas tenho a impressão de que, se você contar à srta. Caroline que nós lemos todas as noites, ela vai vir atrás de mim, e não quero ela atrás de *mim*.

Naquela noite, Atticus prendeu nossa atenção ao ler com ar sério a notícia de um homem que subiu num mastro sem qualquer motivo aparente, o que foi o bastante para Jem passar o sábado seguinte na casa da árvore, do café da manhã até o entardecer, e teria dormido lá, se Atticus não tivesse interrompido o fornecimento de comida. Fiquei o dia todo subindo e descendo da árvore, fazendo coisas para ele, levando livros, água e comida, e já estava levando uma colcha para ele passar a noite quando Atticus disse que, se eu não desse atenção, ele ia descer. Papai estava certo.

4

O resto dos dias do meu ano letivo não foi mais auspicioso que o primeiro. Na verdade, consistiu num infindável Projeto, que aos poucos passou a uma Unidade na qual o estado do Alabama gastou quilômetros de cartolina e lápis de cera nos bem-intencionados, porém infrutíferos esforços para me ensinar Dinâmica de Grupo. No final do primeiro ano, o que Jem chamava de Sistema Decimal de Dewey estava implantado em toda a escola, por isso não tive chance de compará-lo com outros métodos de ensino. Eu só podia avaliar pelo que conhecia: Atticus e meu tio, que estudaram em casa, sabiam tudo — pelo menos, o que um não sabia o outro sabia. Além disso, não podia deixar de levar em conta que meu pai se elegeu deputado estadual durante anos, sempre sem oposição, sem conhecer nada do que minhas professoras achavam que era essencial para o desenvolvimento da Boa Cidadania. Jem, cuja educação escolar tinha sido metade pelo método Decimal e metade pelo uso do chapéu de burro, parecia funcionar tão bem sozinho quanto em grupo, mas ele não servia de exemplo: nenhum sistema educacional criado pelo homem o impediria de chegar aos livros. Já eu sabia apenas o que lia na revista *Time* e em tudo em que pudesse pôr as mãos em casa. Mas, enquanto me arrastava pela dureza e pela monotonia do sistema escolar do condado de Maycomb, achava que estava sendo privada de alguma coisa. Eu não sabia exatamente o que, mas não acreditava que doze anos de tédio ininterrupto eram tudo que o estado tinha reservado para mim.

Minhas aulas terminavam meia hora antes das de Jem, que saía às três da tarde, então eu passava o mais rápido que podia pela Residência Radley e só parava quando chegava na segurança da nossa varanda. Uma tarde, enquanto corria, alguma coisa chamou minha atenção com tal intensidade que tive de respirar fundo, olhar ao redor com todo o cuidado e voltar.

Junto à cerca do terreno dos Radley havia dois enormes carvalhos cujas raízes chegavam até a rua lateral, sobressaindo na terra. Alguma coisa numa delas me chamou a atenção.

Tinha um pedaço de papel-alumínio em uma cavidade nodosa do tronco do carvalho, bem na altura dos meus olhos, piscando para mim ao sol da tarde. Fiquei na ponta dos pés, olhei rápido em volta outra vez, coloquei a mão no buraco no tronco e peguei duas tiras de goma de mascar embrulhadas em papel-alumínio.

Meu primeiro impulso foi enfiá-las na boca o mais rápido possível, mas me lembrei de onde estava. Corri para casa e examinei meu saque na nossa varanda. A goma de mascar parecia nova. Farejei, o cheiro era bom, lambi e esperei um pouco. Como não morri, enfiei tudo na boca: a goma era da marca Wrigley's Double-Mint.

Quando Jem chegou, perguntou onde eu tinha arrumado aquele tesouro. Eu disse que tinha achado.

— Não coma o que achar na rua, Scout.

— Não estava no chão, estava na árvore.

Jem resmungou alguma coisa.

— Estava mesmo, num buraco daquela árvore no caminho da escola — expliquei.

— Cuspa isso já!

Cuspi. De todo jeito, já estava ficando sem sabor.

— Masquei a tarde toda e ainda não morri, não estou nem me sentindo mal.

Jem bateu os pés com força no chão.

— Não sabe que não é para tocar nas árvores daquele lugar? Se fizer isso, morre!

— Você uma vez tocou na casa!

— Aquilo foi diferente. Vá fazer um gargarejo. Agora, está ouvindo?

— Não vou, senão sai o gosto da minha boca.

— Então vou contar para Calpúrnia!

Para não me encrencar com Calpúrnia, obedeci. Por alguma razão, o nosso relacionamento mudou muito no meu primeiro ano na escola: a tirania de Calpúrnia, suas injustiças e sua mania de se meter na minha vida se reduziram a leves grunhidos de desaprovação geral. Quanto a mim, me esforçava para não provocá-la.

O verão estava chegando; Jem e eu esperávamos por ele ansiosamente. Era a nossa estação preferida: significava dormir em camas de campanha na varanda telada dos fundos, ou tentar dormir na casa da árvore; no verão só havia coisas boas para comer e milhares de cores na paisagem seca. Mas, acima de tudo, o verão tinha Dill.

No último dia de aula, os professores nos dispensaram cedo, e Jem e eu voltamos juntos para casa.

— Acho que Dill chega amanhã — lembrei.

— É mais garantido que chegue depois de amanhã; no Mississippi, as aulas terminam um dia mais tarde.

Ao passarmos pelos carvalhos da Residência Radley, mostrei pela centésima vez o nó na árvore onde eu tinha achado a goma de mascar, tentando convencer Jem que tinha sido ali. Notei então que estava apontando para outra tira de papel-alumínio.

— Estou vendo, Scout! Estou vendo…

Jem olhou ao redor, esticou o braço e, desajeitado, enfiou no bolso um embrulho pequeno e brilhoso. Corremos para casa e, quando chegamos à varanda, olhamos o pequeno embrulho revestido de papel-alumínio de goma de mascar. Era uma daquelas caixinhas de guardar anel de noivado, de veludo roxo, com um fecho mínimo. Jem abriu a caixinha. Dentro estavam duas moedas limpas e reluzentes, uma em cima da outra. Jem olhou-as com atenção.

— Cabeças de índio — ele disse. — Uma é de mil novecentos e seis e a outra, de mil e novecentos, Scout. São antigas mesmo.

— Mil e novecentos — repeti. — Quer dizer…

— Fique quieta um instante, estou pensando.

— Jem, você acha que aquele lugar é o esconderijo de alguém?

— Não, quase ninguém passa por lá além de nós, a menos que seja algum adulto…

— Adultos não têm esconderijo. Jem, acha que podemos ficar com elas?

— Não sei o que devemos fazer, Scout. Para quem a gente ia devolver? Tenho certeza de que ninguém passa por lá; Cecil vai pela rua de trás e dá uma volta enorme pelo centro para chegar em casa.

Cecil Jacobs, que morava no final da nossa rua, ao lado do correio, andava três quilômetros todo dia para ir à escola e não passar pela Residência Radley nem pela casa da velha sra. Henry Lafayette Dubose. A sra. Dubose morava a duas casas da nossa e todos os vizinhos concordavam que ela era a pior velha que já existiu. Jem só passava pela casa dela quando estava com Atticus.

— Jem, o que acha que devemos fazer?

Quem achava alguma coisa ficava com ela, a menos que o dono aparecesse. Nossos princípios éticos permitiam que arrancássemos uma camélia de vez em quando; que tirássemos um pouco de leite morno da vaca da srta. Maudie Atkinson num dia de verão ou que colhêssemos uvas de algum parreiral. Mas dinheiro era outra coisa.

— Acho o seguinte — disse Jem —, ficamos com as moedas até o início das aulas, depois perguntamos na escola se alguém sabe de quem são. Algum aluno deve ter levado para pagar o ônibus da volta mas, na pressa de sair da escola,

esqueceu as moedas. Tenho certeza de que elas têm dono. Está vendo como brilham? Alguém as guarda com cuidado.

— É, mas por que alguém deixaria goma de mascar naquele lugar? Goma de mascar dura pouco.

— Não sei, Scout. Mas essas moedas são importantes para alguém...

— Como assim, Jem?

— Bom, cabeça de índio... vêm dos índios. Têm uma magia poderosa, dão muita sorte. Não do tipo que faz aparecer um frango frito na sua frente quando você menos espera, mas do tipo que atrai coisas boas, como vida longa, boa saúde, aprovação nas provas semestrais... São muito valiosas para alguém. Vou guardá-las no meu baú.

Antes de ir para o quarto, Jem olhou durante um bom tempo para a Residência Radley. Tive a impressão de que estava pensando de novo.

Dois dias depois, Dill chegou todo orgulhoso: tinha viajado de trem sozinho de Meridian até o entroncamento de Maycomb (nome que era mera gentileza, pois o entroncamento ficava no condado de Abbott), onde a srta. Rachel foi buscá-lo no único táxi da cidade. Ele tinha jantado no vagão-restaurante, tinha visto dois gêmeos grudados um no outro desembarcando em Bay St. Louis e garantiu que era tudo verdade, apesar das nossas ameaças. Não usava mais os abomináveis calções azuis abotoados na camisa e sim calças curtas de verdade, com cinto. Tinha engordado um pouco, mas estava com a mesma altura e contou que tinha estado com o pai. O pai dele era mais alto que o nosso, tinha barba preta (aparada em ponta) e era presidente da Estrada de Ferro L. & N.

— Dei uma ajuda ao maquinista da locomotiva por um tempinho — acrescentou Dill, bocejando.

— Ajudou uma ova, Dill. Escutem, do que vamos brincar hoje? — perguntou Jem.

— Vamos fingir que somos Tom, Sam e Dick — respondeu Dill. — Lá no jardim.

Dill escolheu *The Rover Boys* porque havia três bons papéis. Ele obviamente estava cansado de ser o nosso figurante.

— Não aguento mais esses três — confessei. Estava cansada de interpretar Tom Rover, que perde a memória no meio de uma sessão de cinema e só reaparece no final da peça, quando é encontrado no Alasca. — Inventa uma história para nós, Jem — pedi.

— Cansei de inventar.

Aqueles eram nossos primeiros dias de liberdade e já estávamos cansados. Fiquei me perguntando como seria o verão.

Tínhamos ido para o jardim e Dill estava olhando a rua e a apavorante Residência Radley.

— Sinto cheiro de... morte — ele disse. — É sério — insistiu quando eu o mandei calar a boca.

— Está querendo dizer que consegue sentir o cheiro quando alguém está morrendo?

— Não, quero dizer que sinto o cheiro de uma pessoa e sei se ela vai morrer. Uma velha me ensinou. — Dill chegou perto de mim e me cheirou. — Jean Louise Finch, você vai morrer daqui a três dias.

— Dill, se não calar a boca, vai apanhar tanto que vai se dobrar ao meio. É sério...

— Parem com isso — resmungou Jem —, parece até que vocês acreditam em Vapor Quente.

— E parece que você não — eu disse.

— O que é Vapor Quente? — perguntou Dill.

— Você nunca andou numa estrada deserta à noite e passou por um lugar quente? — Jem perguntou a Dill. — Vapor Quente é um espírito que não pode ir para o céu e fica vagando por estradas desertas. Se você passa através dele, quando morrer vira Vapor Quente também e fica por aí sugando o ar das pessoas...

— Como se faz para não passar através de um?

— Não dá — avisou Jem. — Eles às vezes se espalham no meio da estrada, mas se você não puder desviar, diga a oração: *Anjo da luz, vida na morte, saia da estrada, não sugue o meu ar.* Isso impede que ele envolva você...

— Não acredite em uma palavra do que ele diz, Dill — eu disse. — Calpúrnia diz que isso é conversa de preto.

Jem olhou para mim de cara feia e perguntou:

— Bom, vamos brincar ou não?

— Vamos rolar dentro do pneu — sugeri.

Jem suspirou.

— Você sabe que estou grande demais para caber num.

— Então você pode empurrar.

Corri para o quintal e tirei um pneu velho de debaixo da casa e rodei-o até o jardim.

— Eu vou primeiro — avisei.

Dill disse que ele devia ir primeiro, pois tinha acabado de chegar à cidade.

Jem serviu de juiz, me concedeu a primeira rodada e um tempo extra para Dill. Entrei no pneu.

Até então, eu não tinha reparado que Jem tinha ficado ofendido por eu ter zombado do Vapor Quente e não imaginava que ele estava aguardando pacientemente a chance de dar o troco. E ele deu, empurrando o pneu comigo dentro calçada abaixo, com toda a força. O chão, o céu e as casas se misturaram num borrão, meus ouvidos latejavam, eu estava sem ar. Não podia parar o pneu com as mãos porque estavam presas entre o meu peito e os joelhos. Só podia esperar que Jem me alcançasse ou que o pneu batesse em alguma coisa na calçada. Ouvi a voz dele, correndo atrás de mim e gritando.

O pneu passou pelo cascalho, atravessou a rua derrapando, bateu numa parede e me cuspiu na calçada como se eu fosse uma rolha de garrafa. Tonta e enjoada, deitei na calçada e balancei a cabeça para diminuir o zunido, então ouvi a voz de Jem:

— Scout, saia daí, anda! — berrou.

Levantei a cabeça e vi a escada da Residência Radley na minha frente. Gelei.

— Vamos, Scout, não fique aí parada! — Jem gritava. — Saia, não entendeu?

Levantei do chão, tremendo.

— Pega o pneu! Traz junto! — ordenou Jem. — Perdeu a noção?

Quando consegui andar, corri até eles o mais rápido que minhas pernas trêmulas conseguiram.

— Por que não trouxe o pneu? — berrou Jem.

— Por que *você* não vai pegar? — berrei de volta.

Jem não respondeu.

— Vai lá, o pneu está perto do portão. Você até encostou na casa uma vez, lembra?

Jem olhou para mim furioso, não podia fugir da raia. Saiu correndo, hesitou diante do portão, então entrou como uma flecha e pegou o pneu.

— Viu só? — Jem zombou de mim, vitorioso. — Foi moleza. É sério, Scout, você às vezes se comporta como uma garotinha; é ridículo.

Ele não sabia da missa a metade, mas resolvi ficar quieta.

Calpúrnia apareceu na porta da frente e gritou:

— Hora da limonada! Saiam desse sol quente antes de fritarem os miolos!

Limonada no meio da manhã era um ritual de verão. Calpúrnia colocou um jarro e três copos na varanda e foi cuidar de seus afazeres. Ter caído em desgraça com Jem não me preocupava. A limonada ia restaurar o humor dele.

Jem bebeu mais um copo e bateu com a mão no peito.

— Já sei do que vamos brincar — anunciou. — Uma coisa nova, diferente.

— O quê? — perguntou Dill.

— Boo Radley.

Às vezes, os pensamentos de Jem eram transparentes: ele tinha arquitetado aquilo para me mostrar que não tinha medo de Boo Radley e para contrastar o heroísmo dele com a minha covardia.

— Boo Radley? Como? — perguntou Dill.

Jem respondeu:

— Scout, você pode interpretar a sra. Radley…

— Acho melhor não, eu…

— Qual é o problema? — disse Dill. — Ainda está com medo?

— Ele pode sair à noite de casa, quando estivermos dormindo… — eu disse.

Jem sibilou:

— Scout, como ele vai saber o que fazemos? Além do mais, acho que ele não está mais na casa. Morreu há anos e enfiaram o corpo na chaminé.

Dill disse:

— Já que Scout está com medo, ela pode ficar olhando e você e eu brincamos.

Eu tinha certeza de que Boo Radley estava dentro daquela casa, mas não tinha como provar. Achei melhor ficar de boca calada, senão podiam me acusar de acreditar em Vapores Quentes, fenômeno ao qual eu era imune, durante o dia.

Jem distribuiu nossos papéis: eu seria a sra. Radley e tudo que tinha de fazer era sair da casa e varrer a varanda. Dill seria o velho sr. Radley, que andava para cima e para baixo na calçada e tossia quando Jem falava com ele. Jem, naturalmente, seria Boo: ficava embaixo da escada da frente, gania e urrava de vez em quando.

Com o passar do verão, nossa brincadeira foi evoluindo. Nós a aperfeiçoamos com diálogos e enredo até termos criado uma pequena peça teatral à qual fazíamos pequenas alterações a cada dia.

Dill era o vilão dos vilões: interpretava qualquer personagem que recebesse e, se a cena exigisse, até parecia alto. Era tão bom quanto sua pior performance, e sua pior performance era gótica. Quanto a mim, interpretei sem muito ânimo várias damas que entraram na trama. Não achava tão divertido quanto *Tarzã* e, naquele verão, atuei com certa ansiedade, apesar de Jem garantir que Boo Radley estava morto e não ia me pegar, não com ele e Calpúrnia em casa durante o dia e Atticus à noite.

Jem era um herói nato.

Nosso pequeno drama melancólico era recheado de fofocas e lendas locais: a sra. Radley tinha sido uma moça linda até se casar com o sr. Radley e perder todo o dinheiro. Perdeu também quase todos os dentes, os cabelos e o dedo indicador direito (esse detalhe foi contribuição de Dill: uma noite, Boo arrancou o dedo da sra. Radley com uma dentada porque não encontrou nenhum gato ou esquilo para comer). Ela ficava sentada na sala e chorava quase o tempo todo, enquanto Boo ia tirando lascas de todos os móveis da casa.

Nós três éramos os garotos que arrumavam confusão e, para variar, eu era o juiz; Dill levava Jem de cena e o enfiava embaixo da escada, cutucando-o com a vassoura de jardim. Jem voltava conforme as necessidades cênicas: como o xerife, como vários cidadãos e até como a srta. Stephanie Crawford, que sabia mais sobre os Radley do que qualquer outra pessoa em Maycomb.

Quando chegava a hora da grande cena de Boo, Jem entrava sorrateiro em nossa casa e, enquanto Calpúrnia estava de costas, pegava a tesoura na gaveta da máquina de costura e ia cortar jornais sentado no balanço. Dill aparecia, tossia ao lado de Jem, que fingia enfiar a tesoura na coxa de Dill. Do lugar onde eu ficava, a cena parecia real.

Quando o sr. Nathan Radley passava por nós em sua caminhada diária até a cidade, nós ficávamos quietos até ele desaparecer de vista. Depois, imaginávamos o que ele faria se descobrisse o que estávamos encenando. Também interrompíamos nossas atividades quando algum vizinho passava, e uma vez vi a srta. Maudie Atkinson olhando fixamente

para nós do outro lado da rua, segurando as tesouras de poda, paralisada.

Um dia, estávamos tão entretidos durante o Capítulo XXV, Livro II, de *Aquela família*, que não notamos que Atticus nos observava parado na calçada, batendo no joelho com uma revista enrolada. O sol mostrava que era meio-dia.

— De que vocês estão brincando? — perguntou.

— Nada — respondeu Jem.

Pela evasiva de Jem, percebi que nossa brincadeira era segredo e fiquei quieta.

— Então, o que está fazendo com essas tesouras? Por que está recortando o jornal? Se for o jornal de hoje, vão levar uma coça.

— Não é nada.

— Como assim nada? — perguntou Atticus.

— Nada não, pai.

— Me dê essa tesoura — mandou Atticus. — Isso não é brinquedo. Por acaso essa brincadeira tem alguma coisa a ver com os Radley?

— Não, senhor — respondeu Jem, corando.

— Espero que não — papai disse com aspereza e entrou em casa.

— Jemmm...

— Quieta! Papai está na sala e pode nos ouvir.

Quando estávamos em segurança no quintal, Dill perguntou a Jem se poderíamos continuar brincando.

— Não sei, Atticus não disse que não...

— Jem, acho que ele sabe — observei.

— Não sabe não. Se soubesse, teria dito.

Eu não tinha tanta certeza, mas Jem disse que eu estava me comportando como uma garota, que as garotas sempre imaginam coisas, por isso são tão detestáveis, e se eu ia ficar assim, era melhor ir embora e encontrar outras garotas para brincar comigo.

— Tudo bem, então continuem brincando — eu disse. — Vocês vão ver só.

A chegada de Atticus foi o segundo motivo para eu querer sair da brincadeira. O primeiro tinha a ver com o dia em que entrei no jardim dos Radley rodando dentro do pneu. Em meio à cabeça girando, à tontura e à gritaria de Jem, ouvi outro som, tão baixo que não dava para ouvir da calçada. Alguém estava rindo dentro da casa.

5

Como eu esperava, eu o importunei tanto que Jem acabou concordando comigo e paramos com a brincadeira por um tempo, mas ele continuou dizendo que Atticus não tinha proibido nada e, portanto, podíamos continuar. E se papai proibisse, Jem tinha uma saída: mudaria os nomes dos personagens e assim não poderíamos ser acusados de nada.

Dill aceitou sem ressalvas esse plano de ação. Ele estava ficando um chato, sempre atrás de Jem. No início do verão, me pediu em casamento e logo esqueceu. Ele estabeleceu seus direitos sobre mim, dizia que eu era dele e que jamais ia gostar de outra garota, depois me deixou de lado. Bati nele duas vezes, mas não adiantou, só serviu para aproximá-lo ainda mais de Jem. Os dois passavam dias enfiados na casa da árvore, tramando e planejando, e só me chamavam quando precisavam de mais um personagem. Por um tempo, me recusei a participar das brincadeiras mais imprudentes deles e, correndo o risco de ser chamada de garotinha, passei quase todos os entardeceres do resto do verão sentada com a srta. Maudie Atkinson na varanda da casa dela.

Jem e eu sempre tivemos permissão para brincar à vontade no quintal da srta. Maudie, desde que ficássemos longe das azáleas, mas nossa relação com ela não estava muito definida. Até Jem e Dill me excluírem das brincadeiras, ela era apenas mais uma das mulheres do bairro, apesar de relativamente agradável.

Tínhamos um acordo tácito com ela: podíamos brincar no gramado e comer uvas desde que não subíssemos na parreira, além de podermos explorar o enorme terreno. Essas condições eram tão generosas que quase não falávamos com a srta. Maudie, tal a nossa preocupação em preservar o delicado equilíbrio da relação. Mas o comportamento de Jem e Dill fez com que eu me aproximasse dela.

A srta. Maudie não gostava da casa: ficar lá dentro era desperdício de tempo. Ela era viúva, uma camaleoa que de manhã cuidava dos canteiros de flores usando um velho chapéu de palha e um macacão masculino, mas após o banho das cinco da tarde ia para a varanda e reinava sobre a rua com uma beleza imponente.

Ela amava tudo o que a terra do Senhor produzia, até as ervas-daninhas. Com uma exceção: se encontrava uma folhinha de tiririca no jardim, ocorria uma cena semelhante à Segunda Batalha do Marne. Cobria a planta com um balde, depois a atacava por baixo com uma substância tão venenosa que, segundo dizia, nos mataria a todos se não saíssemos de perto.

— Por que a senhora não arranca o matinho, simplesmente? — perguntei, depois de presenciar o renhido ataque a um capim que não chegava a dez centímetros de altura.

— Arrancar, menina? Arrancar? — Ela arrancou o capim e apertou seu caule fino: grãos mínimos saltaram. — Ora, uma única tiririca pode acabar com um jardim inteiro. Olha aqui. Quando chega o outono, o capim seca e o vento espalha as sementes por todo o condado de Maycomb! — Pela expressão da srta. Maudie, dava para perceber que, para ela, aquilo era como uma das pragas do Antigo Testamento.

Ela usava uma linguagem vivaz para uma moradora de Maycomb. Chamava todos nós pelo nome e quando sorria mostrava dois minúsculos grampos de ouro nos caninos. Quando elogiei os grampos e disse que um dia gostaria de ter uns iguais, ela disse: "Olha só." E com um estalar da língua, tirou a ponte móvel, um gesto cordial que cimentou a nossa amizade.

A bondade dela se estendia a Jem e Dill sempre que eles davam uma pausa nas atividades e nós três colhíamos as benesses de um talento que até então ignorávamos: a srta. Maudie fazia os melhores bolos da vizinhança. Depois que passamos a

confiar nela, toda vez que fazia um bolo assava mais três bolos pequenos e chamava:

— Jem Finch, Scout Finch, Charles Baker Harris, venham!

Nossa presteza era sempre recompensada.

No verão, os entardeceres são longos e calmos; em geral, nós duas ficávamos sentadas em silêncio na varanda, vendo o céu passar de amarelo a rosa enquanto o sol se punha e os bandos de andorinhas sobrevoavam a vizinhança, sumindo atrás do telhado da escola.

— Srta. Maudie, a senhorita acha que Boo Radley ainda está vivo? — perguntei uma tarde.

— Ele se chama Arthur e está vivo — ela respondeu. Estava se balançando lentamente na grande cadeira de carvalho. — Sente o perfume das minhas mimosas? Parecem o hálito dos anjos esta tarde.

— É mesmo. Como a senhora sabe?

— Como eu sei o que, filha?

— Que B... que o sr. Arthur ainda está vivo?

— Que pergunta mórbida. Mas acho que o tema é mórbido. Sei que está vivo, Jean Louise, porque ainda não vi o corpo ser carregado num caixão.

— Vai ver que ele morreu e enfiaram o corpo na chaminé.

— De onde você tirou essa ideia?

— Foi o que Jem disse que achava que tinham feito.

— Ah... Jem está cada dia mais parecido com Jack Finch.

A srta. Maudie conhecia tio Jack, irmão de Atticus, desde criança. Eram quase da mesma idade e cresceram juntos em Finch's Landing. Ela era filha de um dono de terras da região, o dr. Frank Buford, médico de profissão, mas obcecado por tudo o que a terra produzia, de forma que continuou pobre. O tio Jack restringia sua paixão pela terra a cuidar da jardineira em sua janela em Nashville e ficou rico. Nós o víamos todo Natal e todo ano ele perguntava para a srta. Maudie, aos berros do outro lado da rua, se ela queria se casar com ele. Ela então respondia, também aos berros:

— Fale um pouco mais alto, Jack Finch, para ver se te ouvem na agência do correio, porque eu ainda não ouvi direito!

Jem e eu achávamos que esse era um jeito estranho de pedir a mão de uma moça, mas tio Jack era um bocado estranho. Ele dizia que estava tentando tirá-la do sério, que havia quarenta anos tentava inutilmente, que era o último homem no mundo com quem ela pensaria em se casar mas a primeira pessoa que ela pensava em provocar, e a melhor defesa era levar na brincadeira, e nós entendíamos tudo aquilo muito bem.

— Arthur Radley apenas não sai de casa, só isso. Você não ficaria em casa, se não quisesse sair? — perguntou ela.

— Sim, mas eu gosto de sair. Por que ele não gosta?

Ela estreitou os olhos.

— Você conhece a história tão bem quanto eu.

— Mas eu nunca soube a razão. Ninguém nunca me contou a razão.

A srta. Maudie ajeitou a ponte móvel na boca.

— Você sabe que o velho sr. Radley é um batista lava-pés...

— A senhora também é, não?

— Sou, mas não tão radical, filha. Sou apenas batista.

— Todos os batistas não fazem o lava-pés?

— Fazemos. Em casa, na banheira.

— Mas nós não podemos comungar junto com vocês...

Aparentemente decidindo que era mais fácil definir os princípios da igreja batista do que a comunhão de todos os credos,

ela disse:

— Os batistas ortodoxos acreditam que todo prazer é pecado. Sabia que, num sábado, uns batistas saíram do mato, passaram por aqui e me disseram que eu e minhas flores vamos para o inferno?

— As suas flores também?

— Exatamente. Iam queimar comigo no fogo do inferno. Eles achavam que eu ficava muito tempo aqui fora no jardim e pouco tempo em casa lendo a Bíblia.

Ao pensar na srta. Maudie queimando para sempre nas chamas do inferno protestante, minha confiança no Evangelho pregado do púlpito diminuiu. É verdade que ela tinha uma língua afiada e não ficava praticando o bem pela vizinhança como a srta. Stephanie Crawford. Mas enquanto ninguém com um pingo de bom senso confiava na srta. Stephanie, Jem e eu confiávamos muito na srta. Maudie. Ela nunca nos dedurou, nunca nos perseguiu nem teve qualquer interesse pela nossa vida pessoal. Era nossa amiga. Não dava para entender como uma pessoa tão razoável podia correr o risco de um castigo eterno.

— Isso não está certo, srta. Maudie. A senhorita é a melhor pessoa que eu conheço.

Ela sorriu.

— Obrigada, querida. O fato é que os batistas ortodoxos acham que as mulheres são, por definição, a encarnação do pecado. Levam a Bíblia ao pé da letra.

— Então é por isso que o sr. Arthur não sai de casa, para ficar longe das mulheres?

— Não faço ideia.

— Pois eu acho que não faz sentido. Na minha opinião, se ele quisesse muito ir para o céu, podia pelo menos ir até a varanda. Atticus diz que Deus ama as pessoas como cada um ama a si mesmo…

Ela parou de balançar e falou com uma voz mais dura:

— Você é muito jovem para entender isso, mas às vezes a Bíblia na mão de um determinado homem é pior do que uma garrafa de uísque na mão de… ah, do seu pai.

Fiquei pasma.

— Atticus não bebe uísque. Nunca tomou uma gota na vida. Quer dizer, ele disse que bebeu uma vez e não gostou.

Ela riu.

— Eu não estava falando do seu pai. O que eu quis dizer foi que, mesmo se Atticus Finch bebesse até cair, não seria tão cruel quanto alguns homens mesmo quando estão completamente sóbrios. Tem gente que… se preocupa tanto com o outro mundo que não sabe viver nesse aqui, basta olhar na rua e ver o resultado.

— A senhorita acha que é verdade tudo o que falam sobre B..., quer dizer, sobre o sr. Arthur?

— O que falam?

Contei.

— Isso é três quartos invenção dos pretos e um quarto invenção de Stephanie Crawford — disse ela, contrariada. — Uma vez, Stephanie chegou a me dizer que acordou no meio da noite e o viu olhando para ela pela janela. Então eu perguntei: "E o que você fez, Stephanie, chegou para o lado e deu espaço para ele na cama?" E isso calou a boca daquela mulher por algum tempo.

Aposto que sim. A voz da srta. Maudie já bastava para fazer qualquer um calar a boca.

— Não acredito nos boatos, filha — ela acrescentou. — Aquela é uma casa triste. Lembro-me de Arthur Radley quando menino. Sempre foi educado, não importava o que as pessoas dissessem sobre ele. Era o mais delicado que podia.

— A senhora acha que ele é maluco?

Ela balançou a cabeça.

— Se não era, deve ter ficado. Nunca sabemos como realmente vivem as pessoas. O que acontece por trás das portas fechadas, os segredos…

— Atticus nunca faz nada comigo e com Jem dentro de casa que não faça no jardim — comuniquei, achando que tinha a obrigação de defender meu pai.

— Minha querida, eu estava falando por falar, nem pensei no seu pai, mas já que você falou, vou dizer o seguinte: Atticus Finch é a mesma pessoa dentro e fora de casa. — Mudando de assunto, ela me perguntou:

— Quer levar para casa uma fatia de bolo que acabou de sair do forno?

Eu queria muito.

Na manhã seguinte, quando acordei, Jem e Dill estavam no maior papo no quintal. Fui até lá e eles me mandaram ir embora como sempre.

— Não vou. Esse quintal é tão meu quanto seu, Jem Finch. Tenho o mesmo direito de brincar nele que você.

Dill e Jem conversaram um instante e concluíram:

— Se ficar, vai ter de fazer o que nós mandarmos — avisou Dill.

— Olha só quem de repente ficou todo importante e poderoso.

— Se não concordar em fazer o que mandarmos, não vamos contar nada — acrescentou Dill.

— Até parece que você cresceu vinte centímetros durante a noite! Tudo bem, então conta.

Jem disse, plácido:

— Vamos entregar um bilhete para Boo Radley.

— Mas como? — Eu estava tentando controlar o pavor súbito que foi crescendo dentro de mim. Não tinha problema a srta. Maudie falar em Boo, ela era adulta e estava segura na varanda dela. Mas conosco era diferente.

Jem ia simplesmente colocar o bilhete na ponta de uma vara de pescar e enfiar pela veneziana. Se alguém aparecesse, Dill tocaria um sinete avisando.

Dill levantou a mão direita, mostrando o sinete de prata que minha mãe usava para avisar que a comida estava pronta.

— Vou pela lateral da casa — acrescentou Jem. — Ontem, olhamos do outro lado da rua e vimos que tem uma veneziana meio solta. Acho que consigo ao menos colocar o bilhete no peitoril.

— Jem…

— Agora você sabe e não pode cair fora!

— Está bem, mas não quero vigiar. Jem, alguém…

— Vai vigiar sim, vai cuidar dos fundos do terreno enquanto Dill cuida da frente da casa, e se alguém aparecer, ele toca o sinete. Certo?

— Certo. O que vocês escreveram no bilhete?

Dill respondeu:

— Pedimos educadamente para ele aparecer de vez em quando e contar o que faz lá dentro… Dissemos que não vamos machucá-lo e que vamos comprar um sorvete para ele.

— Vocês estão malucos, ele vai matar a gente!

Dill ponderou:

— Foi ideia minha. Acho que, se ele sair e bater um papo com a gente, vai se sentir melhor.

— Como sabe que ele não se sente bem?

— Como você se sentiria se ficasse fechada em casa durante cem anos, comendo só gatos? Aposto que ele tem uma barba

comprida até aqui…

— Como a do seu pai?

— Meu pai não usa barba, ele… — Dill parou, como se tentasse lembrar.

— Rá-rá, peguei você. Você falou que veio de trem e que seu pai tinha barba preta… — eu disse.

— Se quer saber, ele raspou a barba no verão passado! Isso mesmo, e tenho a carta para provar, ele mandou junto dois dólares para mim!

— Continue… Aposto que ele mandou até um uniforme da polícia montada! Ele nunca apareceu, não foi? Você diz cada mentira, garoto…

Dill Harris era capaz de contar as maiores mentiras que eu já tinha ouvido. Entre outras, ele tinha voado dezessete vezes em um avião do correio aéreo, tinha visitado a Nova Escócia, tinha visto um elefante e era neto do general brigadeiro Joe Wheeler, de quem herdou a espada.

— Quietos, vocês — mandou Jem. Ele se enfiou debaixo da casa e voltou com uma vara de bambu amarela. — Acham que essa vara alcança a janela?

— Quem teve coragem de subir lá e tocar na casa não precisa de uma vara de pescar — ponderei. — Por que você não bate na porta?

— Isso… é... diferente. Quantas vezes tenho de dizer? — retrucou Jem.

Dill tirou um pedaço de papel do bolso e entregou a Jem. Nós três seguimos com cautela até a velha casa. Dill ficou ao lado do poste, enquanto Jem e eu fomos pela lateral da casa. Segui atrás de Jem e parei onde podia ver a curva da rua.

— Está tudo vazio. Nem sombra de gente — avisei.

Jem olhou para Dill na calçada, que concordou com a cabeça.

Jem prendeu o bilhete na ponta da vara e passou-a por cima do pátio em direção à janela que tinha escolhido. Faltaram vários centímetros para a vara chegar à janela e Jem se esticou o máximo que pôde por cima da cerca. Ficou tanto tempo tentando, que larguei meu posto e fui até lá.

— Não consigo soltar o bilhete da vara — ele resmungou —, e quando consigo, ele não para na janela. Volte para o seu lugar, Scout.

Voltei, olhei a esquina, a rua estava vazia. De vez em quando, eu olhava de novo para Jem, que tentava pacientemente colocar o bilhete no peitoril. O papel voava para o chão e Jem o pescava até que me ocorreu que, se o bilhete chegasse às mãos de Boo Radley, ele não ia conseguir ler o que estava escrito. Eu estava olhando para a rua quando ouvi o sinete.

Endireitei os ombros e me virei, pronta para dar de cara com Boo Radley e seus caninos sangrentos. Em vez disso, vi Atticus diante de Dill, que tocava o sinete com toda a força.

Jem parecia tão abatido que não tive coragem de dizer que eu tinha avisado. Veio andando devagar, arrastando a vara pela calçada.

— Pare de tocar esse sinete — ordenou Atticus.

Dill segurou o badalo e, no silêncio que se seguiu, tive vontade de que ele voltasse a tocar. Atticus empurrou o chapéu para trás e pôs as mãos na cintura.

— Jem, o que você estava fazendo?

— Nada, pai.

— Não venha com essa. Conte.

— Eu estava… nós estávamos só querendo entregar uma coisa para o sr. Radley.

— O que era?

— Um bilhete, só isso.

— Deixe-me ver.

Jem estendeu um pedaço de papel sujo. Atticus pegou e começou a ler.

— Por que vocês querem que o Sr. Radley saia de casa?

Dill respondeu:

— Achamos que ele ia gostar de conhecer a gente… — E emudeceu quando Atticus olhou para ele.

— Filho — disse Atticus para Jem —, vou falar só uma vez: pare de atormentar esse homem. Isso vale para vocês dois também.

O que o sr. Radley fazia era problema dele. Se quisesse sair de casa, sairia. Se quisesse ficar lá dentro, tinha todo o direito de ficar, sem ser incomodado por crianças intrometidas, o que era uma maneira gentil de se referir a pestes como nós. O que acharíamos se Atticus entrasse no nosso quarto à noite sem bater? Na verdade, era isso que estávamos fazendo com o sr. Radley. Podíamos estranhar o comportamento dele, mas ele podia achar aquilo normal. Além disso, nunca nos ocorreu que a maneira civilizada de se comunicar com os outros era pela porta da frente e não por uma janela lateral? Para terminar: era para ficarmos longe daquela casa até sermos convidados para ir lá, não devíamos continuar com aquela brincadeira besta que ele tinha visto no outro dia, nem fazer troça de ninguém naquela rua ou naquela cidade…

— Não estávamos fazendo troça, nem rindo dele, só estávamos… — começou Jem.

— Então era isso que estavam fazendo, não era?

— Rindo dele?

— Não — disse Atticus —, expondo a história dele para todos da vizinhança.

Jem pareceu inchar um pouco.

— Eu não disse que estávamos fazendo isso! Eu não disse!

Atticus abriu um sorriso seco.

— Você acabou de dizer. Parem já com essa bobagem, todos vocês — ele mandou.

Jem ficou boquiaberto.

— Você quer ser advogado, não quer?

A boca do nosso pai estava estranhamente dura, como se ele estivesse tentando conter algo.

Jem percebeu que não adiantava discutir e calou-se. Quando Atticus entrou em casa para pegar a pasta que tinha esquecido de levar para o trabalho naquela manhã, Jem finalmente percebeu que tinha sido derrotado pelo truque de advogado mais antigo que existia. Esperou a uma boa distância da escada, viu Atticus sair de casa e rumar para a cidade. Quando não dava mais para nosso pai ouvir, berrou:

— Eu queria ser advogado, mas acho que desisti!

6

— Podem — respondeu nosso pai, quando Jem perguntou se podíamos ir à casa da srta. Rachel ver o tanque de peixes com Dill, pois era a última noite dele em Maycomb. — Despeçam-se dele por mim e digam que nos vemos no próximo verão.

Pulamos o muro baixo que separava o quintal da srta. Rachel da nossa entrada de garagem. Jem deu um assovio e Dill respondeu no escuro.

— Não sopra nem um ventinho — constatou Jem. — Olha lá. — Apontou para o leste. Uma lua enorme surgia por trás das nogueiras da srta. Maudie. — Dá a impressão de que faz ainda mais calor.

— A cruz está lá esta noite? — perguntou Dill, sem levantar a cabeça. Estava fazendo um cigarro com jornal e barbante.

— Não, só a mulher. Não acenda esse negócio, Dill, vai espalhar um fedor por todo esse lado da cidade.

Em Maycomb, havia uma mulher na lua. Ela ficava sentada numa penteadeira, escovando os cabelos.

— Vamos sentir sua falta — admiti. — Acha que devemos ficar de olho no sr. Avery?

O sr. Avery morava na casa em frente à da sra. Henry Lafayette Dubose, do outro lado da rua. Além de recolher o dinheiro do ofertório aos domingos, ficava sentado na varanda toda noite até as nove espirrando. Uma noite tivemos o privilégio de assistir a uma cena pelo que pareceu ter sido a última vez, pois nunca mais se repetiu durante todo o tempo que o observamos. Jem e eu estávamos descendo a escada da srta. Rachel uma noite quando Dill nos fez parar:

— Olha lá — disse, apontando para o outro lado da rua.

Primeiro, só vimos a varanda coberta por trepadeiras. Olhando com mais atenção, porém, vimos um arco de líquido saindo do meio das folhas e se derramando no círculo amarelo da luz do poste a uns dois metros de distância. Jem disse que o sr. Avery tinha péssima pontaria, Dill acrescentou que devia beber um barril de água por dia. Começou então uma disputa entre eles para determinar as distâncias e as proezas de cada um, o que só me fez sentir excluída mais uma vez, já que eu não tinha nenhum talento naquela área.

Dill se espreguiçou, bocejou e disse, em um tom bastante casual:

— Já sei. Vamos dar uma caminhada.

Fiquei desconfiada. Ninguém em Maycomb simplesmente saía para dar uma caminhada.

— Aonde vamos, Dill?

Ele inclinou a cabeça na direção do sul. Jem concordou:

— Tudo bem. — Quando reclamei, ele disse delicadamente: — Você não precisa vir com a gente, santinha.

— Você não devia ir. Lembra…

Jem não era de se deixar intimidar por derrotas passadas e parecia que a única coisa que tinha aprendido com Atticus era a perspicácia na arte de interrogar.

— Scout, não vamos fazer nada, só vamos andar até o poste e voltar.

Fomos andando em silêncio pela calçada, ouvindo os balanços das varandas que rangiam sob o peso dos vizinhos, o suave murmúrio noturno dos adultos da nossa rua. De vez em quando, ouvíamos a risada da srta. Stephanie Crawford.

— Vamos? — perguntou Dill.

— Vamos — concordou Jem. — Por que você não vai para casa, Scout?

— O que vocês vão fazer?

Dill e Jem iam só espiar pela veneziana solta e tentar ver Boo Radley, e, se eu não quisesse ir, era melhor voltar para casa e ficar com minha boca grande bem fechada, só isso.

— Por que, com todos os diabos, vocês esperaram até esta noite?

A resposta foi: porque à noite ninguém os veria; porque Atticus estaria tão entretido lendo um livro que não ouviria nem se o mundo viesse abaixo; porque, se Boo Radley os matasse, eles perderiam as aulas e não as férias, e finalmente porque era mais fácil ver dentro da uma casa escura à noite do que de dia, entendeu?

— Jem, *por favor*…

— Scout, não vou mais repetir, fecha essa boca ou vai para casa. Juro por Deus: você está ficando a cada dia mais parecida com uma menina.

Ao ouvir isso, não tive opção a não ser ir com eles. Achamos que era melhor passar por baixo da cerca de arame nos fundos do terreno dos Radley, assim corríamos menos risco de ser vistos. A cerca contornava um grande jardim e uma casinha estreita de madeira.

Jem levantou o arame da cerca e fez sinal para Dill passar. Fui atrás e segurei o arame para Jem passar. Ele teve de se espremer.

— Não façam barulho — sussurrou. — Cuidado para não pisarem no canteiro de couves, elas fazem um barulho capaz de acordar um defunto.

Com essa recomendação, acho que dei um passo por minuto. Só me apressei quando vi Jem ao longe, fazendo sinal para mim na noite enluarada. Chegamos ao portão que separava o jardim do quintal. Jem tocou no portão, que rangeu.

— Cuspa nas dobradiças — sussurrou Dill.

— Você colocou a gente num beco sem saída, Jem — murmurei. — Não vai ser fácil sairmos daqui.

— Shhh. Cuspa na dobradiça, Scout.

Depois de cuspirmos até ficarmos com a boca seca, Jem abriu o portão devagar, levantou-o e encostou-o na cerca. Estávamos no quintal.

Os fundos da casa dos Radley eram menos acolhedores do que a frente: uma varanda abandonada ia de uma ponta a outra da casa, e havia duas janelas escuras entre duas portas. Em vez de uma coluna, uma estreita escora de madeira sustentava uma das extremidades do telhado. Havia uma velha lareira de ferro num canto da varanda, e o espelho de uma chapeleira refletia a lua com um brilho sinistro.

— *Eca!* — fez Jem, levantando o pé.

— O que foi?

— Galinhas — ele sussurrou.

Percebemos que teríamos de desviar do invisível por toda parte quando, à nossa frente, Dill disse baixinho "meu De-us". Na ponta dos pés, fomos até a lateral da casa, onde ficava a janela com a veneziana solta. O peitoril era bem mais alto que Jem.

— Eu levanto você — ele cochichou para Dill. — Espera aí.

Jem e eu montamos uma cadeirinha com nossos braços esticados e nos agachamos. Dill subiu, nós o levantamos e ele segurou no peitoril.

— Anda, não vamos aguentar muito tempo — sussurrou Jem.

Dill deu um tapinha no meu ombro e nós o colocamos no chão.

— O que você viu?

— Nada, tinha cortinas. Mas tem uma luzinha lá dentro.

— Vamos sair daqui — sussurrou Jem. — Vamos voltar pelos fundos. Shhh — me avisou quando eu estava prestes a protestar.

— Vamos tentar a janela dos fundos.

— Dill, *não* — pedi.

Dill parou e deixou Jem ir na frente. Ele pisou no primeiro degrau da varanda, que rangeu. Jem parou e foi apoiando o pé aos poucos. O degrau não fez barulho. Jem pulou dois degraus de uma vez, entrou na varanda e vacilou por um longo instante. Equilibrou-se, agachou-se no chão e engatinhou até a janela. Levantou a cabeça e espiou dentro da casa.

Foi então que vi a sombra. Era a sombra de um homem de chapéu. Primeiro, pensei que fosse uma árvore, mas não estava ventando e árvores não andam. A lua iluminava a varanda dos fundos e a sombra, bem nítida, avançou pela varanda na direção de Jem.

Dill viu a sombra logo depois de mim e cobriu o rosto com as mãos, assustado.

Jem só a viu quando a sombra passou ao seu lado. Colocou os braços sobre a cabeça e não se mexeu.

A sombra parou a poucos centímetros de Jem. Levantou um braço, depois deixou-o cair e ficou parado. Em seguida, virou-se, foi até o fim da varanda e desapareceu pela lateral da casa como tinha surgido.

Jem pulou da varanda e disparou na nossa direção. Abriu o portão, deixou Dill e eu passarmos e mandou que ficássemos em silêncio enquanto avançávamos entre os canteiros de couve que rumorejavam com o vento. No meio do caminho, tropecei e foi nessa hora que ouvi um tiro de espingarda atravessar a vizinhança.

Dill e Jem se jogaram no chão ao meu lado. Jem disse com a respiração entrecortada:

— Para a cerca do pátio da escola! Corra, Scout!

Jem levantou o arame; Dill e eu rolamos por baixo da cerca e estávamos na metade do caminho até o solitário carvalho do pátio da escola quando percebemos que Jem tinha ficado para trás. Voltamos correndo e o encontramos preso na cerca, tirando a calça, que estava enganchada no arame, para se soltar. Ele correu para o carvalho de cueca.

Protegidos atrás do carvalho, estávamos atordoados, mas a cabeça de Jem continuava a mil:

— Temos que ir para casa, vão dar pela nossa falta!

Corremos pelo pátio da escola, passamos por baixo da cerca e cortamos caminho pelo pasto que ficava atrás da nossa casa, pulamos a cerca dos fundos e Jem só nos deixou parar quando chegamos à escada.

Depois que recuperamos o fôlego, fomos andando até o jardim da maneira mais natural possível. Olhamos para a rua e vimos um grupo de vizinhos no portão dos Radley.

— É melhor irmos até lá. Vão estranhar se nós não aparecermos — disse Jem.

O sr. Nathan Radley estava no portão, com uma espingarda cruzada sobre o braço. Atticus estava em pé ao lado da srta. Maudie e da srta. Stephanie Crawford. A srta. Rachel e o sr. Avery estavam a uma curta distância. Ninguém notou a nossa chegada.

Paramos atrás da srta. Maudie, que se virou para olhar para nós:

— Onde vocês estavam? Não ouviram a confusão?

— O que aconteceu? — perguntou Jem.

— O sr. Radley atirou em um negro no canteiro de couves dele.

— Ah. E acertou o tiro?

— Não — respondeu a srta. Stephanie. — Ele atirou para o alto. Mas o homem ficou branco de medo. O sr. Radley avisou

que, se alguém vir um preto pálido por aí, é ele. Disse que está com a outra arma engatilhada para o caso de ouvir mais algum barulho no canteiro. Da próxima vez, não vai atirar para o alto, seja lá o que for: cachorro, negro ou... céus, Jem *Finch*!

— O que foi? — perguntou Jem.

Atticus falou:

— Filho, cadê suas calças?

— Calças, pai?

— Calças.

Não adiantava se fazer de desentendido. Jem estava de cuecas na frente de Deus e do mundo. Suspirei.

— Ah... sr. Finch?

Dill surgiu sob a luz do poste e vi que estava tramando alguma coisa: de olhos arregalados, o rosto angelical estava ainda mais redondo.

— O que foi, Dill? — perguntou Atticus.

— Ah... É que ganhei a calça dele — disse Dill vagamente.

— Ganhou? Como?

Dill esfregou a nuca, em seguida levou a mão à testa

— Estávamos jogando strip pôquer perto do tanque de peixes — disse ele.

Jem e eu relaxamos. Os vizinhos pareceram satisfeitos com a resposta, pois todos se empertigaram. Mas o que era strip pôquer?

Não pudemos descobrir: a srta. Rachel explodiu, berrando como a sirene dos bombeiros:

— Je-sus a-ma-do, Dill Harris! Você estava jogando baralho perto do meu tanque de peixes? Vou lhe mostrar o que é strip pôquer.

Atticus impediu que Dill fosse esquartejado na hora.

— Um momento, srta. Rachel. Eles nunca fizeram isso antes. Os três estavam jogando cartas? — perguntou Atticus.

Jem foi na onda de Dill e respondeu, de olhos fechados:

— Não, pai, estávamos brincando com fósforos.

Senti admiração pelo meu irmão. Brincar com fósforos era perigoso, mas jogar cartas era mortal.

— Jem e Scout, não quero mais ouvir falar em pôquer. Jem, vá buscar sua calça na casa do Dill e resolvam isso entre vocês — mandou Atticus.

— Não se preocupe, Dill — disse Jem enquanto íamos andando pela calçada. — Ela não vai bater em você. Papai va falar com ela. Você pensou rápido, cara. Escuta... está ouvindo a voz dele?

Paramos e ouvimos Atticus dizer:

— Não é nada sério, srta. Rachel... todos passam por essa fase...

Dill se acalmou, mas Jem e eu, não. Ainda tínhamos que resolver como íamos fazer para Jem ter uma calça para vestir na manhã seguinte.

— Posso te dar uma calça minha — disse Dill quando chegamos à escada da srta. Rachel. Jem respondeu que a calça não caberia nele, mas agradeceu assim mesmo. Nos despedimos e Dill entrou em casa. Então ele evidentemente se lembrou de que estávamos noivos, porque voltou e me deu um beijo na frente de Jem.

— Escreva para mim, tá? — gritou enquanto nos afastávamos.

Teríamos dormido mal naquela noite, mesmo que Jem não tivesse perdido as calças. Qualquer som noturno que eu ouvia da minha cama na varanda dos fundos parecia três vezes mais alto; cada passo de alguém no cascalho era Boo Radley vindo se

vingar; cada negro que passava rindo era Boo Radley solto à nossa procura; os insetos que se chocavam contra a tela eram as mãos enlouquecidas de Boo Radley destruindo a cerca; os cinamomos estavam vivos e eram perigosos e ameaçadores. Eu alternava entre a vigília e o sono até que ouvi Jem resmungar.

— Está dormindo, espertinha?

— Ficou maluco?

— Shhh. A luz no quarto de Atticus está apagada.

Sob a luz trêmula da lua, vi Jem sentar-se na cama.

— Vou pegar minhas calças — ele disse.

Eu me sentei na cama.

— Não vai, não vou deixar.

Ele enfiou a camisa, desajeitado.

— Tenho que ir.

— Se você for, eu acordo Atticus.

— Se fizer isso, eu te mato.

Puxei-o para sentar ao meu lado na cama. Tentei argumentar.

— O sr. Nathan vai encontrar suas calças de manhã, Jem. Ele sabe que você perdeu. Vai mostrar para Atticus e a coisa vai ficar feia, mas não tem outro jeito. Volte para a cama.

— Eu sei, e é por isso é que vou lá buscar — disse Jem.

Comecei a me sentir mal. Voltar lá sozinho… Eu me lembrei da srta. Stephanie dizendo que o sr. Nathan estava com a outra arma engatilhada, esperando ouvir o próximo barulho, fosse um negro, um cachorro… Jem sabia disso tanto quanto eu.

Fiquei desesperada.

— Olha, Jem, não vale a pena. Levar uma surra dói, mas passa. Se você for lá, vai levar um tiro na cabeça, Jem. Por favor…

Ele expirou todo o ar dos pulmões, devagar.

— Eu... É o seguinte, Scout — murmurou ele —, eu não me lembro de Atticus ter me batido alguma vez e quero que continue assim.

Aquilo era loucura. Parecia até que Atticus nos ameaçava todos os dias.

— Quer dizer que ele nunca pegou você em flagrante.

— Pode ser, mas… quero que continue assim, Scout. Não devíamos ter feito aquilo, Scout.

Foi aí, acho, que Jem e eu começamos a nos afastar. Às vezes eu não o entendia muito bem, mas essa confusão nunca durava muito tempo. Aquilo, no entanto, era demais.

— Por favor — implorei —, pensa um pouco no que vai fazer… Você sozinho naquele lugar…

— Cala a boca!

— Atticus não vai ficar sem falar com você para sempre nem nada assim, Jem… Vou acordar ele, juro…

Jem puxou a gola do meu pijama com força.

— Então, eu vou junto — falei, meio asfixiada.

— Não, você vai fazer barulho.

Não adiantou pedir. Destranquei a porta dos fundos e a segurei aberta enquanto ele descia silenciosamente a escada. Deviam ser duas da manhã. A lua estava sumindo e a sombra das treliças ia ficando indefinida. A camisa branca de Jem subia e descia como um pequeno fantasma bailarino que tenta escapar da manhã que se aproxima. Uma brisa suave fez o suor que

escorria pelo meu corpo gelar.

Ele foi por trás, passando pelo pasto, pelo pátio da escola e pela cerca, imaginei, pelo menos era o caminho que parecia que ele ia fazer. Ia demorar mais, então eu não precisava me preocupar ainda. Esperei até que fosse a hora de eu me preocupar e fiquei esperando ouvir o disparo da espingarda do sr. Radley. Depois, tive a impressão de ter ouvido a cerca dos fundos ranger. Era só imaginação.

Então escutei Atticus tossir. Prendi a respiração. Às vezes, quando fazíamos uma peregrinação noturna ao banheiro, nós o encontrávamos lendo. Ele dizia que costumava acordar no meio da noite, conferia como estávamos, depois lia até dormir. Esperei a luz do quarto dele acender, apertando os olhos para ver o corredor se iluminar. Mas continuou escuro e eu respirei aliviada.

Os seres noturnos tinham se recolhido, mas quando o vento soprava, os frutos maduros dos cinamomos caíam no telhado e a escuridão parecia ainda mais desoladora com o latido de cachorros ao longe.

Lá estava ele, vindo na minha direção. A camisa branca passou pela cerca dos fundos e foi aos poucos aumentando de tamanho. Jem subiu a escada, entrou, trancou a porta e sentou na cama. Sem dizer nada, mostrou a calça. Ele deitou e por algum tempo ouvi a cama de campanha dele tremer. Dali a pouco ele sossegou. Não ouvi mais nada.

7

Jem ficou sério e calado por uma semana. Como Atticus tinha sugerido uma vez, tentei me colocar no lugar de Jem: se eu tivesse ido sozinha à casa dos Radley às duas da manhã, seria morte certa e na tarde seguinte seria meu funeral. Então deixei Jem em paz e tentei não incomodá-lo.

As aulas começaram. O segundo ano era tão ruim quanto o primeiro, só que ainda pior: continuavam mostrando fichas e nos proibindo de ler ou escrever. As risadas frequentes na sala de aula ao lado mostravam o progresso da classe da srta. Caroline. Era a turma de sempre repetindo o primeiro ano e ajudando a manter a ordem. A única coisa boa no segundo ano era que eu saía no mesmo horário de Jem e voltávamos juntos para casa às três da tarde.

Uma tarde, quando cruzávamos o pátio da escola em direção a nossa casa, Jem disse, de repente:

— Preciso contar uma coisa.

Como foi a primeira frase completa que ele disse depois de dias calado, eu o encorajei.

— Sobre o quê?

— Sobre aquela noite.

— Até hoje você não contou nada sobre aquela noite — reclamei.

Jem dispensou minhas palavras com um gesto como se estivesse espantando mosquitos. Ficou em silêncio por um tempo e então disse:

— Quando fui buscar minha calça… que tinha ficado enroscada, porque eu não consegui soltá-la da cerca… Quando fui buscar — Jem respirou fundo —, ela estava dobrada do outro lado da cerca… como se estivesse à minha espera.

— Do outro lado da cerca…

— E tem mais — disse Jem baixando a voz. — Vou mostrar quando chegarmos em casa. Alguém costurou a calça. Não como uma mulher, mas como eu tentaria fazer. Tudo torto. Como se…

—… alguém soubesse que você ia voltar para buscar.

Jem estremeceu.

— Como se alguém tivesse lido os meus pensamentos… e soubesse o que eu ia fazer. Mas ninguém pode saber o que eu vou fazer a não ser que me conheça, não é, Scout?

A pergunta de Jem era uma súplica. Confirmei:

— Ninguém pode saber o que você vai fazer a não ser que more com você, e mesmo assim eu às vezes não sei.

Estávamos passando pela nossa árvore. No buraco no tronco havia uma bola de barbante cinza.

— Não pegue, Jem. Esse lugar é o esconderijo de alguém — eu disse.

— Acho que não, Scout.

— É, sim. Alguém como Walter Cunningham vem aqui no recreio e esconde uma coisa no buraco, e nós passamos e levamos. Olha, vamos deixar aí e esperar uns dias. Se o barbante continuar no mesmo lugar, nós pegamos, certo?

— Certo. Talvez você tenha razão — considerou Jem. — Algum aluno mais novo pode esconder as coisas aqui para os maiores não verem. Nós só achamos coisas durante o período de aulas.

— É, mas não passamos por aqui nas férias de verão.

Fomos para casa. Na manhã seguinte, o barbante cinza estava no mesmo lugar. No terceiro dia, como ainda continuava lá, Jem pegou-o e guardou-o no bolso. Desse dia em diante, passamos a considerar nosso tudo o que achávamos ali.

O segundo ano da escola foi lamentável, mas Jem me garantiu que ia melhorando à medida que eu crescesse, que com ele tinha sido assim, só no sexto ano os professores começaram a ensinar coisas que prestassem. Jem gostou do sexto ano desde o começo: passou por um curto "período egípcio" que me deixou desconcertada. Ele passou um bom tempo tentando andar com um braço dobrado na frente e outro dobrado para trás, pondo um pé atrás do outro, pois dizia que era assim que os egípcios andavam. Observei que, se isso fosse verdade, não sabia como eles conseguiam fazer as coisas. Mas Jem argumentou que os egípcios tinham feito muito mais coisa do que os americanos, inventaram o papel higiênico e a arte de embalsamar, e onde estaríamos hoje sem isso? Atticus disse para eu esquecer os adjetivos e me concentrar nos fatos.

No sul do Alabama as estações do ano não são muito definidas; o verão se estende pelo outono, às vezes o outono não é sucedido pelo inverno, mas se torna uma primavera tardia que se desfaz no verão outra vez. Aquele outono foi longo, mas não fez um frio que exigisse mais do que um casaco leve. Numa amena tarde de outono, Jem e eu vínhamos pelo nosso caminho de sempre quando nosso buraco na árvore nos fez parar mais uma vez. Tinha uma coisa branca lá dentro.

Jem deixou que eu pegasse: eram duas pequenas esculturas em sabão. Uma, de um menino e outra que deveria ser uma menina, com um vestido simples.

Antes de me lembrar que essas coisas de vodu não existem, dei um grito e joguei-as no chão.

Jem pegou-as.

— O que há com você? — berrou e limpou as figuras. — São muito bem-feitas. Nunca vi nenhuma tão boa.

Ele as estendeu para que eu visse. Eram miniaturas quase perfeitas de duas crianças. O menino estava de calças curtas e tinha uma mecha de cabelo caindo sobre as sobrancelhas. Olhei para Jem. Uma mecha caía de seus cabelos repartidos. Eu nunca havia notado.

Jem olhou da figura para mim. A figura tinha franja. Eu também.

— Somos nós — concluiu.

— Quem você acha que fez?

— Alguém sabe esculpir por aqui?

— O sr. Avery.

— O que o sr. Avery faz não conta. Estou falando de esculpir.

O sr. Avery gastava em média uma acha de lareira por semana, que ia desbastando até fazer um palito, que depois punha na boca e mastigava.

— Tem também o velho namorado da srta. Stephanie — lembrei.

— É verdade, mas ele mora no campo. Nunca prestou atenção em nós.

— Vai ver que fica lá na varanda olhando para nós, e não para a srta. Stephanie. Era o que eu faria, se fosse ele.

Jem ficou me olhando por tanto tempo que perguntei qual era o problema, mas ele disse que não era nada. Quando chegamos em casa, Jem guardou as duas figuras no baú.

Menos de duas semanas depois, achamos um pacote inteiro de goma de mascar, que adoramos. Jem esqueceu completamente o fato de que tudo na casa dos Radley devia estar envenenado.

Na semana seguinte, uma medalha reluzia no buraco da árvore. Jem mostrou-a a Atticus, que nos disse que era uma medalha de um concurso de soletrar, que antes de nascermos, as escolas do condado de Maycomb promoviam concursos assim e davam medalhas aos vencedores. Atticus disse que alguém devia ter perdido a medalha, nós tínhamos perguntado pela

vizinhança? Jem me deu um discreto chute quando eu ia dizer onde a achamos. Depois, Jem perguntou se Atticus se lembrava de alguém que tivesse ganhado um daqueles concursos, mas ele respondeu que não.

Nosso maior prêmio apareceu quatro dias depois. Era um relógio de bolso parado com uma corrente e um canivete de alumínio.

— Você acha que isso é ouro branco, Jem?

— Não sei. Vou mostrar a Atticus.

Atticus disse que, se aquilo tudo — o relógio, a corrente e o canivete — fosse novo, devia valer uns dez dólares.

— Vocês trocaram com alguém na escola? — ele quis saber.

— De jeito nenhum! — respondeu Jem, tirando o relógio do nosso avô que Atticus deixava-o usar uma vez por semana, desde que tomasse cuidado. Quando ficava com o relógio, Jem parecia pisar em ovos.

— Atticus, se você não se importar, prefiro ficar com este. Vou tentar consertar.

Quando o relógio do nosso avô deixou de ser novidade e levá-lo consigo se tornou uma tarefa penosa, Jem parou de ficar consultando a hora a cada cinco minutos.

Ele fez um bom trabalho, só sobraram uma mola e duas peças bem pequenas, mas o relógio não voltou a funcionar.

— Ah, isso não vai funcionar nunca. Scout…

— O que foi?

— Acha que devemos escrever uma carta para quem está nos dando essas coisas?

— Seria ótimo, Jem, podemos agradecer… Que mal pode fazer?

Jem tinha tapado os ouvidos e estava balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Eu não entendo, simplesmente não entendo. Não sei por que, Scout. — Ele olhou na direção da sala de estar. — Acho melhor contar para Atticus. Não, melhor não.

— Eu conto a ele para você.

— Não faça isso, Scout. Scout?

— O quê?

Ele tinha estado a ponto de me dizer alguma coisa durante toda a tarde; seu rosto se iluminava e ele se inclinava na minha direção, então mudava de ideia. E mudou de ideia novamente.

— Ah, nada.

— Pronto, vamos escrever a carta — eu disse, colocando um papel e um lápis na frente dele.

— Está bem. "Prezado Senhor…"

— Como você sabe que é um homem? Aposto que é a srta. Maudie. Estou desconfiada disso há um bom tempo.

— Hum… a srta. Maudie não gosta de goma de mascar… — Jem deu uma risada. — Ela às vezes diz cada coisa: um dia perguntei se queria uma goma de mascar, e ela agradeceu e explicou que grudava no céu da boca e ela não conseguia falar. Não é engraçado? — perguntou Jem.

— É, às vezes ela diz coisas engraçadas. De qualquer forma, ela não teria um relógio de corrente.

— "Prezado Senhor" — prosseguiu Jem. — "Gostamos do", não, "gostamos de tudo que o senhor deixou na árvore para nós. Sinceramente, Jeremy Atticus Finch."

— Se assinar assim, ele não vai saber quem você é.

Jem apagou o nome com a borracha e escreveu "Jem Finch". Embaixo do nome dele, eu assinei "Jean Louise Finch (Scout)". Jem pôs a carta num envelope.

Na manhã seguinte, a caminho da escola, ele correu na minha frente e parou na árvore. Quando virou na minha direção, estava branco como papel.

— Scout!

Corri até ele. Alguém tinha tapado o buraco com cimento.

— Não chore, Scout… Não chore, não se preocupe — ele murmurou o tempo todo enquanto caminhávamos até a escola.

Quando voltamos para casa, Jem engoliu a comida, correu para a varanda e sentou-se na escada. Fui atrás.

— Ainda não passou — ele disse.

No dia seguinte, Jem ficou de novo na varanda e dessa vez conseguiu o que queria.

— Como vai, sr. Nathan? — cumprimentou.

— Bom dia, Jem e Scout — respondeu o sr. Nathan Radley, ao passar.

— Sr. Radley — chamou Jem.

O sr. Radley se virou.

— Sr. Radley, o senhor colocou cimento no buraco da árvore lá adiante?

— Sim, tapei o buraco.

— Por que fez isso, senhor?

— Aquela árvore está morrendo. Quando adoecem, as árvores precisam ser cimentadas. Você devia saber disso, Jem.

Jem não disse mais nada até o final da tarde. Quando passamos pela árvore, ele deu um tapinha no cimento e ficou imerso em pensamentos. Parecia estar de péssimo humor em alguns momentos e preferi manter distância.

Como sempre, naquela tarde fomos encontrar Atticus na volta do trabalho. Estávamos na escada de casa quando Jem disse:

— Atticus, dê uma olhada naquela árvore, por favor.

— Que árvore, filho?

— Aquela da esquina dos Radley, na direção de quem vem da escola.

— Por quê?

— Ela está morrendo?

— Acho que não, filho. Veja as folhas, estão verdes e viçosas, sem manchas marrons…

— Não está nem doente?

— Aquela árvore está tão saudável quanto você, Jem. Por quê?

— O sr. Nathan Radley disse que ela está morrendo.

— Bem, pode ser que esteja. Tenho certeza de que o sr. Radley conhece melhor as árvores dele do que nós.

Atticus nos deixou na varanda. Jem se encostou numa coluna e começou a esfregar os ombros nela.

— Está com coceira, Jem? — perguntei da forma mais gentil possível. Ele não respondeu. — Vamos entrar, Jem — chamei.

— Daqui a pouco eu vou.

Ele ficou lá até o anoitecer e eu o esperei. Quando entramos, vi que ele tinha chorado; estava com o rosto manchado de lágrimas e achei estranho eu não ter ouvido nada.

8

Naquele ano, por motivos que nem os mais experientes profetas do condado de Maycomb conseguiram explicar, o outono virou inverno. Foram as duas semanas mais frias desde 1885, segundo Atticus. O sr. Avery disse que estava escrito na Pedra de Roseta que, quando os filhos desobedecessem os pais, fumassem e brigassem, as estações do ano mudariam. Jem e eu carregávamos, portanto, o peso da culpa por colaborarmos com as aberrações da natureza, causando problemas para nossos vizinhos e desconforto para nós mesmos.

A velha sra. Radley morreu naquele inverno, o que não causou nenhuma comoção: ela raramente era vista, a não ser quando regava as plantas. Jem e eu concluímos que Boo tinha finalmente acabado com ela, mas quando Atticus voltou do velório, disse, para nosso desapontamento, que ela teve morte natural.

— Pergunta a ele — cochichou Jem.

— Pergunta você, que é o mais velho.

— É por isso que você devia perguntar.

— Atticus, você viu o sr. Arthur? — perguntei.

Atticus tirou os olhos do jornal e respondeu, sério:

— Não.

Jem me impediu de fazer mais perguntas. Disse que Atticus ainda estava irritado com a nossa história com os Radley e não adiantava insistir. Jem tinha a impressão de que Atticus desconfiava que, naquela fatídica noite do último verão, não tínhamos ficado só jogando strip pôquer. As suspeitas de Jem não tinham o menor fundamento, ele dizia que eram um mero palpite.

Na manhã seguinte, acordei, olhei pela janela e quase morri de susto. Meus gritos fizeram Atticus sair do banheiro com a barba feita pela metade.

— O *mundo* está acabando, Atticus! Por favor, faça alguma coisa… — Puxei-o até a janela e apontei.

— Não, está só nevando — ele garantiu.

Jem perguntou a Atticus até quando ia continuar nevando. Ele também nunca tinha visto neve, mas sabia como era. Atticus respondeu que entendia tanto de neve quanto Jem. E acrescentou:

— Mas acho que, se continuar assim tão úmido, vai acabar chovendo.

O telefone tocou e Atticus levantou-se da mesa do café para atender.

— Era Eula May — Atticus informou ao voltar para a mesa. — Ela avisou o seguinte: "Como não neva no condado de Maycomb desde 1885, hoje não vai haver aula."

Eula May era a telefonista-chefe de Maycomb. Ela estava encarregada de fazer comunicados públicos, convidar para casamentos, acionar a sirene de incêndio e dar instruções sobre primeiros socorros quando o dr. Raynolds não estivesse no condado.

Quando Atticus finalmente mandou que nos concentrássemos em nossos pratos em vez de ficarmos olhando para as janelas, Jem perguntou:

— Como se faz um boneco de neve?

— Não tenho a menor ideia — respondeu Atticus. — Não quero desapontar vocês, mas acho que não vai dar para fazer

nem uma bola de neve.

Calpúrnia entrou na sala e disse que achava que a neve estava se acumulando. Corremos para o quintal, que estava coberto por uma leve camada de neve enlameada.

— Não devíamos pisar nela. Olha, os seus passos estão desmanchando a neve — disse Jem.

Olhei para trás e vi minhas pegadas lamacentas. Jem disse que, se esperássemos nevar mais um pouco, podíamos juntar o suficiente para fazer um boneco de neve. Estiquei a língua e peguei um floco no ar. Queimava.

— Jem, a neve é quente!

— Não, não é, ela é tão gelada que queima. Mas não é pra comer, Scout. Vai desperdiçar. Deixa a neve cair.

— Quero andar nela.

— Tenho uma ideia, vamos andar na neve no jardim da srta. Maudie.

Jem saiu saltando pelo jardim e segui as pegadas dele. Quando chegamos à calçada em frente à casa da srta. Maudie, o sr. Avery nos cumprimentou. Tinha o rosto corado e uma barriga enorme sob o cinto.

— Viram o que vocês fizeram? — ele perguntou. — Não neva em Maycomb desde a rendição de Appomattox. As estações estão mudando por causa de crianças desobedientes como vocês.

Fiquei imaginando se o sr. Avery sabia que esperávamos ansiosamente a repetição daquela cena do verão passado e, refleti, se nosso castigo era a neve, pecar tinha lá suas vantagens. Não me perguntei de onde o sr. Avery tirava suas estatísticas meteorológicas: provavelmente vinham direto da Pedra de Roseta.

— Jem Finch, ei, Jem Finch!

— Jem, a srta. Maudie está chamando — avisei.

— Fiquem no meio do jardim. Tem plantas embaixo da neve em volta da varanda. Não pisem nelas!

— Tudo bem! — concordou Jem. — É lindo, não acha, srta. Maudie?

— Lindo nada! Se hoje à noite tiver geada, vai acabar com as minhas azáleas.

O velho chapéu de palha da srta. Maudie brilhava com cristais de neve. Ela estava debruçada sobre pequenos arbustos, protegendo-os com sacos de estopa. Jem perguntou por que ela estava fazendo aquilo.

— Para aquecer as plantas — ela respondeu.

— Como elas conseguem se aquecer? Não têm sistema circulatório.

— Não sei, Jem Finch. Só sei que, se tiver geada esta noite, as plantas vão congelar, então preciso cobri-las, entendeu?

— Entendi. Srta. Maudie?

— O que foi?

— Scout e eu podemos pegar um pouco da sua neve?

— Deus seja louvado, podem levar tudo! Tem uma velha cesta de pêssego no porão, ponham a neve nela. — A srta. Maudie estreitou os olhos e perguntou: — O que vocês vão fazer com a minha neve, Jem Finch?

— A senhora vai ver — respondeu Jem, em seguida carregamos toda a neve que conseguimos do quintal dela para o nosso, uma operação bastante lamacenta.

— O que vamos fazer, Jem? — perguntei.

— Você vai ver — ele respondeu. E recomendou: — Agora pegue a cesta e carregue toda a neve que puder do pátio dos fundos para o jardim da frente. Mas pise sempre nos mesmos lugares, está bem?

— Vamos fazer um boneco de neve bebê, Jem?

— Não, um homem de neve de verdade. Agora, temos muito trabalho a fazer.

Jem correu para o quintal, pegou a enxada e começou a cavar rápido ao lado da pilha de lenha, colocando de lado as minhocas que encontrava. Foi até lá dentro, pegou o cesto de roupa suja, encheu-o de terra e levou-o para o jardim.

Depois que juntamos cinco cestos de terra e dois de neve, Jem disse que podíamos começar.

— Você não acha que está meio bagunçado? — perguntei.

— Agora parece, mas depois vai ficar bom.

Jem pegou um monte de terra e fez um monte, juntou mais um pouco de terra, depois mais outro e outro até formar um torso.

— Jem, nunca ouvi falar de um boneco de neve negro — observei.

— Daqui a pouco ele vai ficar branco — resmungou ele.

Jem pegou alguns galhos de pessegueiro no quintal, dobrou-os para serem os ossos que ele ia cobrir de terra.

— Está parecendo a srta. Stephanie Crawford com as mãos na cintura — eu disse. — Gorda, com bracinhos finos.

— Vou aumentar os braços.

Jem jogou água no homem de lama e colocou mais terra. Pensou por um instante e então fez uma grande barriga na cintura dele. Virou-se para mim, com os olhos brilhando:

— O sr. Avery parece um pouco com um boneco de neve, não acha?

Jem pegou um pouco de neve e começou a cobrir o boneco com ela. Ele me deixou cobrir só a parte de trás, a frente ficou para ele. Aos poucos, o sr. Avery foi ficando branco.

Com pedaços de madeira, Jem fez os olhos, o nariz, a boca, os botões da roupa. Jem conseguiu que o sr. Avery parecesse zangado e completou a figura com um pedaço de lenha. Deu um passo atrás e apreciou sua obra.

— Está ótimo, Jem. Só falta falar — elogiei.

— Está, não está? — concordou, tímido.

Estávamos tão ansiosos para mostrar o boneco a Atticus quando ele viesse comer que telefonamos avisando que tínhamos uma grande surpresa. Ele pareceu um pouco surpreso ao ver quase todo o quintal no jardim, mas aprovou o nosso trabalho.

— Filho, eu não sabia como você ia se virar, mas de agora em diante não vou mais me preocupar. Você sempre dá um jeito.

Jem ficou com as orelhas vermelhas por causa do elogio, mas olhou intrigado quando Atticus deu um passo atrás e examinou o boneco de neve por um momento. Ele sorriu depois deu uma risada.

— Filho, não sei o que você vai ser na vida: engenheiro, advogado ou pintor. Mas fez quase uma difamação aqui no jardim. Temos que disfarçar esse boneco.

Atticus sugeriu que Jem diminuísse um pouco a barriga, trocasse o pedaço de lenha por uma vassoura e colocasse um avental no boneco.

Jem argumentou que assim o homem de neve ia ficar enlameado e deixar de ser um homem de neve.

— Não importa o que vai fazer, mas tem que fazer alguma coisa — ordenou Atticus. — Não pode sair por aí fazendo caricatura dos vizinhos.

— Não é uma *caractetura*. É só parecido com ele — disse Jem.

— O sr. Avery pode discordar.

— Já sei! — exclamou Jem. Correu pela rua, sumiu no quintal da srta. Maudie e depois voltou todo satisfeito. Colocou o chapéu de palha dela na cabeça do boneco e a tesoura de poda na dobra do braço. Atticus aprovou.

A srta. Maudie abriu a porta da frente e apareceu na varanda. Olhou para nós do outro lado da rua. De repente, sorriu.

— Jem Finch, devolva o meu chapéu, seu diabinho!

Jem olhou para Atticus, que balançou a cabeça.

— Ela só está brincando. Na verdade, ela gostou muito da sua… obra.

Atticus atravessou a rua e foi até a casa da srta. Maudie, onde os dois começaram uma conversa cheia de gestos da qual a

única frase que consegui ouvir foi:

—… fez um verdadeiro hermafrodita no jardim! Atticus, você nunca vai conseguir educar essas crianças!

À tarde, parou de nevar, a temperatura baixou e ao anoitecer as piores previsões do sr. Avery se confirmaram: Calpúrnia acendeu todas as lareiras da casa e ainda assim ficamos com frio. Naquela noite, quando Atticus chegou, disse para nos prepararmos, pois o tempo ia piorar, e perguntou a Calpúrnia se queria passar a noite na nossa casa. Ela deu uma olhada no teto alto e nas janelas largas e disse que achava que ia ficar mais aquecida na casa dela. Atticus levou-a de carro.

Antes de eu me deitar, Atticus colocou mais carvão na lareira do meu quarto. Disse que o termômetro marcava nove graus abaixo de zero e que era a noite mais fria de que se recordava. Nosso boneco de neve lá fora tinha congelado e estava completamente sólido.

Minutos depois, ou pelo menos foi o que me pareceu, acordei com alguém me sacudindo. O casacão de Atticus estava estendido sobre mim.

— Já é de manhã? — perguntei.

— Querida, levante.

Atticus tinha nas mãos o meu roupão de banho e o meu casacão.

— Vista primeiro o roupão — ele disse.

Jem estava ao lado de Atticus, sonolento e descabelado. Uma das mãos estava fechando o casaco até o pescoço e a outra estava enfiada no bolso. Parecia estranhamente gordo.

— Anda, querida. Aqui os seus sapatos e as meias — disse Atticus.

Confusa, vesti tudo:

— Já é de manhã?

— Não, é pouco mais de uma da madrugada. Ande logo.

Finalmente me dei conta de que havia alguma coisa errada.

— O que aconteceu?

A essa altura, ele não precisava dizer nada. Da mesma maneira que os pássaros sabem aonde ir para se proteger da chuva, percebi que alguma coisa tinha acontecido na nossa rua. Vozes abafadas e os sons de passos apressados passando pela calçada me deixaram apavorada.

— É a casa de quem?

— Da srta. Maudie, querida — respondeu Atticus, gentil.

Pela porta da frente, vimos o fogo saindo pelas janelas da sala de jantar da srta. Maudie. Como para confirmar o que estávamos vendo, o alarme de incêndio da cidade soava cada vez mais agudo, até atingir uma nota alta e trêmula, que se prolongou como um longo lamento.

— Não tem jeito, não é? — resmungou Jem.

— Acho que não — respondeu Atticus. — Ouçam, vocês dois. Desçam a rua e fiquem na frente da casa dos Radley. Saiam do caminho, entenderam? Estão vendo para onde o vento está soprando?

— Atticus, acha que devemos trazer os móveis para a rua? — perguntou Jem.

— Ainda não, filho. Façam o que eu disse, vão. Cuide da Scout, ouviu? Não a perca de vista.

Atticus nos deu um empurrão de leve e saímos em direção ao portão dos Radley. Ficamos olhando a rua se encher de homens e carros enquanto o fogo devorava silenciosamente a casa da srta. Maudie.

— Por que eles não andam mais rápido, por que não correm… — resmungava Jem.

Vimos por quê. Por causa do frio, o velho carro dos bombeiros tinha enguiçado e estava sendo empurrado por vários homens desde a cidade. Quando ligaram a mangueira num hidrante, a água espirrou, se espalhando pela calçada.

— Ai, meu Deus, Jem...

Jem pôs o braço em volta de mim.

— Calma, Scout. Ainda não é hora de se preocupar. Eu digo quando for.

Os homens de Maycomb, meio vestidos e meio despidos, tiravam os móveis da casa da srta. Maudie e os levavam para um terreno do outro lado da rua. Vi Atticus carregando a pesada cadeira de balanço e achei sensato ele salvar o que ela mais gostava.

Às vezes ouvíamos gritos. De repente a cara do sr. Avery apareceu numa janela do andar superior. Ele jogou um colchão pela janela e ficou atirando móveis lá de cima até os homens gritarem:

— Desça daí, Dick! A escada está cedendo! Desça, sr. Avery!

O sr. Avery começou a descer pela janela.

— Scout, ele está preso, ai, meu Deus... — exclamou Jem.

O sr. Avery ficou preso na janela. Enfiei a cabeça embaixo do braço de Jem e só olhei de novo quando ele gritou:

— Ele se soltou, Scout! Ele está bem!

Olhei e vi o sr. Avery descendo a varanda superior. Ele passou por cima da grade e ia deslizar por uma coluna quando escorregou. Caiu, deu um grito e aterrissou nas trepadeiras da srta. Maudie.

De repente, notei que os homens estavam se afastando da casa e vindo na nossa direção. Não estavam mais carregando a mobília. O fogo tinha tomado o segundo andar e chegava ao telhado: os caixilhos das janelas estavam negros contra o laranja das labaredas.

— Jem, parece uma abóbora...

— Scout, olha!

Rolos de fumaça saíam da nossa casa e da casa da srta. Rachel como neblina na margem de um rio e os homens direcionavam as mangueiras para lá. Atrás de nós, o carro de bombeiros de Abbottsville virou a esquina com a sirene a toda e parou na frente da nossa casa.

— Aquele livro... — lembrei.

— Qual? — perguntou Jem.

— Aquele, de Tom Swift. Não é meu, é de Dill...

— Não se preocupe, Scout, ainda não é hora de se preocupar — disse Jem. Ele apontou e disse: — Olha lá.

Atticus estava no meio dos vizinhos, com as mãos nos bolsos do casaco. Ele poderia estar assistindo a um jogo de futebol. A srta. Maudie estava ao lado dele.

— Veja, ele ainda não está preocupado.

— Por que não está no telhado de uma das casas?

— Ele é velho demais para fazer isso. Pode quebrar o pescoço — explicou Jem.

— Acha que devemos pedir para ele tirar nossas coisas de casa?

— Não vamos incomodá-lo, ele vai saber quando for a hora — disse Jem.

O carro de bombeiros de Abbottsville começou a jogar água sobre a nossa casa; de pé no telhado, um homem mostrava onde havia fogo para apagar. Vi o nosso Hermafrodita Absoluto ficar escuro e desmoronar; o chapéu da srta. Maudie ficou por cima da sujeira. Não vi as tesouras de poda dela. Por causa do calor que fazia entre a nossa casa, a da srta. Rachel e a da srta. Maudie, os homens tinham jogado no chão os casacos e roupões de banho. Trabalhavam de pijama ou com os camisolões enfiados nas calças, mas me dei conta de que eu estava congelando lentamente. Jem tentou me aquecer, mas o abraço dele não bastou. Desvencilhei-me, encolhi os ombros e dancei um pouco para sentir os pés.

Mais um carro de bombeiros chegou e parou na frente da casa da srta. Stephanie Crawford. Não havia hidrante sobrando para a mangueira e os homens tentaram encharcar a casa com extintores de incêndio.

O telhado de zinco da srta. Maudie impedia que as chamas se espalhassem. Com um estrondo, a casa desabou, o fogo jorrou por toda a parte e em seguida vários homens no telhado das casas próximas começaram a agitar cobertores para combater as fagulhas e os pedaços de madeira em brasa.

Os homens só começaram a ir embora ao amanhecer, primeiro um a um, depois em grupos. Empurraram o carro de bombeiros de Maycomb de volta para a cidade, o de Abbottsville foi embora e o terceiro ficou. Descobrimos no dia seguinte que tinha vindo de Clark's Ferry, que ficava a uns noventa quilômetros de distância.

Jem e eu atravessamos a rua. A srta. Maudie estava olhando para o buraco negro e fumegante que tinha sido a casa dela e Atticus fez sinal com a cabeça para nos dizer que ela não queria conversa. Ele nos levou para casa, segurando nossos ombros para atravessarmos a rua escorregadia e gelada. Contou que, por enquanto, a srta. Maudie ficaria na casa da srta. Stephanie.

— Querem um chocolate quente? — perguntou ele.

Estremeci quando ele acendeu o fogão da cozinha.

Enquanto tomávamos nosso chocolate, notei que papai me olhava, primeiro com curiosidade e depois sério.

— Achei que eu tinha dito para você e Jem ficarem onde estavam — ele disse.

— Nós ficamos. Ficamos…

— Então de quem é esse cobertor?

— Cobertor?

— Sim, senhora. Não é nosso.

Olhei para baixo e vi que estava com um cobertor de lã marrom jogado nos ombros, como uma índia.

— Não sei, Atticus… eu…

Olhei para Jem em busca de uma resposta, mas ele estava mais espantado que eu. Disse que não sabia de onde tinha saído o cobertor, tínhamos feito exatamente o que Atticus mandara, tínhamos ficado na frente do portão dos Radley, longe de todo mundo, não nos afastamos um centímetro... Jem parou de falar.

— O sr. Nathan estava no incêndio, estava arrastando aquele colchão… Atticus, eu juro… — continuou Jem, confuso.

— Está bem, filho — aos poucos, Atticus abriu um sorriso. — Acho que o condado inteiro estava na rua esta noite, de uma forma ou de outra. Jem, tem um papel de embrulho na despensa, eu acho. Vá pegar, assim nós…

— Não vou, Atticus!

Jem parecia ter enlouquecido. Começou a contar todos os nossos segredos, sem nenhuma consideração pela minha segurança, sem falar da dele mesmo. Contou tudo, do buraco na árvore, das calças que ele perdeu, tudo.

—… O sr. Nathan cimentou aquela árvore, Atticus, e fez isso para nós não acharmos mais nada… O outro é doido, eu sei, como dizem, mas juro por Deus que ele nunca nos fez nada, nunca nos machucou, podia ter cortado meu pescoço de orelha a orelha naquela noite, mas em vez disso tentou remendar a minha calça… Ele nunca fez nada conosco, Atticus…

— Eu sei, filho — Atticus disse tão suavemente que me acalmei. Era evidente que ele não tinha entendido nada do que Jem tinha dito, porque acrescentou apenas: — Tem razão. Vamos deixar essa história e o cobertor entre nós. Um dia, quem sabe, Scout pode agradecer por ele ter colocado o cobertor nos ombros dela.

— Agradecer a quem? — perguntei.

— Boo Radley. Você estava prestando tanta atenção ao incêndio que não reparou quando ele pôs o cobertor no seu ombro.

Meu estômago embrulhou e eu quase vomitei quando Jem apontou o cobertor e veio devagar na minha direção.

— Boo saiu de casa de fininho… deu uma volta… sem fazer barulho, foi até nós, depois voltou do mesmo jeito!

Atticus disse, ríspido:

— Não vá deixar que isso o inspire a fazer novas proezas, Jeremy.

Jem zangou-se:

— Não vou fazer nada. — Mas vi a faísca de mais uma aventura se apagar nos olhos dele. — Pensa só, Scout. Bastava você virar para trás que teria visto ele.

No dia seguinte, Calpúrnia nos acordou ao meio-dia. Atticus disse que não precisávamos ir à escola; sem dormir, não íamos aprender nada. Calpúrnia pediu que déssemos um jeito de limpar o jardim.

O chapéu de palha da srta. Maudie estava envolto por uma fina camada de gelo, como uma mosca fossilizada no âmbar, e precisamos cavar para encontrar a tesoura de poda. Encontramos a srta. Maudie no quintal, olhando suas azáleas queimadas e congeladas.

— Trouxemos as suas coisas, srta. Maudie. Sentimos muito — disse Jem.

A srta. Maudie olhou à volta e a sombra do antigo sorriso atravessou seu rosto.

— Eu sempre quis uma casa menor, Jem Finch. Agora vou poder ter um jardim maior. Imagine só, agora vou ter mais espaço para as minhas azáleas!

— Não está triste, srta. Maudie? — perguntei, surpresa. Atticus tinha dito que a casa era quase tudo o que ela possuía.

— Triste, filha? Não, eu detestava aquele velho estábulo. Pensei em botar fogo nela muitas vezes, mas, se eu fizesse isso, seria presa.

— Mas…

— Não se preocupe comigo, Jean Louise Finch. Há maneiras de resolver as coisas que você ignora. Vou construir uma casinha, alugar uns dois quartos e… pode ter certeza, terei o jardim mais lindo do Alabama. Os jardins dos Bellingraths vão ficar no chinelo!

Jem e eu nos entreolhamos. Ele perguntou:

— Como o fogo começou, srta. Maudie?

— Não sei, Jem. Provavelmente na chaminé da cozinha. Deixei o fogo aceso na noite passada para aquecer as minhas plantas. Ouvi dizer que você teve um acompanhante inesperado na noite passada, srta. Jean Louise.

— Como soube?

— Atticus me contou quando estava indo para a cidade hoje de manhã. Para ser sincera, gostaria de estar lá com você. E teria o bom senso de olhar para trás também.

Eu ficava intrigada com a srta. Maudie. Mesmo depois de perder quase tudo e de seu amado jardim ter virado cinzas, ela continuava a demonstrar um vívido e cordial interesse pelos nossos assuntos.

Ela deve ter notado a minha perplexidade, por isso continuou:

— A única coisa que me preocupou na noite passada foi o perigo e o prejuízo que causou o incêndio. O fogo podia ter se espalhado por toda a vizinhança. O sr. Avery vai ficar uma semana de cama, está todo chamuscado. Eu disse a ele que estava muito velho para fazer aquilo. Assim que eu puder, e quando Stephanie Crawford não estiver vendo, vou fazer um bolo recheado para ele. Há trinta anos que ela quer a minha receita, e se pensa que vou dar só porque estou na casa dela, está muito enganada.

Concluí que, mesmo que a srta. Maudie mudasse de ideia e desse a receita, a srta. Stephanie não ia conseguir prepará-la. Uma vez, a srta. Maudie me deixou ver a receita: entre outros ingredientes, levava uma xícara cheia de açúcar.

Ainda estava claro. O ar estava tão puro e tão frio que ouvíamos as engrenagens do relógio do tribunal vibrarem, chocalharem e distenderem antes de bater a hora. O nariz da srta. Maudie estava de uma cor que eu nunca tinha visto, e

perguntei por que.

— Estou aqui desde as seis da manhã, meu nariz deve estar congelado — explicou. Ela mostrou as mãos: as palmas estavam cobertas de linhas sujas de terra e sangue seco.

— A senhora estragou suas mãos — constatou Jem. — Por que não chama um negro para ajudar? — Não havia nenhum tom de sacrifício em sua voz quando ele acrescentou: — Scout e eu também podemos ajudar.

A srta. Maudie apontou o nosso quintal:

— Obrigada, mas vocês já têm muito o que fazer lá.

— A senhora se refere ao Hermafrodita? Ah, nós passamos o ancinho nele num piscar de olhos — avaliei.

A srta. Maudie olhou bem para mim e mexeu os lábios sem dizer nada. De repente, pôs as mãos na cabeça e deu uma risada. Quando fomos embora, ela continuava rindo.

Jem disse que não sabia o que tinha acontecido. Ela era assim mesmo.

9

— Retire o que disse, garoto!

Essa ordem, dada por mim a Cecil Jacobs, marcou o início de uma fase difícil para Jem e para mim. Eu estava de punhos cerrados, pronta para dar um soco. Atticus tinha prometido que me daria uma surra se ficasse sabendo que eu tinha me metido em briga outra vez. Eu estava muito velha e muito grande para essas criancices e quanto antes aprendesse a me controlar, melhor seria para todos. Esqueci logo essa recomendação.

Cecil Jacobs me fez esquecer. No dia anterior, ele tinha dito no pátio da escola que o pai de Scout Finch defendia pretos. Neguei, mas contei para Jem.

— O que ele quis dizer com isso? — perguntei.

— Nada. Pergunte a Atticus, ele vai explicar — respondeu Jem.

— Você defende pretos, Atticus? — perguntei a ele naquela tarde.

— Claro que sim. Não diga preto, Scout. É grosseiro.

— Todo mundo na escola fala assim.

— A partir de agora, todo mundo menos você.

— Se não quer que eu fale assim, por que me manda para a escola?

Meu pai me dirigiu um olhar doce, divertido. Apesar do nosso acordo, eu continuava em campanha para não ir à escola de uma forma ou de outra desde o primeiro dia; o início das aulas me causou indisposições, tonteiras e leves problemas gástricos. Cheguei a dar uma moeda pelo privilégio de esfregar a minha cabeça na do filho da cozinheira da srta. Rachel, que estava com uma tremenda micose no couro cabeludo. Foi inútil, não peguei.

Mas eu estava preocupada com outra coisa:

— Todo advogado defende os, hum, negros, Atticus?

— Claro que sim, Scout.

— Então por que Cecil disse que você defende pretos? Ele falou como se fosse ilegal.

Atticus suspirou.

— Estou só defendendo um negro… ele se chama Tom Robinson. Ele mora naquele pequeno assentamento atrás do lixão da cidade. Frequenta a igreja de Calpúrnia, que conhece bem a família dele. Cal diz que eles são boa gente. Scout, há coisas que você não tem idade para entender, mas estão comentando pela cidade que eu não devia defender esse homem. É um caso muito peculiar… Só vai a julgamento no verão. John Taylor foi muito atencioso em nos conceder um adiamento…

— Se você não devia defender esse homem, por que está fazendo isso?

— Por vários motivos — respondeu Atticus. — O principal é: se eu não fizesse isso, não poderia andar de cabeça erguida na cidade, não poderia representar o condado na Câmara, nem poderia exigir que você e Jem fizessem alguma coisa.

— Quer dizer que se você não defendesse esse homem, Jem e eu não teríamos mais que obedecê-lo?

— Mais ou menos isso.

— Por quê?

— Porque eu não poderia exigir isso. Scout, por causa da natureza da função que exerce, todo advogado assume pelo

menos um caso que o afeta pessoalmente. Tenho a impressão de que esse é o meu. Você provavelmente vai ouvir coisas horríveis sobre isso na escola, então me faça um favor: levante a cabeça e abaixe os punhos. Não importa o que digam, não deixe que eles a façam perder o controle. Tente lutar com as ideias, para variar… mesmo que seja difícil.

— Atticus, nós vamos ganhar?

— Não, querida.

— Então, por que…

— Ainda que tenhamos perdido antes mesmo de começar, não significa que não devamos tentar — ponderou Atticus.

— Você está parecendo o primo Ike Finch — eu disse.

O primo Ike Finch era o único veterano confederado do condado vivo. Usava uma barba como a do general Hood, da qual muito se orgulhava. Pelo menos uma vez por ano, Atticus, Jem e eu íamos visitá-lo e eu tinha de dar um beijo nele. Era horrível. Jem e eu tínhamos de ouvir respeitosamente enquanto Atticus e o primo Ike relembravam a guerra. "Só sei, Atticus", dizia o primo Ike, "que o Acordo do Missouri foi a nossa derrota, mas, se tivesse que passar por aquilo outra vez, eu faria tudo igualzinho, e garanto que dessa vez nós acabaríamos com eles... Mas em 1864, quando Stonewall Jackson apareceu, desculpem, crianças… A essa altura, o Velho Olhos Azuis já estava no céu, que sua mente abençoada repouse na paz de Deus…"

— Venha cá, Scout — chamou Atticus.

Subi no colo e me aninhei sob o queixo dele. Ele me abraçou e disse:

— Agora é diferente, não estamos lutando contra os ianques, mas contra os nossos amigos. Mas lembre-se que, por piores que as coisas fiquem, eles continuam sendo nossos amigos e esta continua sendo a nossa casa.

Ciente de tudo isso, encarei Cecil Jacobs no pátio da escola na manhã seguinte e perguntei:

— Vai retirar o que disse, garoto?

— Quero ver você me obrigar! — ele berrou. — Meus pais disseram que o seu pai é uma vergonha e que aquele preto merece ser enforcado na caixa d'água!

Ameacei meter a mão nele, mas me lembrei do que Atticus tinha dito, baixei os punhos e saí andando com a frase "Scout é uma medrosa!" buzinando nos meus ouvidos. Era a primeira vez que eu abandonava uma briga.

De alguma forma, se eu brigasse com Cecil, Atticus ficaria decepcionado. Era tão raro ele pedir alguma coisa para Jem e para mim que valia a pena ser chamada de medrosa por ele. Fiquei cheia de sentimentos nobres por ter lembrado das palavras de Atticus e continuei nobre por três semanas. Então chegou o Natal e aconteceu o desastre.

Jem e eu tínhamos sentimentos conflitantes em relação ao Natal. O lado bom era a árvore de Natal e tio Jack Finch. Toda véspera de Natal, nós o encontrávamos na conexão de Maycomb e ele ficava uma semana conosco.

O lado ruim era o comportamento rígido de tia Alexandra e Francis.

Acho que eu devia incluir o marido dela, tio Jimmy, mas, como ele nunca falou comigo na vida a não ser para dizer "desça da cerca" uma vez, não via por que lhe dar atenção. Nem tia Alexandra. Anos antes, num ímpeto de intimidade, o casal gerou um filho chamado Henry, que saiu de casa assim que foi humanamente possível, casou-se e gerou Francis. Todo Natal, Henry e a esposa deixavam Francis na casa dos avós e iam aproveitar a vida.

Por mais que suspirássemos, não conseguíamos convencer Atticus a passar o Natal em casa. Passamos em Finch's Landing todos os Natais de que tenho memória. O fato de que tia Alexandra cozinhava bem era a única coisa que compensava ter de passar o feriado com Francis Hancock. Eu era um ano mais nova que Francis e evitava a presença dele por uma questão de princípio: Francis gostava de tudo de que eu não gostava e detestava as minhas ingênuas diversões.

Tia Alexandra era irmã de Atticus, mas quando Jem me contou sobre irmãos e troca de bebês na maternidade, resolvi que

ela tinha sido trocada ao nascer e que meus avós tinham ficado com uma Crawford em vez de uma Finch. Se eu tivesse cultivado ideias místicas a respeito de montanhas, que parecem ser uma obsessão de advogados e juízes, tia Alexandra seria equivalente ao monte Everest: durante toda a minha infância, ela foi uma presença fria e distante.

Quando tio Jack desembarcou do trem na véspera do Natal, tivemos de esperar o carregador trazer dois compridos pacotes. Jem e eu sempre achávamos engraçado quando tio Jack beijava papai no rosto; eles eram os únicos homens que já tínhamos visto fazendo isso. Tio Jack apertou a mão de Jem e me levantou alto, mas não muito, pois era mais baixo que Atticus. O caçula da família, era mais novo do que tia Alexandra. Os dois se pareciam, mas tio Jack fazia melhor uso do rosto dele: nunca tivemos medo de seu nariz e de seu queixo pontudo.

Ele era um dos poucos médicos que nunca me assustou, provavelmente porque nunca se comportava como um médico. Sempre que precisava fazer qualquer coisinha com Jem ou comigo, como retirar um espinho do pé da gente, dizia exatamente o que ia fazer, dava uma ideia do quanto ia doer e explicava para que servia cada instrumento que ia usar. Em um Natal, fiquei gemendo pelos cantos, com uma farpa enfiada no pé, sem deixar ninguém se aproximar de mim. Quando tio Jack me pegou, me fez rir sem parar contando a história de um padre que detestava tanto ir à igreja que todos os dias ficava no portão de casa, de batina, fumando narguilé e dando sermões de cinco minutos a todos que precisassem de conforto espiritual. Interrompi a história para perguntar a tio Jack quando ele ia tirar a farpa e ele me mostrou a pinça com uma lasca de madeira que tinha arrancado enquanto eu estava rindo. Isso era o que se chamava de relatividade.

— O que tem nesses pacotes? — perguntei a ele, apontando para os dois compridos embrulhos que o carregador tinha entregado.

— Não é da sua conta — ele respondeu.

Jem perguntou:

— Como vai Rose Aylmer?

Rose Aylmer era a gata de tio Jack. Era uma linda bichana amarela que, segundo ele, era um dos poucos seres do sexo feminino que ele conseguia aguentar de modo permanente. Tirou do bolso do paletó algumas fotos dela. Nós olhamos.

— Ela está ficando mais gorda — reconheci.

— É compreensível. Ela come todos os dedos e orelhas que amputamos no hospital.

— Que bosta nojenta! — exclamei.

— O que você disse? — perguntou tio Jack.

Atticus então avisou:

— Não dê atenção, Jack. Ela está testando você. Cal disse que ela está falando essas palavras de baixo calão há uma semana.

Tio Jack ergueu as sobrancelhas e não disse nada. Além da atração inerente àquelas palavras, eu estava colocando em prática a improvável teoria de que, se Atticus descobrisse que eu estava aprendendo palavrões na escola, não me deixaria mais ir.

Mas naquela noite, no jantar, quando pedi para tio Jack, por favor, me passar a droga do presunto, ele apontou o dedo para mim e disse:

— Depois do jantar vamos ter uma conversa, mocinha.

Quando o jantar terminou, tio Jack foi sentar-se na sala. Deu um tapinha nas pernas para que eu fosse me sentar em seu colo. Eu gostava do cheiro dele, parecia uma garrafa de álcool misturada com alguma coisa levemente doce. Ele afastou a minha franja e olhou para mim:

— Você parece mais com Atticus do que com sua mãe. E anda abusando um pouco das palavras.

— Acho que elas são bem adequadas.

— Gosta de falar droga e bosta, não é?

Confirmei.

— Bom, mas eu não gosto — disse tio Jack. — A não ser quando há um motivo muito sério para dizê-las. Vou passar uma semana aqui e não quero mais ouvir nenhuma palavra desse tipo. Se continuar falando assim, Scout, vai ter problemas. Você não quer crescer e ser uma moça educada?

Eu disse que não queria muito.

— Claro que quer. Agora, vamos cuidar da árvore.

Enfeitamos a árvore de Natal até a hora de dormir e aquela noite sonhei com os dois pacotes compridos para Jem e para mim. Na manhã seguinte, Jem e eu corremos até eles: eram os presentes que Atticus tinha pedido para tio Jack comprar, os presentes que tínhamos pedido.

— Não usem dentro de casa — recomendou Atticus, quando Jem fez pontaria num quadro na parede.

— Atticus, você vai ter que ensiná-los a atirar — disse tio Jack.

— Isso é serviço seu. Eu apenas aceitei o inevitável — disse Atticus.

Atticus teve de usar sua voz de tribunal para nos afastar da árvore de Natal. Ele nos proibiu de levar nossas espingardas de ar comprimido para Finch's Landing (eu já estava fazendo planos de atirar em Francis) e disse que, se fizéssemos alguma bobagem, ele guardaria as espingardas para sempre.

Finch's Landing consistia em trezentos e sessenta e seis degraus num costão íngreme que terminava no píer. Mais adiante, rio abaixo, ficavam os restos do antigo cais onde os escravos dos Finch embarcavam fardos e produtos de algodão e descarregavam blocos de gelo, sacos de farinha e açúcar, instrumentos agrícolas e roupas femininas. Uma estrada sulcada pelas rodas de madeira dos veículos saía da margem do rio e sumia no meio das árvores densas. No final dela, havia uma casa branca de dois andares com varandas no térreo e no andar de cima. Já idoso, nosso antepassado Simon Finch tinha construído a casa para agradar à esposa resmungona, mas aquelas varandas a tornavam diferente de todas as outras casas da época. A divisão interna mostrava a ingenuidade e a total confiança que Simon depositava nos filhos.

No andar de cima havia seis quartos, sendo quatro para as oito filhas, um para o filho único Welcome Finch e um para os parentes que fossem visitá-los. Até aí, nada demais, porém havia uma escada que só levava ao quarto das filhas e outra que levava apenas ao quarto de Welcome e das visitas. A escada do quarto das filhas ficava no quarto dos pais no andar térreo, assim Simon podia controlar as idas e vindas das moças durante a noite.

A cozinha era separada do resto da casa, ligada a ela por uma passarela de madeira; no quintal havia um sino enferrujado em um mastro que era usado para chamar os trabalhadores do campo ou para soar o alarme quando havia algum problema. No telhado havia uma pequena sacada chamada na região de "sacada de viúva", mas não tinha nenhuma viúva lá. Dali Simon supervisionava o supervisor, acompanhava os barcos no rio e espionava a vida dos proprietários ao redor.

Havia uma lenda sobre a casa: uma Finch que tinha acabado de ficar noiva tinha vestido todo o seu enxoval para que os invasores não o roubassem e ficou presa na escada do quarto das filhas. Foi preciso encharcar as roupas com água para ela conseguir passar. Quando chegamos a Finch's Landing, tia Alexandra e Francis beijaram tio Jack, mas tio Jimmy apertou a mão dele sem dizer nada. Jem e eu demos nossos presentes para Francis, que retribuiu com outro. Jem se achava com idade para ficar entre os adultos e deixou para mim a tarefa de fazer companhia ao nosso primo. Francis tinha oito anos e penteava o cabelo para trás com muita brilhantina.

— O que você ganhou de Natal? — perguntei, educada.

— Ganhei o que pedi — respondeu ele. Francis tinha pedido bombachas, um porta-livros de couro vermelho, cinco

camisas e uma gravata-borboleta.

— Que ótimo — menti. — Jem e eu ganhamos espingardas de ar comprimido. Jem ganhou também um estojo de química…

— De brinquedo, claro.

— Não, de verdade. Ele vai fazer tinta invisível para eu escrever para Dill.

Francis perguntou qual era a graça disso.

— Bom, já pensou na cara dele quando receber uma carta minha sem nada escrito? Vai ficar maluco.

Conversar com Francis era como afundar lentamente até o fundo do oceano. Era o garoto mais chato que eu já tinha conhecido. Como morava em Mobile, não podia me dedurar para os diretores da escola, mas contava tudo o que sabia para tia Alexandra, que, por sua vez, contava tudo para Atticus, que ou esquecia o que tinha ouvido ou me dava uma bronca, dependendo do caso. Mas a única vez que vi Atticus ser ríspido com alguém foi quando tia Alexandra comentou que eu só andava de macacão e ele disse: — Minha irmã, faço por eles o melhor que posso!

Tia Alexandra era obcecada pelas minhas roupas. Como eu podia querer um dia ser uma mulher elegante usando suspensórios masculinos? Quando eu disse que usando vestido eu não conseguia fazer nada, ela retrucou que eu não devia fazer nada que exigisse calças compridas. Para ela, eu devia brincar de comidinha, servir chá num aparelho em miniatura e usar o pequeno colar de pérolas que ela me deu quando nasci. Além disso, eu deveria ser um raio de sol na vida solitária do meu pai. Respondi que qualquer pessoa podia ser um raio de sol mesmo usando calças compridas, mas minha tia disse que eu tinha de me comportar como um raio de sol também, que eu tinha nascido uma boa menina, mas ia piorando a cada ano. Ela me ofendeu e me deixou muito irritada, mas, quando contei a Atticus, ele disse que na família já tinha muito raio de sol e que eu podia continuar do jeito que era, que estava bom para ele.

Na ceia de Natal, sentei sozinha numa mesinha à parte na sala de jantar; Jem e Francis ficaram na mesa dos adultos. Tia Alexandra continuava a me isolar mesmo muito tempo depois que eles já tinham ido para a mesa grande. Eu me perguntava o que ela achava que eu ia fazer: será que achava que eu ia me levantar e atirar alguma coisa? Algumas vezes eu pensava em pedir que ela me deixasse ficar na mesa grande só uma vez, e eu ia mostrar como sabia ser civilizada. Afinal de contas, em casa sempre comia à mesa sem maiores incidentes. Quando implorei a Atticus para usar sua influência, ele disse que não podia fazer nada; éramos convidados e tínhamos de sentar onde ela mandasse. Ele disse também que tia Alexandra não entendia muito de meninas, pois não teve filhas.

Mas as comidas que ela fazia compensavam tudo: três tipos de carne, legumes de verão em conserva que ela guardava na despensa, pêssegos em calda, dois tipos de bolo e ambrosia foram nosso nada modesto jantar natalino. Depois, os adultos foram para a sala de estar, e ficaram sentados meio empanturrados. Jem estirou-se no chão e eu fui para o quintal.

— Vista o casaco — disse Atticus, distraído, e eu não dei atenção.

Francis sentou-se ao meu lado na escada dos fundos.

— Essa foi a melhor ceia de todas — elogiei.

— A vovó é uma grande cozinheira, ela vai me ensinar — contou Francis.

— Meninos não cozinham.

Ri só de pensar em Francis de avental.

— Vovó diz que todo homem devia saber cozinhar, que os homens têm de ser gentis com as mulheres e cuidar delas quando elas não se sentem bem — disse meu primo.

— Não quero que Dill cuide de mim. Prefiro cuidar dele — eu disse.

— Dill?

— É. Não conte para ninguém, mas vamos nos casar assim que tivermos idade para isso. Ele pediu minha mão no verão passado.

Francis zombou.

— Qual é o problema? Não tem nada de errado com ele — afirmei.

— Você está falando naquele tampinha que a vovó disse que passa o verão com a srta. Rachel?

— Exatamente.

— Sei tudo sobre ele — disse Francis.

— Sabe o quê? — perguntei.

— A vovó diz que ele não tem casa…

— Tem sim, ele mora em Meridian.

— … ele passa de um parente para outro e a srta. Rachel fica com ele no verão.

— Francis, isso não é verdade!

Ele deu um sorriso maldoso.

— Você às vezes é muito burra, Jean Louise. Mas acho que não tem muito jeito mesmo.

— O que você quer dizer com isso?

— Se tio Atticus deixa você andar por aí com qualquer um, é problema dele, como diz vovó, não é culpa sua. E acho que também não tem culpa se tio Atticus adora pretos, mas saiba que ele envergonha a família inteira…

— Francis, do que diabos você está falando?

— É isso mesmo. Vovó diz que já não basta vocês serem criados soltos por aí, agora ele também virou amigos dos pretos e nunca mais vamos poder andar pelas ruas de Maycomb. Ele está simplesmente arruinando a nossa família…

Francis se levantou e passou rápido pela passarela em direção à velha cozinha. Quando estava a uma boa distância, berrou:

— Ele adora preto.

— Não é nada disso! Não sei do que você está falando, mas é melhor parar com isso já! — rosnei.

Levantei da escada num pulo e corri pela passarela. Foi fácil pegar Francis. Mandei-o retirar o que tinha dito imediatamente.

Mas ele se soltou e foi se esconder na cozinha.

— Adora preto! — berrou.

Quando a gente quer pegar uma presa, é melhor não ter pressa. É só ficar em silêncio que a presa fica curiosa e, tão certo quanto dois e dois são quatro, sai do esconderijo. Francis surgiu na porta da cozinha.

— Ainda está com raiva, Jean Louise? — perguntou, hesitante.

— Um pouco — respondi.

Francis foi até a passarela.

— Vai retirar o que disse, Fran… Francis?

Mas me precipitei. Francis voltou correndo para a cozinha e tive de voltar para a escada. Eu podia esperar, pacientemente. Estava lá havia uns cinco minutos quando tia Alexandra perguntou:

— Onde está Francis?

— Na cozinha.

— Ele sabe que não é para brincar lá.

Francis veio até a porta e gritou:

— Vovó, ela me obrigou a entrar aqui e não me deixa sair!

— Que história é essa, Jean Louise?

Olhei para tia Alexandra.

— Não obriguei ele a ir até lá, muito menos estou prendendo ele na cozinha.

— Está sim, ela não me deixa sair! — berrou Francis.

— Vocês estavam brigando?

— A Jean Louise ficou com raiva de mim, vovó — disse Francis.

— Francis, saia já daí! Jean Louise, se eu souber que você aprontou mais alguma, conto para o seu pai. Eu ouvi você dizer "droga" agora mesmo?

— Não.

— Pensei que tivesse ouvido. Espero que isso não se repita.

Tia Alexandra era do tipo que escutava atrás das portas. Assim que ela foi embora, Francis apareceu todo orgulhoso e sorridente.

— Não mexa comigo — ele disse.

Foi para o quintal e começou a chutar a grama; de vez em quando, se virava para mim e sorria. Jem apareceu na varanda, olhou para nós e foi embora. Francis subiu no pé de mimosa, desceu, enfiou as mãos nos bolsos e andou pelo quintal.

— Ah! — exclamou.

Perguntei quem ele pensava que era, o tio Jack? Francis retrucou que a avó tinha mandado eu ficar quieta e não mexer com ele.

— Não estou mexendo com você — eu disse.

Francis me olhou atentamente, concluiu que eu estava derrotada e cantarolou baixinho:

— Adora preto…

Dessa vez, dei um soco com toda a força na boca dele. Com a mão esquerda inutilizada, comecei a socar com a direita, mas tive de parar. Tio Jimmy segurou meus braços e disse:

— Chega!

Tia Alexandra acudiu Francis, enxugando as lágrimas dele com um lenço, passando a mão nos cabelos, fazendo carinho no rosto dele. Quando Francis começou a chorar, Atticus, Jem e tio Jimmy vieram para a varanda dos fundos.

— Quem começou? — perguntou tio Jack.

Francis e eu apontamos um para o outro.

— Vovó, ela me chamou de prostituta e me atacou! — berrou Francis.

— É verdade, Scout? — perguntou tio Jack.

— Acho que sim.

Tio Jack olhou para mim com uma cara igual à de tia Alexandra.

— Lembra que eu disse que, se você usasse palavras assim, ia se meter em confusão? Eu não disse?

— Disse, mas…

— Pois se meteu em confusão. Não saia daí.

Eu estava tentando decidir se obedecia ou corria, mas demorei muito pensando: quando finalmente me virei para correr, tio Jack foi mais rápido. De repente, me vi olhando para uma formiguinha na grama carregando uma migalha de pão.

— Nunca mais falo com você! Detesto você, odeio você, quero que morra amanhã!

Minhas ameaças pareceram incentivar tio Jack. Busquei consolo em Atticus, mas ele disse que eu tinha provocado e que estava mais do que na hora de irmos para casa. Entrei no banco de trás do carro sem me despedir de ninguém e, quando chegamos em casa, corri para o meu quarto e bati a porta. Jem tentou me consolar, mas não deixei.

Ao conferir os danos, vi que tinha só umas sete ou oito marcas nos braços e estava pensando na relatividade das coisas quando alguém bateu à porta. Perguntei quem era. Tio Jack.

— Vá embora!

Tio Jack disse que, se eu falasse daquela maneira, apanhava de novo. Então, fiquei quieta. Quando ele entrou no quarto, fui para um canto e me virei de costas.

— Scout, você ainda está com raiva de mim?

— Saia, por favor.

— Não pensei que fosse ficar zangada comigo — ele disse. — Estou desapontado, você sabe que mereceu.

— Não fiz nada.

— Querida, você não pode sair por aí xingando as pessoas…

— Você foi injusto — eu disse. — Injusto.

Tio Jack franziu o cenho.

— Injusto? Como?

— Você é muito legal, tio Jack, e gosto de você mesmo depois do que fez, mas não entende muito de criança.

Tio Jack pôs as mãos na cintura e olhou para mim.

— E por que não entendo de criança, srta. Jean Louise? Não preciso entender muito para saber o que você fez. Fo rebelde, desobediente e mal-educada.

— Vai me deixar falar? Não quero ser respondona, só quero explicar.

Tio Jack sentou-se na cama. As sobrancelhas dele se juntaram e ele me olhou sério.

— Vá em frente — ele disse.

Respirei fundo.

— Bom, em primeiro lugar, você não deixou eu contar o meu lado da história, foi logo me batendo. Quando Jem e eu brigamos, Atticus nunca ouve só o lado dele, ouve o meu também. Em segundo lugar, você disse para eu nunca usar palavrão, a não ser quando fosse provocada, e Francis me provocou tanto que merecia que eu o socasse…

Tio Jack coçou a cabeça.

— E qual é o seu lado da história, Scout?

— Francis não quis retirar o que disse sobre Atticus.

— O que ele disse?

— Que Atticus adora preto. Não sei direito o que isso quer dizer, mas o jeito que ele falou… Vou dizer uma coisa, tio Jack… juro por Deus, não vou deixar ninguém falar nada de Atticus.

— Ele disse isso sobre Atticus?

— Disse. E tem mais: disse que Atticus é a ruína da família, que deixa Jem e eu soltos por aí feito uns selvagens…

Pela cara de tio Jack, achei que eu fosse levar outra surra, mas quando ele disse "Vamos dar um jeito nisso", vi que Francis era quem precisava se cuidar.

— Acho que vou à casa de Alexandra esta noite.

— Por favor, tio, deixa essa história para lá. Por favor.

— Não tenho a menor intenção de deixar. Alexandra precisa saber disso. Só de pensar que… espera até eu botar as mãos naquele garoto…

— Por favor, tio Jack, me prometa uma coisa. Prometa que não vai contar nada para Atticus. Ele me pediu uma vez para eu não deixar nada que falassem sobre ele me tirar do sério. Prefiro que ele pense que Francis e eu estávamos brigando por outra

coisa. Por favor, prometa…

— Mas não gosto da ideia de Francis se dar bem nessa história…

— Ele já se deu mal. Você pode dar um jeito na minha mão? Ainda está sangrando um pouco.

— Claro, querida. Não tem nenhuma outra mão da qual eu queira mais cuidar. Pode me acompanhar?

Tio Jack fez uma reverência para mim e me levou até o banheiro. Enquanto limpava minha mão e fazia curativos, ele me distraiu com a história de um velhinho míope e engraçado, que tinha um gato chamado Hodge e que contava todas as rachaduras na calçada quando ia à cidade.

— Pronto. Você vai ficar com uma cicatriz nem um pouco feminina no dedo da aliança de casamento.

— Muito obrigada. Tio, posso perguntar uma coisa?

— Pois não.

— O que é uma prostituta?

Tio Jack começou outra longa história, dessa vez sobre um velho primeiro-ministro que ficava na Câmara dos Comuns soprando penas para o alto e tentando mantê-las no ar enquanto à sua volta todos os homens estavam perdendo a cabeça. Acho que tio Jack estava tentando responder a minha pergunta, mas não entendi nada.

Mais tarde, quando eu já devia estar na cama, passei pelo corredor para beber água e ouvi Atticus e tio Jack na sala.

— Nunca vou me casar, Atticus.

— Por quê?

— Porque posso ter filhos.

— Você ainda tem muito o que aprender, Jack — disse Atticus.

— Eu sei. Sua filha me deu minha primeira lição hoje. Disse que não entendo de criança e explicou por quê. Ela tem razão Atticus, disse o que eu devia ter feito… ah, meu Deus, me arrependo tanto de ter batido nela.

Atticus riu.

— Ela mereceu, então não fique com remorso.

Esperei, ansiosa, com medo de tio Jack contar o meu lado da história. Mas ele apenas resmungou:

— Ela usa palavras de baixo calão, mas não sabe o significado delas. Hoje me perguntou o que é uma prostituta…

— E você explicou a ela?

— Não, contei aquela história de lorde Melbourne.

— Jack! Quando uma criança pergunta alguma coisa, você precisa responder, pelo amor de Deus. Mas sem exagerar. Crianças são crianças, mas elas percebem uma evasiva mais rápido que os adultos e ficam confusas. Hoje à tarde você deu a resposta certa — avaliou meu pai —, mas pelas razões erradas. Falar palavrões é uma fase pela qual todas as crianças passam, e com o tempo desaparece, quando elas percebem que não estão conseguindo chamar a atenção. Já o pavio curto é outra coisa. Scout precisa aprender a se controlar, e precisa aprender logo, considerando o que vai enfrentar nos próximos meses. Mas ela tem se esforçado. Jem está amadurecendo e ela segue bastante o exemplo dele. Às vezes, só precisa de um pouco de ajuda.

— Atticus, você nunca bateu nela — lembrou tio Jack.

— É verdade. Até agora, só precisei ameaçar. Mas Scout me obedece como pode. Não faz exatamente o que deveria, mas tenta.

— Essa não é a questão — disse tio Jack.

— Não, a questão é que ela sabe que eu sei que ela tenta. E é isso que importa. O que me preocupa é que ela e Jem vão ter que lidar com muitas coisas ruins em breve. Não me preocupo com Jem, ele sabe se controlar, mas Scout pode pular no pescoço de alguém se achar que sua honra foi atacada…

Pensei que tio Jack ia quebrar a promessa que tinha feito. Mas ele não disse nada.

— Atticus, quão ruim é esse caso? Ainda não tivemos oportunidade de falar sobre isso.

— Não poderia ficar pior, Jack. Só temos a palavra de um negro contra a dos Ewell. As provas se resumem a "você fez" contra "não fiz". O júri certamente não vai aceitar a palavra de Tom Robinson contra a dos Ewell. Sabe quem são eles?

Tio Jack disse que sim, que se lembrava deles. Descreveu-os para Atticus, que disse:

— Você está atrasado uma geração. Mas eles continuam os mesmos.

— Então, o que você vai fazer?

— Antes de terminar a defesa, pretendo sacudir um pouco o júri... Mas acho que temos uma boa chance de apelação. A essa altura, não sei, Jack. Gostaria de nunca enfrentar um caso assim na vida, mas John Taylor apontou o dedo para mim e disse: "Você vai fazer a defesa."

— Você preferia não ter que fazer isso, não é?

— É. Mas depois não teria coragem de encarar os meus filhos. Você sabe o que vai acontecer tanto quanto eu, e espero que Jem e Scout passem por isso sem sofrimento e principalmente sem pegar essa doença tão comum em Maycomb. Como pessoas razoáveis ficam possessas quando se trata de qualquer coisa relacionada com um negro eu nunca vou entender... Só espero que Jem e Scout venham me procurar quando quiserem respostas em vez de ficarem dando ouvidos ao que se fala pela cidade. E que confiem em mim... Jean Louise?

Meus cabelos ficaram em pé. Enfiei a cabeça na porta.

— Sim?

— Vá dormir.

Corri para o meu quarto e deitei na cama. Tio Jack tinha sido um cavalheiro por não me desapontar. Mas nunca descobri como Atticus sabia que eu estava escutando, e só muitos anos depois compreendi que ele queria que eu ouvisse cada palavra.

10

Atticus tinha ficado fraco, estava com quase cinquenta anos. Quando Jem e eu perguntamos por que ele era tão velho, ele disse que tinha começado tarde, e concluímos que isso comprometia a capacidade e a virilidade dele. Atticus era muito mais velho que os pais dos nossos colegas na escola e tínhamos de ficar quietos quando eles contavam vantagem: "O meu pai faz..."

Jem era louco por futebol. Atticus estava sempre disposto a defender os chutes que ele dava, mas quando Jem queria que eles disputassem a bola, Atticus dizia:

— Estou velho demais para isso, filho.

Atticus não fazia nada. Trabalhava num escritório, e não numa farmácia. Não era motorista do caminhão de lixo do condado, não era xerife, não trabalhava no campo, não era mecânico, nem fazia nada que alguém pudesse admirar.

Além disso, usava óculos. Era quase cego do olho esquerdo, o que ele considerava a maldição hereditária dos Finch. Quando queria enxergar bem alguma coisa, virava a cabeça e olhava com o direito.

Ele não fazia as coisas que os pais dos nossos colegas de escola faziam: não caçava, não jogava pôquer, não pescava, não bebia nem fumava. Só ficava sentado na sala e lia.

Mesmo assim, ele não passava tão despercebido quanto gostaríamos: naquele ano, a escola fervilhava de comentários sobre ele por estar defendendo Tom Robinson, e nenhum era elogioso. Depois da minha briga com Cecil Jacobs, quando passei a me comportar como uma covarde, começou a correr o boato de que Scout Finch não brigava mais, o pai tinha proibido. Não era bem assim: eu não brigava em público por causa de Atticus, mas a família era um terreno privado, e eu brigaria com unhas e dentes com quem quer que fosse, de primo de terceiro grau em diante. Francis Hancock, por exemplo, sabia disso.

Quando nos deu os rifles de ar comprimido, Atticus não quis nos ensinar a atirar. Mas tio Jack nos mostrou os princípios básicos e explicou que nosso pai não gostava de armas. Um dia, Atticus disse a Jem:

— Preferia que você atirasse em latas no quintal, mas sei que vai atrás dos passarinhos. Atire em todos os gaios que quiser, se conseguir acertá-los, mas lembre-se: é pecado matar – um rouxinol.

Foi a única vez que ouvi Atticus dizer que alguma coisa era pecado e comentei com a Srta. Maudie.

— Seu pai tem razão. O rouxinol não faz nada além de cantar para o nosso deleite. Não destrói jardins, não faz ninho nos milharais, ele só canta. Por isso é um pecado matar um rouxinol.

— Srta. Maudie, nossa vizinhança é bem velha, não é?

— É, é mais velha do que a cidade.

— Não, eu quis dizer que as pessoas na nossa rua são velhas. Jem e eu somos as únicas crianças por aqui. A sra. Dubose tem quase cem anos, a srta. Rachel está velha, você e papai também.

— Não acho que cinquenta anos seja muito velha — disse a srta. Maudie, ríspida. — Não estou andando de cadeira de rodas, estou? Seu pai também não. Mas tenho de admitir que a providência divina foi generosa comigo ao incendiar aquele velho mausoléu onde eu morava; estou muito velha para cuidar de uma casa daquelas. Acho que tem razão, Jean Louise, as pessoas aqui são mesmo velhas. Você não convive muito com pessoas mais novas, não é?

— Só na escola.

— Eu quis dizer jovens adultos. Sorte sua, sabe. É uma vantagem você e Jem terem um pai mais velho. Se ele tivesse trinta anos, sua vida seria bem diferente.

— Seria mesmo. Atticus não sabe fazer nada…

— Você provavelmente ficaria surpresa, mas ele ainda tem muita energia — anunciou a srta. Maudie.

— O que ele sabe fazer?

— Bom, ele escreve um testamento tão perfeito que ninguém consegue achar uma brecha.

— Aaah…

— Bem, você sabia que ele é o melhor enxadrista da cidade? Pois lá em Finch's Landing, quando éramos jovens, Atticus Finch vencia todos os jogadores das duas margens do rio.

— Céus, srta. Maudie, Jem e eu sempre ganhamos dele no xadrez.

— Pois fique sabendo que vocês ganham porque ele deixa. Sabia que ele toca harpa de boca?

Esse modesto talento me deu ainda mais vergonha dele.

— Bom… — ela avaliou.

— Bom o quê, srta. Maudie?

— Nada, nada. Achei que ao saber disso você ia se orgulhar dele. Nem todo mundo sabe tocar harpa de boca. Agora, saia do caminho dos carpinteiros. É melhor você ir para sua casa, vou cuidar das azáleas e não posso te vigiar. Pode despencar uma tábua em cima de você.

Fui para o quintal de casa e encontrei Jem atirando numa lata, o que achei uma bobagem com tanto passarinho voando por ali. Fui para o jardim e passei duas horas montando uma barricada na lateral da varanda: um pneu, um caixote de laranja, o cesto de roupa suja, as cadeiras da varanda e uma bandeirinha dos Estados Unidos que Jem recortou de uma caixa de pipocas.

Quando Atticus chegou do trabalho, eu estava agachada fazendo pontaria no outro lado da rua.

— Qual é o seu alvo, Scout?

— O traseiro da srta. Maudie.

Papai virou-se e viu meu volumoso alvo debruçado sobre as moitas. Ele empurrou o chapéu para trás e atravessou a rua.

— Maudie, achei melhor vir avisar que você corre perigo — ele disse.

A srta. Maudie se empertigou e olhou para mim. Disse:

— Atticus, você é um demônio dos infernos.

Atticus voltou e me mandou acabar com a barricada.

— Não quero mais que aponte essa espingarda para ninguém — ele disse.

Gostaria que meu pai fosse um demônio dos infernos e fui consultar Calpúrnia.

— O que o sr. Finch sabe fazer? Ora, milhões de coisas.

— O que, por exemplo?

Calpúrnia coçou a cabeça.

— Bom, agora não lembro.

Jem sublinhou esse fato quando perguntou se papai ia participar do jogo dos metodistas e Atticus respondeu que podia dar um jeito na coluna, estava muito velho para jogar futebol. Os metodistas queriam pagar a hipoteca da igreja e desafiaram os batistas para um amistoso. Os pais de todo mundo na cidade iam jogar, menos Atticus. Jem disse que não queria ir, mas não resistia a nenhum tipo de futebol e ficou na lateral do campo, desanimado, com Atticus e eu, enquanto o pai de Cecil Jacobs fazia *touchdowns* para os batistas.

Num sábado, Jem e eu resolvemos sair com nossas espingardas para ver se achávamos um coelho ou um esquilo. Uns quinhentos metros depois da casa dos Radley, notei que Jem estava olhando para algo na rua. Ele tinha inclinado a cabeça de lado e estava olhando com o canto do olho esquerdo.

— O que você está olhando?

— Aquele cachorro velho lá embaixo — ele respondeu.

— É o velho Tim Johnson, não é?

— É.

Tim Johnson era o cachorro do sr. Harry Johnson, o motorista do ônibus de Mobile que morava no sul da cidade. Tim era um cachorro castanho, ótimo passarinheiro, e estimado por todos em Maycomb.

— O que ele está fazendo?

— Não sei, Scout. É melhor irmos para casa.

— Ah, Jem, estamos em fevereiro, não é mês de cachorro louco.

— Não interessa, vou chamar a Cal.

Corremos para casa e fomos para a cozinha.

— Cal, pode ir com a gente ali na calçada um instante? — perguntou Jem.

— Para quê? Não posso ir até a calçada toda hora.

— Tem algo errado com um cachorro velho lá longe.

Calpúrnia deu um suspiro.

— Não posso fazer curativo em pata de cachorro agora. Tem gaze no banheiro, pega lá e faz você.

Jem balançou a cabeça.

— Ele está doente, Cal. Tem algo errado com ele.

— O que ele está fazendo? Tentando morder o rabo?

— Não, ele está fazendo assim.

Jem abriu e fechou a boca como um peixe de aquário, encolheu os ombros e contorceu-se:

— Ele está se mexendo assim, mas parece que não quer fazer isso.

— Você está inventando história, Jem Finch? — Calpúrnia endureceu a voz.

— Não, Cal, juro que não.

— Ele está correndo?

— Não, está andando devagar, bem devagar. Vem vindo para cá.

Calpúrnia lavou as mãos e foi para o jardim atrás de Jem.

— Não estou vendo nenhum cachorro — ela disse.

Ela nos seguiu até depois da casa dos Radley e olhou para onde Jem apontava. Tim Johnson era pouco mais do que uma mancha ao longe, mas estava se aproximando. Ele andava meio desequilibrado, como se as patas da direita fossem menores do que as da esquerda. Parecia um carro atolado num banco de areia.

— Ele está andando torto — disse Jem.

Calpúrnia olhou bem, depois nos agarrou pelos ombros e nos puxou para casa. Fechou a porta, pegou o telefone e pediu à telefonista, bem alto:

— Preciso falar com o escritório do sr. Finch!

— Sr. Finch, aqui é a Cal — disse, quando ele atendeu. — Juro por Deus que tem um cachorro louco na rua… está vindo para cá, sim, senhor… Sr. Finch, tenho certeza… É o velho Tim Johnson, sim, senhor… sim... sim.

Ela desligou o telefone e balançou a cabeça quando perguntamos o que Atticus tinha dito. Depois, bateu no gancho do telefone e pediu:

— Srta. Eula May, já falei com o sr. Finch, não precisa ligar de novo; será que pode ligar para a srta. Rachel e para a srta. Stephanie e para todo mundo que tem telefone nessa rua e avisar que um cachorro louco vem andando para cá? Por favor!

Calpúrnia ficou ouvindo a telefonista e retrucou:

— Eu sei que estamos em fevereiro, srta. Eula May. Mas reconheço um cachorro louco quando vejo um. Por favor, rápido!

Calpúrnia perguntou a Jem:

— Os Radley têm telefone?

Jem procurou na agenda e respondeu que não.

— De todo jeito, eles não saem de casa, Cal.

— Não importa, vou avisar.

Ela correu para a varanda, e Jem e eu fomos atrás:

— Vocês fiquem em casa! — ela gritou.

A vizinhança tinha recebido o recado de Calpúrnia. Todas as portas de madeira estavam fechadas. E nem sinal de Tim Johnson. Calpúrnia correu até a casa dos Radley, segurando a saia e o avental acima dos joelhos. Subiu a escada da frente e bateu na porta. Ninguém atendeu, então ela gritou:

— Sr. Nathan, sr. Arthur, tem um cachorro louco vindo para cá! Um cachorro louco está vindo!

— Ela devia ir para os fundos da casa — sugeri.

Jem balançou a cabeça.

— Agora, não faz diferença.

Calpúrnia bateu na porta, em vão. Dava a impressão de que ninguém tinha ouvido o aviso dela.

Quando ela saiu correndo para a varanda dos fundos, um Ford preto chegou na nossa entrada de garagem. Atticus e o sr. Heck Tate saltaram dele.

O sr. Heck Tate era o xerife de Maycomb. Era alto como Atticus, porém mais magro. Tinha o nariz comprido, usava botas com reluzentes ilhoses de metal, calças de montaria e jaqueta xadrez. Tinha balas de revólver no cinturão. E carregava um rifle pesado. Quando os dois chegaram na varanda, Jem abriu a porta de casa.

— Fique dentro de casa, filho. Onde ele está, Cal? — perguntou Atticus.

— Já devia ter chegado — Calpúrnia respondeu, apontando para a rua.

— O cachorro está vindo devagar, não é? — perguntou o sr. Tate.

— Sim, senhor, está naquela fase que fica se contorcendo, sr. Heck.

— Vamos atrás dele, Heck? — perguntou Atticus.

— É melhor esperarmos, sr. Finch. Cachorro louco costuma andar em linha reta, mas nunca se sabe. Espero que ele siga a curva da rua, senão vai dar direto no quintal dos Radley. Vamos aguardar um pouco.

— Acho que ele não vai entrar no quintal dos Radley, não vai conseguir passar pela cerca. Ele provavelmente vai seguir pela rua… — disse Atticus.

Eu pensava que cachorros loucos babavam, corriam, pulavam e mordiam o pescoço das pessoas e que só apareciam em agosto. Ficaria mais calma se Tim Johnson tivesse agido dessa forma.

Nada é tão assustador quanto uma rua deserta, à espera. As árvores não se mexiam, os pássaros não cantavam, os carpinteiros da casa da srta. Maudie tinham sumido. Ouvi o sr. Tate fungar e assoar o nariz. Depois, apoiou o rifle no braço. Vi o rosto da srta. Stephanie Crawford emoldurado na janela da frente. A srta. Maudie apareceu ao lado dela. Atticus apoiou o

pé na trave de uma cadeira e passou a mão lentamente pela coxa.

— Lá vem ele — avisou baixinho.

Tim Johnson apareceu, andando sem rumo pela rua, no lado da curva paralelo à casa dos Radley.

— Olha só para ele — cochichou Jem para mim. — O sr. Heck disse que cachorro louco anda em linha reta, mas ele mal consegue permanecer na rua.

— Ele parece muito doente — constatei.

— Se alguma coisa passar na frente, ele ataca.

O sr. Tate pôs a mão na testa e se inclinou para a frente.

— Ele está louco mesmo, Sr. Finch.

Tim Johnson vinha desnorteado, sem brincar nem cheirar as plantas, parecia que tinha uma meta e era controlado por uma força invisível que o mandava na nossa direção. Podíamos vê-lo estremecer como um cavalo espantando moscas; abria e fechava a boca, mas vinha na nossa direção.

— Ele está procurando um lugar para morrer — disse Jem.

O sr. Tate virou-se para nós:

— Ele não vai morrer, Jem, longe disso.

Tim Johnson chegou à rua lateral que passava em frente à casa dos Radley e, com o que lhe restava de discernimento, pareceu decidir que direção ia tomar. Deu alguns passos hesitantes e parou diante do portão dos Radley. Então tentou dar meia-volta, mas não conseguiu.

Atticus disse:

— Ele está na linha de tiro, Heck. É melhor abatê-lo logo, antes que entre na rua lateral, sabe Deus quem pode estar lá agora. Entre em casa, Cal.

Calpúrnia abriu a porta telada, trancou-a, abriu de novo e ficou com a mão no trinco. Tentou colocar o corpo na frente de Jem e eu, mas nós olhamos por baixo dos braços dela.

— Atire nele, sr. Finch.

O sr. Tate entregou o rifle para Atticus. Jem e eu quase desmaiamos.

— Não perca tempo, Heck. Atire — disse Atticus.

— Sr. Finch, tem que ser um tiro certeiro.

Atticus balançou a cabeça, firme:

— Não fique aí parado, Heck! O cachorro não vai esperar o dia todo...

— Pelo amor de Deus, sr. Finch, olhe onde ele está! Se eu errar o tiro, ele vai entrar direto na casa dos Radley! Você sabe que não sou bom atirador.

— Há trinta anos não pego numa arma…

O sr. Tate quase jogou o rifle em cima de Atticus:

— Confio mais na sua pontaria — ele disse.

Atordoados, Jem e eu vimos nosso pai pegar o rifle e ir para o meio da rua. Ele andava rápido, mas para mim parecia alguém nadando embaixo d'água: o tempo transcorria com uma lentidão torturante.

Quando Atticus tirou os óculos, Calpúrnia murmurou:

— Meu bom Jesus, ajude esse homem — e pôs as mãos no rosto.

Atticus colocou os óculos na testa, mas eles escorregaram e caíram na rua. No silêncio, ouvi as lentes se quebrarem. Atticus coçou os olhos e o queixo, aguçou a vista.

Tim Johnson estava no portão dos Radley e, com o que lhe restava das ideias, decidiu o que fazer. Ia finalmente retomar a

rota original e subir a nossa rua. Deu dois passos para a frente, então parou e levantou a cabeça. Seu corpo se enrijeceu.

Com movimentos tão rápidos que pareceram simultâneos, Atticus apoiou o rifle no ombro e atirou.

O rifle rangeu. O corpo de Tim Johnson deu um solavanco, se revirou e caiu na calçada, um monte de carne marrom e branca. Ele nem viu o que o atingiu.

O sr. Tate pulou da varanda e correu para a casa dos Radley. Parou na frente do cachorro, agachou-se, virou para trás e bateu com o dedo na testa sobre o olho esquerdo.

— Seu tiro acertou um pouco à direita, sr. Finch.

— Minha pontaria sempre foi assim — concordou Atticus. — Eu preferia usar uma espingarda.

Ele se abaixou para pegar os óculos no chão, triturou a lente quebrada com a sola do sapato, foi até o sr. Tate e ficou observando o corpo de Tim Johnson.

As portas das casas foram se abrindo uma por uma e, aos poucos, tudo voltou à vida. A srta. Maudie desceu a escada com a srta. Stephanie Crawford.

Jem estava paralisado. Belisquei-o para que ele se mexesse, mas, quando Atticus nos viu saindo de casa, ordenou:

— Fiquem onde estão.

Quando o sr. Tate e Atticus voltaram para o nosso jardim, o sr. Tate estava sorrindo.

— Vou mandar Zeebo recolher o corpo — disse ele. — Ainda está com boa pontaria, sr. Finch. Dizem que isso a pessoa nunca perde.

Atticus ficou calado.

— Atticus — chamou Jem.

— Sim?

— Nada.

— Eu vi, Finch-tiro-certeiro!

Atticus virou-se e deu de cara com a srta. Maudie. Os dois se olharam sem dizer nada e Atticus entrou no carro do xerife.

— Venha cá — disse para Jem. — Não quero que cheguem perto do cachorro, entendeu? Ele é tão perigoso morto quanto vivo.

— Está bem. Atticus… — Jem começou a dizer.

— O que é, filho?

— Nada.

— O que houve com você, menino, perdeu a fala? — perguntou o sr. Tate, sorrindo para Jem. — Você não sabia que o seu pai…

— Não diga nada, Heck. Vamos voltar para a cidade — disse Atticus.

Quando foram embora, Jem e eu fomos para a escada da srta. Stephanie e ficamos esperando Zeebo aparecer com o caminhão de lixo.

Jem estava confuso e a srta. Stephanie perguntou:

— Ai, ai, ai, quem ia pensar que um cachorro louco ia aparecer em fevereiro? Vai ver que não estava louco, só parecia louco. Não quero nem ver a cara de Harry Johnson quando chegar de Mobile e souber que Atticus Finch matou o cachorro dele. Vai ver que o cão só estava cheio de pulgas…

A srta. Maudie disse que a srta. Stephanie não ia dizer isso se Tim Johnson ainda estivesse andando pela rua, que descobririam logo o que o cachorro tinha, porque mandariam a cabeça dele para ser examinada em Montgomery.

Jem conseguiu se manifestar, meio desconexo.

— Você viu, Scout? Viu ele parado lá? De repente, ele ficou calmo, parecia que a arma era uma extensão do corpo dele… Foi tão rápido… Eu preciso fazer dez minutos de pontaria para acertar alguma coisa…

A srta. Maudie deu um sorriso malicioso.

— Então, srta. Jean Louise, ainda acha que seu pai não sabe fazer nada? Ainda tem vergonha dele? — perguntou.

— Não — respondi, envergonhada.

— Esqueci de dizer no outro dia que, além de tocar harpa de boca, Atticus Finch era o tiro mais certeiro do condado de Maycomb.

— Tiro certeiro... — repetiu Jem.

— Isso mesmo, Jem Finch. Acho que agora você vai mudar de opinião. Aliás, sabia que, quando era jovem, o apelido dele era Tiro Certeiro? Lá em Finch's Landing, quando ele era garoto, se desse quinze tiros e acertasse catorze pombos, reclamava que tinha desperdiçado munição.

— Ele nunca falou sobre isso — resmungou Jem.

— Nunca, não é?

— Não, senhora.

— Não sei por que ele não caça mais — eu disse.

— Acho que eu sei — disse a srta. Maudie. — Se o pai de vocês tem alguma qualidade, é o bom coração. Atirar bem é um dom divino, um talento, precisa praticar para se aperfeiçoar, mas atirar é diferente de tocar piano ou coisas assim. Acho que ele deixou a espingarda de lado quando viu que Deus tinha lhe dado uma vantagem injusta em relação às outras coisas vivas e resolveu só atirar quando fosse necessário, como hoje.

— Acho que ele devia se orgulhar — eu disse.

— As pessoas sensatas nunca se orgulham dos próprios talentos — avaliou a srta. Maudie.

Vimos Zeebo chegar com o caminhão. Pegou um forcado na carroceria, tirou o corpo de Tim Johnson da rua e jogou-o no caminhão, depois despejou um líquido onde o corpo tinha ficado na rua.

— Não se aproximem daqui por um tempo — Zeebo gritou para nós.

Quando fomos para casa, eu disse a Jem que na segunda-feira teríamos uma novidade para contar na escola. Jem virou-se para mim e avisou:

— Não diga nada sobre isso, Scout.

— O quê? Claro que vou falar sobre isso. Nem todo mundo tem um pai que é o tiro mais certeiro do condado de Maycomb.

Jem disse:

— Se ele quisesse que soubéssemos, teria contado. Se tivesse orgulho disso, teria dito alguma coisa.

— Vai ver que esqueceu — sugeri.

— Não, Scout, você não ia entender. Atticus é velho mesmo, mas não me importo se ele não consegue fazer algumas coisas… Não dou a mínima se ele não souber fazer nada…

Jem pegou uma pedra e jogou-a, exultante, na garagem. Correu para buscá-la e gritou para mim:

— Atticus é um cavalheiro, exatamente como eu!

11

Quando éramos pequenos, Jem e eu restringíamos nossas atividades ao sul da nossa vizinhança, mas quando eu já estava em meados do segundo ano e atazanar Boo Radley já tinha perdido a graça, o centro comercial de Maycomb nos atraía com frequência rua acima, passando pela propriedade da sra. Henry Lafayette Dubose. Era impossível não passar diante da casa dela, a não ser que estivéssemos dispostos a dar uma volta de mais de um quilômetro. Meus breves encontros anteriores com ela não me deixaram com a menor vontade de encontrá-la novamente, mas Jem disse que um dia eu teria que crescer.

A sra. Dubose morava sozinha com uma ajudante negra, numa casa que ficava a duas portas da nossa, com uma escada íngreme e um corredor. Era muito velha e passava quase o dia inteiro deitada na cama ou na cadeira de rodas. Diziam que ela guardava uma pistola do exército confederado escondida no meio dos seus muitos xales e mantas.

Jem e eu a detestávamos. Se estava na varanda quando passávamos, ela nos lançava um olhar irado, fazia um interrogatório sobre o nosso comportamento e previa que, infelizmente, não seríamos nada na vida. Havia muito tempo tínhamos desistido da ideia de evitar a casa passando pelo outro lado da rua, porque isso só fazia com que ela falasse ainda mais alto, chamando a atenção de toda a vizinhança.

Não havia jeito de agradá-la. Se eu dava um alegre "Olá, sra. Dubose!", a reação era: "Não me venha com olá, menina mal-educada! Diga 'boa tarde, sra. Dubose'!"

Ela era horrível. Uma vez, ouviu Jem se referir a nosso pai como "Atticus" e ficou furiosa. Disse que, além de sermos os moleques mais desbocados e desrespeitosos que ela já tinha visto, lastimava que nosso pai não tivesse se casado de novo depois de enviuvar. Jamais existiu mulher mais adorável do que nossa mãe e era de cortar o coração que Atticus Finch criasse os filhos dela como dois selvagens. Eu não me lembrava da nossa mãe, mas Jem lembrava (às vezes, me contava sobre ela) e ficou lívido quando a sra. Dubose disse isso.

Jem, que tinha sobrevivido a Boo Radley, a um cachorro louco e a outros horrores, concluiu que era covardia parar na frente da escada da srta. Rachel e esperar. Achava melhor corrermos até a esquina dos correios todos os dias para encontrar Atticus vindo do trabalho. Várias vezes, Atticus encontrava Jem furioso por causa de alguma coisa que a sra. Dubose tinha dito quando passamos.

— Não ligue, filho — dizia Atticus. — Ela está velha e doente. Erga a cabeça e seja um cavalheiro. Ela pode dizer o que quiser, é só você não se deixar atingir.

Jem argumentava que ela não devia estar tão doente se berrava tanto. Quando nós três passávamos pela casa dela, Atticus tirava o chapéu, acenava todo galante e dizia: "Boa tarde, sra. Dubose. Hoje a senhora está parecendo uma pintura."

Só que Atticus não dizia que tipo de pintura. Ele dava notícias do tribunal e desejava de todo o coração que ela tivesse um bom dia no dia seguinte. Ele colocava o chapéu na cabeça de novo, me levantava nos ombros bem na cara dela e íamos para casa ao anoitecer. Era em momentos como esse que eu achava que meu pai, que detestava armas e nunca tinha ido a nenhuma guerra, era o homem mais corajoso que já existiu.

No dia seguinte ao décimo segundo aniversário de Jem, ele estava doido para gastar o dinheiro que tinha ganhado de presente, então fomos para o centro da cidade no começo da tarde. Jem achava que o dinheiro daria para comprar uma locomotiva de brinquedo para ele e um bastão de baliza para mim.

Fazia tempo que eu queria o bastão: estava na vitrine da V. J. Elmore's, era coberto de lantejoulas e purpurina dourada e custava dezessete centavos. Na época, minha maior ambição era crescer e ser baliza, rodando o bastão na frente da banda da escola secundária do condado de Maycomb. Como eu tinha desenvolvido meu talento e já conseguia jogar uma vara para o alto e quase pegá-la no ar, Calpúrnia me proibiu de entrar em casa com uma. Pensei que ela mudaria de ideia se eu tivesse um bastão de verdade e achei generoso da parte de Jem comprar um para mim.

Quando passamos pela casa da sra. Dubose, ela estava na varanda.

— Aonde vocês dois estão indo a essa hora? — berrou ela. — Matando aula, não é? Vou ligar para o diretor! — Colocou as mãos nas rodas da cadeira e fez uma volta perfeita.

— Ah, hoje é sábado, sra. Dubose — explicou Jem.

— Não interessa se é sábado. Aposto que o pai de vocês não sabe onde estão.

— Sra. Dubose, vamos à cidade sozinhos desde que éramos desse tamanho — Jem colocou a mão a meio metro do chão.

— Não minta para mim! — ela gritou. — Jeremy Finch, Maudie Atkinson me disse que hoje de manhã você quebrou um galho da parreira dela. Ela vai contar ao seu pai e então você vai desejar não ter nascido! Não me chamo Dubose se você não for para o reformatório na semana que vem.

Jem, que não chegava perto da parreira da srta. Maudie desde o verão anterior, sabia que, mesmo se tivesse feito aquilo, a srta. Maudie não contaria nada para Atticus.

— Não me contradiga! — a sra. Dubose vociferou. — Quanto a *você*... — apontou um dedo cheio de artrite para mim. — Por que está de macacão? Devia usar vestido e combinação, mocinha! Se não mudar de modos, vai acabar virando garçonete. Uma Finch servindo mesas no Café OK, *rá*!

Fiquei apavorada. O Café OK era um lugar escuro, ao norte da praça. Tentei segurar a mão de Jem, mas ele se desvencilhou.

— Vamos, Scout — cochichou. — Não ligue para ela. Erga a cabeça e se comporte como um cavalheiro.

Mas a voz da sra. Dubose nos alcançou:

— Não basta uma Finch servindo mesas, ainda por cima tem um Finch no tribunal defendendo pretos!

Jem empertigou-se. A sra. Dubose sabia que tinha colocado o dedo bem na ferida.

— A que ponto chegamos: um Finch indo contra os seus iguais. É demais! — Ela pôs a mão na boca e, quando tirou, fez um comprido fio de cuspe. — Seu pai é igual aos pretos sujos que ele defende!

Jem ficou roxo. Puxei a manga da camisa dele e fomos acompanhados pela calçada por uma falação sobre a degradação moral da nossa família, motivo pelo qual a metade dos Finch estava no hospício, mas, se nossa mãe fosse viva, não teríamos chegado a esse ponto.

Eu não sabia o que tinha magoado mais Jem. Quanto a mim, me ofendi com a declaração da sra. Dubose sobre a sanidade mental da família. Eu já estava quase acostumada a ouvir insultos a Atticus, mas era a primeira vez que os ouvia de um adulto. À exceção do ataque a Atticus, as agressões verbais da sra. Dubose tinham virado rotina. Havia algo de verão no ar aquele dia, estava fresco à sombra, mas o sol quente prenunciava duas coisas boas: férias e Dill.

Jem comprou a locomotiva e fomos até a Elmore's para comprar o meu bastão. Não sentiu prazer nenhum com essa compra, enfiou a locomotiva no bolso e voltamos para casa em silêncio. No caminho, sem querer, quase dei um encontrão no sr. Link Deas, que zangou:

— Olha por onde anda, Scout!

Com isso, o meu bastão caiu e, quando chegamos perto da casa da sra. Dubose, ele estava sujo de tanto ir ao chão.

A varanda estava vazia.

Anos depois, eu às vezes pensava no motivo para Jem ter feito o que fez, por que deixou de "ser um cavalheiro, filho" e abandonou a recente fase de retidão autoimposta. Ele devia estar tão cheio quanto eu de ouvir comentários sobre papai defender pretos, mas eu achava que jamais perderia as estribeiras com nada. Tinha um temperamento naturalmente calmo e uma paciência de Jó. Na época, porém, eu achava que a única explicação para o que ele fez era um súbito acesso de loucura.

O que Jem fez foi algo que eu teria feito se papai não tivesse me proibido de me meter em encrenca, o que eu achava que incluía brigar com velhas horrorosas. Estávamos bem na frente do portão da sra. Dubose quando Jem pegou o meu bastão, subiu a escada do jardim e começou a dar bastonadas para todo lado, esquecendo tudo o que Atticus tinha dito, esquecendo que a sra. Dubose escondia uma pistola no meio dos xales e que, se ela errasse o tiro, a empregada Jessie com certeza acertaria.

Ele só começou a se acalmar depois de açoitar todos os pés de camélia e deixar o chão coberto de galhos e folhas verdes. Em seguida, apoiou o meu bastão no joelho, quebrou-o ao meio e jogou os dois pedaços na grama.

A essa altura, eu estava gritando. Jem puxou meu cabelo e disse que não dava a mínima, que, se pudesse, faria tudo de novo, e se eu não calasse a boca ia arrancar todo o meu cabelo, fio a fio. Continuei gritando e ele me deu um chute. Perdi o equilíbrio e caí de cara no chão. Jem me levantou de um jeito rude mas parecia arrependido. Não havia nada a dizer.

Naquela tarde, não fomos esperar Atticus na volta para casa. Ficamos zanzando pela cozinha até Calpúrnia nos expulsar. Por meio de alguma bruxaria, Calpúrnia parecia saber tudo o que tinha acontecido. Ela não nos consolou, mas deu para Jem um bolinho com manteiga recém-saído do forno, que ele dividiu comigo. Não tinha gosto de nada.

Fomos para a sala. Peguei uma revista de esportes, achei uma foto do jogador de beisebol Dixie Howell e mostrei para Jem:

— Ele é parecido com você — elogiei.

Foi a coisa mais legal que consegui dizer a ele, mas não adiantou. Jem se encolheu numa cadeira de balanço junto à janela e ficou esperando papai chegar, sério. Anoiteceu.

Duas eras geológicas depois, ouvimos os passos de Atticus na escada. A porta de tela bateu e fez-se silêncio. Atticus estava diante da chapeleira da entrada e chamou:

— Jem!

A voz dele soou como o vento do inverno.

Atticus acendeu a luz da sala e nos viu lá, paralisados. Segurava o meu bastão em uma das mãos e a purpurina deixava uma trilha dourada no tapete. Ele estendeu a outra mão, que estava cheia de botões de camélia arrancados.

— Jem, você é o responsável por isso? — perguntou.

— Sim, pai.

— Por que fez isso?

Jem disse baixinho:

— Ela disse que você defende os porcarias dos pretos.

— Por isso você fez aquilo?

Jem moveu os lábios, mas o "sim, pai" foi inaudível.

— Filho, sei que seus colegas implicam com você porque defendo os pretos, como você diz, mas fazer isso com uma senhora doente é imperdoável. Recomendo que você vá até lá e converse com a sra. Dubose — disse Atticus. — E volte direto para casa depois.

Jem não se mexeu.

— Mandei você ir lá.

Saí da sala junto com Jem.

— Volte aqui — Atticus disse para mim. Voltei.

Atticus pegou o *Mobile Press* e sentou-se na cadeira de balanço onde Jem estava antes. Juro por Deus que não conseguia entender como ele podia ter tanto sangue-frio e ficar ali lendo o jornal enquanto seu único filho podia ser morto com um tiro de uma relíquia do Exército Confederado. Claro que às vezes Jem me irritava tanto que eu tinha vontade de matá-lo mas, no fim das contas, ele era a única pessoa que eu tinha. Atticus parecia não se dar conta disso ou, se se dava conta, não ligava.

Fiquei com raiva dele, mas quando a gente se mete em encrenca, fica logo cansado. Dali a pouco, eu estava no colo dele, aninhada em seus braços.

— Você está muito grande para ficar no colo — ele disse.

— Você não se importa com o que pode acontecer com ele — eu disse. — Mandou Jem até lá para levar um tiro e ele só estava defendendo você.

Atticus colocou minha cabeça sob o queixo dele.

— Ainda não é hora de se preocupar — ele disse. — Nunca pensei que Jem fosse perder a cabeça com isso… Achava que você daria mais trabalho.

Ponderei que eu não entendia por que tínhamos de nos controlar, se ninguém na escola parecia se controlar.

— Scout, quando chegar o verão, você vai precisar ter calma diante de coisas piores… Sei que não é justo com você e com Jem, mas às vezes temos que encarar as coisas da melhor maneira possível e saber como nos comportar quando as coisas vão mal… bom, só posso dizer que, quando vocês crescerem, talvez se lembrem disso com alguma compaixão e percebam que não os decepcionei. O caso de Tom Robinson é algo que concerne ao âmago da consciência humana. Scout, eu não poderia ir à igreja e louvar a Deus se não tentasse ajudar esse homem.

— Atticus, você deve estar enganado…

— Por quê?

— Quase todo mundo acha que está certo e que você é que está errado.

— Essas pessoas certamente têm o direito de pensar assim, e têm todo o direito de ter sua opinião respeitada — considerou Atticus. — Mas antes de ser obrigado a viver com os outros, tenho de conviver comigo mesmo. A única coisa que não deve se curvar ao julgamento da maioria é a consciência de uma pessoa.

Quando Jem voltou, eu ainda estava no colo de Atticus.

— E então, filho? — perguntou Atticus.

Ele me colocou no chão e eu examinei Jem disfarçadamente. Parecia ileso, mas com uma expressão estranha. Vai ver que a velha tinha dado uma dose de purgante a ele.

— Limpei o jardim e disse que estava arrependido, mas não estou, e prometi que vou lá todo sábado cuidar das plantas até crescerem de novo.

— Não precisava dizer que estava arrependido se não está — considerou Atticus. — Jem, ela está velha e doente. Você não pode culpá-la pelo que diz ou faz. Claro, eu preferia que ela tivesse dito aquilo para mim e não para vocês, mas as coisas não podem ser sempre como queremos.

Jem olhava fixamente para uma rosa na estampa do tapete.

— Atticus, ela me pediu para ler para ela.

— Ler?

— É. Quer que eu vá até lá todos os dias depois da escola e aos sábados e leia para ela por duas horas. Atticus, tenho de fazer isso?

— Claro.

— Mas ela quer que eu faça isso por um mês.

— Então, vai ler por um mês.

Jem colocou delicadamente o dedão do pé em cima da rosa no tapete e esmagou-a com força. Por fim, disse:

— Atticus, do lado de fora, tudo bem, mas por dentro é… tudo escuro e assustador. Tem sombras e coisas no teto…

Atticus deu um sorriso estranho.

— Isso deve estimular a sua imaginação. Faça de conta que está dentro da casa dos Radley.

Na segunda-feira à tarde, Jem e eu subimos cada degrau da casa da sra. Dubose e entramos no saguão, que estava aberto. Armado com um exemplar de *Ivanhoé* e cheio de conhecimento, Jem bateu na segunda porta à esquerda.

— Sra. Dubose? — chamou.

A empregada Jessie abriu a porta, destrancou a porta de tela e perguntou:

— É você, Jem Finch? Sua irmã veio junto. Não sei…

— Deixe os dois entrarem, Jessie — disse a sra. Dubose. Jessie obedeceu e foi para a cozinha.

Quando entramos, fomos recebidos por um cheiro opressivo, o mesmo que senti em muitas casas consumidas pela umidade, onde havia lampiões de querosene, tinas de água e roupa de cama encardida. Esse cheiro sempre me deixava com medo, ansiosa, vigilante.

No canto do quarto havia uma cama de metal onde estava deitada a sra. Dubose. Fiquei pensando se ela tinha ficado assim por causa do que Jem tinha feito e, por um momento, tive pena. Ela estava sob uma pilha de colchas e parecia quase simpática.

Ao lado da cama, tinha uma mesinha de mármore com um copo, uma colher de chá, um conta-gotas de ouvido, uma caixa de algodão e um despertador de aço num tripé.

— Então você trouxe aquela sua irmãzinha mal-educada, não é? — foi o cumprimento dela.

Jem disse baixinho:

— Minha irmã não é mal-educada e não tenho medo da senhora.

Notei que os joelhos dele tremiam. Esperei que ela reclamasse, mas ela disse apenas:

— Pode começar a ler, Jeremy.

Jem sentou-se numa cadeira de bambu e abriu o exemplar de *Ivanhoé*. Abri outro livro igual e sentei ao lado dele.

— Fiquem mais perto. Ao lado da cama — pediu a sra. Dubose.

Puxamos as nossas cadeiras para a frente. Era o mais perto que eu já tinha chegado dela e tive uma vontade enorme de afastar a cadeira de novo.

Ela era horrível. A cara parecia uma fronha de travesseiro encardida e os cantos da boca brilhavam de saliva, que escorria lentamente pelas rugas que iam até o queixo. O rosto era coberto de manchas senis e os olhos sem brilho eram dois pontos pretos. As mãos eram ossudas e as cutículas quase cobriam as unhas. Ela estava sem a dentadura de baixo, e o lábio superior projetava-se para a frente. De vez em quando, grudava o lábio inferior na gengiva de cima e o queixo ia junto. Com isso, o cuspe escorria mais rápido.

Parei de olhar para ela. Jem abriu de novo *Ivanhoé* e começou a ler. Tentei acompanhar, mas ele lia rápido demais. Quando chegava numa palavra desconhecida, ele pulava, mas a sra. Dubose percebia e mandava ele soletrar. Jem leu por uns vinte minutos, tempo em que fiquei reparando na cornija da lareira cheia de cinza e olhando pela janela, qualquer coisa que não fosse ela. Jem continuou lendo e notei que as correções da sra. Dubose foram diminuindo e ficando mais esparsas até que Jem deixou uma frase pela metade. Ela não estava ouvindo.

Olhei na direção da cama.

Tinha acontecido alguma coisa com a sra. Dubose. Ela estava deitada com as colchas puxadas até o queixo. Só dava para ver a cabeça e os ombros. A cabeça se movia lentamente de um lado para o outro. De vez em quando, ela abria bem a boca e a língua ondulava de leve. Os lábios ficavam cheios de saliva, ela então engolia e abria a boca de novo. A boca parecia ter vida própria, abria e fechava como um marisco na maré baixa. De vez em quando, a boca fazia *puf* como um líquido viscoso fervendo.

Puxei a manga de Jem.

Ele me olhou, depois olhou para a cama. A cabeça dela se virou na nossa direção e Jem perguntou:

— Sra. Dubose, a senhora está se sentindo bem?

Ela não ouviu.

O despertador tocou e levamos um susto. Um minuto depois, ainda com os nervos estremecidos, Jem e eu estávamos na calçada, indo para casa. Não fugimos, foi Jessie que, enquanto o despertador ainda estava tocando, entrou no quarto e mandou que fôssemos embora.

— Shhh, podem ir para casa — ela disse.

Na porta, Jem hesitou.

— Está na hora do remédio dela — disse ele.

Quando a porta se fechou, ouvi Jessie indo rápido até a cama da sra. Dubose.

Eram só 3h45 quando chegamos em casa, por isso jogamos bola no quintal até a hora de encontrar Atticus. Ele tinha levado dois lápis amarelos para mim e uma revista de futebol para Jem, o que acho que foi uma compensação silenciosa pelo nosso primeiro dia de leitura com a sra. Dubose. Jem contou como tinha sido.

— Tiveram medo dela? — perguntou Atticus.

— Não, pai. Mas ela é tão desagradável. Tem uns acessos e cospe à beça — disse Jem.

— Ela não consegue controlar. Os doentes às vezes têm uma aparência não muito boa.

— Tive medo dela — eu disse.

Atticus me olhou por cima dos óculos.

— Você sabe que não precisa acompanhar Jem, não sabe?

A tarde seguinte na casa da sra. Dubose foi igual à primeira e à terceira, até que, aos poucos, uma rotina se estabeleceu: começava tudo igual, isto é, a sra. Dubose perturbava Jem um pouco com seus temas preferidos: as camélias e a inclinação de nosso pai por pretos. Depois, ela ia ficando calada e distante de nós. O despertador tocava, Jessie nos expulsava do quarto e tínhamos o resto do dia para nós.

— Atticus, o que exatamente é um admirador de pretos? — perguntei.

Atticus ficou sério.

— Alguém chamou você disso?

— Não, a sra. Dubose disse que você é. Toda tarde ela repete isso. Francis me chamou disso no Natal passado, foi quando ouvi pela primeira vez.

— Foi por isso que brigou com ele? — perguntou Atticus.

— Foi, pai…

— Então, por que está perguntando o que significa?

Tentei explicar que a briga não foi tanto pelo que Francis disse, mas pela maneira como disse.

— Foi como se me chamasse de melequenta ou algo assim.

— Scout — disse papai —, admirador de preto é uma dessas expressões sem sentido, como melequenta. É difícil explicar: pessoas ignorantes, sem valor, falam isso quando acham que alguém está pondo os negros acima delas. Passou a ser usada por gente do nosso meio para rotular alguém de uma forma feia e vulgar.

— Mas você não é admirador de preto, é?

— Sou, sim. Eu me esforço para gostar de todo mundo... De vez em quando, é muito difícil. Querida, não se importe de ser chamada de algo que as pessoas acham que é um insulto. Isso só mostra como essa pessoa é mesquinha, e não a atinge. Então não se deixe abalar pela sra. Dubose. Ela já tem problemas demais.

Um mês depois, numa tarde, Jem estava lendo, mergulhado nas aventuras de Sir Walter Scout, como ele o chamava, com a sra. Dubose corrigindo-o a cada parágrafo, quando bateram à porta.

— Entre! — ela gritou.

Atticus entrou. Foi até a cama e segurou a mão da sra. Dubose.

— Eu vim do escritório e as crianças não foram me encontrar, então achei que ainda estavam aqui.

A sra. Dubose sorriu para ele. Juro por Deus que não conseguia entender como ela tinha coragem de falar com ele, se parecia odiá-lo tanto.

— Sabe que horas são, Atticus? Exatamente cinco e catorze. O despertador vai tocar às cinco e meia. Quero que saiba disso.

De repente, notei que a cada dia ficávamos mais tempo com a sra. Dubose, que o despertador tocava alguns minutos mais tarde todos os dias e que então ela estava bem no meio de um de seus acessos. Naquele dia, ela implicou com Jem por quase duas horas, sem dar nenhum sinal de que teria um acesso, e me vi num beco sem saída. O despertador anunciava nossa liberdade; se um dia ele não tocasse, o que faríamos?

— Desconfio que as leituras de Jem estão quase terminando — disse Atticus.

— Acho que só falta mais uma semana… — disse ela.

Jem levantou-se.

— Mas…

Atticus levantou a mão e Jem se calou. No caminho para casa, Jem disse que tinham combinado um mês, o mês tinha passado e aquilo não era justo.

— Só mais uma semana, filho — pediu Atticus.

— Não — disse Jem.

— Sim — disse Atticus.

Na semana seguinte, voltamos à casa da sra. Dubose. O despertador não tocou, éramos dispensados com um "está bom" tão tarde que, quando chegávamos em casa, Atticus já estava lendo o jornal. Embora não tivesse mais acessos, ela continuava a mesma: quando Sir Walter Scott fazia longas descrições de fossos e castelos, a sra. Dubose se entediava e nos provocava:

— Jeremy Finch, eu não disse que você ia se arrepender de ter destruído as minhas camélias? Está arrependido, não está?

Jem respondia que sim, claro.

— Pensou que tinha acabado com a minha camélia neve-da-montanha, não pensou? Pois Jessie disse que ela está crescendo. Na próxima vez, vai fazer direito, não vai? Vai arrancar pela raiz, não vai?

Jem respondia que sim, claro.

— Fale direito, garoto! Erga a cabeça e diga "sim, senhora". Com o pai que você tem, não é de estranhar que seja tão teimoso.

Jem erguia a cabeça e olhava para a sra. Dubose sem ressentimento. Com o passar das semanas, ele tinha cultivado uma

expressão de interesse distante e educado como reação às coisas mais irritantes.

Finalmente, o último dia chegou. A sra. Dubose disse:

— Já chega. Não precisam vir mais. Tenham um bom dia.

Tinha acabado. Corremos pela calçada numa alegria cheia de alívio, aos pulos e gritos.

Aquela foi uma boa primavera, de dias mais longos, com mais tempo para brincarmos. A grande preocupação de Jem era o desempenho dos jogadores de futebol universitário de todo o país. Toda noite, Atticus lia para nós as páginas de esportes do jornal. Pelo jeito, o time do Alabama, cujos jogadores tinham nomes impossíveis de pronunciar, ia participar da Rose Bowl de novo naquele ano. Uma noite, Atticus estava lendo a coluna de Windy Seaton quando o telefone tocou.

Ele atendeu e foi até a chapeleira no saguão.

— Vou até a casa da sra. Dubose um minuto, não demoro.

Mas Atticus ficou lá até bem depois da hora de dormir. Quando voltou, trouxe uma caixa de bombons. Sentou-se na sala e colocou a caixa no chão, ao lado da cadeira.

— O que ela queria? — perguntou Jem.

Não víamos a sra. Dubose havia mais de um mês. Quando passávamos pela casa, ela nunca estava na varanda.

— Ela morreu, filho. Morreu há alguns minutos — Atticus respondeu.

— Ah, bom.

— Bom mesmo. Parou de sofrer, estava doente fazia tempo. Filho, sabe o que eram aqueles acessos?

Jem negou com a cabeça.

— A sra. Dubose era viciada em morfina — explicou Atticus. — Tomou durante anos para aliviar as dores, por recomendação médica. Podia ter vivido os últimos anos sem dor e morrer sem sofrer tanto, mas era contra...

— Como assim? — perguntou Jem.

Atticus respondeu:

— Pouco antes da sua travessura, ela me chamou para fazer o testamento — disse Atticus. — O dr. Reynolds tinha avisado que ela só ia viver mais alguns meses. Estava com todos os negócios em ordem, mas disse "tem uma coisa que está errada".

— O que era? — perguntou Jem, surpreso.

— Ela disse que queria deixar este mundo sem estar presa a nada nem a ninguém. Jem, quando alguém fica doente daquele jeito, tem o direito de tomar qualquer remédio para aliviar as dores, mas ela era contra. Queria se livrar da morfina antes de morrer e foi o que fez.

— Por isso ela tinha aqueles acessos? — perguntou Jem.

— É, era por isso. Duvido que ela ouvisse uma palavra da sua leitura na maior parte do tempo, pois estava concentrada no despertador. Se você não tivesse sido obrigado a ler, eu teria pedido para você fazer isso de qualquer jeito. Assim, ela deve ter se distraído um pouco. Havia outro motivo…

— Ela ficou livre da morfina? — perguntou Jem.

— Livre como o vento das montanhas — concordou Atticus. — Lúcida até quase o final. Lúcida — ele sorriu — e rabugenta. Continuou a desaprovar minha defesa de Tom Robinson e disse que eu ia passar o resto da vida pagando fiança para tirar você da cadeia. Mandou Jessie fazer essa caixa para você…

Atticus pegou a caixa e entregou-a para Jem.

Jem abriu-a. Dentro, sobre uma camada de algodão, havia uma perfeita camélia branca. Era uma neve-da-montanha.

Os olhos de Jem quase saltaram das órbitas.

— Velha maldita! Velha maldita! — gritou, jogando a caixa no chão. — Por que não me deixa em paz?

Num instante, Atticus levantou-se e ficou ao lado de Jem, que enfiou o rosto na camisa dele.

— Calma — disse Atticus. — Acho que essa é a maneira dela de dizer a você que... está tudo bem agora, Jem, está tudo bem. Ela foi uma grande dama.

— Dama? — Jem levantou a cabeça. Estava com o rosto vermelho. — Depois de tudo que ela disse sobre você, acha que ela era uma dama?

— Era. Tinha sua própria opinião sobre as coisas, talvez muito diferente das minhas... Filho, repito que, mesmo que você não tivesse se descontrolado, eu teria pedido para você ler para ela. Queria que você a conhecesse um pouco, soubesse o que é a verdadeira coragem, em vez de pensar que coragem é um homem com uma arma na mão. Coragem é fazer uma coisa mesmo estando derrotado antes de começar — prosseguiu Atticus. — E mesmo assim ir até o fim, apesar de tudo. Você raramente vai vencer, mas às vezes vai conseguir. A sra. Dubose venceu, com seus quarenta e cinco quilos. De acordo com o que ela acreditava, morreu sem estar presa a nada nem a ninguém. Foi a pessoa mais corajosa que já conheci.

Jem pegou a caixa e jogou-a na lareira. Pegou a camélia e, quando fui dormir, vi que ele passava os dedos em suas pétalas largas. Atticus estava lendo o jornal.

SEGUNDA PARTE

12

Jem tinha doze anos. Era uma pessoa difícil de conviver, instável, mal-humorado. Tinha um apetite voraz e disse tantas vezes para eu não encher, que fui consultar Atticus:

— Será que ele está com lombriga? — perguntei.

Atticus disse que não, que Jem estava crescendo. Eu tinha de ter paciência com ele e incomodá-lo o mínimo possível.

Essa mudança em Jem aconteceu em uma questão de semanas. A sra. Dubose ainda não tinha nem esfriado na sepultura e ele já tinha esquecido da gratidão por eu tê-lo acompanhado nas sessões de leitura. De um dia para outro, Jem tinha adquirido novos valores e tentava impô-los: algumas vezes ele chegava mesmo a me dizer o que fazer. Depois de uma discussão, berrou:

— Já está na hora de você começar a se comportar como uma menina!

Comecei a chorar e fui procurar Calpúrnia.

— Não se aflija por causa do sr. Jem — ela começou.

— Sr. Jem?

— Sim, ele já é praticamente o sr. Jem.

— Ele não é tão velho assim. O que ele precisa mesmo é que alguém lhe dê uma bela surra, mas eu sou muito pequena para isso — sugeri.

— Querida, não posso fazer nada se o sr. Jem está crescendo — disse Calpúrnia. — Ele agora vai querer passar mais tempo sozinho, fazendo coisas de rapaz. Então, quando se sentir só, venha para a cozinha. Aqui tem montes de coisas para fazermos.

Aquele início de verão prometia: Jem podia fazer o que bem entendesse; eu passaria os dias com Calpúrnia até Dill chegar. Ela parecia gostar de me ver na cozinha e, observando-a, comecei a achar que ser mulher exigia um certo talento.

Mas o verão chegou e nada de Dill aparecer. Recebi uma carta e uma foto dele. A carta dizia que ele tinha um novo pai, cuja foto estava anexa, e teria de ficar em Meridian, porque os dois planejavam construir um barco de pesca. O novo pai dele era advogado como Atticus, só que muito mais jovem. Gostei de ver na foto que o pai de Dill era simpático, mas fiquei arrasada. Dill terminava a carta dizendo que me amava para sempre e que eu não me preocupasse, nos casaríamos assim que ele conseguisse juntar o dinheiro; e era para eu escrever, por favor.

O fato de eu ter um noivo fixo não compensava muito a ausência dele. Eu não tinha me dado conta, mas o verão era Dill ao lado do tanque de peixes, os olhos brilhando com planos mirabolantes para fazer Boo Radley aparecer, a rapidez com que me dava um beijo quando Jem não estava olhando, a falta que às vezes sentíamos um do outro. Com ele, a vida era sempre igual; sem ele, a vida era insuportável. Fiquei infeliz durante dois dias.

Como se isso não bastasse, a Câmara estadual fez uma convocação extraordinária e Atticus nos deixou por duas semanas. O governador estava ávido por resolver alguns problemas: havia greves em Birmingham; as filas para comprar pão nas cidades estavam aumentando; os camponeses estavam empobrecendo. Mas esses acontecimentos estavam muito distantes do mundo em que Jem e eu vivíamos.

Uma manhã, ficamos surpresos ao ver uma charge no *Montgomery Advertiser* com a legenda "O Finch de Maycomb". O desenho mostrava Atticus, descalço e de cuecas, acorrentado a uma mesa: estava absorto escrevendo enquanto algumas

garotas de aspecto frívolo assoviavam para ele.

— Isso é um elogio — explicou Jem. — Ele passa o tempo todo fazendo coisas que se alguém não fizesse ficariam por fazer.

— Hein?

Entre as novas peculiaridades de Jem, ele agora tinha um enervante ar de sabe-tudo.

— Ora, Scout, coisas como organizar o sistema de arrecadação de impostos dos condados e tal. Para a maioria das pessoas são coisas bastante aborrecidas.

— Como você sabe?

— Ah, me deixa em paz. Estou lendo o jornal.

Atendi o pedido de Jem e fui para a cozinha.

Enquanto debulhava ervilhas, Calpúrnia perguntou de repente:

— O que vai acontecer com vocês sozinhos na igreja domingo?

— Nada, acho. Papai deixou dinheiro para a coleta.

Calpúrnia apertou os olhos, e eu sabia o que ela estava pensando.

— Cal — eu disse —, você sabe que vamos nos comportar. Faz anos que Jem e eu não fazemos nada de errado na igreja.

Calpúrnia certamente se lembrava de um domingo chuvoso, quando estávamos sem pai e sem professora. Deixados por conta própria, nossa classe da escola dominical amarrou Eunice Ann Simpson numa cadeira e colocou-a no quarto da caldeira da calefação da igreja. Nós a deixamos lá, subimos a escada e ficamos assistindo, contritos, o sermão até ouvirmos um barulho horrível vindo dos canos do aquecimento. O barulho só parou quando alguém foi ver o que era e trouxe Eunice Ann reclamando que não queria mais brincar de Ananias. Jem tinha dito a ela que, se tivesse fé, não se queimaria, mas lá embaixo fazia um calor dos infernos.

— Além disso, Cal, não é a primeira vez que Atticus se ausenta — reclamei.

— Sim, mas ele sempre verificava se a professora de vocês ia estar lá. Dessa vez, não ouvi ele dizer nada sobre isso, acho que esqueceu.

Calpúrnia coçou a cabeça. De repente, sorriu e perguntou:

— O que você e o sr. Jem acham de ir à igreja comigo amanhã?

— Sério?

— O que acham? — sorriu Calpúrnia.

Se os banhos que Calpúrnia me dava eram sempre caprichados, nada se comparava à rotina que ela supervisionou naquele sábado à noite. Fez eu me ensaboar inteira duas vezes, jogou água limpa na banheira para cada enxágue, enfiou minha cabeça na bacia e lavou meus cabelos com sabão de glicerina e óleo de oliva. Há anos ela confiava em Jem, mas naquela noite invadiu a privacidade dele, o que resultou em um escarcéu:

— Não se pode tomar banho nessa casa sem que toda a família venha olhar?

Na manhã seguinte, ela levantou mais cedo do que o habitual para cuidar das nossas roupas. Quando passava a noite na nossa casa, ela dormia em uma cama de campanha na cozinha, que, naquela manhã, estava coberta com nossos trajes domingueiros. Cal engomou tanto o meu vestido que, quando me sentava, a saia levantava como uma tenda. Fui obrigada a usar anágua e Cal amarrou uma fita cor de rosa na minha cintura. Poliu meu sapato de verniz até ver o próprio rosto refletido nele.

— Até parece que vamos a uma grande festa. Para que tudo isso, Cal? — perguntou Jem.

— Não quero que ninguém diga que não cuido bem das minhas crianças — ela resmungou. — Sr. Jem, não pode usar essa gravata com esse terno. É verde.

— E qual é o problema?

— O terno é azul. Não vê?

— *Rá-rá*, Jem é daltônico — zombei.

Ele enrubesceu de raiva, mas Calpúrnia disse:

— Parem com isso agora. Vão entrar na Primeira Aquisição com um sorriso no rosto.

A igreja metodista africana Primeira Aquisição ficava ao sul da cidade, depois dos trilhos da velha serraria. Era uma construção antiga, com pintura descascada, a única igreja em Maycomb que tinha um campanário com sino. Chamava-se Primeira Aquisição porque foi comprada com os primeiros salários dos escravos libertos. Era frequentada pelos negros aos domingos, e durante a semana os brancos a usavam como local de jogatina.

O pátio da igreja era de terra batida, assim como o cemitério que ficava ao lado. Se alguém morria num período de seca, o corpo era coberto com pedaços de gelo até a chuva amolecer a terra. Algumas sepulturas tinham lápides quebradas e as mais recentes eram demarcadas com vidro colorido e garrafas de Coca-Cola quebradas. Os para-raios que guardavam algumas sepulturas indicavam os mortos que tinham um descanso inquieto; nas sepulturas das crianças havia tocos de vela. Era um cemitério alegre.

Ao chegarmos à igreja, fomos recebidos pelo cheiro denso e agridoce de negros limpos — loção de cabelo Hearts of Love misturada ao perfume de assa-fétida, rapé, água de colônia Hoyt, tabaco de mascar, menta e talco perfumado.

Quando viram Jem e eu com Calpúrnia, os homens abriram caminho e tiraram os chapéus, as mulheres cruzaram os braços na altura da cintura, gestos cotidianos de respeitosa atenção. Abriram caminho para entrarmos na igreja. Calpúrnia caminhava entre Jem e eu, retribuindo os cumprimentos dos vizinhos, todos com roupas de cores chamativas.

— O que quer com isso, srta. Cal? — perguntou alguém atrás de nós.

Calpúrnia segurou nossos ombros com força e olhamos: uma negra alta estava parada na nossa frente. Apoiava o peso do corpo em uma das pernas e estava com o cotovelo esquerdo apoiado na curva da cintura, apontando para nós com a palma para cima. Tinha a cabeça redonda, olhos de uma estranha forma amendoada, nariz reto e a boca como um arco. Devia ter uns dois metros de altura.

Calpúrnia apertou meu ombro.

— O que quer, Lula? — perguntou, de um jeito que eu nunca a tinha ouvido falar. Falava baixo, com desdém.

— Quero saber por que está trazendo filho de branco em igreja de negro.

— Tão me acompanhando — respondeu Calpúrnia. Sua voz voltou a me soar estranha: estava falando como os outros negros.

— Sei, e acho que durante a semana você que é a acompanhante na casa do Finch.

Um murmúrio percorreu a multidão.

— Não liga não — Calpúrnia disse para mim, mas as rosas do chapéu dela tremiam de indignação.

Quando Lula veio na nossa direção, Calpúrnia disse:

— Pode parando onde tá, nega.

Lula parou, mas disse:

— Não tem nada que trazer filho de branco aqui, eles têm a igreja deles, nós temos a nossa. Essa é a nossa igreja, está lembrada, srta. Cal?

Calpúrnia respondeu:

— O Deus é o mesmo, não é?

Jem disse:

— Vamos para casa, Cal, eles não querem a gente aqui…

Concordei: não queriam mesmo. Dava para sentir, mais do que ver, que estavam vindo para cima de nós. Pareciam se aproximar, mas, quando olhei para Calpúrnia vi uma expressão divertida em seus olhos. Olhei para o caminho e Lula tinha sumido. No lugar dela, havia um grupo sólido de negros.

Um deles deu um passo à frente. Era Zeebo, o lixeiro.

— Sr. Jem, estamos muito contentes por estarem aqui. Não liguem para a Lula, ela está irritada porque o reverendo Sykes ameaçou ela com a purificação. Ela é encrenqueira, orgulhosa e cheia das ideias... Estamos muito contentes que vocês vieram.

Depois disso, Calpúrnia nos levou para a porta da igreja e fomos cumprimentados pelo reverendo Sykes, que nos levou para o banco da frente.

O interior da igreja não tinha forro nem pintura. Nas paredes havia lampiões de querosene em arandelas de latão e os bancos eram de pinho. Atrás do púlpito de carvalho rústico, um estandarte rosa desbotado proclamava que Deus é Amor; era a única decoração da igreja, além de uma gravura de *A luz do mundo*, de Hunt. Não havia piano, órgão, livros de hinos, folhetos com programas da igreja — a habitual parafernália eclesiástica que víamos todos os domingos. Lá dentro era escuro e fazia um frio úmido, aos poucos dissipado pela congregação reunida. Em cada assento havia um leque barato, de papelão, com a imagem de um luxuriante Jardim do Getsêmani, cortesia da loja de ferragens Tyndal's ("Temos tudo que você precisa").

Calpúrnia fez com que Jem e eu fôssemos para o final do banco e se sentou entre nós dois. Tirou da bolsa a trouxinha de pano onde guardava as moedas e deu uma moeda de dez centavos para mim e outra para Jem.

— Nós temos dinheiro para a coleta — disse Jem.

— Fica com ele, vocês são meus convidados.

Jem ficou meio indeciso em relação à ética de ficar com o dinheiro da esmola, mas sua cortesia natural foi mais forte e ele guardou a moeda no bolso. Fiz o mesmo, sem nenhum problema de consciência.

— Cal, cadê os livros de hinos? — perguntei baixinho.

— Não temos — ela respondeu.

— Ué, como...?

— Shhh — ordenou ela.

O reverendo Sykes estava no púlpito esperando a congregação fazer silêncio. Era um homem baixo, atarracado, usava terno preto, gravata preta, camisa branca e uma corrente dourada que brilhava com a luz que entrava pelas janelas embaçadas. Ele disse:

— Irmãos e irmãs, estamos muito contentes com as visitas que temos hoje, o sr. e a srta. Finch. Vocês conhecem o pai deles. Antes de começar, vou dar alguns avisos. — O reverendo mexeu em alguns papéis, pegou um e o segurou com o braço esticado. — Na próxima terça-feira, haverá reunião da Sociedade Missionária na casa da irmã Annette Reeves. Levem suas costuras.

Em outro papel, leu:

— Todos sabem do problema do irmão Tom Robinson, que desde menino é um membro fiel da Primeira Aquisição. A arrecadação de hoje e dos próximos três domingos será entregue a Helen, mulher dele, para ajudar nas despesas da casa.

Cutuquei Jem.

— É o Tom que Atticus vai...

— Shhh!

Virei-me para Calpúrnia, mas ela mandou eu ficar quieta antes mesmo que eu pudesse abrir a boca. Voltei minha atenção para o reverendo, que parecia aguardar que eu sossegasse.

— Encarregado da música, cante conosco o primeiro hino — disse ele.

Zeebo levantou-se do banco, foi para a nave central e ficou de frente para toda a congregação. Tinha nas mãos um livro de hinos gasto. Abriu-o e disse:

— Vamos cantar o hino número duzentos e setenta e três.

Aquilo era demais para mim.

— Como vamos cantar sem um livro de hinos?

Calpúrnia sorriu.

— Shhh, querida. Você já vai ver.

Zeebo pigarreou e leu com uma voz que parecia o ressoar de uma artilharia a distância.

— *Há uma terra do outro lado do rio.*

Com incrível afinação, uma centena de vozes cantaram com ele. A última sílaba, que terminou num vigoroso murmúrio, foi seguida pela voz de Zeebo:

— *Onde seremos felizes para sempre.*

De novo, ficamos imersos na música e quando a última nota ainda estava no ar, Zeebo juntou-a ao verso seguinte:

— *E só a fé nos faz chegar lá.*

A congregação hesitou, Zeebo repetiu o verso e eles cantaram. No refrão, Zeebo fechou o livro, um sinal para todos continuarem sem ele.

Nas últimas notas do *Júbilo*, Zeebo cantou:

— *Felizes para sempre, bem ali na outra margem do rio.*

Verso por verso, as vozes acompanharam em perfeita harmonia até o hino terminar num murmúrio melancólico.

Olhei para Jem, que olhava Zeebo de soslaio. Eu também não acreditava, mas nós dois tínhamos ouvido.

O reverendo então pediu que Deus abençoasse os doentes e os que sofriam, exatamente como o pastor na nossa igreja, com a diferença de que o reverendo chamou a atenção de Deus para vários casos específicos.

O sermão foi uma veemente condenação do pecado, numa repetição severa da frase escrita na parede atrás dele, e preveniu o rebanho contra os males do excesso de bebida, do jogo e das mulheres estranhas. Os contrabandistas de bebida alcoólica davam muitos problemas no bairro dos negros, mas as mulheres eram ainda piores. Mais uma vez, como na minha igreja, eu ouvia falar na doutrina da impureza das mulheres que parecia preocupar os clérigos de todas as religiões.

Jem e eu tínhamos ouvido aquele mesmo sermão domingo após domingo, com uma única diferença: ali, na Primeira Aquisição, o reverendo usava o púlpito com mais liberdade para expressar suas opiniões sobre os deslizes dos fiéis: embora não estivesse doente, havia cinco domingos que Jim Hardy não ia à igreja; Constance Jackson precisava tomar cuidado com sua mania de brigar com todos no bairro. Era a única moradora na história do bairro a ter uma cerca de estacas.

O reverendo Sykes terminou o sermão. Encaminhou-se para uma mesa em frente ao púlpito e pediu a oferenda da manhã, procedimento que Jem e eu desconhecíamos. Um por um, os fiéis se aproximaram e depositaram moedas numa lata preta de café. Jem e eu fizemos o mesmo e ouvimos um delicado "obrigado, obrigado" quando nossas moedas tilintaram.

Para nossa surpresa, o reverendo Sykes esvaziou a lata sobre a mesa e contou as moedas na mão. Empertigou-se e disse:

— É pouco. Precisamos de dez dólares.

Os fiéis se alvoroçaram.

— Todos sabem para que é esse dinheiro… enquanto Tom está preso, Helen não pode deixar os filhos em casa para trabalhar. Se cada um der mais uma moeda, vamos completar… — O reverendo acenou chamando alguém nos fundos da igreja. — Alec, feche a porta. Ninguém sai até termos dez dólares.

Calpúrnia remexeu na bolsa e tirou uma velha bolsinha de couro para moedas.

— Não precisa, Cal — sussurrou Jem quando ela nos entregou uma reluzente moeda. — Nós podemos dar as nossas moedas. Me dê a sua, Scout.

A igreja estava ficando abafada e me ocorreu que o reverendo queria fazer seu rebanho suar a fim de que dessem o dinheiro. Os abanicos agitaram-se, as pessoas arrastaram os pés, impacientes, os mascadores de fumo ficaram ansiosos.

Levei um susto quando o reverendo Sykes disse, firme:

— Carlow Richardson, ainda não vi a sua contribuição.

Um homem magro, de calça cáqui, foi até a mesa e depositou uma moeda. Os fiéis fizeram um murmúrio de aprovação. O reverendo então disse:

— Aqueles que não têm filhos, façam um sacrifício e deem mais uma moeda. Só assim completaremos a quantia necessária.

Aos poucos, com muito custo, conseguiram os dez dólares. As portas da igreja se abriram e o bafo de ar fresco nos ressuscitou. Zeebo cantou *Às margens tempestuosas do Jordão* e o serviço religioso terminou.

Eu queria ficar lá e explorar o local, mas Calpúrnia me empurrou na frente dela pela igreja. Quando chegamos à porta, ela parou para falar com Zeebo e a família, e Jem e eu aproveitamos para falar com o reverendo Sykes. Eu queria saber muitas coisas, mas achei melhor esperar e perguntar a Calpúrnia depois.

— Gostamos muito de ter vocês aqui. O pai de vocês é o melhor amigo desta igreja — disse o reverendo.

Não aguentei de curiosidade.

— Por que recolheram dinheiro para a mulher de Tom Robinson?

— Vocês não ouviram? Helen tem três filhos e não pode sair para trabalhar... — respondeu o reverendo.

— Por que ela não leva os filhos junto, reverendo? — perguntei. Era costume as negras que trabalhavam no campo deixarem os filhos pequenos em alguma sombra enquanto trabalhavam. Em geral, as crianças ficavam sentadas à sombra entre duas fileiras de pés de algodão. Os que não tinham ainda idade para ficar sentados eram amarrados às costas das mães ou deitados sobre sacos de algodão.

O reverendo hesitou.

— Para ser sincero, srta. Jean Louise, Helen não está conseguindo trabalho... Quando chegar a época da colheita, acho que o sr. Link Deas vai chamá-la.

— Por que ela não consegue trabalho, reverendo?

Antes que ele pudesse responder, Calpúrnia pôs a mão no meu ombro. Sob aquela pressão, eu disse:

— Obrigada por nos receber — eu disse. Jem também agradeceu e tomamos o caminho de casa.

— Cal, eu sei que Tom Robinson está na cadeia porque ele fez uma coisa muito errada, mas por que as pessoas não dão trabalho para Helen? — perguntei.

Calpúrnia, de vestido de *voile* azul-marinho e chapéu, caminhava entre Jem e eu.

— É por causa do que as pessoas estão dizendo que Tom fez — ela respondeu. — Ninguém quer ter nenhuma ligação com ele nem com a família dele.

— Mas o que ele fez, Cal?

Calpúrnia suspirou.

— O sr. Bob Ewell acusou Tom de estuprar a filha dele, então ele foi preso e colocado na cadeia...

— O sr. Ewell? — Tentei lembrar quem era. — É parente daqueles Ewell que só vão ao primeiro dia de aula? Mas Atticus disse que eles são pessoas horríveis... Nunca vi Atticus falar assim de ninguém. Ele disse...

— Sim, são esses mesmo.

— Bom, se todo mundo em Maycomb sabe que tipo de gente são os Ewell, deviam ficar felizes em dar trabalho para Helen… Cal, o que é estuprar?

— Isso você vai ter que perguntar ao sr. Finch — disse Cal. — Ele vai explicar melhor que eu. Estão com fome? Hoje o reverendo falou muito, ele não costuma ser tão aborrecido.

— É igual ao nosso pastor — disse Jem. — Mas por que vocês cantam os hinos daquele jeito?

— Verso a verso? — ela quis saber.

— É assim que chamam?

— É, chama-se verso a verso. Sempre foi assim.

Jem disse que eles podiam guardar o dinheiro das contribuições por um ano e comprar alguns livros de hinos. Calpúrnia riu e explicou:

— Não ia adiantar, eles não sabem ler.

— Não sabem ler? Toda aquela gente? — perguntei.

— Isso mesmo — concordou Calpúrnia. — Só umas quatro pessoas da congregação sabem ler, contando comigo.

— Em que escola você estudou, Cal? — perguntou Jem.

— Nenhuma. Deixa ver, quem me ensinou a ler? Foi a tia da srta. Maudie Atkinson, a velha srta. Buford…

— Você é *tão* velha assim?

— Sou mais velha até do que o sr. Finch. — Calpúrnia sorriu. — Mas não sei quantos anos. Uma vez começamos a relembrar, tentando descobrir quantos anos eu tenho… Minha memória só vai até alguns anos antes da dele, então não sou muito mais velha, sem contar que as mulheres lembram melhor que os homens.

— Quando você faz aniversário, Cal?

— Comemoro no Natal, assim é mais fácil lembrar. Não tenho data de nascimento.

— Mas, Cal, você não parece mais velha que papai — protestou Jem.

— Gente de cor demora mais a mostrar a idade.

— Talvez seja porque não sabem ler. Você ensinou Zeebo a ler, Cal?

— Ensinei, sr. Jem. Não tinha escola quando ele era menino. Mas eu ensinei.

Zeebo era o filho mais velho de Calpúrnia. Se eu tivesse parado para pensar, saberia que Calpúrnia já era idosa, porque Zeebo tinha filhos crescidos, mas nunca tinha pensado nisso.

— Zeebo aprendeu na cartilha, como nós? — perguntei.

— Não, eu fazia ele ler uma página da Bíblia por dia e usei o livro que a srta. Buford usava para me ensinar… Aposto que vocês não sabem como consegui esse livro — ela desafiou.

Não sabíamos mesmo. Calpúrnia então contou:

— Foi seu avô Finch que me deu.

— Você veio de Finch's Landing? — perguntou Jem. — Nunca nos contou.

— Sou de lá, sim, sr. Jem. Cresci lá, entre a propriedade dos Buford e Finch's Landing. Cresci trabalhando para os Finch e para os Buford. Vim para Maycomb quando o pai e a mãe de vocês se casaram.

— Qual foi o livro que meu avô deu, Cal? — perguntei.

— *Comentários*, de Blackstone.

Jem ficou pasmo.

— Foi com *esse* livro que você ensinou Zeebo a ler?

— Pois foi, sr. Jem — Tímida, Calpúrnia levou os dedos à boca. — Eram os únicos livros que eu tinha. O avô de vocês

dizia que o sr. Blackstone escrevia muito bem...

— É por isso que você fala diferente deles — concluiu Jem.

— Eles quem?

— Os outros negros, Cal. Mas na igreja você falou como eles...

Nunca tinha me ocorrido que Calpúrnia levava uma modesta vida dupla. A ideia de que ela tinha outra vida, fora da nossa casa, era nova para mim, isso sem falar no fato de ela dominar duas línguas.

— Cal, por que você fala como... os seus amigos quando está com eles se sabe que falam errado? — perguntei.

— Bom, primeiro porque sou negra...

— Mas isso não quer dizer que precisa falar errado, se sabe falar certo — disse Jem.

Calpúrnia empurrou o chapéu para o lado, coçou a cabeça, depois enfiou o chapéu até as orelhas.

— É difícil explicar. Imagine se você e Scout falassem como os negros em casa... seria estranho, não seria? Se eu falasse como os brancos na igreja ou com meus vizinhos, eles iam pensar que eu estava querendo ser mais importante que o profeta Moisés.

— Mas você sabe falar direito — insisti.

— Ninguém precisa mostrar tudo que sabe. Não é educado. Em segundo lugar, as pessoas não gostam de quem sabe mais que eles. Incomoda. A gente não muda os outros falando direito, eles precisam querer aprender. E se não querem, o jeito é ficar calada ou falar como eles.

— Cal, posso ir ver você de vez em quando?

Ela olhou para mim.

— Me ver, querida? Mas você não me vê todo dia?

— Ir na sua casa. Papai poderia me levar de vez em quando, depois do trabalho — sugeri.

— Quando você quiser. Gostaríamos muito — ela disse.

Estávamos na calçada da casa dos Radley.

— Olhem lá na varanda — disse Jem.

Olhei para a varanda dos Radley, esperando ver o fantasma que morava lá tomando sol no balanço. O balanço estava vazio.

— Estou falando da nossa varanda — disse Jem.

Olhei. Altiva, séria, inflexível, tia Alexandra estava sentada na cadeira de balanço exatamente como se tivesse sentado ali todos os dias de sua vida.

13

— Calpúrnia, leve minha mala para o quarto da frente — foi a primeira coisa que tia Alexandra disse. — Jean Louise, pare de coçar a cabeça — foi a segunda.

Calpúrnia pegou a pesada mala e abriu a porta de casa.

— Deixa que eu levo — disse Jem. E levou. Ouvi a mala cair no chão com um baque surdo. O som abafado pareceu ficar pairando no ar.

— Veio fazer uma visita, tia? — perguntei. Era raro tia Alexandra sair de Finch's Landing para nos visitar, e ela viajava em grande estilo. Vinha num grande Buick verde-claro conduzido por um motorista negro, ambos de uma limpeza doentia. Mas naquele dia nenhum dos dois estava à vista.

— Seu pai não avisou? — ela perguntou.

Jem e eu fizemos que não com a cabeça.

— Deve ter esquecido. Ele ainda não chegou, não é?

— Não, ele costuma voltar no final da tarde — disse Jem.

— Bom, o pai de vocês e eu resolvemos que estava na hora de eu passar um tempo aqui com vocês.

Em Maycomb, "um tempo" podia ser algo entre três dias e trinta anos. Jem e eu nos entreolhamos.

— Você e Jem estão crescendo — ela me disse. — Achamos que seria bom para você ter uma influência feminina. Daqui a pouco, Jean Louise, você vai começar a se interessar por roupas e rapazes…

Eu podia ter dado várias respostas a isso, como: "Cal é mulher"; "Vai levar anos para eu me interessar por rapazes"; "Jamais vou me interessar por roupas"… mas fiquei quieta.

— E o tio Jimmy? Ele também vem? — perguntou Jem.

— Não, vai ficar em Finch's Landing. Tomando conta da propriedade.

Assim que perguntei "você não vai sentir falta dele?" percebi que não tinha tido muito tato. Não fazia diferença se tio Jimmy estava presente ou não. Ele nunca abria a boca. Tia Alexandra ignorou minha pergunta.

Não consegui pensar em mais nada para dizer a ela. Na verdade, eu nunca conseguia pensar em nada para dizer a ela, e lembrei das nossas penosas conversas: "Como vai, Jean Louise? Bem, obrigada. E a senhora? Muito bem, obrigada. O que tem feito? Nada. Você não faz nada? Não. Não tem amigos? Tenho. Bom, e o que vocês fazem? Nada."

Era evidente que ela me achava totalmente estúpida, porque uma vez a ouvi dizendo a Atticus que eu era indolente.

Havia um motivo por trás de tudo aquilo, mas eu não estava com a menor vontade de tocar no assunto: era domingo e tia Alexandra ficava particularmente irritada no Dia do Senhor. Acho que era por causa do espartilho que usava. Ela não era gorda, mas robusta, e escolhia roupas que levantassem os peitos, afinassem a cintura, aumentassem o traseiro, dando a impressão de que ela um dia tinha sido uma sílfide. Sob todos os aspectos, era impressionante.

O resto da tarde transcorreu no clima de leve melancolia que descende quando os parentes aparecem e que se dissipou quando ouvimos um carro entrar na garagem. Era Atticus chegando de Montgomery. Jem esqueceu toda a pose e correu comigo ao encontro dele. Jem pegou a pasta e a mala de Atticus, eu pulei nos braços dele, senti seu beijo seco e perguntei:

— Trouxe um livro pra mim? Sabia que a tia está aqui?

Atticus respondeu sim para as duas perguntas e acrescentou:

— O que acha de ela morar aqui?

Respondi que achava muito bom, o que era mentira, mas às vezes precisamos mentir em determinadas circunstâncias, especialmente quando não podemos fazer nada.

— Achamos que vocês estavam precisando... Bem, é o seguinte, Scout — disse Atticus —, sua tia está fazendo um favor para mim e para vocês. Não posso ficar o dia todo com vocês e o verão vai ser quente.

— É, pai — concordei, sem entender nada do que ele tinha dito. Mas desconfiava que a vinda de tia Alexandra era mais obra dela do que de Atticus. Ela tinha a mania de ditar "o que é melhor para a família" e acho que morar conosco estava nessa categoria.

Maycomb recebeu-a de braços abertos. A srta. Maudie Atkinson fez um bolo regado com tanto licor que cheguei a ficar alegrinha. A srta. Stephanie Crawford fazia longas visitas a tia Alexandra que consistiam principalmente na srta. Stephanie balançar a cabeça e dizer "hum, hum, hum". Todas as tardes, tia Alexandra ia tomar café na casa da srta. Rachel, e o sr. Nathan Radley chegou a aparecer no jardim e dizer que era um prazer vê-la.

Depois que ela se instalou e a vida voltou ao ritmo normal, parecia que sempre tinha morado conosco. Aumentou sua fama de grande anfitriã graças aos refrescos que servia nas reuniões da Sociedade Missionária (ela não deixava que Calpúrnia fizesse os aperitivos necessários para que os integrantes da sociedade aguentassem os longos relatos sobre os "cristãos de arroz", como chamavam as pessoas que se convertiam ao cristianismo para receber as rações de arroz fornecidas pelas missões.) Além disso, ela entrou para o Clube dos Amanuenses de Maycomb e virou secretária da entidade.

Para todos os que participavam da vida do condado, tia Alexandra era uma das últimas damas da sua espécie: suas boas maneiras eram do tempo dos barcos fluviais e do colégio interno; aprovava e defendia todos os princípios morais e era uma fofoqueira incurável. Quando ela frequentava a escola, a palavra "insegurança" ainda não constava dos livros, por isso ela ignorava seu significado. Nunca ficava entediada e não perdia a chance de exercer suas prerrogativas reais: organizar, aconselhar, prevenir e advertir.

Também não perdia a oportunidade de apontar os defeitos das outras famílias e destacar as qualidades da nossa, um hábito que divertia Jem em vez de irritá-lo:

— É bom a tia tomar cuidado com o que fala; vasculhando, quase todo mundo no condado é nosso parente.

Ao sublinhar o aspecto moral do suicídio do jovem Sam Merriweather, ela disse que era devido a uma tendência mórbida da família. Se uma garota de dezesseis anos risse no coro da igreja, titia dizia: "Isso só prova que as Penfield são todas umas avoadas." Parecia que todos em Maycomb tinham uma tendência: para a bebida, para o jogo, para a maldade, para o ridículo.

Um dia, quando a tia nos garantiu que a tendência da srta. Stephanie Crawford de se meter na vida alheia era hereditária, Atticus disse:

— Minha irmã, se parar para pensar vai ver que a nossa geração é praticamente a primeira da família a não se casar com primos. Você diria que os Finch têm tendência para o incesto?

A tia disse que não, mas garantiu que era por isso que tínhamos mãos e pés pequenos.

Nunca entendi a preocupação dela com hereditariedade. Eu pensava que pessoas distintas eram aquelas que faziam o melhor que podiam de acordo com seu bom senso, mas tia Alexandra estava convencida, e o expressava de maneira indireta, que quanto mais tempo uma família vivia no mesmo lugar mais distinta ela era.

— Então, segundo seus critérios, os Ewell são pessoas distintas — concluiu Jem.

A família de Burris Ewell morava no mesmo pedaço de terra atrás do lixão de Maycomb, vivendo da assistência social do condado, havia três gerações.

A tese de tia Alexandra, porém, tinha algum fundamento. Maycomb era uma cidade antiga, a uns trinta quilômetros de Finch's Landing, e era estranho que, sendo tão antiga, ficasse tão longe do rio. Mas Maycomb teria sido mais perto do rio não fosse a esperteza de um tal Sinkfield, que, num passado remoto, administrava uma hospedaria e uma taverna no entroncamento de duas trilhas de porcos, a única no território. Sinkfield não era nenhum patriota: fornecia munição tanto para os índios quanto para os colonos, sem querer saber se fazia parte do território do Alabama ou da nação creek, desde que os negócios prosperassem. E eles prosperavam quando o governador William Wyatt Bibb, que queria promover a paz no condado recém-criado, mandou uma equipe de agrimensores localizarem o seu centro exato, onde seria instalada a sede do governo. Hospedados no estabelecimento de Sinkfield, os agrimensores informaram que ele estava quase no limite do condado de Maycomb e mostraram a ele onde provavelmente seria construída a sede. Se Sinkfield não tivesse dado um ousado golpe para preservar os próprios interesses, Maycomb hoje estaria localizado no meio do pântano Winston, um lugar totalmente sem graça. Em vez disso, Maycomb cresceu e se desenvolveu a partir de seu principal centro de atividade, que era a taverna de Sinkfield, porque uma noite Sinkfield embebedou seus hóspedes e convenceu-os a mostrar os mapas e cartas geográficas do condado e, tirando um pedaço de terra aqui, acrescentando um pedaço ali, fez o centro ficar onde mais lhe convinha. No dia seguinte, despachou os agrimensores com seus mapas e cinco litros de aguardente nos alforjes, sendo um para o governador.

Como o principal motivo de sua existência era sediar o governo, Maycomb foi poupado de se tornar um lugar malcuidado e sujo como quase todas as cidades do Alabama do mesmo tamanho. No princípio, suas construções eram sólidas, o tribunal era imponente e as ruas graciosamente largas. A proporção de profissionais liberais era alta: as pessoas iam até lá para tratar os dentes, consertar a carroça, ter o coração auscultado, depositar dinheiro, salvar a alma, tratar das mulas. Mas a sensatez da manobra de Sinkfield é discutível. Ele situou a jovem cidade longe demais do único meio de transporte público da época: as embarcações fluviais. Com isso, um homem do norte do condado demorava dois dias para ir até Maycomb a fim de comprar mantimentos. O resultado foi que a cidade ficou estagnada por um século, uma ilha em um mar quadriculado de algodoais e bosques.

Apesar de Maycomb ter sido ignorado durante a Guerra Civil, a reconstrução e a decadência econômica obrigaram-na a crescer. E ela cresceu para dentro. Raramente apareciam novos moradores e as mesmas famílias se casaram entre si até que todos os habitantes começaram a ficar meio parecidos. De vez em quando, alguém vinha de Montgomery ou de Mobile trazendo um forasteiro, mas isso provocava apenas uma leve ondulação na tranquila corrente das semelhanças familiares. Na minha infância, as coisas continuavam mais ou menos as mesmas.

Havia de fato um sistema de castas em Maycomb e, na minha mente, funcionava assim: os mais velhos, a geração atual de pessoas que se conheciam havia anos, eram totalmente previsíveis umas para as outras: presumiam que o comportamento, os traços de caráter e até os gestos se repetiam e se refinavam através das gerações. Assim as máximas "nenhum Crawford cuida da própria vida"; "de cada três Merriweather um é mórbido"; "os Delafield nunca dizem a verdade"; "todos os Buford andam daquele jeito" serviam de guia da vida cotidiana; assim como, nunca se aceitava um cheque de um Delafield sem antes consultar discretamente o banco; a srta. Maudie Atkinson tinha ombros caídos porque era uma Buford; não havia nada de estranho no fato de a sra. Grace Merriweather beber gim das garrafas de Lydia E. Pinkham, porque a mãe dela fazia o mesmo.

Tia Alexandra se encaixou na vida de Maycomb como uma mão numa luva, mas nunca na minha vida e na de Jem. Eu me perguntava com tanta frequência como ela podia ser irmã de Atticus e de tio Jack que reavivei em minha mente as antigas fantasias de Jem sobre troca de crianças e poções preparadas com raiz de mandrágora.

Tudo isso foram apenas especulações abstratas durante o primeiro mês que ela ficou conosco, já que não tinha muito a nos dizer e só a víamos durante as refeições e antes de irmos dormir. Era verão e ficávamos quase o dia todo do lado de fora. Claro que, algumas tardes, quando entrava correndo em casa para beber um copo d'água e encontrava a sala cheia de damas

de Maycomb tomando refresco, cochichando e se abanando com leques, tia Alexandra me chamava:

— Jean Louise, venha cumprimentar as visitas.

Quando eu aparecia na porta, minha tia parecia se arrepender do pedido, porque eu estava sempre enlameada ou coberta de areia.

— Cumprimente sua prima Lily — ela disse uma tarde, quando me encurralou no corredor.

— Quem? — perguntei.

— Sua prima Lily Brooke — respondeu tia Alexandra.

— Ela é nossa prima? Não sabia.

Tia Alexandra conseguiu dar um sorriso que era ao mesmo tempo um discreto pedido de desculpas à prima e uma severa reprimenda a mim. Quando a prima Lily Brooke foi embora, vi que eu estava em maus lençóis.

A tia disse que era lastimável que meu pai não tivesse se preocupado em nos falar sobre a família ou em instilar em nós orgulho de sermos Finch. Ela chamou Jem, que sentou, desconfiado, no sofá ao meu lado. Tia Alexandra saiu da sala e voltou com um livro de capa roxa e título em letras douradas: *Meditações de Joshua S. St Clair.*

— Este livro foi escrito por um primo nosso — informou. — Ele era um homem notável.

Jem examinou o pequeno volume.

— É o primo Joshua que ficou preso muito tempo?

Tia Alexandra quis saber:

— Como sabe disso?

— Atticus contou que ele endoidou na universidade e tentou matar o reitor depois de dizer que ele não passava de um inspetor de esgotos. Atirou com uma velha espingarda de pederneira, só que a arma explodiu na mão dele. Atticus contou também que a família teve de pagar quinhentos dólares para tirá-lo da…

Tia Alexandra estava de pé, imóvel como uma garça.

— Chega, depois falamos sobre isso.

Antes de dormir, eu estava no quarto de Jem pegando um livro emprestado quando Atticus bateu na porta e entrou. Sentou-se na beira da cama de Jem, olhou-nos sério e sorriu.

— *Errr... hummm...* — fez. Algum tempo antes ele tinha passado a pigarrear antes de falar e achei que ele devia estar ficando velho, embora parecesse o mesmo de sempre.

— Não sei bem como dizer isso — confessou.

— Então diga logo — sugeriu Jem. — Fizemos alguma coisa errada?

Na verdade, papai estava inquieto.

— Não, só quero explicar a vocês que… A tia Alexandra me pediu… Filho, você sabe que é um Finch, não sabe?

— Foi o que me disseram. — Jem respondeu, olhando de soslaio. Sem perceber, aumentou o tom de voz e perguntou: — Atticus, qual é o problema?

Atticus cruzou as pernas e os braços.

— Estou tentando explicar a vocês os fatos da vida.

Jem ficou ainda mais irritado:

— Já sei tudo isso — declarou.

De repente, Atticus ficou sério de novo. Com sua voz de advogado, sem nenhuma inflexão, disse:

— A tia de vocês pediu para tentar inculcar em vocês dois a ideia de que não são uns pés-rapados e sim o produto de várias gerações de gente de boa cepa. — Atticus fez uma pausa para me observar enquanto eu tentava localizar um inseto na minha perna. — Gente de boa educação — continuou ele depois que encontrei o inseto e o esmaguei — e que deviam honrar o

nome que têm. Atticus continuou: — Ela me pediu para dizer a vocês que devem se comportar como a pequena dama e o pequeno cavalheiro que são. Ela quer falar com vocês sobre a importância da nossa família no condado Maycomb através dos anos, pra que vocês saibam quem são e se comportem de acordo — terminou a galope.

Pasmos, Jem e eu nos entreolhamos, depois nos viramos para Atticus, que parecia estar com um problema no colarinho. Ficamos calados.

Um pouco depois, peguei um pente na cômoda de Jem e fiquei passando os dentes na beira do móvel.

— Pare com esse barulho — ordenou Atticus.

Fiquei magoada com a rispidez dele. O pente estava na metade do caminho e eu o deixei cair. Sem saber por que, senti que ia começar a chorar, mas não pude me conter. Aquele não era o meu pai. Meu pai nunca pensava nessas coisas. Meu pai nunca falava daquele jeito. Aquilo só podia ser coisa da tia Alexandra. Em meio às lágrimas, vi Jem isolado em uma ilha como eu, com a cabeça inclinada para o lado.

Eu não sabia para onde ir, mas me virei para sair e dei de cara com o colete de Atticus. Enfiei o rosto nele e fiquei ouvindo os pequenos ruídos internos por dentro do tecido azul: o tique-taque do relógio, o leve farfalhar da camisa engomada, o som suave da respiração dele.

— Sua barriga está roncando — eu disse.

— Eu sei — ele concordou.

— É melhor você beber água com bicarbonato.

— Vou beber.

— Atticus, toda essa história de comportamento e família vai mudar as coisas? Quer dizer, você...?

Senti a mão dele na minha nuca.

— Não se preocupe com nada — disse ele. — Não é hora de se preocupar.

Então, vi que ele tinha voltado a ser o nosso pai. O sangue circulou de novo pelas minhas pernas e levantei a cabeça.

— Quer mesmo que a gente faça essas coisas? Não lembro de tudo o que os Finch devem fazer...

— Não quero que se lembre. Esqueça.

Ele saiu do quarto e fechou a porta. Esteve a ponto de batê-la com força, mas, na última hora, conteve-se e fechou-a devagar. Jem e eu ficamos olhando a porta se abrir de novo e Atticus enfiar a cabeça no quarto. Com as sobrancelhas levantadas e os óculos caídos no nariz, perguntou:

— Estou cada dia mais parecido com o primo Joshua, não estou? Acham que vou acabar custando quinhentos dólares à família?

Hoje eu sei o que ele estava tentando fazer, mas Atticus era apenas um homem. É preciso uma mulher para fazer esse tipo de coisa.

14

Embora não tenhamos ouvido mais nada a respeito da família Finch vindo de tia Alexandra, ouvíamos o bastante na cidade. Aos sábados, de posse das nossas moedas, e quando Jem deixava que eu o acompanhasse (ele estava verdadeiramente alérgico à minha presença em público), nós abríamos caminho no meio de suarentos grupos nas calçadas e às vezes ouvíamos: "esses aí são os filhos dele" ou "olha ali os Finch". Quando nos virávamos para encarar os nossos acusadores, víamos apenas fazendeiros olhando clisteres na vitrine da farmácia Mayco. Ou duas caipiras gordas de chapéu de palha sentadas numa carroça.

— A julgar por essa gente que manda no condado, eles podem ficar soltos e estuprar todo mundo por aí — foi uma estranha observação de um senhor magro ao passar por nós. O que me lembrou de perguntar uma coisa a Atticus.

— O que é estuprar? — perguntei naquela noite.

Atticus afastou o jornal e olhou para mim. Estava na cadeira ao lado da janela. Quando ficamos maiores, Jem e eu achávamos justo conceder meia hora a Atticus para ficar em paz depois do jantar.

Ele deu um suspiro e disse que estuprar era ter contato sexual com uma mulher à força e sem o consentimento dela.

— Bem, se é só isso, por que Calpúrnia não quis me dizer quando perguntei?

Atticus ficou pensativo.

— Como é que foi isso?

— Bom, quando voltamos da igreja aquele dia, perguntei a Calpúrnia o que era estupro e ela disse para perguntar a você, mas eu esqueci e só lembrei agora.

Ele colocou o jornal no colo.

— Repita, por favor — ele disse.

Contei em detalhe a nossa ida à igreja com Calpúrnia. Atticus pareceu gostar, mas tia Alexandra, que estava sentada num canto bordando, deixou de lado o bastidor e olhou para nós.

— Vocês foram à igreja com Calpúrnia naquele domingo?

Jem confirmou:

— É, ela levou a gente.

Lembrei de um detalhe.

— É, e disse que um dia posso ir na casa dela. Atticus, posso ir no próximo domingo? Cal disse que viria me pegar se você estivesse sem carro.

— *Não* pode não.

Foi tia Alexandra quem disse. Virei-me, espantada, e olhei de novo para Atticus, a tempo de perceber o olhar dele, mas era tarde demais. Eu disse:

— Não perguntei para você!

Para um homem grande como ele, Atticus podia se sentar e se levantar de uma cadeira mais rápido que qualquer pessoa que eu conhecia. Ele ficou de pé.

— Peça desculpas à sua tia.

— Perguntei para você, não para ela.

Atticus virou a cabeça e me fulminou com o olho bom. A voz dele foi implacável:

— Primeiro, peça desculpas à sua tia.

— Desculpe, tia — murmurei.

— Agora vamos deixar uma coisa bem clara: você obedece a Calpúrnia, a mim e, enquanto sua tia estiver morando aqui em casa, obedece a ela também. Entendeu?

Entendi, pensei um pouco e cheguei à conclusão de que a única maneira de me retirar com dignidade era ir ao banheiro. Fui e fiquei lá o tempo suficiente para eles pensarem que eu precisava ir mesmo. Ao voltar, parei no corredor e fiquei ouvindo uma discussão acalorada que estava acontecendo na sala. Da porta, dava para ver Jem sentado no sofá, com uma revista de esportes na frente do rosto e mexendo a cabeça como se assistisse a uma animada partida de tênis.

— … você precisa tomar uma atitude em relação a ela — dizia a tia. — Deixou as coisas correrem soltas por tempo demais, Atticus. Tempo demais.

— Não vejo problema nenhum que ela vá até lá. Cal vai cuidar dela tão bem lá como faz aqui.

De quem eles estavam falando? Senti um peso no coração: de mim. Senti as paredes engomadas de uma prisão de algodão cor-de-rosa se fechando sobre mim e, pela segunda vez na vida, pensei em fugir de casa. Imediatamente.

— Atticus, tudo bem ter um coração mole, você é um homem tranquilo, mas precisa pensar na sua filha. Ela está crescendo.

— É nisso que estou pensando.

— Não tente fugir do problema. Mais cedo ou mais tarde, terá de enfrentar esse fato e é melhor que seja esta noite. Não precisamos mais dela.

A voz de Atticus não se alterou:

— Alexandra, Calpúrnia só sai desta casa quando quiser. Você pode discordar, mas eu não teria aguentado todos esses anos se não fosse ela. Ela faz parte desta família e você vai ter que aceitar as coisas como elas são. Além disso, irmã, não quero que você fique se esfalfando por nossa causa, não precisa. Continuamos precisando de Calpúrnia como sempre precisamos.

— Mas Atticus…

— Além do mais, as crianças não foram nem um pouco prejudicadas por terem sido criadas por ela. De certa maneira, Cal foi mais exigente com eles do que uma mãe teria sido… Nunca deixou que se safassem de nada, nem os estragou como faz a maioria das babás negras. Tentou criá-los com bom senso, que ela tem bastante. E tem mais: as crianças a amam.

Voltei a respirar. Eles não estavam falando de mim, mas de Calpúrnia. Recuperada, entrei na sala. Atticus tinha se refugiado atrás do jornal e tia Alexandra tinha voltado a bordar. *Tique*, *tique*, *tique*, a agulha furava o pano esticado no bastidor. Parou e esticou mais o pano: *tique, tique, tique*. Estava furiosa.

Jem se levantou e fez sinal para eu ir atrás. Fomos para o quarto e ele fechou a porta. Estava sério.

— Eles estavam brigando, Scout.

Jem e eu andávamos brigando muito naqueles dias, mas nunca tinha visto ninguém discutir com Atticus. Não era uma cena agradável.

— Scout, procure não aborrecer a tia, entendeu?

As palavras de Atticus ainda estavam ecoando na minha cabeça, por isso não percebi de imediato o pedido de Jem. Levantei a crista outra vez.

— Está querendo me dizer o que fazer?

— Não, é que… Atticus já está com muita coisa na cabeça para ainda por cima ter que ficar se preocupando conosco.

— Que tipo de coisa? — Atticus não parecia especialmente preocupado com nada.

— Ele está muito preocupado com o caso de Tom Robinson…

Retruquei que Atticus não se preocupava com nada. Além do mais, esse caso só nos dava problema uma vez por semana, por poucas horas.

— É porque você não pensa muito nas coisas — disse Jem. — Com adultos é diferente, nós…

A irritante superioridade dele estava ficando insuportável. Ele só queria saber de ler e andar por aí sozinho. Ainda passava tudo o que lia para mim, mas com um detalhe: antes, porque achava que eu ia gostar; agora, para me instruir e educar.

— Uma ova, Jem! Quem você pensa que é?

— Estou falando sério, Scout, se você irritar a tia eu vou... vou dar uma surra em você.

Isso foi demais.

— Seu maldito verme, vou te matar!

Ele estava sentado na cama e foi fácil segurá-lo pelos cabelos e dar um soco na boca dele. Ele me deu um tapa e tentei revidar, mas levei um soco no estômago e fiquei esparramada no chão. Fiquei sem ar, mas não tinha importância, porque ele estava brigando, reagindo. Ainda éramos iguais.

— Não está mais tão distante e importante, não é? — berrei, dando mais um soco. Ele continuava na cama e não consegui me equilibrar direito, então me joguei com força para cima dele e bati, soquei, belisquei, puxei os cabelos dele. O que tinha começado com um soco virou um vale-tudo. Ainda estávamos atracados quando Atticus nos separou.

— Chega. Vão os dois para a cama já — ele disse.

— *Buu!* — fiz para Jem. Ele estava indo para a cama no mesmo horário que eu.

— Quem começou? — perguntou Atticus, resignado.

— Foi Jem. Ele queria mandar em mim. Não tenho de obedecer a *ele* também, tenho?

Atticus sorriu.

— Vamos combinar assim: você obedece Jem sempre que ele conseguir obrigá-la a obedecer, certo?

Tia Alexandra olhava sem dizer nada e, quando saiu pelo corredor com Atticus, ouvimos:

— … é desse tipo de coisa que eu estava falando.

E essa frase nos uniu de novo.

Meu quarto era ao lado do de Jem. Quando fechei a porta que ligava os dois quartos, ele disse:

— Boa noite, Scout.

— Boa noite — murmurei, andando no escuro para acender a luz. Ao passar pela cama, pisei em uma coisa quente, resistente e muito lisa. Não era exatamente como borracha e tive a impressão de que estava viva. Também ouvi a coisa se mexer.

Acendi a luz e olhei para o chão junto à cama. A coisa tinha sumido. Bati na porta de Jem.

— O que foi? — ele perguntou.

— Como é uma cobra?

— Meio dura. Fria, escorregadia. Por quê?

— Acho que tem uma embaixo da minha cama. Você pode dar uma olhada?

— Você está brincando?

Jem abriu a porta. Estava de calça de pijama. Reparei com certa satisfação que a marca do meu soco ainda estava visível na boca dele. Quando viu que eu estava falando sério, disse:

— Se você acha que vou ficar cara a cara com uma cobra, está muito enganada. Espera um instante.

Ele foi até a cozinha e pegou a vassoura.

— É melhor você subir na cama — sugeriu Jem.

— Você acha que é uma cobra mesmo? — perguntei.

Era um fato inusitado. As nossas casas não tinham porão, eram construídas sobre blocos de pedra a alguns metros do chão, e a entrada de répteis não era algo que nunca tinha acontecido, mas tampouco era comum. A desculpa da srta. Rachel Haverford para tomar uma dose de uísque puro todas as manhãs era que, segundo ela, nunca tinha se recuperado do susto de encontrar uma cobra enroscada no armário quando foi dependurar o penhoar.

Jem passou a vassoura embaixo da cama. Olhei para ver se saía alguma cobra. Nada. Jem enfiou a vassoura mais fundo.

— Cobra resmunga?

— Não é cobra, é gente — avisou Jem.

De repente, uma coisa suja e escura saiu de baixo da cama. Jem levantou a vassoura e por pouco não acertou a cabeça de Dill.

— Deus Todo Poderoso! — exclamou Jem, com todo o respeito.

Dill foi saindo aos poucos. Ele estava bem apertado. Levantou-se e flexionou os ombros, girou os pés vestidos em meias soquetes, esfregou a nuca. Depois que recuperou a circulação, disse:

— Oi.

Jem invocou o nome de Deus outra vez. Fiquei muda.

— Estou morrendo de fome. Tem alguma coisa para comer? — perguntou Dill.

Fui até a cozinha como uma sonâmbula, peguei leite e a metade do bolo de fubá que tinha sobrado do jantar. Dill devorou tudo, mastigando com os dentes da frente, como sempre.

Finalmente, recuperei a voz.

— Como chegou até aqui?

Tinha sido complicado. Depois de comer, Dill se sentiu melhor e contou tudo: o novo pai não gostava dele, então o acorrentou no porão (em Meridian, as casas tinham porão) e o deixou lá para morrer. Ele conseguiu sobreviver comendo ervilhas cruas dadas por um fazendeiro da vizinhança que tinha ouvido seus gritos de socorro (o bom homem enfiou pelo buraco da ventilação um cesto inteiro de ervilhas, uma por uma). Dill conseguiu se libertar arrancando as correntes que o prendiam à parede. Ainda com as correntes nos braços, andou cinco quilômetros, encontrou uma pequena feira de animais e foi contratado para dar banho no camelo. Viajou com o grupo por todo o Mississippi até que seu ótimo senso de orientação revelou que ele estava no condado de Abbott, no Alabama, do outro lado do rio que passava por Maycomb. Andou o resto do caminho.

— Como conseguiu entrar embaixo da cama? — perguntou Jem.

Dill tinha pegado treze dólares na bolsa da mãe, tomou o trem das nove que saía de Meridian e saltou no entroncamento de Maycomb. Andou uns dezesseis ou dezessete dos vinte e dois quilômetros que faltavam até Maycomb, escondido nas moitas da estrada, com medo que a polícia estivesse à procura dele, e percorreu o resto do caminho dependurado num vagão de carga de algodão. Estava embaixo da cama havia umas duas horas, achava, tinha ouvido enquanto jantávamos e ficou quase doido de fome com o tilintar dos talheres. Achou que Jem e eu nunca íamos para a cama e chegou a pensar em sair do esconderijo e me ajudar a bater em Jem, já que ele era muito maior do que eu, mas sabia que o sr. Finch ia aparecer logo, então achou melhor ficar onde estava. Estava exausto e sujo até a alma, mas estava em casa.

— Eles não devem saber que você está aqui — avaliou Jem. — Se estivessem procurando por você, nós saberíamos…

— Devem estar me procurando nos cinemas de Meridian — disse Dill, sorrindo.

— Você tem que avisar a sua mãe que está aqui… — aconselhou Jem. — Você tem que avisar a ela que está aqui...

Dill olhou nos olhos de Jem, que abaixou a cabeça. Depois levantou-se e rompeu o último código inviolado da nossa infância. Saiu do quarto e foi até o corredor.

— Atticus — a voz dele estava distante —, pode vir aqui um instante?

Sob as gotas sujas de suor, o rosto de Dill empalideceu. Meu estômago se embrulhou. Atticus apareceu na porta.

Parou no meio do quarto, com as mãos nos bolsos, e ficou olhando para Dill.

Finalmente recuperei a voz:

— Está tudo bem, Dill. Quando ele quer que você saiba alguma coisa, ele diz.

Dill olhou para mim.

— Garanto que está tudo bem — repeti. — Atticus não vai fazer nada com você. Não precisa ter medo.

— Não estou com medo… — murmurou Dill.

— Só com fome, aposto. — A voz de Atticus tinha a agradável secura de sempre. — Scout, temos coisa melhor do que bolo de fubá frio, não é? Dê comida para esse rapazinho e quando eu voltar, veremos o que fazer.

— Sr. Finch, não conte para tia Rachel, não me obrigue a voltar, *por favor*! Eu fujo de novo…

— Calma, filho — disse Atticus. — Ninguém vai obrigá-lo a ir para lugar nenhum a não ser para a cama daqui a pouco. Só vou avisar a srta. Rachel que você está aqui e perguntar se pode passar a noite conosco… Você vai gostar de dormir aqui, não é? E, pelo amor de Deus, devolva ao condado a terra que é dele, já basta a erosão.

Dill ficou olhando meu pai sair do quarto.

— Ele está tentando ser engraçado — avisei. — Ele quer dizer que é para você tomar banho. Está vendo? Eu disse que ele não ia fazer nada com você.

Jem estava em pé num canto do quarto, como o traidor que ele era.

— Dill, eu tinha de avisar a ele. Você não pode fugir de casa e andar quase quinhentos quilômetros sem sua mãe saber.

Dill e eu saímos sem dizer nada.

Dill comeu, comeu e comeu. Não comia desde a noite anterior. Tinha gastado todo o dinheiro que tinha comprando a passagem, entrou no trem como já havia feito tantas vezes, conversou tranquilamente com o condutor, que já o conhecia mas não teve coragem de seguir a regra para crianças viajando grandes distâncias sozinhas: se você tivesse perdido o seu dinheiro, o condutor emprestava a quantia suficiente para o jantar e o pai devolvia no final da viagem.

Dill comeu todas as sobras do nosso jantar e ia pegar uma lata de carne de porco com feijão branco na despensa quando ouvimos a voz da srta. Rachel exclamando Ai-Meu-Deus no corredor. Dill tremeu como um coelho.

Ele enfrentou com galhardia as ameaças de "Espere só para ver o que vai acontecer quando você chegar em casa, seus pais devem estar loucos de preocupação"; não se alterou ao ouvir "Você está mostrando a sua porção Harris"; sorriu quando ela disse: "Acho que você pode dormir aqui esta noite" e retribuiu o abraço dela.

Atticus ajeitou os óculos e passou a mão no rosto.

— O pai de vocês está cansado — disse tia Alexandra no que pareceram ser suas primeiras palavras em horas. Ela tinha acompanhado tudo de perto, mas acho que estava pasma demais. — Agora vão para a cama.

Deixamos os dois na sala de jantar, Atticus ainda passando a mão no rosto.

— De um estupro para uma briga e um fugitivo. Não quero nem imaginar o que me aguarda nas próximas horas — disse ele, rindo.

Como as coisas pareciam ter terminado bem, Dill e eu resolvemos ser gentis com Jem. Além disso, os dois iam dormir juntos, então era melhor nos falarmos.

Vesti meu pijama, li um pouco e, de repente, não consegui mais manter meus olhos abertos. Dill e Jem estavam calados e, quando desliguei o abajur, não havia luz embaixo da porta de Jem.

Devo ter dormido muito, porque, quando fui acordada o quarto estava banhado com a luz suave da lua.

— Chega para lá, Scout.

— Ele achou que tinha de fazer aquilo — resmunguei. — Não fica chateado com ele.

Dill deitou ao meu lado na cama.

— Não estou chateado. Só quero dormir com você. Está acordada?

A essa altura, eu estava, mas sonolenta.

— Por que você fugiu de casa?

Não houve resposta.

— Perguntei por que fugiu. Seu padrasto é mesmo ruim com você, como disse?

— Não…

— Vocês não construíram o barco como você falou na carta?

— Ele disse que íamos construir, mas não construímos.

Eu me apoiei nos cotovelos e olhei a silhueta de Dill.

— Isso não é motivo para fugir. Os adultos não cumprem metade do que prometem.

— Bom, não foi isso, ele… Eles não estavam interessados em mim.

Era o motivo mais estranho que eu já tinha ouvido para alguém fugir de casa.

— Como assim?

— Eles ficavam na rua o dia todo e, quando voltavam, ficavam sozinhos no quarto.

— O que eles faziam lá dentro?

— Nada, só ficavam sentados e liam… mas não queriam que eu ficasse lá com eles.

Encostei o travesseiro na cabeceira da cama e sentei.

— Sabe de uma coisa? Eu estava pensando em fugir hoje porque eles não saem daqui. Ninguém quer os adultos por perto o tempo todo, Dill…

Dill deu um suspiro resignado.

— Atticus fica na rua o dia inteiro e às vezes quase a noite toda também, tem de ir à Câmara e coisas assim… Ninguém quer eles em volta sempre. Se eles ficam perto o tempo todo, a gente não pode brincar de nada, Dill.

— Não é isso.

Enquanto Dill explicava, fiquei pensando em como seria a minha vida se Jem fosse diferente, diferente até do que era agora. Pensei no que eu faria se Atticus não precisasse da minha presença, da minha ajuda e dos meus conselhos. Ele não sobreviveria um dia sem mim. Até Calpúrnia não conseguia fazer nada se eu não estivesse por perto. Eles precisavam de mim.

— Dill, você está errado… seus pais não viveriam sem você. Eles só devem estar sendo maus com você. Vou dizer o que você deve fazer…

A voz de Dill continuou firme no escuro:

— O que eu quero dizer é que… eles vivem muito melhor sem mim, não posso fazer nada por eles. Eles não são maus, compram tudo o que eu quero, mas depois é como se dissessem "agora que você tem isso, pode ir brincar sozinho. Você tem um quarto cheio de brinquedos. Tem aquele livro, então vá ler." — Dill tentou falar mais grosso, imitando o pai: — "Você não é menino. Meninos gostam de sair e jogar beisebol com os outros meninos, não ficam em casa amolando os pais."

A voz dele voltou ao normal:

— Ah, eles não são maus. Beijam, abraçam, dão boa noite, bom dia, até logo, dizem que me amam... Scout, vamos arrumar um bebê para nós?

— Onde?

Dill tinha ouvido falar de um barqueiro que remava até uma ilha nevoenta onde ficavam todos os bebês, e a gente podia encomendar um...

— Mentira. Tia Alexandra disse que Deus enfia os bebês pela chaminé, ou pelo menos foi o que entendi.

Pelo menos dessa vez, ela não tinha sido muito clara nas explicações.

— Bem, não é isso. As pessoas fazem os bebês umas com as outras. Mas tem esse barqueiro também... tem todos esses bebês à espera de serem acordados, ele sopra vida neles...

Dill estava fantasiando outra vez. Coisas lindas flutuavam em sua cabeça sonhadora. Ele conseguia ler dois livros enquanto eu lia um, mas preferia o encanto de suas próprias invenções. Conseguia fazer contas de somar e subtrair com a rapidez de um raio, mas preferia seu mundo imaginário onde os bebês dormiam à espera de serem colhidos como lírios da manhã. Foi aos poucos adormecendo e me levando junto, mas, na quietude de sua ilha nevoenta surgiu a imagem apagada de uma casa cinza com tristes portas marrons.

— Dill?

— Hum?

— Por que você acha que Boo Radley nunca fugiu?

Dill deu um longo suspiro e virou de costas para mim.

— Vai ver que ele não tem para onde fugir...

15

Depois de muitos telefonemas, muitos argumentos em favor do acusado e uma longa carta de perdão da mãe, foi decidido que Dill podia ficar. Tivemos uma semana de paz juntos. Depois disso, restava pouco, pelo visto. Estávamos prestes a enfrentar um pesadelo.

Começou uma noite, após o jantar. Dill estava lá, tia Alexandra estava sentada no canto e Atticus estava sentado na cadeira dele. Jem e eu estávamos esparramados no chão, lendo. Tinha sido uma semana tranquila: eu obedeci a tia; Jem ajudou Dill e eu a construirmos uma escada de corda nova para a casa da árvore, apesar de ele ter crescido muito para caber nela. Dill tinha bolado um plano infalível para tirar Boo Radley de casa, sem nenhum risco para nós (era só fazer uma trilha de balas de limão indo da porta dos fundos até o jardim e ele a seguiria como uma formiga). De repente, bateram à porta, Jem foi atender e avisou que era o sr. Heck Tate.

— Pois peça para ele entrar — disse Atticus.

— Já pedi, mas tem uns homens no jardim, querem que você vá até lá.

Em Maycomb, só havia dois motivos para homens ficarem lá fora, plantados no jardim: morte ou política. Fiquei imaginando quem teria morrido. Jem e eu fomos até a porta, mas Atticus mandou:

— Vão lá para dentro.

Jem apagou a luz da sala e grudou o nariz numa janela telada. Quando tia Alexandra reclamou da escuridão, Jem explicou:

— Só um pouquinho, tia, quero ver quem está lá fora.

Dill e eu ficamos em outra janela. Vários homens rodeavam Atticus. Todos pareciam falar ao mesmo tempo.

—... transferi-lo para a cadeia do condado amanhã — dizia o sr. Tate. — Não quero problema, mas não garanto que...

— Não seja tolo, Heck. Estamos em Maycomb — disse Atticus.

—... eu disse que só estava preocupado.

— Heck, conseguimos o adiamento do caso justamente para não nos preocuparmos com nada. Hoje é sábado — disse Atticus. — O julgamento provavelmente será na segunda. Você pode ficar com ele na cadeia duas noites, não pode? Não creio que ninguém em Maycomb vá invejar o fato de eu ter um cliente em tempos tão difíceis.

Houve um murmúrio de agitação, que se dissipou quando o sr. Link Deas disse:

— Ninguém aqui vai fazer nada, estou preocupado é com aquele velho bando de Old Sarum... Heck, você não pode conseguir uma... como se chama?

— Transferência de jurisdição — respondeu o sr. Tate. — Não vai adiantar muito, vai?

Não consegui ouvir a resposta de Atticus. Virei-me para Jem, que fez sinal para eu ficar quieta.

— ... além disso, não está com medo daquele bando, está? — dizia Atticus.

—... sei como eles ficam quando estão bêbados.

— Eles não costumam beber no domingo. Passam a maior parte do dia na igreja... — disse Atticus.

— Trata-se de uma situação especial... — disse alguém.

Eles conversaram em voz baixa e cochicharam até tia Alexandra dizer para Jem que, se ele não acendesse a luz da sala, ia desonrar a família. Jem não deu ouvidos.

— … não entendo por que você se meteu nisso para começo de conversa — disse o sr. Link Deas. — Você pode perder tudo por causa disso, Atticus. Tudo.

— Você acha mesmo?

Essa era uma pergunta perigosa vindo de Atticus.

"Você acha mesmo que quer mover essa peça para lá, Scout?" *Bam*, *bam*, *bam* e o tabuleiro de xadrez ficava sem os meus cavaleiros. "Você acha mesmo, filho? Então leia isto." Jem então passava o resto da noite lendo os discursos de Henry W. Grady.

— Link, aquele homem pode ir para a cadeira elétrica, mas não antes de sabermos a verdade. — A voz de Atticus era calma. — E você sabe qual é a verdade.

Houve um murmúrio entre os homens, que ficou mais ameaçador quando Atticus retrocedeu até a escada da varanda e os homens se aproximaram.

De repente, Jem gritou:

— Atticus, o telefone está tocando!

Os homens titubearam, surpresos, e se afastaram; era gente que víamos todos os dias: comerciantes, fazendeiros e, no meio deles, o dr. Reynolds e o sr. Avery.

— Então atenda, filho — respondeu Atticus.

Os homens riram e se dispersaram. Quando Atticus entrou na sala e acendeu a luz, encontrou Jem na janela, com o rosto pálido e o nariz marcado pela tela.

— Por que diabos vocês estavam todos no escuro? — papai perguntou.

Jem observou enquanto ele se sentava na cadeira de sempre e pegava o jornal vespertino. Às vezes acho que Atticus avaliava todas as crises de sua vida calmamente atrás das páginas do *Mobile Register*, do *Birmingham News* e do *Montgomery Advertiser*.

— Eles vieram atrás de você, não foi? — Jem perguntou. — Queriam pegar você, não queriam?

Atticus abaixou o jornal e olhou para Jem.

— O que você andou lendo? — perguntou. E acrescentou com doçura: — Não, filho, aqueles homens são nossos amigos.

— Não eram… uma gangue? — Jem olhava desconfiado.

Atticus tentou disfarçar o riso, mas não conseguiu.

— Não, não temos quadrilhas e bobagens assim em Maycomb. Nunca ouvi falar de uma gangue em Maycomb.

— A a Ku Klux Klan perseguiu uns católicos uma vez.

— Também nunca ouvi falar de católicos em Maycomb — disse Atticus. — Você está confundindo com outra coisa. Lá pelos anos 1920, houve um grupo da Klan, mas era uma organização política mais do que qualquer outra coisa. Além disso, ninguém tinha medo deles. Uma noite, desfilaram diante da casa do sr. Sam Levy, que foi até a varanda e disse a eles que as coisas tinham ficado realmente engraçadas, pois ele mesmo tinha vendido os lençóis que eles estavam usando. Ficaram tão constrangidos que foram embora.

A família Levy atendia a todas as exigências para serem considerados gente distinta: faziam o melhor que podiam de acordo com seu bom senso e viviam no mesmo pedaço de terra havia cinco gerações.

— A Ku Klux Klan acabou e nunca mais vai voltar — disse Atticus.

Levei Dill até a casa da srta. Rachel e voltei a tempo de ouvir Atticus dizendo à tia:

— … em defesa das mulheres sulistas e de todos os demais, mas não para manter uma mentira à custa de uma vida humana.

Uma frase que me fez suspeitar que os dois tinham brigado de novo.

Procurei Jem e achei-o no quarto, deitado na cama, pensando.

— Eles estavam brigando? — perguntei.

— Mais ou menos. Ela não deixa ele em paz por causa de Tom Robinson. Quase chegou a dizer que Atticus estava desgraçando a família. Scout... estou preocupado.

— Com o quê?

— Com Atticus. Alguém pode fazer mal a ele.

Jem preferiu continuar misterioso, tudo o que eu perguntava ele respondia com um "deixa pra lá" e "me deixa em paz".

O dia seguinte era domingo. No intervalo entre a escola dominical e a igreja, quando a congregação esticava as pernas, vi Atticus no jardim com outro grupo de homens. O sr. Heck Tate estava entre eles e fiquei me perguntando se ele tinha visto a luz divina, pois nunca ia à igreja. Até o sr. Underwood estava lá. O sr. Underwood não se interessava por nenhuma organização a não ser o *Maycomb Tribune*, do qual era o único dono, editor e impressor. Ele passava os dias no linotipo, onde se refrescava de vez em quando tomando goles de um garrafão de vinho de cereja. Raramente ia atrás das notícias, as notícias é que iam até ele, levadas pelas pessoas. Dizia-se que ele inventava todas as edições do *Maycomb Tribune* na cabeça dele e escrevia direto no linotipo, o que era bem possível. Alguma coisa devia ter acontecido naquele domingo para ele sair da oficina.

Encontrei Atticus na porta da igreja e ele contou que tinham transferido Tom Robinson para a cadeia de Maycomb. Disse também, mais para ele mesmo do que para mim, que se tivessem feito isso antes, não haveria tanta confusão. Observei enquanto ele tomava seu lugar na terceira fila e ouvi-o cantar *Mais perto de ti, meu Deus* algumas notas atrás do resto da congregação. Ele nunca se sentava com Jem, nossa tia e eu na igreja; gostava de ficar sozinho.

A falsa tranquilidade dos domingos ficou ainda mais irritante com a presença de tia Alexandra. Depois do almoço, Atticus se enfurnava no escritório e, se o procurávamos, o encontrávamos lendo, sentado em sua cadeira giratória. Tia Alexandra se retirava para um cochilo de duas horas e nos proibia de fazer qualquer barulho no quintal, pois os vizinhos estavam descansando. Depois que virou um "senhor", Jem ia para o quarto com uma pilha de revistas sobre futebol. Assim, Dill e eu passávamos os domingos perambulando pelo pasto.

Como era proibido atirar aos domingos, então Dill e eu ficamos chutando a bola de Jem no pasto por um tempo, o que não tinha nenhuma graça. Dill perguntou se eu não gostaria de dar uma espiada em Boo Radley. Respondi que não achava legal incomodá-lo e passei o resto da tarde contando a ele os fatos ocorridos no inverno anterior. Ele ficou bastante impressionado.

Nós nos separamos na hora do jantar e, depois da refeição, Jem e eu estávamos nos preparando para um fim de tarde sem novidades, quando Atticus apareceu com algo que nos interessou: entrou na sala com uma longa extensão de fio elétrico com uma lâmpada na ponta.

— Vou sair um pouco e quando eu voltar vocês já vão estar dormindo. Por isso, vou dar boa noite agora.

Dito isso, pôs o chapéu na cabeça e saiu pela porta dos fundos.

— Ele vai de carro — disse Jem.

Nosso pai tinha algumas peculiaridades: uma delas era o fato de nunca comer sobremesa e outra era gostar de andar. Que eu me lembre, tinha sempre um Chevrolet em ótimo estado de conservação na garagem, e Atticus aumentava a quilometragem nas viagens a trabalho, mas em Maycomb ele ia e voltava do escritório quatro vezes por dia, percorrendo a pé pouco mais de três quilômetros. Dizia que andar era seu único exercício. Em Maycomb, quando alguém ia simplesmente andar, sem um objetivo definido, era acertado concluir que essa pessoa era incapaz de ter um objetivo definido.

Depois que ele saiu, dei boa noite a tia Alexandra e a Jem e estava entretida com um livro quando ouvi Jem no quarto dele. Eu conhecia tão bem os barulhos que ele fazia antes de deitar que fui bater na porta.

— Por que ainda não foi para a cama?

— Vou ao centro da cidade um instante.

Estava vestindo a calça.

— Por quê? São quase dez da noite, Jem.

Ele sabia, mas ia mesmo assim.

— Então vou com você. E se disser que não, eu vou do mesmo jeito, ouviu?

Jem viu que teria de brigar para me fazer ficar em casa e deve ter imaginado que uma briga aborreceria a tia, então concordou de má vontade.

Troquei de roupa rápido. Esperamos a luz do quarto da tia se apagar e descemos em silêncio a escada dos fundos. Era uma noite sem lua.

— Dill vai querer ir com a gente — sussurrei.

— É verdade — concordou Jem, sério.

Saltamos o muro da entrada de garagem, passamos pelo jardim da srta. Rachel e fomos até a janela de Dill. Jem assoviou Dill pôs a cara na janela, sumiu e, cinco minutos depois, tirou a tela e pulou. Velho companheiro de guerra, não disse nada até chegarmos à calçada.

— O que houve?

— Jem está com o bicho-carpinteiro. — Era assim que Calpúrnia definia certos estados aflitivos dos garotos.

— Estou com uma sensação — disse Jem. — Só uma sensação.

Passamos pela casa da sra. Dubose, que estava fechada e vazia, com os pés de camélia precisando de poda e o jardim cheio de ervas daninhas. Passamos por mais oito casas até chegarmos à esquina do correio.

O lado sul da praça estava vazio. Enormes moitas de araucária cresciam nas laterais e, no meio delas, uma cerca de ferro brilhava à luz dos postes. Aquele lado da fachada do tribunal estava escuro, exceto por uma luz no banheiro. Havia várias lojas em volta da praça do tribunal e havia luzes fracas acesas no interior delas.

Quando começou a advogar, o escritório de Atticus ficava no tribunal, mas depois de vários anos ele se mudou para um lugar mais tranquilo no prédio do Banco de Maycomb. Chegamos à esquina da praça e vimos o carro estacionado na frente do banco.

— Ele está lá — disse Jem.

Mas não estava. O escritório ficava no final de um longo corredor e, olhando para o fundo, devíamos ver *Atticus Finch, Advogado* em pequenas letras discretas na porta, iluminadas pela luz do interior. Mas a luz estava apagada.

Jem conferiu a porta do banco para garantir. Girou a maçaneta. Estava trancada.

— Vamos subir a rua. Talvez ele esteja visitando o sr. Underwood.

O sr. Underwood não só chefiava o *Maycomb Tribune* como morava na redação. Quer dizer, no andar de cima. Ele cobria as notícias do tribunal e da cadeia apenas olhando pela janela de casa. O prédio ficava no canto noroeste da praça e para chegar lá tínhamos de passar pela cadeia.

A cadeia de Maycomb era o prédio mais imponente e mais horroroso do condado. Atticus dizia que poderia ter sido projetado pelo primo Joshua St Clair, pois com certeza havia saído da fantasia de alguém. Totalmente deslocada em uma cidade de lojas de fachada quadrada e casas de telhados íngremes, a cadeia era uma piada gótica em miniatura: com uma cela de largura e duas de altura, arrematada com pequenas muralhas e delicados contrafortes. A fantasia aumentava com a fachada de tijolos vermelhos e as grossas barras de ferro nas janelas eclesiásticas. Não ficava numa colina isolada, mas entre a loja de ferragens Tyndal's e a redação do *Maycomb Tribune*. A cadeia era o principal assunto da cidade: seus detratores diziam que

parecia uma latrina vitoriana; seus defensores diziam que ela dava à cidade uma aparência respeitável e nenhum forasteiro iria suspeitar que estava lotada de pretos.

Enquanto caminhávamos pela calçada vimos uma luz ao longe.

— Que estranho, a cadeia não é iluminada por fora — disse Jem.

— Parece que a luz é em cima da porta — disse Dill.

Um comprido fio elétrico passava entre as barras de uma janela no segundo andar e descia a lateral do prédio. À luz da lâmpada, Atticus estava sentado, recostado na porta da frente. Estava sentado em uma das cadeiras do escritório, lendo, sem se incomodar com os insetos noturnos que dançavam ao redor de sua cabeça.

Eu ia correr ao encontro dele, mas Jem me segurou.

— Não vá até lá, ele pode não gostar. Ele está bem, vamos para casa. Eu só queria ver onde ele estava.

Estávamos cortando caminho pela praça, quando quatro carros empoeirados se aproximaram pela estrada de Meridian, avançando devagar e em fila. Contornaram a praça, passaram pelo prédio do banco e pararam em frente à cadeia.

Ninguém saltou do carro. Atticus levantou os olhos do jornal. Fechou-o, dobrou-o pausadamente, colocou-o no colo e empurrou o chapéu para trás. Parecia estar à espera deles.

— Vamos — sussurrou Jem.

Cruzamos a praça furtivos, atravessamos a rua e ficamos no portal da loja Jitney Jungle. Jem esticou o pescoço para espiar.

— Podemos nos aproximar — concluiu.

Corremos até a loja de ferragens Tyndal, onde ficamos bem perto da cena e, ao mesmo tempo, num lugar discreto.

Um por um e em duplas, os homens saíram dos carros. As sombras se transformavam em formas concretas à medida que a luz revelava figuras indo em direção à porta da cadeia. Atticus não se mexeu. Os homens o ocultaram do nosso campo de visão.

— Ele está aí dentro, sr. Finch? — um deles perguntou.

— Está, e está dormindo. Não o acordem — respondeu Atticus.

Os homens obedeceram e vi o que mais tarde me dei conta de que era um aspecto tristemente cômico de uma situação nada engraçada: os homens começaram a falar em voz baixa.

— O senhor sabe o que queremos. Saia da porta, sr. Finch — disse um outro homem.

— Dê meia-volta e vá para casa, Walter — disse Atticus, cordial. — Heck Tate está por perto.

— Está porcaria nenhuma — disse outro homem. — A patrulha de Heck está tão enfiada na mata que só sai amanhã de manhã.

— É mesmo? Como sabe?

— Nós inventamos um motivo para eles irem até lá — foi a lacônica resposta. — Não pensou nisso, sr. Finch?

— Pensei, mas não acreditei. Bom, isso muda tudo, não?

A voz de meu pai continuava a mesma.

— Muda — respondeu outra voz grossa que vinha do escuro.

— Vocês acham mesmo?

Era a segunda vez em dois dias que eu ouvia Atticus fazer aquela pergunta, o que mostrava que alguém estava em maus lençóis. Aquilo era bom demais, eu tinha de assistir de perto. Eu me livrei de Jem e corri o mais rápido que pude na direção de Atticus.

Jem berrou e tentou me segurar, mas saí antes que ele e Dill pudessem me alcançar. Abri caminho no meio dos corpos escuros e malcheirosos e fiquei sob a luz do poste.

— Oi, Atticus.

Pensei que fosse dar a ele uma bela surpresa, mas a expressão dele acabou com a minha alegria. Um lampejo inconfundível de medo estava deixando seus olhos, mas voltou quando Dill e Jem apareceram atrás de mim.

Pairava no ar um cheiro de uísque barato e chiqueiro e, ao olhar em volta, vi que os homens eram estranhos. Não eram as pessoas que eu tinha visto na noite anterior. Uma onda de vergonha me invadiu: eu tinha pulado, triunfante, no meio de gente que eu nunca tinha visto.

Atticus levantou-se da cadeira e andou devagar, como um velho. Com cuidado, largou o jornal, dobrando-o demoradamente. Seus dedos tremiam um pouco.

— Jem, vá para casa. Leve Scout e Dill — ele disse.

Estávamos acostumados a obedecer Atticus na hora, mesmo que não ficássemos muito satisfeitos, mas Jem não deu sinal de que ia se mover.

— Eu já disse, vá para casa.

Jem fez que não com a cabeça. Quando Atticus pôs a mão na cintura e Jem também, e os dois ficaram se encarando, vi que não eram nada parecidos: os olhos e os cabelos castanhos claros, o rosto oval e as orelhas bem feitas eram da nossa mãe, e contrastavam com os cabelos grisalhos de Atticus e seu rosto anguloso. Mesmo assim, de certa forma eram parecidos. O desafio mútuo os deixava parecidos.

— Filho, eu mandei ir para casa.

Jem balançou a cabeça de novo.

— Eu levo ele — disse um grandalhão, agarrando Jem pelo colarinho e quase o levantando do chão.

— Não toque nele! — dei um chute no homem. Como estava descalça, me surpreendi quando vi o homem recuar num gesto de dor genuína. Pretendia chutar a canela dele, mas mirei alto demais.

— Chega, Scout — Atticus pôs a mão no meu ombro. — Não se deve chutar ninguém. Não... — ele disse enquanto eu me justificava:

— Ninguém vai tratar Jem assim — eu disse.

— Tudo bem, sr. Finch, tire-os daqui. Tem quinze segundos para tirá-los daqui — resmungou alguém.

De pé no meio daquele estranho grupo, Atticus tentava fazer com que Jem o obedecesse.

— Não vou — foi a resposta firme de Jem às ameaças, pedidos e, finalmente, a súplica de Atticus:

— Por favor, Jem, leve Scout e Dill para casa.

Eu estava ficando meio cansada daquela história, mas percebi que Jem tinha suas razões para se comportar daquela forma, apesar do que certamente o aguardava quando Atticus fosse para casa. Olhei ao redor. Era uma noite de verão, mas quase todos os homens estavam de macacão e camisas de brim abotoadas até o pescoço. Achei que eles deviam ser friorentos, já que as mangas não estavam dobradas, mas abotoadas no pulso. Alguns tinham o chapéu enfiado até as orelhas. Estavam sujos e tinham os olhos cansados, como se não costumassem ficar acordados até tarde. Procurei de novo um rosto conhecido e achei um no centro do semicírculo.

— Olá, sr. Cunningham.

Tive a impressão de que ele não ouviu.

— Olá, sr. Cunningham, como está o seu morgadio?

Eu estava inteirada de todos os assuntos legais do sr. Cunningham; uma vez Atticus os explicou em detalhes. O homenzarrão piscou e segurou nas alças do macacão. Parecia desconfortável; pigarreou e desviou o olhar. Minha amistosa aproximação tinha sido inútil.

O sr. Cunningham não estava usando chapéu e sua testa branca contrastava com o rosto bronzeado de sol, o que me fez concluir que ele costumava usar chapéu no dia a dia. Moveu os pés, metidos em pesados sapatos de operário.

— Não se lembra de mim, sr. Cunningham? Sou Jean Louise Finch. Uma vez, o senhor nos deu um saco de nozes, lembra?

Comecei a sentir o constrangimento de uma pessoa que é ignorada por alguém que conhece.

— Walter é meu colega na escola. Ele é seu filho, não é? — insisti.

O sr. Cunningham concordou com um leve gesto de cabeça. Ele realmente me conhecia, então.

— Ele é da minha turma e é muito bom aluno. É um bom garoto — acrescentei. — De verdade. Uma vez nós o convidamos para almoçar conosco. Talvez ele tenha falado com o senhor sobre mim; uma vez dei uma surra nele, mas ele não ficou com raiva. Diga que eu disse "oi", está bem?

Atticus tinha me ensinado que era educado conversar com as pessoas sobre coisas que fossem do interesse delas, e não do seu. O sr. Cunningham não demonstrava nenhum interesse no filho, então agarrei-me ao problema do morgadio, num derradeiro esforço de aproximação.

— Morgadio é um problema — considerei e, aos poucos, notei que estava falando com o grupo inteiro. Os homens olhavam para mim, alguns boquiabertos. Atticus tinha parado de insistir com Jem e os dois estavam de pé ao lado de Dill. Estavam tão atentos que pareciam fascinados. Até Atticus estava de boca aberta, atitude que uma vez ele disse que era falta de educação. Nossos olhares se cruzaram e ele fechou a boca.

— Bom, Atticus, eu estava dizendo ao sr. Cunningham que morgadios são um problema e tal, mas que você disse que não era para se preocupar, às vezes demora muito mesmo… e vocês iam resolver tudo.

Aos poucos eu fui ficando sem palavras, pensando na idiotice que eu tinha feito. Morgadios pareciam um tema bom apenas para conversas na sala de visitas.

As gotas de suor começaram a se acumular na minha testa, eu aguentava qualquer coisa, menos um bando de gente me olhando. Eles estavam imóveis.

— O que houve? — perguntei.

Atticus não respondeu. Olhei para cima, para o sr. Cunningham, que também estava impassível. Então ele fez uma coisa estranha. Agachou-se na minha frente e me segurou pelos ombros.

— Direi a ele que você mandou lembrança, mocinha — ele disse.

Em seguida levantou-se e fez sinal com a mão.

— Vamos indo, rapazes.

Da mesma maneira que chegaram, eles entraram um por um em seus calhambeques. As portas bateram, os motores engasgaram e eles foram embora.

Virei-me para Atticus, mas ele tinha ido para a cadeia e estava com a testa encostada na parede. Fui até lá e puxei a manga da camisa dele.

— Agora podemos ir para casa?

Ele concordou, pegou o lenço no bolso, passou no rosto e assoou o nariz com força.

— Sr. Finch.

Era uma voz rouca e baixa, vinda da escuridão acima.

— Eles foram embora?

Atticus deu um passou para trás e olhou para cima.

— Foram. Vá dormir, Tom. Não vão incomodá-lo mais — disse Atticus.

De outra direção, outra voz cortou a noite:

— Pode ter certeza de que não vão mesmo. Eu lhe dei cobertura o tempo todo, Atticus.

O sr. Underwood estava debruçado na janela do *Maycomb Tribune* com uma espingarda de cano duplo.

Minha hora de dormir já tinha passado fazia tempo e eu estava ficando cansada. Tive a impressão de que papai e o sr. Underwood iam conversar pelo resto da noite: um na janela em cima, o outro no chão. Finalmente, Atticus voltou, apagou a luz em cima da porta da cadeia e pegou a cadeira.

— Posso levar para o senhor, sr. Finch? — perguntou Dill. Ele tinha ficado quieto o tempo todo.

— Ah, obrigado, filho.

No caminho para o escritório, Dill e eu fomos atrás de Atticus e Jem. Dill vinha carregando a cadeira, mais devagar. Atticus e Jem estavam bem à nossa frente e achei que Atticus estivesse dando uma bronca nele por não ter voltado para casa. Mas me enganei. Quando passaram sob a luz de um poste, Atticus colocou a mão na cabeça de Jem e acariciou seu cabelo, o único gesto de afeto que se permitia.

16

Jem me ouviu. Enfiou a cabeça na porta entreaberta que ligava nossos quartos. Quando ele veio até o meu quarto, a luz do quarto de Atticus se acendeu. Ficamos imóveis até ela se apagar. Ouvimos ele se virar e esperamos até que ficasse imóvel novamente.

Jem me levou para o seu quarto e me pôs na cama ao lado dele.

— Tente dormir, vai estar tudo acabado depois de amanhã — prometeu.

Tínhamos entrado em casa sem fazer barulho para não acordar a tia. Atticus desligou o motor do carro na entrada e dirigiu em ponto morto até a garagem. Entramos pelos fundos e fomos para nossos quartos sem dizer uma palavra.

Eu estava muito cansada e quase pegando no sono quando a lembrança de Atticus dobrando o jornal com cuidado e empurrando o chapéu para trás se transformou na imagem de Atticus no meio de uma rua deserta e perigosa, colocando os óculos na testa. Entendi tudo o que tinha se passado naquela noite e comecei a chorar. Jem foi muito cuidadoso e, pela primeira vez, não disse que uma pessoa com quase nove anos de idade não fazia uma coisa daquelas.

De manhã, todo mundo estava sem fome, exceto Jem, que comeu três ovos. Atticus ficou olhando com franca admiração. Tia Alexandra tomava café e lançava olhares de desaprovação. Crianças que fugiam de casa à noite eram uma desgraça para a família. Atticus disse que estava contente por suas desgraças terem aparecido na frente da cadeia, mas a tia apartou:

— Que besteira, o sr. Underwood estava lá o tempo todo.

— Braxton é engraçado: detesta negros, não chega nem perto deles — disse Atticus.

Segundo a opinião corrente, o sr. Underwood era um sujeitinho agitado e irreverente, cujo pai, com um toque de humor, batizou-o de Braxton Bragg, nome que o sr. Underwood se esforçava para ignorar. Atticus dizia que batizar filhos com o nome de generais confederados era uma forma de criar bêbados preguiçosos.

Calpúrnia estava servindo mais café para tia Alexandra, e balançou a cabeça diante da súplica muda que fiz.

— Você ainda é muito pequena — ela disse. — Quando for maior, eu deixo.

Eu disse que café fazia bem para o meu estômago.

— Então está bem — ela concordou.

Pegou uma xícara no armário, pôs uma colher de sobremesa de café e encheu o resto da xícara com leite. Agradeci dando a língua para ela e esperei que minha tia fizesse cara feia. Mas ela estava fazendo cara feia para Atticus. Esperou Calpúrnia ir para a cozinha e disse:

— Não deve falar assim na frente deles.

— Falar o que, na frente de quem? — ele perguntou.

— Na frente de Calpúrnia. Você disse que Braxton Underwood detesta negros.

— Bom, tenho certeza de que Cal sabe disso. Todo mundo em Maycomb sabe.

Comecei a notar uma pequena mudança em meu pai naqueles dias, que ficava mais evidente quando ele falava com a tia Alexandra. Era uma investida silenciosa, não uma irritação clara. Sua voz soava um pouco áspera quando ele disse:

— Qualquer coisa que possa ser dita à mesa pode ser dita na presença de Calpúrnia. Ela sabe o que representa para nossa família.

— Não acho que seja um bom hábito, Atticus. Isso os encoraja. Você sabe como falam entre eles. Tudo que acontece nesta cidade é comentado no mesmo dia no bairro negro.

Meu pai pousou a faca sobre a mesa.

— Não conheço nenhuma lei que proíba eles de falar. Se nós não déssemos tanto assunto, talvez eles não falassem nada. Por que não toma o seu café, Scout?

Eu estava brincando com a colher no café.

— Pensei que o sr. Cunningham fosse nosso amigo. Você disse, há muito tempo, que ele era.

— Ele continua sendo.

— Mas na noite passada ele queria bater em você.

Atticus pousou o garfo ao lado da faca e afastou o prato.

— No fundo, o sr. Cunningham é uma boa pessoa. Só que tem alguns defeitos, como todos nós.

Jem se manifestou.

— Eu não chamaria aquilo de defeito. Ontem à noite ele foi lá disposto a matar você.

— Talvez quisesse mesmo me bater — concordou Atticus. — Mas, filho, quando você for mais velho, vai entender melhor as pessoas. Uma multidão, qualquer que seja ela, é sempre formada por pessoas. Na noite passada, o sr. Cunningham fazia parte de um grupo, mas continuava sendo uma pessoa. Todo grupo em toda cidadezinha do sul é sempre formado por pessoas que a gente conhece. O que não diz muito a favor dessas pessoas, não é?

— Eu diria que não — concordou Jem.

— Foi preciso uma menina de oito anos para fazer eles recobrarem o bom senso, não foi? — perguntou Atticus. — Isso prova que um bando de homens ensandecidos *pode* ser contido, simplesmente porque eles continuam sendo humanos. Hum, talvez precisássemos de uma força policial formada por crianças... Na noite passada, vocês crianças fizeram Walter Cunningham se colocar no meu lugar por um minuto. Foi o suficiente.

Bom, eu esperava que Jem entendesse as pessoas um pouco melhor quando ficasse mais velho. Eu não ia entender nunca.

— A próxima vez que Walter for à escola vai ser a última — garanti.

— Você não vai encostar um dedo nele — disse Atticus, calmo. — Não quero que vocês briguem por causa disso, não importa o que aconteça.

— Agora você está vendo no que resultam essas coisas. Não diga que não avisei — disse tia Alexandra.

Atticus retrucou que jamais diria isso, afastou a cadeira da mesa e levantou-se.

— Com licença, mas tenho um dia inteiro de trabalho pela frente. Jem, não quero você e Scout no centro da cidade hoje, por favor.

Quando Atticus foi embora, Dill entrou na sala de jantar correndo.

— Não se fala de outro assunto na cidade hoje de manhã. As pessoas só falam de como colocamos cem homens para correr só com as nossas mãos... — anunciou.

Bastou um olhar de tia Alexandra para fazer Dill se calar.

— Não eram cem homens e ninguém botou ninguém para correr. Era só um bando daqueles Cunningham, bêbados e arruaceiros — ela disse.

— Ah, tia, é só o jeito de falar de Dill — explicou Jem. Fez sinal para nós o acompanharmos.

— Vocês hoje não saiam do quintal — ela ordenou, quando fomos para a varanda da frente.

O dia parecia um sábado. As pessoas do sul do condado passavam na frente da nossa casa num passo descansado, mas contínuo.

O sr. Dolphus Raymond passou montado em seu puro-sangue.

— Não sei como ele se aguenta na sela. Como alguém consegue ficar bêbado antes das oito da manhã? — perguntou Jem.

Uma carroça barulhenta, cheia de senhoras, passou por nós. Usavam toucas de algodão para se proteger do sol e vestidos de mangas compridas. Um homem barbudo, com chapéu de lã, dirigia a carroça.

— Devem ser menonitas. Não usam botão nas roupas — disse Jem para Dill.

Os menonitas viviam no meio do bosque, faziam a maioria de suas transações nas balsas do rio e raramente iam a Maycomb. Dill ficou interessado.

— Todos têm olhos azuis e os homens não podem fazer a barba depois que se casam — explicou Jem. — As mulheres gostam que a barba dos maridos faça cócegas nelas.

O sr. X Billups passou montado em uma mula e acenou para nós.

— Esse cara é engraçado. O nome dele é X mesmo, não é só a inicial. Uma vez, ele estava no tribunal e perguntaram como se chamava e ele respondeu X Billups. O funcionário do tribunal pediu para ele soletrar e ele disse X. Ficaram nisso até que ele escreveu X num papel e mostrou para todo mundo ver. Perguntaram de onde ele tinha tirado esse nome, e ele disse que quando nasceu os pais o registraram assim.

Enquanto os moradores do condado iam passando em frente à nossa casa, Jem contava para Dill as histórias e as peculiaridades das figuras mais importantes. O sr. Tensaw Jones tinha votado a favor da Lei Seca; a srta. Emily Davis cheirava rapé escondido; o sr. Byron Waller sabia tocar violino; o sr. Jake Slade já estava na terceira dentição.

Então surgiu uma carroça cheia de gente muito séria. Quando apontaram para o jardim da srta. Maudie Atkinson, todo florido, ela apareceu na varanda. A srta. Maudie tinha uma característica estranha: embora não pudéssemos ver a cara dela porque a varanda ficava muito longe, sabíamos como se sentia graças à sua expressão corporal. Naquele momento, ela estava com as mãos na cintura, os ombros ligeiramente caídos, a cabeça inclinada de lado, a lente dos óculos refletindo o sol. Sabíamos que estava sorrindo cheia de malícia.

O condutor da carroça reduziu o trote das mulas e uma mulher de voz esganiçada berrou:

— Aquele que mergulha na vaidade sucumbe na escuridão!

A srta. Maudie retrucou:

— Um coração feliz faz um semblante alegre!

O condutor apressou as mulas e eu imaginei que os lavadores de pés deviam estar achando que o demônio estava citando a Bíblia para seus próprios fins. Não sei por que eles não gostavam do jardim da srta. Maudie, sobretudo porque, para uma pessoa que passava o dia inteiro fora de casa, ela conhecia a Bíblia muito bem.

— Vai ao tribunal esta manhã, srta. Maudie? — perguntou Jem.

Nós tínhamos atravessado a rua e estávamos em frente à casa dela.

— Não. Não tenho nada para fazer no tribunal hoje.

— Não vai nem olhar? — perguntou Dill.

— Não. É mórbido ver um pobre diabo ser julgado e condenado à morte. Olha toda essa gente, parece até um carnaval romano.

— O julgamento tinha de ser aberto ao público, srta. Maudie — observei. — Seria errado se fosse a portas fechadas.

— Eu sei. Mas não é por ser aberto que tenho de ir, não é?

A srta. Stephanie Crawford apareceu. Estava de chapéu e luvas.

— Hum, hum, hum. Olha toda essa gente, parece até que vão ouvir um discurso de William Jennings Bryan.

— E aonde você vai, Stephanie? — quis saber a srta. Maudie.

— Fazer compras no Jitney Jungle.

A srta. Maudie disse que nunca tinha visto a srta. Stephanie ir ao armazém de chapéu e luvas.

— Bom, vou dar uma passada no tribunal para ver o que Atticus vai fazer — disse a srta. Stephanie.

— Cuidado para ele não intimar você a depor.

Perguntamos à srta. Maudie o que ela queria dizer com isso e ela disse que a srta. Stephanie conhecia tão bem o processo que podia ser chamada como testemunha.

Esperamos até o meio-dia, quando Atticus foi almoçar e contou que tinham ficado a manhã toda escolhendo os jurados. Depois do almoço, passamos na casa de Dill e fomos para a cidade.

O julgamento era um acontecimento. Na praça não tinha mais lugar para amarrar um animal que fosse e havia mulas e carroças paradas em todas as sombras. Muita gente fazia piquenique na praça, sentada em folhas de jornal, comendo biscoito com melado e tomando leite morno em vidros de compota. Alguns comiam frango e costeleta de porco frios. Os mais remediados acompanhavam a comida com Coca-Cola comprada no bar, servida em copos abaulados. Crianças com a cara lambuzada de gordura brincavam de pega-pega no meio dos adultos; bebês mamavam no peito das mães.

Num canto distante da praça, os negros estavam sentados em silêncio ao sol, comendo sardinha, bolachas de água e sal e tomando Nehi Cola. O sr. Dolphus Raymond estava com eles.

— Jem, ele bebe numa garrafa dentro de um saco de papel — estranhou Dill.

Era isso mesmo: dois canudos amarelos iam da boca do sr. Dolphus até o saco de papel pardo.

— Nunca vi isso. Como a bebida fica lá dentro? — perguntou Dill.

Jem riu.

— Ele encheu uma garrafa de Coca-Cola de uísque e colocou dentro do saco de papel para não escandalizar as senhoras. Vai beber a tarde inteira, de vez em quando vai sumir para encher a garrafa outra vez.

— Por que ele está sentado com os negros?

— Ele sempre faz isso. Gosta mais deles do que de nós. Mora perto da divisa do condado, com uma negra e um monte de crianças mestiças. Se eles vierem, eu mostro a você.

— Ele não parece um pé-rapado — disse Dill.

— E não é mesmo, é dono de um monte de terras à margem do rio e vem de uma família muito tradicional.

— Então, por que vive assim?

— É o jeito dele. Dizem que não conseguiu superar o que aconteceu no casamento… Ia se casar com uma das… das moças Spender, acho, e ia ser uma festa daquelas, mas acabou não acontecendo. Depois do ensaio na igreja, a moça foi para casa e deu um tiro na cabeça. Puxou o gatilho com os dedos do pé.

— Descobriram por que ela fez isso?

— Não, só ele sabia. Dizem que foi porque a noiva descobriu que ele tinha um caso com essa negra e achava que podia continuar com ela e se casar. Desde então, ele está sempre meio bêbado. Mas sempre foi muito bom com aquelas crianças...

— Jem, o que é uma criança mestiça? — perguntei.

— É metade branca, metade negra. Você já viu uma, Scout. Sabe aquele entregador da farmácia de cabelo encarapinhado? Ele é metade branco. São uma gente triste…

— Por quê?

— Porque não são nem uma coisa nem outra. Os negros não os aceitam porque são metade brancos, e os brancos não os aceitam porque são metade negros, então eles não são nada. Dizem que o sr. Dolphus mandou dois filhos para o norte, onde ninguém se importa com isso. Lá vem um deles.

Uma negra vinha na nossa direção com um menino pequeno pela mão. Ele parecia totalmente negro para mim: era cor de chocolate, de nariz achatado e lindos dentes. Ele às vezes pulava, animado, e a mulher puxava-o para que sossegasse.

Jem esperou eles passarem por nós.

— Esse é um dos mesticinhos — disse ele.

— Como você sabe? Para mim ele parece negro — disse Dill.

— Às vezes não dá para saber, a menos que você conheça a pessoa. Mas ele é filho de Dolphus Raymond, sem dúvida.

— Como você sabe? — insisti.

— Já disse, Scout, você tem que saber quem eles são.

— Bem, então como você sabe que não somos negros?

— Tio Jack diz que na verdade não dá para saber. Ele disse que, até onde conhece a linhagem dos Finch, não somos, mas podemos descender direto dos etíopes do Antigo Testamento.

— Bom, se é da época do Antigo Testamento, já faz muito tempo, não importa mais.

— É — disse Jem —, mas aqui no sul, basta uma gota de sangue negro para a pessoa ser considerada negra. Ei, olha…

A um sinal invisível, as pessoas na praça se levantaram e pedaços de jornal, celofane e papel de embrulho ficaram espalhados por todo canto. Crianças procuraram as mães, bebês foram enganchados nos quadris enquanto homens de chapéu marcado de suor juntaram suas famílias e foram para a porta do tribunal. Do outro lado da praça, os negros e o sr. Dolphus se levantaram e bateram a poeira das calças. Havia poucas mulheres e crianças entre eles, o que parecia dissipar o ar de feriado. Eles esperavam pacientes diante das portas, atrás das famílias brancas.

— Vamos entrar — disse Dill.

— Acho melhor esperar eles entrarem. Atticus pode não gostar de nos ver — disse Jem.

O tribunal do condado de Maycomb lembrava um pouco o de Arlington em um aspecto: as colunas de concreto que sustentavam a parte sul eram pesadas demais. As colunas foram tudo que sobrou depois do incêndio que destruiu o antigo prédio, em 1865. O novo tribunal foi construído ao redor das colunas ou, melhor dizendo, apesar delas. Sem levar em conta o pórtico sul, a construção era em estilo vitoriano e tinha uma aparência agradável quando vista pelo lado norte. Pelo outro lado, entretanto, as colunas gregas contrastavam com uma enorme torre de relógio do século XIX de mostrador enferrujado e pouco confiável, indicando que os moradores queriam preservar todos os sinais concretos do passado.

Para chegar ao tribunal, no segundo andar, era preciso passar por vários recintos escuros e apertados: o superintendente e o coletor de impostos, o notário e o procurador do condado, o fiscal de distrito e o juiz testamentário trabalhavam em buracos frios e escuros que cheiravam a arquivos caindo aos pedaços, cimento velho e úmido e urina azeda. De dia, as luzes tinham que ficar acesas e havia sempre uma camada de poeira no piso de madeira áspera. Os ocupantes daqueles escritórios eram criaturas adaptadas ao seu ambiente: homenzinhos de cara cinzenta, que pareciam intocados pelo sol ou pelo vento.

Sabíamos que o julgamento atrairia muita gente, mas não tínhamos previsto a multidão que estava no corredor do primeiro andar. Eu me perdi de Jem e Dill e fiquei na parede junto da escada, onde sabia que Jem acabaria me achando. Sem querer, me vi no meio do Clube dos Ociosos e fiz o possível para passar despercebida. O Clube era formado por velhos de camisa branca, calças cáqui e suspensórios que tinham passado a vida sem fazer nada e no fim da vida se dedicavam a essa mesma ocupação, sentados nos bancos de madeira sob os carvalhos da praça. Críticos implacáveis dos assuntos do tribunal, Atticus dizia que, depois de tantos anos observando, eles conheciam a lei tão bem quanto o presidente da Suprema Corte. Os Ociosos costumavam ser a única plateia no tribunal e naquele dia pareciam não estar gostando muito da mudança em sua confortável rotina. Quando se manifestaram, foi com uma leve arrogância e o tema era o meu pai.

— … ele pensa que sabe o que está fazendo — disse um deles.

— Ah, não, Atticus Finch lê muito, é um homem muito instruído — disse outro.

— Lê mesmo, é só o que faz — disse outro. Todos deram risadinhas.

— Billy, deixa eu te dizer uma coisa: foi o tribunal que o designou para fazer a defesa desse preto — disse um terceiro.

— Sim, mas ele realmente quer defender esse homem. É isso que não me agrada.

Isso era novidade para mim e lançava uma nova luz sobre a história: Atticus tinha de aceitar o caso, quisesse ou não. Achei estranho ele não ter dito nada sobre isso, podíamos ter usado essa informação várias vezes para defendê-lo e nos defendermos. O argumento de que Atticus tinha sido obrigado a fazer a defesa teria evitado muitas discussões e confusões. Mas será que explicava a atitude dos moradores da cidade? O tribunal designou Atticus para fazer a defesa do negro, Atticus tinha a intenção de defendê-lo, era disso que eles não gostavam. Eu estava confusa.

Os negros, que tinham ficado esperando os brancos subirem, começaram a entrar no tribunal.

— Epa, espera aí — disse um membro do Clube, levantando a bengala no ar. — Não comecem a subir a escada ainda.

Os membros do clube foram subindo com dificuldade e trombaram com Dill e Jem, que desciam à minha procura. Eles se espremeram pelo meio dos velhos e Jem chamou:

— Scout, anda, não tem mais lugar, vamos ter que ficar em pé. Vem logo — ele disse, irritado, quando os negros começaram a subir. Os velhos que vinham na frente ocupariam quase todos os lugares em pé. Não tivemos sorte, e era tudo culpa minha, reclamou Jem. Desanimados, nos encostamos na parede.

— Não conseguiram lugar? — perguntou o reverendo Sykes, olhando para nós com seu chapéu preto na mão.

— Olá, reverendo. Não, Scout atrapalhou tudo.

— Bem, vejamos o que eu posso fazer.

O reverendo abriu caminho escada acima e voltou em seguida.

— Lá embaixo está lotado. Gostariam de ficar comigo no balcão?

— Gostaríamos muito! — exclamou Jem.

Animados, fomos para o térreo, andando na frente do reverendo. Subimos uma escada coberta e esperamos à porta. O reverendo veio atrás, ofegante, e nos conduziu gentilmente pelo meio dos negros no balcão. Quatro negros se levantaram e nos ofereceram seus lugares na primeira fila.

O balcão deles se estendia por três lados do tribunal, como se fosse uma varanda no segundo andar, e de lá tínhamos uma visão ampla.

Os jurados ficavam à esquerda, sob largas janelas. Magros, queimados de sol, pareciam ser todos trabalhadores do campo, mas isso era natural: os moradores da cidade raramente faziam parte do júri: eram dispensados ou recusados. Um ou outro dos membros do júri parecia um Cunningham bem-vestido. Naquele momento, estavam sentados eretos e atentos.

O promotor do distrito acompanhado de um outro homem, Atticus e Tom Robinson estavam em suas mesas, de costas para nós. Na mesa do promotor havia um livro marrom e dois blocos de papel amarelo. A mesa de Atticus estava vazia.

Do outro lado da grade que separava o tribunal do público, ficavam as testemunhas do processo, sentadas em cadeiras de assento de couro, de costas para nós.

O juiz Taylor ocupava a tribuna como um velho tubarão sonolento — acompanhado de seu peixe-piloto, o estenógrafo, que anotava tudo rapidamente, sentado abaixo dele. O juiz Taylor se parecia com a maioria dos juízes que eu conhecia: afável, de cabelos brancos e rosto ligeiramente corado, presidia o tribunal com uma incrível informalidade. De vez em quando, apoiava os pés em cima da mesa e, às vezes, limpava as unhas com um canivete. Nas longas audiências sobre disputas de bens, principalmente as que aconteciam depois do almoço, ele parecia cochilar, impressão que se desfez quando, um dia, um advogado derrubou de propósito uma pilha de livros com o intuito de acordá-lo. Sem abrir os olhos, o juiz resmungou:

— Sr. Whitley, se fizer isso de novo, será multado em cem dólares.

O juiz era um profundo conhecedor das leis e, embora parecesse não levar a sério seu cargo, presidia os processos com mão de ferro. Só se absteve uma vez, em um julgamento aberto envolvendo os Cunningham. Old Sarum, local onde eles viviam, no começo foi ocupado por duas famílias que, infelizmente, tinham o mesmo nome. Os Cunningham se casaram com os Coningham tantas vezes que a grafia dos sobrenomes virou uma questão acadêmica — acadêmica até que um Cunningham brigou com um Coningham por causa de títulos de propriedade de terras e recorreu à lei. Durante a controvérsia, Jeems Cunningham declarou que sua mãe assinava Cunningham em documentos e papéis mas, na verdade, era uma Coningham, pois escrevia mal, não lia direito e às vezes ficava com o olhar perdido quando sentava na varanda à tarde. Depois de ouvir durante nove horas as excentricidades dos moradores de Old Sarum, o juiz Taylor declarou que a questão não era da alçada do tribunal. Quando lhe perguntaram com que fundamento, ele respondeu "litigância de má-fé" e disse que esperava que os litigantes ficassem satisfeitos por terem tido a oportunidade de se manifestar em público, já que isso era tudo que eles queriam desde o começo.

O juiz Taylor tinha um hábito curioso: permitia que se fumasse no tribunal, mas ele mesmo não fumava. Às vezes, com um pouco de sorte, era possível vê-lo com um longo charuto apagado na boca, que ficava mastigando. Aos poucos, o charuto sumia para reaparecer horas depois como uma massa viscosa misturada aos sucos digestivos do juiz. Uma vez, perguntei a Atticus como a sra. Taylor conseguia beijá-lo, mas Atticus disse que eles não se beijavam muito.

O banco de testemunhas ficava à direita do juiz e quando nos sentamos, o sr. Heck Tate já estava lá.

17

— Jem, aqueles lá são os Ewell? — perguntei.

— Fica quieta, o sr. Heck Tate está depondo.

O sr. Tate estava vestido para a ocasião. Usava terno, o que fazia com que parecesse um homem qualquer: dispensou as botas de cano alto, a jaqueta de couro e o cinto com cartucheira. Daquele momento em diante, não tive mais medo dele. Estava sentado no banco das testemunhas, inclinado para a frente, com as mãos juntas entre os joelhos, ouvindo atentamente o promotor.

Não conhecíamos direito o promotor, um tal de sr. Gilmer. Era de Abbotsville e só o víamos quando havia audiência, e mesmo assim raramente, pois Jem e eu tínhamos pouco interesse pelas atividades do tribunal. Era careca, de cara lisa, e devia ter qualquer idade entre quarenta e sessenta anos. Estava de costas para nós, mas sabíamos que era levemente estrábico e tirava vantagem disso: fingia olhar para uma pessoa quando, na verdade, olhava para outra, o que fazia dele um tormento para jurados e testemunhas. Os jurados, que achavam que estavam sendo observados, ficavam atentos; o mesmo acontecia com as testemunhas.

— … com suas próprias palavras, sr. Tate — dizia o sr. Gilmer.

— Bem … — informou o sr. Tate, tocando nos óculos e falando para os joelhos —, fui chamado...

— Pode se dirigir aos jurados, sr. Tate? Obrigado. Foi chamado por quem?

O sr. Tate respondeu:

— Bob foi me buscar... O sr. Bob Ewell foi me buscar uma noite…

— Quando foi essa noite, senhor?

O sr. Tate respondeu novamente:

— Foi a noite do dia vinte e um de novembro. Eu estava saindo do escritório para ir para casa quando B… o sr. Ewell apareceu, muito agitado, e me pediu para ir rápido à casa dele, pois um preto tinha violentado a filha dele.

— O senhor foi?

— Claro. Entrei no carro e fui logo.

— E o que encontrou ao chegar lá?

— Vi a moça caída no meio da sala, à direita da entrada. Estava muito machucada, mas eu a levantei do chão, ela lavou o rosto num balde que tinha no canto e disse que estava bem. Perguntei quem tinha feito aquilo e ela disse que foi Tom Robinson...

O juiz Taylor, até então concentrado nas próprias unhas, olhou como se esperasse alguma objeção, mas Atticus ficou calado.

— … perguntei se ele a tinha deixado naquele estado, e ela confirmou. Perguntei se tinha tirado proveito dela, ela confirmou. Então fui até a casa de Robinson e o levei até a moça. Ela o reconheceu como culpado e eu o prendi. Foi só.

— Obrigado — disse o sr. Gilmer.

O juiz Taylor perguntou:

— Tem alguma pergunta, Atticus?

— Tenho — respondeu meu pai. Estava sentado à mesa, com a cadeira de lado, as pernas cruzadas e um braço apoiado no encosto da cadeira.

— O senhor chamou um médico, xerife? Alguém chamou?

— Não, senhor — respondeu o sr. Tate.

— Não chamaram? — repetiu Atticus.

— Não, senhor — repetiu o sr. Tate.

— Por que não? — a voz de Atticus era agressiva.

— Vou dizer por que: não era necessário, sr. Finch. Ela estava muito machucada. Era óbvio que tinha acontecido alguma coisa.

— Mas o senhor não chamou um médico? Durante todo o tempo que ficou lá, ninguém mandou buscar um, trouxe um, levou-a até um?

— Não, senhor.

O juiz Taylor interrompeu.

— Ele já respondeu três vezes, Atticus: não chamou um médico.

Atticus explicou:

— Eu só queria ter certeza, senhor juiz.

O juiz sorriu.

Jem estava com a mão na balaustrada e segurou-a com força. Súbito, respirou fundo. Olhei para baixo e não vi nenhuma reação correspondente da plateia. Achei que Jem estava querendo dramatizar. Dill observava tudo com tranquilidade, assim como o reverendo Sykes, ao lado dele.

— O que houve? — sussurrei e a resposta foi um curto *shhh*.

— Xerife, o senhor disse que ela estava muito machucada. Pode dar mais detalhes?

— Bem...

— Basta descrever os machucados, Heck.

— Bom, ela estava machucada na cabeça. Já estavam aparecendo marcas nos braços, e o fato tinha acontecido uma meia hora antes...

— Como sabe?

O sr. Tate riu.

— Desculpe, foi o que eles disseram. De qualquer modo, estava muito machucada e o olho estava ficando roxo.

— Qual dos olhos?

O sr. Tate piscou e passou as mãos pelos cabelos.

— Deixa ver — disse, devagar, olhando para Atticus como se considerasse a pergunta tola.

— Não lembra? — insistiu Atticus.

O sr. Tate apontou para uma pessoa invisível a um palmo de distância e respondeu:

— O esquerdo.

— Um momento, xerife — disse Atticus. — Esquerdo dela ou à esquerda do senhor?

O sr. Tate respondeu:

— Ah, sim, tem razão. Olho direito dela, sr. Finch. Lembrei agora, ela estava com o lado direito do rosto todo machucado...

O sr. Tate piscou de novo, como se algo de repente fizesse sentido. Então se virou para Tom Robinson, que, como se por

instinto, levantou a cabeça.

Atticus também concluiu alguma coisa, então se levantou.

— Xerife, repita o que disse, por favor.

— Eu disse que foi o olho direito.

— Não… — Atticus foi até a mesa do estenógrafo e se debruçou sobre a mão dele, que anotava tudo furiosamente. O homem parou, voltou à página anterior do bloco e leu:

— "Sr. Finch. Lembrei agora, ela estava com o lado direito do rosto todo machucado"

Atticus olhou para o sr. Tate.

— Responda outra vez, Heck: qual era o lado?

— O direito, sr. Finch, mas ela tinha outras contusões… quer que eu descreva?

Atticus parecia prestes a fazer outra pergunta, mas pensou melhor e disse:

— Sim, quais eram as outras contusões?

Enquanto o sr. Tate respondia, Atticus virou-se para Tom Robinson como para dizer que aquilo era algo inesperado.

— … tinha hematomas nos braços e me mostrou o pescoço, com marcas evidentes de dedos…

— Em todo o pescoço? Atrás também?

— Eu diria que sim, em volta de todo o pescoço, sr. Finch.

— Diria mesmo?

— Sim, ela tem o pescoço fino, qualquer um poderia pôr as mãos em volta…

— Por favor, xerife, responda apenas sim ou não — mandou Atticus, seco, e o sr. Tate se calou.

Atticus sentou-se e fez sinal para o promotor, que balançou a cabeça para o juiz, que fez um gesto com a cabeça para o sr. Tate, que se levantou empertigado e saiu do banco das testemunhas.

Abaixo de onde estávamos, cabeças se viraram, pés se arrastaram no chão, bebês foram transferidos para o ombro e algumas crianças correram para fora da sala. Os negros que estavam atrás de nós cochicharam. Dill perguntou ao reverendo Sykes o que estava acontecendo e ele respondeu que não sabia. Até esse momento, as coisas estavam bastante monótonas: ninguém tinha se irritado, não tinha havido discussão entre acusação e defesa, nenhuma emoção. Dava a impressão de que estavam todos muito decepcionados. Atticus se comportava de forma amigável, como se aquilo fosse uma disputa de bens. Com sua infinita capacidade de acalmar mares turbulentos, podia transformar um caso de estupro em algo tão sem graça quanto um sermão. Eu tinha perdido o medo do cheiro de uísque barato e curral, de homens carrancudos de olhos sonolentos e da voz rouca que perguntava na noite: "Eles já foram embora, sr. Finch?" Com o nascer do dia nosso pesadelo tinha se dissipado, tudo ia acabar bem.

Toda a plateia estava tão calma quanto o juiz Taylor, menos Jem. Sua boca estava curvada em um meio sorriso forçado, olhava satisfeito em volta e disse algo sobre provas comprobatórias, o que me convenceu de que estava se exibindo.

—… Robert E. Lee Ewell!

Em resposta à voz ribombante do escrevente, um homenzinho que parecia um galinho garnisé levantou-se e foi em direção ao banco das testemunhas, a nuca vermelha ao ouvir o próprio nome. Quando se virou de frente para fazer o juramento, vimos que o rosto estava tão vermelho quanto o pescoço. Vimos também que ele era bem diferente do outro homem de mesmo nome. Uma mecha de cabelos ralos e recém-lavados caía na testa; o nariz era fino, pontudo e brilhoso e ele não tinha queixo, que parecia parte do pescoço enrugado.

— … e que Deus me ajude — ele grasnou.

Em toda cidade do tamanho de Maycomb havia famílias como os Ewell. Nenhuma flutuação econômica alterava a posição social deles, que viviam à custa do condado, tanto na prosperidade quanto na mais profunda depressão. Nenhum inspetor

escolar conseguia obrigar a numerosa prole deles a frequentar a escola; nenhum agente da saúde pública conseguiria livrá-los de defeitos congênitos, vermes diversos e doenças próprias de um ambiente insalubre.

Os Ewell de Maycomb moravam atrás do lixão da cidade, no lugar onde um dia tinha havido um barraco de negros. As paredes de tábua do barraco tinham sido revestidas com chapas de zinco, o telhado fora coberto de latas amassadas com martelo, por isso só era possível ter uma ideia de como era a construção original por causa do formato: quadrada, com quatro pequenos quartos abrindo para um corredor estreito, tudo mal sustentado por quatro blocos de pedra irregulares. As janelas não passavam de buracos nas paredes, que no verão eram cobertas com pedaços de pano sujo para afastar os vermes que se regalavam no lixo do condado.

Não sobrava muita coisa para os vermes aproveitarem, pois os Ewell vasculhavam o lixo todos os dias e o fruto desse esforço (o que não era comido) fazia o terreno em volta do barraco parecer o playground de uma criança maluca. O que passava por uma cerca era na verdade vários pedaços de galho de árvore, cabos de vassoura e hastes de ferramentas, encimados por cabeças de martelos, ancinhos com dentes tortos, pás, machados e enxadas enferrujados amarrados com arame farpado. Do outro lado dessa barricada ficava um quintal sujo com os restos de um Ford Modelo-T, uma cadeira de dentista, uma geladeira velha e outros objetos: sapatos velhos, aparelhos de rádio quebrados, porta-retratos, vidros de compota. No meio de tudo, galinhas magras ciscavam, cheias de esperança de encontrar alguma coisa.

Um canto do quintal, porém, intrigava Maycomb. Enfileirados junto à cerca havia seis jarros esmaltados descascados com lindos gerânios vermelhos, tão bem-cuidados como se pertencessem à srta. Maudie Atkinson caso ela se dignasse a cultivar gerânios em seu jardim. As pessoas diziam que os gerânios eram de Mayella Ewell.

Ninguém sabia ao certo quantas crianças viviam ali. Uns diziam que eram seis, outros, nove; havia sempre várias carinhas sujas nas janelas quando alguém passava por lá. Mas as pessoas só passavam por lá no Natal, quando as igrejas doavam cestas de mantimentos e o prefeito pedia, por favor, que ajudássemos o lixeiro jogando as árvores de Natal e o lixo no lixão.

No Natal anterior, quando foi atender ao pedido do prefeito, Atticus nos levou junto com ele. Um caminho de terra saía da estrada e passava pelo lixão, terminando numa pequena comunidade de negros a cerca de quinhentos metros do barraco dos Ewell. O carro precisava ir de marcha a ré até a estrada, ou ir em frente e dar a volta; a maioria das pessoas preferia dar a volta no jardim dos negros. No gélido fim de tarde de dezembro, os barracos pareciam limpos e agradáveis, envoltos na fumaça pálida que saía das chaminés e com as portas amareladas devido ao fogo aceso lá dentro. Do interior dos barracos vinham cheiros deliciosos: frango e toucinho fritos, frescos como o ar do entardecer. Jem e eu percebemos que estavam cozinhando esquilos, mas foi preciso um velho homem do campo como Atticus para identificar o cheiro de gambá e coelho, aroma que desapareceu quando passamos pela casa dos Ewell no caminho de volta.

A única vantagem que aquele homenzinho no banco das testemunhas possuía em relação a seus vizinhos era que, se fosse esfregada com sabão de lixívia e água bem quente, a pele dele era branca.

— Sr. Robert Ewell? — perguntou o sr. Gilmer.

— É esse o meu nome, chefe — confirmou a testemunha.

O sr. Gilmer retesou um pouco as costas e tive pena dele. É melhor eu explicar por quê. Sempre ouvi falar que os filhos de advogados, ao verem o pai num debate acalorado no tribunal, têm a impressão errada: acham que o advogado da parte contrária é inimigo pessoal do pai deles, ficam agoniados e se surpreendem quando, no primeiro intervalo do julgamento, os pais saem de braço dado com seus algozes. Jem e eu éramos diferentes. Não sofríamos ao ver nosso pai ganhar ou perder uma causa. Sinto muito não poder fornecer uma versão melodramática nesse sentido, mas se fizesse isso estaria mentindo. Como acompanhávamos o trabalho de outros advogados, porém, percebíamos quando a discussão ficava mais ácida, indo além dos limites profissionais. Só vi Atticus levantar a voz uma vez na vida, ao se dirigir a uma surda. Ali no tribunal, o sr. Gilmer

estava cumprindo seu dever, assim como Atticus. Além do mais, o sr. Ewell era testemunha de defesa do sr. Gilmer, que não ia ser agressivo justo com ele.

— Mayella Ewell é sua filha? — foi a pergunta seguinte.

— Bom, se não é, não posso fazer nada, porque a mãe dela morreu — foi a resposta.

O juiz Taylor se mexeu na cadeira. Virou devagar e olhou com calma para a testemunha.

— Mayella Ewell é sua filha? — repetiu ele, de um jeito que fez os risos da plateia cessarem de repente.

— É, sim, senhor — respondeu o sr. Ewell, obediente.

O juiz Taylor continuou com um tom benevolente:

— É a primeira vez que comparece a um tribunal? Não me lembro de tê-lo visto aqui antes.

A testemunha assentiu e o juiz continuou:

— Bom, então vamos deixar uma coisa bem clara: enquanto eu presidir este tribunal, proíbo qualquer comentário desrespeitoso sobre qualquer assunto. Entendido?

O sr. Ewell concordou com a cabeça, mas acho que não entendeu. O juiz Taylor deu um suspiro e perguntou:

— Certo, sr. Gilmer?

— Sim, meritíssimo. Agora, sr. Ewell, pode, por favor, nos dizer com suas próprias palavras o que aconteceu na tarde de vinte e um de novembro?

Jem sorriu e afastou os cabelos para trás. A marca registrada do sr. Gilmer era a expressão "com suas próprias palavras". Nós dois sempre nos perguntávamos de quem seria as palavras que o sr. Gilmer temia que as testemunhas usassem.

— Bom, ao entardecer de vinte e um de novembro eu vinha do bosque trazendo lenha e, quando cheguei na cerca, ouvi Mayella gritando como um porco no abate…

O juiz Taylor olhou atentamente para a testemunha, mas deve ter concluído que a declaração não tinha sido maldosa, porque em seguida voltou a exibir seu ar sonolento.

— A que horas foi isso, sr. Ewell?

— Pouco antes do anoitecer. Bom, como eu dizia, Mayella berrava como uma danada…

Mais um olhar vindo da tribuna fez o sr. Ewell se calar.

— Ela estava gritando e depois? — perguntou o sr. Gilmer.

O sr. Ewell olhou confuso para o juiz.

— Bom, Mayella estava naquela gritaria, então larguei a lenha e corri, mas minha roupa prendeu na cerca e quando me soltei, cheguei na janela e vi… — O rosto do sr. Ewell ficou vermelho. Ele se levantou e apontou o dedo para Tom Robinson. — … vi aquele crioulo em cima da minha Mayella!

O tribunal do juiz Taylor era tão tranquilo que ele raramente usava o martelo para pedir silêncio, mas naquele momento teve de martelar por cinco minutos. Atticus levantou-se, foi até a tribuna e estava dizendo alguma coisa a ele; o sr. Heck Tate, na qualidade de principal autoridade policial do condado, postou-se no meio da sala tentando acalmar a plateia. Atrás de nós, os negros sufocaram um grito de raiva contida.

O reverendo Sykes inclinou-se sobre Dill e sobre mim para segurar o braço de Jem.

— Sr. Jem, é melhor levar a srta. Jean Louise para casa. Ouviu, sr. Jem? — perguntou o reverendo.

Jem se virou para mim e disse:

— Scout, vá para casa. Dill, leve a Scout.

— Vai ter que me obrigar — ameacei, lembrando a bendita frase de Atticus.

Jem me olhou furioso e disse para o reverendo Sykes:

— Não tem problema, reverendo, ela não entende.

Fiquei mortalmente ofendida.

— Entendo sim, tão bem quanto você.

— Ah, fica quieta. Ela não entende, reverendo, não tem nem nove anos.

Os olhos negros do reverendo Sykes demonstravam preocupação.

— O sr. Finch sabe que vocês estão aqui? Isso não é lugar para a srta. Jean Louise, nem para vocês, meninos.

Jem negou com a cabeça.

— Papai está muito longe para nos enxergar. Está tudo bem, reverendo.

Eu sabia que Jem ia ganhar a discussão, porque tinha certeza de que ele não sairia dali por nada. Dill e eu estávamos a salvo, por enquanto: se olhasse na nossa direção, Atticus podia nos ver.

Enquanto o juiz Taylor batia o martelo, o sr. Ewell ficou sentado cheio de pose no banco das testemunhas, apreciando sua obra. Com uma única frase, ele tinha transformado uma plateia animada em uma multidão séria, tensa e murmurante sendo lentamente hipnotizada pelas marteladas, que foram diminuindo de intensidade até que o único som que se ouvia na sala se assemelhava a batidas de um lápis.

Quando tudo estava novamente sob controle, o juiz Taylor recostou-se na cadeira. De repente, ele pareceu cansado, como se sentisse o peso da idade, e lembrei do que Atticus tinha dito, que ele e a sra. Taylor não se beijavam muito; ele devia ter quase setenta anos.

— Recebemos um pedido para esvaziar a sala ou, pelo menos, retirar as senhoras e as crianças, pedido que por enquanto será negado. Em geral, as pessoas veem o que querem ver e ouvem o que querem ouvir, e têm o direito de expor os filhos ao que quiserem, mas posso lhes garantir uma coisa: ou veem e ouvem em silêncio, ou terão de deixar o recinto, mas não sem antes serem formalmente acusados de desacato. Sr. Ewell, dê seu testemunho nos limites da linguagem cristã, se possível. Prossiga, sr. Gilmer.

O sr. Ewell me lembrava um surdo-mudo. Eu tinha certeza de que ele jamais tinha ouvido as palavras ditas pelo juiz, sua boca tentava reproduzi-las em silêncio, mas sua expressão revelava que ele sabia que eram importantes. O sr. Ewell passou da presunção para a seriedade obstinada, mas não enganou o juiz, que ficou de olho nele, como se o desafiasse a dar um passo em falso.

O sr. Gilmer e Atticus se entreolharam. Atticus sentou-se outra vez, apoiou o rosto na mão fechada e não conseguimos ver sua expressão. O sr. Gilmer parecia desesperado, mas relaxou ao ouvir a pergunta do juiz:

— Sr. Ewell, o senhor viu o réu tendo relações sexuais com a sua filha?

— Vi, sim.

A plateia ficou em silêncio, mas o réu disse alguma coisa. Atticus sussurrou alguma coisa para ele, e Tom Robinson se calou.

— O senhor disse que olhou pela janela? — perguntou o sr. Gilmer.

— Sim, senhor.

— A que altura fica a janela?

— Um metro, mais ou menos.

— Dava para ver bem o cômodo?

— Sim, senhor.

— Como estava o cômodo?

— Bom, estava todo desarrumado, como se tivesse havido uma briga.

— O que o senhor fez ao ver o réu?

— Bom, contornei a casa para entrar, mas ele saiu antes pela porta da frente. Mas vi bem que era ele. Eu estava preocupado com Mayella, por isso não corri atrás dele, ela estava no chão, berrando…

— O que o senhor fez, então?

— Corri para chamar Tate o mais rápido que pude. Eu sabia quem ele era, morava naquele chiqueiro de pretos, passava pela casa todos os dias. Juiz, há quinze anos peço para o condado acabar com aquele chiqueiro, os moradores são perigosos para os vizinhos e desvalorizam a minha propriedade…

— Obrigado, sr. Ewell — apressou-se em dizer o sr. Gilmer.

A testemunha saiu do banco e deu um encontrão em Atticus, que tinha se levantado para interrogá-lo. O juiz Taylor permitiu que a plateia risse da cena.

— Um momento, senhor. Posso lhe fazer algumas perguntas?

O sr. Ewell sentou-se de novo no banco das testemunhas, acomodou-se e olhou desconfiado para Atticus, o que costumava acontecer com as testemunhas do condado quando ficavam frente a frente com o advogado da parte contrária.

— Sr. Ewell, parece que houve muita correria naquela noite. Vejamos: o senhor disse que entrou correndo na propriedade, correu até a janela, correu para dentro da casa, correu até Mayella, correu para chamar o sr. Tate. Nesse tempo todo, não correu para chamar um médico? — perguntou Atticus.

— Não precisava. Eu vi o que aconteceu.

— Não entendi um detalhe: não ficou preocupado com o estado de Mayella? — insistiu Atticus.

— Claro que sim. Mas vi quem tinha feito aquilo — respondeu o sr. Ewell.

— Eu me refiro às condições físicas: o senhor não achou que a natureza dos ferimentos exigia cuidados médicos urgentes?

— Como?

— O senhor não achou que ela deveria ser examinada por um médico imediatamente?

A testemunha disse que não pensou nisso, nunca tinha chamado médico na vida e se chamasse ia gastar cinco dólares. Perguntou então:

— Isso é tudo?

— Ainda não — respondeu Atticus, casualmente. E acrescentou: — Sr. Ewell, o senhor ouviu o depoimento do xerife, não ouviu?

— Como assim?

— Estava presente quando o sr. Heck Tate depôs, não estava? Ouviu tudo, não ouviu?

O sr. Ewell pensou bem e pareceu concluir que a pergunta não era capciosa.

— Ouvi — ele respondeu.

— Concorda com a descrição dos ferimentos de Mayella?

— Como assim?

Atticus olhou para o sr. Gilmer e sorriu. Pelo jeito, o sr. Ewell não ia dar refresco para a defesa.

— O sr. Tate declarou que Mayella estava com o olho direito roxo e bastante machucada...

— Ah, sim. Concordo com tudo o que Tate disse.

— Concorda mesmo? — disse Atticus, candidamente. — Eu só queria confirmar. — Depois, foi até o estenógrafo, disse alguma coisa para ele e o homem leu o depoimento do sr. Tate como se fossem as cotações da Bolsa:

— "… o olho era o esquerdo, ah, sim, era o direito, sr. Finch. Agora lembro que ela estava toda machucada." — O estenógrafo virou a página e continuou lendo: — "Naquele lado do rosto, xerife, por favor, repita o que disse, eu falei que era o olho direito…"

— Obrigado, Bert. O senhor ouviu de novo, sr. Ewell. Quer acrescentar alguma coisa? Concorda com o xerife? — perguntou Atticus.

— Concordo com Tate. Ela estava com o olho roxo e muito machucada.

Dessa vez o homenzinho parecia ter esquecido a humilhação anterior na tribuna. Estava ficando claro que ele considerava Atticus um adversário fraco. Pareceu enrubescer outra vez, estufou o peito e lembrou de novo um garnisé. Quando Atticus fez a pergunta seguinte, tive a impressão de que os botões da camisa dele iam estourar:

— Sr. Ewell, o senhor sabe ler e escrever?

O sr. Gilmer interrompeu:

— Protesto. Não vejo o que o fato de a testemunha ser alfabetizada tem a ver com o caso. A pergunta é irrelevante e impertinente.

O juiz Taylor ia falar, quando Atticus apartou:

— Juiz, permita mais uma pergunta e verá o motivo do interesse.

— Está bem, vamos ver — disse o juiz Taylor. — Mas se assegure de que vamos ver, Atticus. Protesto indeferido.

O sr. Gilmer parecia tão intrigado quanto nós quanto à ligação do nível de escolaridade do sr. Ewell com o processo.

— Vou repetir a pergunta: o senhor sabe ler e escrever? — disse Atticus.

— Claro que sim.

— Pode assinar seu nome e nos mostrar?

— Claro que sim. Como acham que assino os cheques da assistência social?

O sr. Ewell estava querendo conquistar seus concidadãos. Os sussurros e risinhos que vinham da plateia provavelmente se deviam às gracinhas dele.

Eu estava ficando nervosa. Atticus parecia saber o que estava fazendo mas, na minha opinião, ele parecia estar num mato sem cachorro. Num interrogatório, jamais fazer uma pergunta a uma testemunha sem saber de antemão a resposta era um princípio que eu conhecia desde que era bebê. Faça isso e, na maior parte das vezes, vai ter uma resposta que não quer e que pode arruinar o seu caso.

Atticus enfiou a mão no bolso do paletó e retirou um envelope. Pegou então uma caneta-tinteiro no bolso do colete. Ele se movia calmamente, para que todos os jurados pudessem acompanhar. Tirou a tampa da caneta-tinteiro e colocou-a sobre a mesa. Sacudiu um pouco a caneta e entregou-a para a testemunha com o envelope.

— Pode assinar seu nome para nós? Com clareza, de forma que os jurados vejam que sabe escrever.

O sr. Ewell escreveu nas costas do envelope e olhou, complacente, para o juiz Taylor, que o examinava como se ele fosse uma perfumada gardênia no banco das testemunhas, e para o sr. Gilmer, que estava meio sentado, meio em pé diante da mesa. Os jurados o observavam, e um deles se inclinou para a frente, apoiando as mãos na balaustrada.

— Qual é o problema? — perguntou o sr. Ewell.

— O senhor é canhoto, sr. Ewell — concluiu o juiz Taylor.

O sr. Ewell virou-se zangado para o juiz e disse que não via o que o fato de ele ser canhoto tinha a ver com a história, que ele era um homem temente a Deus e que Atticus Finch estava se aproveitando dele. Advogados cheios de artimanhas como Atticus Finch se aproveitavam dele o tempo todo. Ele tinha contado o que aconteceu e podia repetir várias vezes, o que fez. Nada do que Atticus perguntou depois mudou sua história: o sr. Ewell tinha olhado na janela, tinha botado o preto para correr e tinha saído correndo atrás do xerife. Atticus finalmente o dispensou.

O sr. Gilmer fez mais uma pergunta:

— Sobre o fato de escrever com a mão esquerda, o senhor é ambidestro, sr. Ewell?

— Com certeza não, mas eu posso usar as duas mãos da mesma maneira. As duas servem — ele acrescentou, olhando firme para a mesa da defesa.

Jem parecia prestes a ter um ataque. Bateu de leve na grade do balcão e disse baixinho:

— Pegamos ele.

Eu não achava. Atticus estava querendo mostrar, ao que me parecia, que o sr. Ewell podia ter espancado Mayella. Até aí, eu tinha entendido. Se ela estava com o olho direito roxo e as marcas eram quase todas desse mesmo lado, isso sugeria que ela tinha sido atacada por uma pessoa canhota. Sherlock Holmes e Jem Finch concordariam comigo. Mas Tom Robinson também podia ser canhoto. Imaginei, como tinha feito o sr. Heck Tate, uma pessoa na minha frente, pensei rápido na cena e concluí que ele podia tê-la segurado com a mão direita e ter batido nela com a esquerda. Olhei para Tim. Ele estava de costas para nós e tinha ombros largos e o pescoço grosso como o de um touro. Podia ter feito isso facilmente. Achei que Jem estava contando com o ovo dentro da galinha.

18

Outra voz trovejou no tribunal.

— Mayella Violet Ewell!

Uma jovem se encaminhou para o banco das testemunhas. Ao levantar a mão e jurar dizer a verdade, somente a verdade, nada mais que a verdade e que Deus a ajudasse, pareceu frágil. Mas, quando ficou de frente para nós, no banco, voltou a ser quem era: uma moça robusta, acostumada ao trabalho pesado.

Em Maycomb, era fácil saber quem tomava banho regularmente, em vez de uma vez por ano: o sr. Ewell parecia ter sido escaldado; como se, depois de passar uma noite de molho na água, a pele tivesse ficado sensível sem a proteção das camadas de sujeira. Já Mayella parecia uma moça que gostava de limpeza, e lembrei dos gerânios vermelhos enfileirados no quintal dos Ewell.

O sr. Gilmer pediu que Mayella contasse aos jurados, com suas próprias palavras, o que tinha acontecido no entardecer de vinte e um de novembro do ano anterior. Com suas próprias palavras, por favor.

Mayella ficou calada.

— Onde você estava ao entardecer daquele dia? — começou o sr. Gilmer, paciente.

— Na varanda.

— Que varanda?

— Só tem uma, na frente da casa.

— O que você estava fazendo lá?

— Nada.

O juiz Taylor pediu:

— Apenas conte-nos o que houve. Pode fazer isso, não pode?

Mayella olhou bem para ele e começou a chorar. Cobriu a boca com as mãos e soluçou. O juiz Taylor deixou-a chorar um pouco, depois disse:

— Agora chega. Não precisa ter medo de ninguém aqui, basta contar a verdade. Sei que tudo isso é estranho para você, mas não precisa se envergonhar, nem ter medo. Do que está com medo?

Mayella disse alguma coisa por trás das mãos.

— O que disse? — perguntou o juiz.

— Dele — ela respondeu, aos soluços, apontando para Atticus.

— Do sr. Finch?

Ela confirmou com a cabeça e disse:

— Não quero que faça comigo o que fez com papai, tentando mostrar que ele é canhoto…

O juiz Taylor coçou a densa cabeleira branca. Ficou claro que ele nunca tinha enfrentado um problema como aquele. Perguntou a ela:

— Quantos anos você tem?

— Dezenove e meio — respondeu Mayella.

O juiz Taylor pigarreou e tentou inutilmente tranquilizá-la.

— O sr. Finch não tem a menor intenção de assustá-la e, caso tivesse, eu o impediria — disse, com voz forte. — Essa é uma das razões por que estou aqui. E você é adulta, sente-se direito e conte… conte-nos o que aconteceu com você. Consegue fazer isso, não consegue?

Cochichei para Jem:

— Ela tem algum discernimento?

Jem olhava atento para Mayella.

— Não sei ainda. Tem discernimento o suficiente para fazer o juiz ter pena dela, mas pode ser que ela esteja apenas… ah, não sei.

Depois que se acalmou, Mayella dirigiu um último olhar aterrorizado para Atticus e disse ao sr. Gilmer:

— Bem, senhor, eu estava na varanda e… ele apareceu e, sabe, tinha um velho armário no quintal que papai trouxe para cortar e usar como lenha… Papai disse para eu cortar enquanto ele estava no bosque, mas eu não estava muito bem disposta, então ele apareceu...

— Ele quem?

Mayella apontou para Tom Robinson.

— Vou ter que pedir que seja mais específica, por favor. O estenógrafo não pode anotar gestos — explicou o sr. Gilmer.

— Aquele lá — disse ela. — Robinson.

— O que aconteceu depois?

— Eu disse a ele: "Venha cá, preto, cortar esse armário com o machado para mim. Dou uma moeda para você." Ele podia fazer aquilo fácil, com certeza podia. Ele entrou no quintal e fui pegar a moeda, então me virei e, quando percebi, ele estava em cima de mim. Tinha ido correndo atrás de mim. Me segurou pelo pescoço, xingando e dizendo coisas sujas… Lutei e gritei, mas ele não largou o meu pescoço. Bateu em mim várias vezes…

O sr. Gilmer aguardou Mayella se recompor: o lenço na mão dela estava tão torcido que parecia uma corda suarenta. Quando ela abriu o lenço para secar o rosto, estava todo amassado pelas mãos úmidas. Esperou o sr. Gilmer fazer outra pergunta; como ele não fez, ela continuou:

— … ele me jogou no chão, me sufocou e se aproveitou de mim.

— Você gritou? Reagiu? — perguntou o sr. Gilmer.

— Gritei até não poder mais, chutei e berrei bem alto.

— O que aconteceu então?

— Não lembro direito, só lembro de papai na sala me olhando e berrando "quem fez isso com você, quem foi?". Então eu acho que desmaiei, depois só me lembro do sr. Tate me levantando do chão e me levando até o balde de água.

Dava a impressão de que Mayella tinha ficado mais segura depois do depoimento, mas ela não era ousada como o pai, era meio desconfiada, como um gato que olha fixamente enquanto fica balançando o rabo.

— Você disse que reagiu com toda a sua força? Mordeu e arranhou? — perguntou o sr. Gilmer.

— Com certeza — ela respondeu, repetindo as palavras do pai.

— Confirma que ele abusou de você?

Mayella fez uma careta e temi que ela começasse a chorar outra vez. Mas ela disse:

— Ele fez o que queria.

O sr. Gilmer passou a mão na cabeça e com isso chamou a atenção para o calor que fazia. Disse então:

— Por enquanto, é só, mas não saia daí. Creio que o grande e cruel sr. Finch tem algumas perguntas a fazer — disse o sr.

Gilmer cordialmente.

— O Estado não deve colocar a testemunha contra o advogado de defesa. Pelo menos não por enquanto — avisou o juiz Taylor, sério.

Atticus levantou-se sorrindo, mas, em vez de ir até o banco das testemunhas, abriu o paletó, enfiou um dedo de cada lado do colete e andou lentamente pela sala até as janelas. Olhou para fora, mas não parecia ter nenhum interesse especial pelo que via, então se virou e voltou ao banco das testemunhas. Graças a anos de experiência, eu sabia que ele estava tentando tomar uma decisão a respeito de algo.

— Srta. Mayella, não vou tentar assustá-la por enquanto, ainda não. Só quero saber um pouco mais a seu respeito. Quantos anos tem? — perguntou, sorrindo.

— Já disse ao juiz, tenho dezenove — ela respondeu, indicando a cátedra, ofendida.

— Tem razão, tem razão, senhorita. Tenha paciência comigo, srta. Mayella, estou ficando velho e minha memória não é mais a mesma. Posso perguntar coisas que já foram ditas, mas mesmo assim responda, por favor. Pode ser? Ótimo.

A cara de Mayella não dava nenhum sinal de que iria cooperar plenamente com Atticus. Ela o olhava furiosa.

— Não vou responder nada enquanto ficar zombando de mim — ela disse.

— Como? — repetiu Atticus, surpreso.

— Enquanto ficar zombando de mim.

O juiz Taylor interrompeu:

— O sr. Finch não está zombando de você. Qual é o problema?

Mayella olhou para Atticus com os olhos semicerrados, mas disse ao juiz:

— Ele fica me chamando de srta. Mayella isso, srta. Mayella aquilo. Não admito esse descaramento, e não tenho que aguentar isso, não mesmo.

Atticus foi mais uma vez até as janelas e deixou o problema por conta do juiz Taylor. Ele não era do tipo que inspira compaixão, mas tive pena dele enquanto tentava explicar:

— É só o jeito do sr. Finch tratar as pessoas. Trabalhamos juntos nesse tribunal há muitos anos e ele sempre foi gentil com todos. Não está zombando de você, só está querendo ser educado. É o jeito dele — disse o juiz a Mayella.

Ele se recostou na cadeira e disse:

— Atticus, vamos continuar o depoimento, e que fique registrado que a testemunha não foi tratada com desrespeito, apesar de sua alegação em contrário.

Fiquei me perguntando se ela alguma vez já tinha sido chamada de senhora ou de senhorita Mayella na vida. Certamente não, já que se ofendia com uma cortesia normal. Que tipo de vida ela devia levar? Descobri logo.

— Você disse que tem dezenove anos — continuou Atticus, voltando da janela para a tribuna. — Quantos irmãos e irmãs?

— Sete — ela respondeu e fiquei pensando se todos seriam como o exemplar que conheci no primeiro dia de aula.

— Você é a primogênita? A mais velha?

— Sou.

— Sua mãe morreu há quanto tempo?

— Não sei. Há muito tempo.

— Você foi à escola?

— Sei ler e escrever como meu pai.

Mayella parecia o personagem sr. Jingle, de um livro que li.

— Durante quanto tempo foi à escola?

— Dois anos, três… não sei.

Aos poucos comecei a entender a estratégia do interrogatório de Atticus: ao fazer perguntas que o sr. Gilmer não considerou irrelevantes ou impertinentes o bastante a ponto de protestar, Atticus estava aos poucos desenhando para os jurados um retrato da vida doméstica dos Ewell. Assim eles ficaram sabendo que o seguro-desemprego era insuficiente para sustentar a família e havia fortes indícios de que o pai bebesse todo o dinheiro de qualquer forma — ele às vezes passava dias no pântano e voltava doente. Raramente fazia tanto frio que fosse preciso usar sapatos, mas, quando fazia, era possível fazer ótimos sapatos com tiras de pneus velhos. A família usava baldes para pegar a água em um manancial que jorrava num extremo do lixão — eles mantinham a área ao redor limpa e em se tratando de higiene pessoal, era cada um por si. Quem quisesse tomar banho que fosse buscar água. As crianças menores estavam sempre resfriadas e com coceira. De vez em quando, aparecia uma senhora na casa deles e perguntava a Mayella por que ela não ia à escola. Essa senhora anotava a resposta e, como havia duas pessoas na família que sabiam ler e escrever, os outros não precisavam aprender — o pai precisava deles em casa.

— Srta. Mayella — disse Atticus, sem querer —, uma moça de dezenove anos deve ter amigos. Quem são seus amigos?

A testemunha franziu o cenho, intrigada.

— Amigos?

— É. Não conhece ninguém da sua idade, um pouco mais velho ou mais jovem? Rapazes ou moças? Simples amigos?

A hostilidade de Mayella, que tinha se reduzindo a uma certa neutralidade, voltou a se inflamar.

— Está zombando de mim outra vez, sr. Finch?

Atticus deixou que a pergunta dela servisse de resposta à dele.

— Gosta do seu pai, srta. Mayella? — foi a pergunta seguinte.

— Gostar, como assim?

— Quero dizer, ele é bom para você, é fácil de lidar?

— Dá para aguentar, a não ser quando…

— Quando o quê?

Mayella olhou para o pai, que tinha inclinado a cadeira apoiando-a na balaustrada do tribunal. Ele se empertigou e esperou a resposta.

— Nada. Eu disse que dá para aguentar.

O sr. Ewell recostou-se na cadeira de novo.

— A não ser quando ele bebe? — Atticus perguntou com tanta delicadeza que Mayella concordou.

— Ele já foi atrás de você?

— Como assim?

— Quando está… irritado, ele bate em você?

Mayella olhou as pessoas em volta, o estenógrafo e o juiz.

— Responda, srta. Mayella — pediu o juiz Taylor.

— Meu pai nunca tocou num fio de cabelo meu, nunca — ela garantiu, firme. — Ele nunca pôs a mão em mim.

Os óculos de Atticus escorregaram um pouco no nariz e ele os empurrou para cima.

— Já tivemos uma boa conversa, srta. Mayella, agora acho melhor voltarmos ao caso. Declarou que pediu a Tom Robinson para cortar com um machado um… o que era mesmo?

— Era um armário velho, que tinha gavetas de um lado.

— Conhecia bem Tom Robinson?

— Como assim?

— Sabia quem ele era, onde morava?

Mayella assentiu.

— Sabia, ele passava em frente de casa todos os dias.

— Foi a primeira vez que você pediu para ele entrar?

Mayella teve um pequeno sobressalto com a pergunta. Atticus fez sua pequena peregrinação às janelas, como sempre: fazia uma pergunta e olhava pela janela, à espera da resposta. Não viu o sobressalto involuntário dela, mas acho que percebeu. Virou-se e ergueu as sobrancelhas.

— Foi a… — começou a repetir.

— Foi.

— Nunca o tinha convidado a entrar antes?

Agora ela estava preparada para responder.

— Não, com certeza não.

— Um "não" é suficiente. Nunca pediu para ele fazer algum serviço para a senhorita? — perguntou Atticus calmamente.

— Talvez. Por ali passam muitos pretos — admitiu Mayella.

— Lembra de alguma outra vez?

— Não.

— Muito bem, vamos ao que aconteceu. Você disse que, quando virou para trás, Tom Robinson estava lá, certo?

— É.

A memória de Atticus de repente ficou muito precisa.

— Você disse: "Ele me pegou pelo pescoço, me jogou no chão e se aproveitou de mim"… certo?

— Foi o que eu disse.

— Lembra dele batendo no seu rosto?

A testemunha hesitou.

— Você garante que ele a asfixiou. E você tentava se libertar, lembra? Você "chutou e berrou bem alto". Lembra-se dele batendo no seu rosto?

Mayella ficou calada. Parecia estar tentando esclarecer alguma coisa para ela mesma. Por um instante, achei que ela estava usando a minha tática e a do sr. Tate de imaginar que havia alguém na frente dela. Olhou para o sr. Gilmer.

— É uma pergunta simples, srta. Mayella, então vou repetir. Lembra-se dele batendo no seu rosto?

A voz de Atticus tinha perdido a gentileza, tinha ficado dura e impessoal como a de um advogado.

— Lembra-se dele batendo no seu rosto?

— Não, não lembro se ele me bateu. Quer dizer, sim, ele me bateu.

— A última frase é a sua resposta?

— Hein? Sim, ele bateu, eu... não lembro, não lembro… foi tudo tão rápido.

O juiz Taylor olhou sério para Mayella.

— Não comece a chorar, mocinha — ele começou a dizer, mas Atticus o interrompeu:

— Deixe-a chorar, se quiser, meritíssimo. Temos todo o tempo do mundo.

Mayella fungou, irritada, e olhou para Atticus.

— Respondo tudo o que você quiser… mas não venha zombar de mim, entendeu? Respondo tudo…

— Ótimo — disse Atticus. — Só mais umas perguntas. Srta. Mayella, sem querer ser repetitivo, mas disse que o acusado bateu em você, agarrou-a pelo pescoço, sufocou-a e se aproveitou de você. Quero garantir que estamos falando da mesma

pessoa. Pode identificar o homem que a estuprou?

— Sim, foi ele.

Atticus virou-se para o acusado e pediu:

— Tom, levante-se. Deixe a srta. Mayella olhar bem para você. Foi este homem, srta. Mayella?

Os ombros fortes de Tom Robinson se enrijeceram sob a camisa de tecido fino, ele se levantou e apoiou a mão direita no encosto da cadeira. Parecia mal equilibrado, mas não era por causa da postura. O braço esquerdo dele era bem mais curto que o direito e pendia inerte junto ao corpo. Terminava em uma mão atrofiada. E mesmo de longe, no balcão onde eu estava, dava para ver que o braço era inútil.

— Scout, olha lá! Reverendo, ele é aleijado! — disse Jem, baixinho.

O reverendo Sykes se inclinou por cima de mim e cochichou para Jem.

— Quando ele era menino, prendeu o braço numa máquina de tirar caroço de algodão do sr. Dolphus Raymond... Quase morreu de tanto sangrar... A máquina fez todos os músculos se desprenderem dos ossos...

Atticus perguntou:

— Foi este homem que a estuprou?

— Com certeza.

A pergunta seguinte de Atticus consistia de uma só palavra.

— Como?

Mayella estava furiosa.

— Não sei como ele fez, mas fez... Eu disse que foi tão rápido que...

— Vamos analisar com calma... — começou Atticus, mas o sr. Gilmer interrompeu com uma objeção: Atticus não estava fazendo uma pergunta irrelevante ou impertinente, mas intimidava a testemunha.

O juiz Taylor deu uma risada.

— Ora, sente-se, Horace, ele não está fazendo nada disso. Pelo contrário, a testemunha é que está tentando intimidar Atticus.

O juiz Taylor foi a única pessoa no tribunal a rir. Até os bebês estavam quietos e de repente me perguntei se teriam sufocado no peito das mães.

— Bem, srta. Mayella, declarou que o acusado a sufocou e bateu em você; não disse que ele entrou furtivamente por trás e a nocauteou com um golpe, mas que se virou e deu de cara com ele... — lembrou Atticus. Tinha voltado para a mesa e enfatizava as palavras batendo na mesa com os nós dos dedos. —... gostaria de reconsiderar suas declarações? — perguntou Atticus.

— Quer que eu diga uma coisa que não aconteceu? — perguntou Mayella.

— Não, quero que diga o que realmente aconteceu. Por favor, conte-nos mais uma vez como foi.

— Eu já contei.

— A senhorita declarou que se virou e deu de cara com ele. Ele então a asfixiou?

— Sim.

— Em seguida, soltou o seu pescoço e bateu em você?

— Foi o que eu disse.

— Ele acertou a mão direita no seu olho esquerdo?

— Eu me abaixei e... ele não acertou o soco, foi isso. Eu me abaixei e resvalou.

Finalmente, Mayella tinha entendido.

— Agora, a senhorita está começando a ser clara. Um momento atrás, não conseguia lembrar direito, não é?

— Eu disse que ele me bateu.

— Certo. Ele a asfixiou, bateu em você e a estuprou, certo?

— Exatamente.

— Você é uma moça forte, o que fez nesse tempo todo? Ficou de pé, parada?

— Eu disse que gritei, chutei e lutei.

Atticus tirou os óculos, virou o olho direito e bom para a jovem e fez várias perguntas. O juiz Taylor pediu:

— Uma pergunta de cada vez, Atticus. Deixe a testemunha responder.

— Está bem. Por que não correu?

— Tentei…

— Tentou? Por que não conseguiu?

— Eu… ele me derrubou. Foi isso, ele me derrubou e ficou em cima de mim.

— Nesse tempo todo, você gritava?

— Claro que sim.

— Então por que as crianças não ouviram? Onde elas estavam? No lixão?

Sem resposta.

— Onde estavam? Por que não vieram correndo ao ouvir seus gritos? O lixão é mais perto do que o bosque, não é?

Sem resposta.

— Ou só gritou quando viu seu pai na janela? Não pensou em gritar antes, não é?

Sem resposta.

— Gritou para seu pai e não para Tom Robinson? Foi isso?

Sem resposta.

— Quem bateu em você: Tom Robinson ou o seu pai?

Sem resposta.

— O que seu pai viu pela janela: um crime de estupro ou a melhor defesa para ele mesmo? Por que não diz a verdade, filha? Bob Ewell bateu em você, não foi?

Quando Atticus se virou, parecia estar com dor de estômago, mas o rosto de Mayella era uma mistura de terror e fúria. Atticus se sentou, exausto, e limpou a lente dos óculos com o lenço.

De repente, Mayella resolveu falar.

— Tenho uma coisa a dizer.

Atticus levantou a cabeça.

— Quer nos contar o que aconteceu?

Mas ela não percebeu o tom compassivo do convite.

— Vou falar só uma vez, não mais: o preto se aproveitou de mim e se esses elegantes senhores tão importantes não querem fazer nada, é porque são uns covardes fedorentos, são todos uns fedorentos. Esse ar de importância não adianta nada, esse srta. Mayella não significa nada, sr. Finch...

Ela então chorou de verdade. Os ombros estremeciam com soluços sentidos. Cumpriu a promessa e não respondeu mais nada, nem mesmo quando o sr. Gilmer tentou colocar as coisas de volta nos eixos. Se ela não fosse tão pobre e ignorante, acho que o juiz Taylor mandaria prendê-la pelo desacato que demonstrou por todos no tribunal. De algum modo, Atticus a atingiu profundamente, não sei bem de que maneira, mas não teve nenhum prazer em fazer isso. Ele ficou sentado de cabeça baixa e nunca vi alguém olhar para outra pessoa com tanto ódio quanto Mayella ao passar por Atticus.

Quando o sr. Gilmer disse ao juiz Taylor que o Estado tinha terminado o interrogatório, o juiz avisou:

— Está na hora de um intervalo. Dez minutos.

Atticus e o sr. Gilmer se reuniram em frente ao banco das testemunhas e conversaram em voz baixa. Depois, saíram por uma porta atrás da tribuna das testemunhas, o que foi sinal para nós esticarmos as pernas. Só então percebi que eu tinha ficado sentada na ponta do comprido banco e estava meio dolorida. Jem levantou-se e bocejou, Dill fez o mesmo e o reverendo passou o chapéu pelo rosto. Ele disse que a temperatura era de, no mínimo, trinta graus.

O sr. Braxton Underwood, que tinha sentado em silêncio numa cadeira reservada para os jornalistas e cujo cérebro esponjoso estava encharcado de depoimentos, passou os olhos pelo balcão dos negros e me viu. Resmungou algo e desviou o olhar.

— Jem, o sr. Underwood nos viu — avisei.

— Tudo bem, ele não vai contar para Atticus. Vai só publicar na coluna social da *Tribune*.

Jem se virou para Dill, explicando, acho, os detalhes mais importantes do julgamento para ele e fiquei pensando quais seriam. Não tinha havido nenhum debate acalorado entre Atticus e o sr. Gilmer; o sr. Gilmer parecia estar acusando quase contra a vontade; as testemunhas foram levadas pelo cabresto como se faz com os burros, sem muitas objeções. Mas Atticus tinha nos dito uma vez que nos julgamentos presididos pelo juiz Taylor os advogados que conjecturavam demais sobre as provas acabavam provocando severas orientações do juiz ao júri. Papai disse isso para mostrar que o juiz Taylor podia parecer indolente e sonolento, mas suas decisões raramente eram revogadas, o que era a verdadeira prova dos nove. Atticus dizia que ele era um bom juiz.

Pouco depois, o juiz voltou à sala do tribunal e sentou-se em sua cadeira giratória. Pegou um charuto no bolso do colete e examinou-o atentamente. Cutuquei Dill. Depois de passar pela inspeção do juiz, o charuto recebeu uma bela mordida.

— Às vezes, a gente vem aqui só para ver ele fazendo isso. — expliquei. — Vai passar o resto da tarde mastigando o charuto, repara só

Sem saber que estava sendo observado do balcão, o juiz cortou com o dente a ponta do charuto e soprou-a longe com um *fluct*! Acertou numa escarradeira com tal precisão que ouvimos a ponta cair lá dentro.

— Aposto que ele era campeão no arremesso de bolinhas de papel com canudo — Dill cochichou.

Em geral, no intervalo há uma debandada, mas naquele dia ninguém saiu da sala. Até os membros do Clube dos Ociosos que não conseguiram constranger os mais jovens para que cedessem os lugares para eles, continuaram de pé encostados nas paredes. Acho que o sr. Heck Tate reservou o banheiro do tribunal para uso dos funcionários.

Atticus e o sr. Gilmer voltaram e o juiz consultou o relógio de pulso.

— São quase quatro horas — disse, o que era estranho, pois o relógio do tribunal devia ter batido as horas no mínimo duas vezes. Eu não ouvi nem senti suas vibrações.

— Atticus, que tal terminarmos esta tarde? — perguntou o juiz.

— Acho possível — respondeu Atticus.

— Quantas testemunhas ainda tem?

— Uma.

— Chame-a.

19

Thomas Robinson segurou o braço esquerdo com a mão direita e levantou-o. Colocou o braço sobre a Bíblia e a mão esquerda, que parecia de borracha, ficou sobre o couro escuro do livro. Quando levantou a mão direita, a outra, inerte, escorregou e bateu na mesa do escrevente. Ele ia fazer tudo de novo quando o juiz Taylor resmungou:

— Está bem assim, Tom.

Tom fez o juramento e sentou-se no banco das testemunhas. Atticus rapidamente o induziu a nos informar que:

Tom tinha vinte e cinco anos, era casado e tinha três filhos. Teve problemas com a lei antes: tinha sido condenado a trinta dias de detenção por desordem.

— Que desordem foi essa? O que houve? — perguntou Atticus.

— Briguei com um homem, ele tentou me cortar com uma faca.

— Ele conseguiu?

— Sim, um pouco, mas não o suficiente para machucar. O senhor sabe, eu... — Tom mexeu o braço esquerdo.

— Sei. Os dois foram condenados?

— Sim, e eu tive de cumprir a pena porque não tinha dinheiro para pagar a fiança. Outro sujeito pagou a dele.

Dill curvou-se por cima de mim e perguntou a Jem o que papai estava fazendo. Jem respondeu que Atticus estava mostrando aos jurados que Tom não tinha nada a esconder.

— Você conhecia Mayella Violet Ewell? — perguntou Atticus.

— Sim, senhor, tinha de passar pela casa dela todo dia, quando ia e voltava do campo.

— Campo de quem?

— Eu colho algodão para o sr. Link Deas.

— Estava colhendo algodão em novembro?

— Não, senhor, no outono e no inverno cuido do jardim dele. Trabalho para ele quase o ano todo, ele tem muitas nogueiras e outras árvores.

— Você disse que tinha de passar pela casa dos Ewell na ida e na volta. Há outro caminho?

— Não, senhor, não que eu saiba.

— Alguma vez ela falou com você, Tom?

— Sim, eu tirava o chapéu quando passava e um dia ela pediu para eu entrar no quintal e cortar um armário com o machado.

— Quando foi isso?

— Foi na primavera passada, sr. Finch. Lembro bem porque era época de cortar lenha e eu estava com a minha enxada. Eu disse que só tinha a enxada e ela falou que tinha um machado. Me deu o machado e cortei a cômoda. Ela disse: "Acho que preciso te dar uma moeda, não é?" E eu disse: "Não precisa não, senhora." Fui para casa, isso foi na primavera passada, faz mais de ano.

— Você voltou lá alguma vez?

— Sim, senhor.

— Quando?

— Bom, muitas vezes.

O juiz Taylor pegou instintivamente o martelo, mas deixou a mão cair. O murmúrio que vinha lá de baixo parou sem que ele precisasse bater o martelo.

— Em que circunstâncias?

— Como assim, senhor?

— Por que você entrou no quintal várias vezes?

As rugas na testa de Tom Robinson se desfizeram.

— Ela me chamava, senhor. Toda vez que eu passava ela tinha uma coisinha para eu fazer, cortar lenha, recolher gravetos, pegar água no poço. Todo dia ela regava as flores vermelhas…

— Ela pagava pelo seu serviço?

— Não, senhor, não depois daquela primeira vez que quis me dar uma moeda. Eu gostava de ajudar, o sr. Ewell parecia que não ajudava nada, nem as crianças. Eu sabia que ela não tinha moedas sobrando.

— Onde ficavam as crianças?

— Estavam sempre em volta, por todo canto. Algumas olhavam eu trabalhar, outras ficavam na janela.

— A srta. Mayella conversava com você?

— Sim, senhor, ela conversava comigo.

Enquanto Tom Robinson dava seu depoimento, me dei conta de que Mayella Ewell devia ser a pessoa mais solitária do mundo. Mais até do que Boo Radley, que não saía de casa havia vinte e cinco anos. Quando Atticus perguntou a Mayella se tinha amigos, ela pareceu não saber do que ele estava falando, depois achou que ele estava zombando dela. A situação dela era tão triste quanto do que Jem chamava de mesticinhos: os brancos não queriam nada com Mayella porque vivia no meio dos porcos e os negros não queriam saber dela porque era branca. Ela não podia fazer como o sr. Dolphus Raymond, que preferia a companhia dos negros, porque não era proprietária de uma margem de rio, nem pertencia a uma família antiga e respeitada. Ninguém dizia "é só o jeito deles" quando se tratava dos Ewell. O condado de Maycomb dava a eles cestas de Natal, uma pensão e as costas. Tom Robinson deve ter sido a única pessoa que foi gentil com ela na vida. Mas ela disse que Tom tinha se aproveitado dela e, quando se levantou do banco, olhou-o como se ele fosse lixo.

Atticus interrompeu meus pensamentos ao perguntar:

— Você alguma vez entrou na propriedade dos Ewell, alguma vez entrou na casa deles sem ser expressamente convidado por alguém da família?

— Não, sr. Finch. Eu nunca faria isso. Não.

Atticus às vezes dizia que, para saber se uma testemunha estava mentindo ou dizendo a verdade, era melhor ouvir do que olhar. Decidi testar: Tom tinha negado três vezes, de um só fôlego, mas estava calmo, sem nenhuma nota de queixa na voz, e me vi acreditando nele, apesar de ele ter negado demais. Ele parecia um negro de respeito, que jamais entraria no quintal de alguém sem ser convidado.

— Tom, o que aconteceu com você na tarde de vinte e um de novembro do ano passado?

Na plateia, as pessoas prenderam a respiração e se inclinaram para a frente. Atrás de nós, os negros fizeram o mesmo.

Tom era um negro de pele de veludo, um veludo negro, fosco e macio. O branco dos seus olhos brilhava e, quando falava, os dentes reluziam. Se não tivesse o defeito no braço, seria um lindo homem.

— Sr. Finch, eu estava indo para casa como sempre naquela tarde, e a srta. Mayella estava na varanda quando passei pela casa dos Ewell, como ela disse. Estava tudo muito silencioso e achei estranho. Quando passei, estava tentando entender por

que estava tão quieto e ela chamou para eu entrar e ajudar um instante. Bom, entrei no quintal e procurei uma lenha para cortar, mas não vi nada e ela disse: "Tem uma coisa para consertar dentro da casa, as portas estão velhas e soltando das dobradiças, daqui a pouco caem." Eu então perguntei: "Tem chave de fenda, srta. Mayella?", e ela disse que sim. Bom, subi a escada, entrei na casa e olhei a porta e disse que parecia estar direita, empurrei para a frente e para trás e as dobradiças estavam boas. Ela então fechou a porta na minha cara. Sr. Finch, fiquei pensando por que estava tudo tão quieto, e era porque não tinha nenhuma criança ali, e perguntei onde elas estavam.

A pele cor de veludo negro de Tom começou a brilhar e ele passou a mão no rosto.

— Perguntei onde estavam as crianças e ela disse, rindo, que tinham ido até a cidade tomar sorvete. E disse: "Levei um ano para economizar umas moedas, mas consegui. Elas foram até a cidade."

O desconforto de Tom não era por causa do calor.

— O que você disse então, Tom? — perguntou Atticus.

— Falei que era muito bom ela fazer um agrado e ela perguntou: "Você acha?" Acho que ela não entendeu o que eu estava pensando… Eu queria dizer que foi bom ela economizar e depois fazer um agrado para as crianças.

— Entendi, Tom. Continue — pediu Atticus.

— Bom, eu disse que ia embora, que não podia fazer nada por ela, e ela disse que eu podia sim, perguntei o que era e ela disse para eu subir na cadeira e pegar a caixa em cima do armário.

— Não era o mesmo armário que você cortou com o machado? — perguntou Atticus.

Tom sorriu.

— Não, senhor, era outro, quase do tamanho do quarto. Então, eu subi e quando peguei… ela… agarrou minhas pernas, sr. Finch. Levei um susto tão grande que dei um pulo e derrubei a cadeira… foi só isso que ficou fora do lugar no quarto quando eu saí, sr. Finch. Juro por Deus.

— O que aconteceu depois que você derrubou a cadeira?

Tom Robinson ficou calado. Olhou para Atticus, depois para os jurados e para o sr. Underwood no outro lado do tribunal.

— Tom, você jurou dizer a verdade. Vai dizer a verdade?

Tom passou a mão pela boca, nervoso.

— O que aconteceu depois?

— Responda à pergunta — disse o juiz Taylor. Um terço do charuto tinha desaparecido.

— Sr. Finch, desci da cadeira, virei para ir embora e ela pulou em cima de mim.

— Pulou em cima? Com força?

— Não, senhor, ela… me abraçou. Me abraçou pela cintura.

Dessa vez, o martelo do juiz Taylor bateu com força na mesa, ao mesmo tempo que as luzes do teto se acenderam. Não era noite ainda, mas o sol do entardecer não entrava mais pelas janelas. O juiz Taylor restabeleceu logo a ordem.

— O que ela fez então?

O réu engoliu em seco.

— Ela chegou perto e me beijou no rosto. Disse que nunca tinha beijado um homem e que dava no mesmo se beijasse um preto. E que o que o pai fazia com ela não contava. Falou: "Me beija, preto", e eu pedi para ela me deixar sair dali, tentei correr, mas ela se encostou na porta e tive que empurrar a srta. Mayella. Não queria machucar ela, sr. Finch, pedi para passar e então o sr. Ewell apareceu na janela e ficou esbravejando.

— O que ele disse?

Tom Robinson engoliu em seco outra vez e arregalou os olhos.

— Disse uma coisa que não convém repetir com essas crianças aqui…

— O que ele disse, Tom? Você *precisa* contar aos jurados o que ele disse.

Tom Robinson fechou bem os olhos.

— Ele disse "Sua puta maldita, vou matar você."

— E o que aconteceu depois disso?

— Corri tanto, sr. Finch, que não sei o que aconteceu.

— Tom, você estuprou Mayella Ewell?

— Não, senhor.

— Machucou-a de alguma maneira?

— Não, senhor.

— Resistiu às investidas dela?

— Tentei, senhor. Tentei, sem ser bruto com ela. Não queria machucar, empurrar nem nada.

Cheguei à conclusão de que, do jeito dele, Tom Robinson era tão educado quanto Atticus. Só mais tarde, quando meu pai explicou, entendi a delicada situação em que Tom tinha se metido: ele jamais ousaria tocar em uma mulher branca, em nenhuma circunstância, pois sabia que se fizesse isso não viveria muito tempo, então aproveitou a primeira chance de fugir, um sinal claro de culpa.

— Tom, vamos voltar ao sr. Ewell. Ele disse algo a você? — perguntou Atticus.

— Nada, senhor. Pode ter dito, mas eu não estava mais lá.

— Certo — disse Atticus, ríspido. — Então o que você ouviu, com quem ele falou?

— Sr. Finch, ele estava falando e olhando para a srta. Mayella.

— Então você correu?

— Corri sim, senhor.

— Por quê?

— Estava com medo, senhor.

— Medo de quê?

— Sr. Finch, se o senhor fosse negro como eu, também ficaria com medo.

Atticus se sentou. O sr. Gilmer se encaminhou para o banco das testemunhas, mas, antes que ele chegasse lá, o sr. Link Deas levantou-se na plateia e berrou:

— Quero que todos vocês saibam que esse homem trabalhou para mim por oito anos e nunca deu nenhum problema, por menor que fosse.

— *Cale-se, sr. Deas!* — rugiu o juiz Taylor, que estava bem acordado. Também estava muito vermelho. Por milagre, o charuto não atrapalhou a fala. — Sr. Link Deas — continuou o juiz —, se quer fazer alguma declaração, preste o juramento e se apresente na hora marcada. Até lá, queira deixar o recito. Entendeu? Saia do recinto já. Não aguento mais ouvir esse caso!

O juiz Taylor lançou olhares irritados para Atticus, como se o desafiasse a dizer alguma coisa, mas Atticus tinha abaixado a cabeça e disfarçava o riso. Lembrei que uma vez ele me disse que às vezes o juiz Taylor dizia coisas que excediam sua competência, mas poucos advogados protestavam. Olhei para Jem, que balançou a cabeça.

— É diferente de um jurado se levantar e fazer uma declaração. Acho que nesse caso seria diferente. O sr. Link só estava perturbando a ordem ou algo assim — avaliou Jem.

O juiz Taylor mandou o estenógrafo apagar tudo o que tivesse anotado depois da frase "Sr. Finch, se o senhor fosse negro como eu, também ficaria com medo" e disse para os jurados ignorarem a interrupção. Olhou desconfiado para o tribunal e esperou, imagino, para ter certeza de que o sr. Link Deas tinha saído. Então disse:

— Prossiga, sr. Gilmer.

— Robinson, foi condenado a trinta dias de detenção por perturbação da ordem? — perguntou o sr. Gilmer.

— Sim, senhor.

— Como ficou o outro negro quando terminou a briga?

— Ele ganhou a briga, sr. Gilmer.

— Sim, mas você foi condenado, não foi?

Atticus levantou a cabeça.

— Foi apenas um delito leve e está nos autos do processo, meritíssimo.

Tive a impressão de que Atticus estava cansado.

— Mesmo assim o réu deve responder — observou o juiz Taylor, também com a voz cansada.

— Sim, senhor, peguei trinta dias de detenção.

Eu sabia que o sr. Gilmer queria mostrar aos jurados que quem já tinha sido condenado por perturbação da ordem poderia facilmente abusar de Mayella Ewell, pois era o único argumento que interessava a ele. E esse tipo de argumento ajudava.

— Robinson, você é bom em cortar armários com machados usando apenas um braço, não é?

— Sim, senhor, acho que sim.

— Tem força para apertar o pescoço de uma mulher até sufocá-la e jogá-la no chão?

— Nunca fiz isso, senhor.

— Mas tem força para fazer, não tem?

— Acho que sim, senhor.

— Estava de olho nela há muito tempo, não estava, rapaz?

— Não, senhor, nunca pus o olho nela.

— Então foi só uma grande gentileza sua cortar tanta lenha e apanhar tanta água, não é?

— Estava só querendo ajudar, senhor.

— Foi muito generoso, já que, quando voltava do trabalho, tinha o que fazer em casa, não?

— Sim, senhor.

— Então por que não foi para casa fazer suas tarefas domésticas em vez de atender o pedido da srta. Ewell?

— Fiz os dois, senhor.

— Deve ter trabalhado muito. Por quê?

— Por que o quê, senhor?

— Por que estava tão disposto a ajudar essa mulher?

Tom Robinson hesitou, buscando uma resposta.

— Parecia que ela não tinha quem ajudasse, como eu disse…

— E o pai e os sete irmãos dela, rapaz?

— Bom, parecia que eles não ajudavam em nada.

— Cortou lenha e fez tudo o mais por pura bondade, rapaz?

— Como disse, tentei ajudar.

O sr. Gilmer deu um sorriso amargo para os jurados.

— Pelo jeito, é uma pessoa muito bondosa. Fez tudo de graça, sem ganhar um centavo?

— Sim, senhor. Tive pena dela, parecia fazer mais do que todos…

— *Você* teve pena *dela*? Teve *pena* dela? — O sr. Gilmer parecia não acreditar no que estava ouvindo.

O réu percebeu o erro e se remexeu na cadeira, desconfortável. Mas o dano estava feito. Na plateia, ninguém gostou da resposta de Tom Robinson. O sr. Gilmer fez uma longa pausa para que suas palavras fossem assimiladas.

— Em vinte e um de novembro, você estava passando em frente à casa como sempre e ela pediu para você entrar e cortar um armário?

— Não, senhor.

— Não passou em frente à casa?

— Não, senhor, ela disse que tinha uma coisa para eu fazer na casa…

— Ela disse que pediu para você cortar um armário, não foi?

— Não, senhor.

— Está dizendo que ela mentiu, rapaz?

Atticus levantou-se, mas Tom Robinson não precisou da ajuda dele:

— Não digo que ela está mentindo, sr. Gilmer, estou dizendo que ela se confundiu.

Nas dez perguntas seguintes, enquanto o sr. Gilmer conferia a versão dada por Mayella, o réu continuou insistindo que ela tinha se confundido.

— O sr. Ewell não pôs você para fora da casa, rapaz?

— Não, senhor, acho que não.

— O que quer dizer com "acho que não"?

— Quero dizer que não fiquei lá tempo suficiente para ele me expulsar.

— Está sendo muito sincero a esse respeito, então por que saiu correndo?

— Eu disse que fiquei com medo, senhor.

— Se tinha a consciência limpa, por que teve medo?

— Já disse, não era seguro para um negro se meter numa encrenca assim…

— Mas você não estava numa encrenca, declarou que resistiu à srta. Ewell. Teve medo que ela o machucasse e correu, um homem do seu tamanho?

— Não, senhor, tive medo de ir parar no tribunal, exatamente como estou agora.

— Teve medo de ser preso, de responder pelo que fez?

— Não, senhor, de responder pelo que não fiz.

— Está sendo insolente comigo, rapaz?

— Não, senhor, de jeito nenhum.

Foi só o que ouvi das perguntas do sr. Gilmer, pois Jem me obrigou a levar Dill para casa. Por alguma razão Dill tinha começado a chorar sem parar; no começo, baixinho, depois seus soluços foram ouvidos por várias pessoas no balcão. Jem disse que se eu não levasse Dill, ele ia me obrigar. E o reverendo Sykes achou melhor eu ir, então fui. Naquele dia, Dill parecia bem, não parecia haver nada de errado com ele, mas eu achava que talvez não tivesse se recuperado totalmente da fuga.

— Está se sentindo mal? — perguntei, quando terminamos de descer a escada.

Dill tentou se recompor enquanto descíamos as escadas de fora do tribunal. O sr. Link Deas estava sozinho no alto da escada.

— Aconteceu alguma coisa, Scout? — perguntou quando passamos por ele.

— Não, senhor — respondi, por cima do ombro. — Dill não está se sentindo bem.

— Vamos para baixo das árvores. Acho que você está assim por causa do calor — eu disse.

Escolhemos o maior carvalho de todos e nos sentamos embaixo dele.

— Eu não estava mais aguentando ele — disse Dill.

— Ele quem, Tom?

— Não, aquele sr. Gilmer tratando Tom daquele jeito, com tanto ódio…

— Dill, o sr. Gilmer estava fazendo o trabalho dele. Sem os promotores não teríamos advogados de defesa, acho.

Dill deu um suspiro resignado.

— Eu sei, Scout. Foi o jeito de ele falar que me deixou mal, muito mal.

— Ele tinha que agir assim, Dill, estava interrogando…

— Não falou daquele jeito quando…

— Dill, aquelas eram as testemunhas de acusação.

— Bem, o sr. Finch não agiu daquela forma com Mayella e o velho Ewell quando os interrogou. O jeito como ele chamava Tom de "rapaz", zombava dele e olhava para os jurados toda vez que ele respondia...

— Bom, Dill, no fim das contas, Tom é apenas um negro.

— Não dou a mínima. Não é direito fazer isso. Ninguém precisa falar daquele jeito… me dá nojo.

— É o jeito do sr. Gilmer. Dill, ele é assim com todo mundo. Você não viu ele tratar alguém mal de verdade. Quando… bem, hoje parecia que ele não estava se esforçando muito… Os advogados são assim mesmo. Quase todos, quer dizer.

— O sr. Finch não é.

— Ele não serve de exemplo, Dill, ele… — Estava tentando me lembrar de uma frase perspicaz da srta. Maudie Atkinson Consegui: — "Ele é a mesma pessoa no tribunal e na rua."

— Não foi o que eu quis dizer — disse Dill.

— Eu sei o que você quis dizer, garoto — disse uma voz atrás de nós. Pensamos que a voz vinha da árvore, mas era o sr. Dolphus Raymond. Ele espiou por trás do tronco e disse: — Você não é sensível demais, mas fica enojado com essas coisas, não é?

20

— Venha cá, filho, tenho uma coisa que vai fazer você melhorar.

Como o sr. Dolphus Raymond não era de muita confiança, relutei em aceitar o convite, mas fui atrás de Dill. De algum modo, acho que Atticus não ia gostar que ficássemos amigos do sr. Raymond, e sabia que tia Alexandra ia gostar muito menos.

— Tome — disse ele, oferecendo a Dill o saco de papel com dois canudos dentro. — Tome um bom gole, você vai relaxar.

Dill tomou um gole, sorriu, e em seguida chupou com força o canudo.

— *He, he* — fez o sr. Raymond, contente por ter corrompido uma criança.

— Dill, cuidado — avisei.

Dill largou os canudos e sorriu.

— É só Coca-Cola, Scout.

O sr. Raymond sentou-se, encostado no tronco da árvore. Antes, estava deitado na grama.

— Vocês não vão contar nada a ninguém, não é? Acabariam com a minha reputação se fizessem isso.

— Quer dizer que o que o senhor bebe nesse saco é só Coca-Cola? Coca-Cola pura?

— Sim, senhora — concordou o sr. Raymond. Eu gostava do cheiro dele: couro, cavalos, semente de algodão. Era a única pessoa que eu conhecia que usava botas de montaria inglesas. — Na maior parte do tempo, isso é tudo que eu bebo.

— Então, só finge que está meio...? Desculpe, eu não quis ser... — eu me corrigi.

O sr. Raymond riu, nem um pouco ofendido, e tentei fazer uma pergunta discreta:

— Por que o senhor faz isso?

— O que... Ah, você quer saber por que eu finjo? Bom, é muito simples — respondeu. — Algumas pessoas não... aprovam a minha maneira de viver. Eu poderia dizer que quero que eles vão para o inferno, que não me interessa o que pensam. E eu realmente digo que não me importo, mas não digo que quero que eles vão para o inferno, entendem?

Dill e eu respondemos juntos:

— Não, senhor.

— Procuro dar um motivo para essas pessoas, sabem? Elas ficam satisfeitas quando encontram uma explicação. Nas raras vezes em que venho à cidade, se fico trocando as pernas e bebo uns goles desse saco de papel, elas podem dizer que Dolphus Raymond encheu a cara de uísque, ele não tem jeito. Não responde por si, por isso vive do jeito que vive.

— Sr. Raymond, não é honesto parecer pior do que é...

— Não é honesto, mas é muito útil para as pessoas. Cá entre nós, srta. Finch, não sou muito de beber. Mas elas jamais entenderiam que vivo desse jeito porque quero viver assim.

Eu desconfiava que não devia estar ali ouvindo aquele homem pecador, que tinha filhos mestiços e não se incomodava que todo mundo soubesse disso, mas ele era fascinante. Eu nunca tinha conhecido ninguém que se desacreditasse deliberadamente. Mas por que ele tinha nos contado seu grande segredo? Perguntei isso a ele.

— Porque vocês são crianças e entendem. E também porque ouvi o que aquele ali disse... — ele respondeu, indicando

Dill com a cabeça. — Os sentimentos dele ainda não foram corrompidos. Quando crescer mais um pouco, não vai mais ficar mal e chorar ao ouvir certas coisas. Pode ser que ache as coisas meio erradas, digamos, mas não vai chorar, não quando ficar mais velho.

— Chorar por causa de que, sr. Raymond? — perguntou Dill, querendo se defender.

— Por causa do inferno pelo qual algumas pessoas fazem as outras passarem sem nem pensar. Por causa do inferno pelo qual os brancos fazem os negros passarem, sem nem sequer pararem para pensar que eles também são gente.

— Atticus diz que enganar um negro é dez vezes pior do que enganar um branco. Diz que é a pior coisa que se pode fazer — resmunguei.

O sr. Raymond disse:

— Acho que não… Srta. Jean Louise, a senhorita ainda não percebeu que o seu pai é um homem diferente, vai demorar uns anos para perceber… ainda não conhece o mundo direito. Não conhece nem essa cidade; para conhecer, basta voltar para aquele tribunal.

Isso me fez lembrar que estávamos perdendo o interrogatório do sr. Gilmer. Olhei para cima: o sol descia rápido atrás dos telhados das lojas do lado oeste da praça. Fiquei sem saber o que fazer: conversar com o sr. Raymond ou voltar para o Quinto Tribunal de Justiça da Comarca?

— Vamos, Dill. Está se sentindo melhor? — perguntei.

— Sim. Sr. Raymond, foi um prazer conhecê-lo e obrigado pelo refrigerante, estou bem melhor.

Voltamos correndo para o tribunal, subimos os dois lances de escada e passamos junto à balaustrada do balcão. O reverendo Sykes tinha guardado os nossos lugares.

O tribunal estava silencioso e mais uma vez me perguntei onde teriam ido parar os bebês. O charuto do juiz Taylor tinha virado um ponto marrom no meio da boca; o sr. Gilmer escrevia num dos blocos amarelos em cima da mesa dele, tentando ser mais rápido do que o estenógrafo, cuja mão voava.

— Droga, perdemos o interrogatório — resmunguei.

Atticus discursava para os jurados. Tinha evidentemente tirado alguns papéis da pasta que estava ao lado da cadeira, porque agora eles estavam sobre a mesa. Tom Robinson estava brincando com os papéis.

—… sem nenhuma prova comprobatória, este homem foi processado e pode ser condenado à pena capital e perder a vida.

Cutuquei Jem.

— Há quanto tempo ele está falando?

— Acabou de examinar as provas e acho que vamos ganhar a causa, Scout — respondeu Jem, baixinho. — Temos tudo para ganhar. Ele está falando há cinco minutos. Foi claro e conclusivo como… bom, como se estivesse explicando para você. Até você entenderia.

— E o sr. Gilmer?

— Shhh. Não disse nada de novo, só o de sempre. Agora fique quieta.

Olhamos lá para baixo de novo. Atticus falava com clareza, com a mesma imparcialidade de quando ditava uma carta. Andava devagar de um lado para o outro na frente dos jurados, que pareciam atentos: de cabeças levantadas, acompanhavam os passos dele como se aprovassem o que dizia. Acho que era porque ele não falava aos berros.

Atticus parou e fez algo que não costumava fazer. Tirou do colete o relógio e a corrente e colocou-os sobre a mesa, dizendo:

— Com a licença do tribunal…

O juiz Taylor concordou com a cabeça, então Atticus fez outra coisa que eu nunca tinha visto ele fazer antes, e que nunca mais o vi fazer depois, em público ou em particular: desabotoou o colete e o colarinho, afrouxou o nó da gravata e tirou o

paletó.

Ele nunca tirava uma peça de roupa até a hora de vestir o pijama, à noite. Para Jem e para mim, aquilo era como se ele ficasse completamente nu na nossa frente. Trocamos olhares apavorados.

Atticus pôs as mãos nos bolsos e, ao olhar novamente para os jurados, vi o botão de ouro de seu colarinho, a ponta do lápis e da caneta brilharem.

— Senhores — ele disse. Jem e eu nos entreolhamos de novo. Era como se ele tivesse dito: "Scout". A voz tinha perdido a secura e a imparcialidade, e ele falava com os jurados como se fossem pessoas que tivesse encontrado na esquina dos correios.

— Senhores, serei breve, mas gostaria de usar o tempo que me resta para lembrá-los que este caso é simples, não exige o exame detalhado de fatos complexos, mas exige que os senhores tenham absoluta certeza da culpa do acusado. Para começar, este caso não deveria ter ido a julgamento. É tão simples quanto preto no branco. O Estado não produziu nenhuma prova médica do crime que Tom Robinson teria cometido. Confiou apenas no depoimento de duas testemunhas, cujas declarações foram seriamente questionadas durante o interrogatório e enfaticamente negadas pelo acusado. O réu não é culpado, mas alguém aqui neste tribunal é.

"Só tenho a lastimar pela situação da principal testemunha apresentada pelo Estado, mas não a ponto de aceitar que ela coloque em risco a vida de um homem, na tentativa de se ver livre da própria culpa.

"Culpa sim, senhores, pois a testemunha de acusação foi movida pela culpa. Ela não cometeu nenhum crime, apenas quebrou um rígido e antigo código de conduta da nossa sociedade, um código tão rígido que quem o rompe é afastado do nosso meio, e o convívio com essa pessoa é considerado inaceitável. Ela é vítima da pobreza e da ignorância absolutas, mas não consigo ter pena dela, porque é branca. Ela tinha absoluta consciência da dimensão de seu erro, mas, como seu desejo era mais forte do que o código que ia romper, ela persistiu. Persistiu, e sua reação posterior é algo que todos nós já vimos um dia: agiu como uma criança e tratou de afastar de si a prova de seu erro. Mas, nesse caso, não se trata de uma criança tentando esconder algo que pegou escondido: ela atacou a vítima, precisava afastá-la, tirá-la da sua presença, deste mundo. Precisava destruir a prova do seu erro.

"E qual é a prova do seu erro? Tom Robinson, um ser humano. Ela precisava afastar Tom Robinson, que a fazia lembrar diariamente do que havia feito. E o que ela havia feito? Tinha tentado seduzir um negro.

"Ela é branca e tentou seduzir um negro. Fez algo inaceitável na nossa sociedade: beijou um negro. Não um preto velho, mas um negro jovem e forte. Na hora, ela não se importou com nenhum código social, mas depois foi atingida violentamente por esse código.

"O pai dela assistiu a tudo e o réu testemunhou sobre o que ele disse na ocasião. O que fez o pai? Não sabemos, mas há provas circunstanciais que indicam que Mayella Ewell foi brutalmente espancada por alguém que usa quase exclusivamente a mão esquerda. Mas sabemos em parte o que o Sr. Ewell fez, o que qualquer branco respeitável e temente a Deus faria numa situação dessas: conseguiu um mandado de prisão para o acusado e assinou-o com a mão esquerda. E agora Tom Robinson está diante de todos os senhores, após prestar o juramento levantando sua única mão útil: a direita.

E assim, um negro calmo, respeitável, humilde, que cometeu a imperdoável temeridade de "ter pena" de uma mulher branca, tem que colocar sua palavra de honra contra a de dois brancos. Não preciso lembrar aos senhores o comportamento e a aparência deles na tribuna, os senhores viram com seus os olhos. "As testemunhas de acusação, com exceção do xerife do condado, se apresentaram diante dos senhores e deste tribunal com a cínica segurança de que seus depoimentos não seriam postos em dúvida, certos de que os senhores aceitariam a tese deles, a diabólica tese de que *todos* os negros mentem, *todos* os negros são, por princípio, imorais, que *nenhum* deles deve ser deixado perto de nossas mulheres, tese que podemos associar

com mentes do calibre da deles.

Sabemos, senhores, que se trata de uma mentira tão negra quanto a pele de Tom Robinson, uma mentira que não preciso explicar aos senhores. Os senhores sabem a verdade: alguns negros mentem, alguns negros são imorais, alguns negros não merecem a confiança de ficar perto das mulheres, sejam elas brancas ou negras. Mas essa verdade se aplica à raça humana, sem distinção. Não existe ninguém neste tribunal que nunca tenha mentido, que nunca tenha feito algo imoral, não existe um homem vivo que nunca tenha olhado para uma mulher com desejo."

Atticus fez uma pausa e tirou o lenço do bolso. Tirou os óculos, limpou-os com o lenço e então vimos mais uma coisa pela primeira vez: Atticus nunca transpirava, era dessas pessoas que jamais suam, mas naquele momento a pele dele brilhava.

— Mais uma coisa, senhores, antes de terminar. Uma vez Thomas Jefferson disse que todos os homens nascem iguais, frase que os ianques e alguns membros do executivo em Washington gostam de nos lembrar. Neste ano da graça de 1935, certas pessoas tendem a usar essa frase fora do contexto e com qualquer fim. O exemplo mais ridículo que me ocorre agora do mau uso dessa frase é que os responsáveis pela educação pública favorecem os estúpidos e os preguiçosos junto dos esforçados, já que todos são iguais, afirmam os educadores com seriedade. As crianças reprovadas ficam com um terrível complexo de inferioridade. Sabemos que nem todos os homens são iguais, não no sentido que alguns querem nos impor: algumas pessoas são mais inteligentes do que outras; algumas têm mais oportunidade do que outras, pois nascem privilegiadas; alguns homens ganham mais dinheiro que outros; algumas senhoras fazem bolos mais gostosos do que outras; algumas pessoas são mais dotadas do que a maioria.

Mas há algo neste país diante do qual todos os homens são iguais, há uma instituição que torna um pobre igual a um Rockefeller, um idiota igual a um Einstein e um ignorante igual a um reitor de universidade. Essa instituição, senhores, é o Tribunal de Justiça. Pode ser a Suprema Corte dos Estados Unidos, o juizado mais simples do país ou este honrado tribunal ao qual os senhores servem. Como qualquer instituição, os nossos tribunais têm falhas, mas são os maiores niveladores deste país, para os nossos tribunais todos os homens nasceram iguais.

Não sou idealista a ponto de acreditar piamente na integridade de nossos tribunais e do sistema judiciário, não se trata de um ideal, mas de uma realidade viva, que funciona. Senhores, o tribunal não é melhor do que cada um dos jurados sentados à minha frente. Um tribunal é tão íntegro quanto seu júri, e um júri é tão íntegro quanto os jurados que o compõem. Tenho certeza de que os senhores vão rever com objetividade as evidências que foram apresentadas, vão chegar a uma decisão e devolver esse homem para a família dele. Em nome de Deus, cumpram o seu dever.

Atticus calou-se e, quando virou as costas para os jurados, disse algo que não consegui ouvir. Disse mais para ele mesmo do que para o tribunal. Cutuquei Jem:

— O que ele disse?

— Acho que disse: "Em nome de Deus, acreditem nele."

Dill de repente se inclinou por cima de mim e cutucou Jem.

— Olha lá!

Olhamos na direção que o dedo dele indicava e sentimos um aperto no coração. Calpúrnia caminhava pelo corredor central na direção de Atticus.

21

Calpúrnia parou, constrangida, na balaustrada e aguardou o juiz Taylor notar a presença dela. Usava um avental imaculado sobre o vestido e tinha um envelope na mão.

Ao vê-la, o juiz perguntou:

— Você é a Calpúrnia, não é?

— Sim, senhor — ela respondeu. — Por favor, posso entregar este bilhete ao sr. Finch? Não tem nada a ver com o... o julgamento.

O juiz concordou com a cabeça e Calpúrnia entregou o envelope. Atticus abriu-o, leu e disse:

— Sr. Juiz... o bilhete é da minha irmã. Ela diz que meus filhos sumiram, que não os vê desde o meio-dia... Eu... O senhor poderia...

— Sei aonde eles estão, Atticus — avisou o sr. Underwood. — Estão bem ali, no balcão dos negros. Estão ali desde as treze horas e dezoito minutos, precisamente.

Nosso pai virou-se e olhou para cima.

— Jem, desça já daí — mandou. Disse então alguma coisa ao juiz que não conseguimos ouvir. Passamos por cima do reverendo Sykes e fomos para a escada.

Atticus e Calpúrnia nos esperavam lá embaixo; ela parecia zangada, mas Atticus parecia exausto. Jem pulava de animação:

— Ganhamos, não ganhamos?

— Não faço ideia — disse Atticus, ríspido. — Ficaram aqui a tarde toda? Vão para casa com Calpúrnia, jantem e fiquem lá.

— Ah, Atticus, deixa a gente voltar. Por favor, deixa a gente ouvir o veredito, *por favor* — implorou Jem.

— Os jurados podem sair e voltar em um minuto, não sabemos... — dava para perceber que Atticus estava indeciso. — Bom, vocês assistiram até agora, não vejo por que não possam assistir o resto. Vamos fazer assim: podem voltar depois de jantar... mas comam devagar, não vão perder nada importante... E se os jurados ainda não tiverem voltado, podem aguardar conosco. Mas acho que tudo vai estar terminado antes de vocês voltarem.

— Acha que ele vai ser absolvido tão rápido? — perguntou Jem.

Atticus abriu a boca para responder, mas fechou-a e saiu.

Rezei para o reverendo Sykes guardar nossos lugares, mas parei de rezar ao lembrar que as pessoas tinham saído aos bandos junto com os jurados. Naquela noite, eles iam lotar a mercearia, o café O.K. e o hotel, a menos que tivessem levado também o jantar.

Calpúrnia nos levou para casa:

—... tenho vontade de esfolar vocês vivos. Que ideia, crianças ouvindo tudo aquilo! Sr. Jem, não sabe que não devia ter levado sua irmã ao julgamento? A sra. Alexandra vai ter um ataque quando souber! Crianças não podem ouvir...

Os postes estavam acesos e, ao passar debaixo deles, víamos o perfil indignado de Calpúrnia.

— Sr. Jem, pensei que o senhor tivesse uma cabeça sobre os ombros... não acredito que levou sua irmã! Que ideia, senhor! Devia se envergonhar... não tem nenhum juízo?

Eu estava eufórica. Tantas coisas tinham acontecido em tão pouco tempo que eu ia levar anos para assimilar tudo e agora Calpúrnia estava acabando com a raça do seu adorado Jem: que outras maravilhas estariam reservadas para aquela noite?

Jem ria.

— Não quer saber como foi, Cal?

— Fica quieto, sr. Jem. Devia estar morrendo de vergonha, mas fica rindo…

Calpúrnia fez uma série de ameaças que não tiveram nenhum efeito sobre Jem e subiu a escada da frente com sua frase clássica:

— Se o sr. Finch não arrancar o seu couro, eu arranco. Já para dentro, senhor.

Jem continuou rindo e Calpúrnia concordou com a cabeça com a ideia de Dill jantar conosco.

— Ligue para a srta. Rachel imediatamente e avise que você está aqui — ela disse para Dill. — Ela quase enlouqueceu à sua procura… não se admire se mandar você de volta para Meridian amanhã bem cedo.

Tia Alexandra veio ao nosso encontro e quase desmaiou quando Calpúrnia disse onde estávamos. Acho que ficou ofendida ao saber que Atticus tinha deixado que voltássemos para o tribunal, porque não disse uma palavra durante o jantar. Ficou apenas mexendo na comida e olhando triste para o prato, enquanto Calpúrnia nos servia, irritada: pôs leite nos copos, serviu salada de batata e presunto resmungando "deviam ter vergonha" em diversos graus de intensidade.

— E agora comam devagar — foi sua derradeira ordem.

O reverendo Sykes tinha guardado nossos lugares. Ficamos surpresos quando nos demos conta de que tínhamos ficado fora por quase uma hora, e igualmente surpresos por encontrarmos o tribunal exatamente como estava antes, com pequenas mudanças.

Os lugares dos jurados estavam vazios e o réu não estava lá. O juiz Taylor também não estava, mas voltou assim que nos sentamos.

— Pelo jeito, ninguém saiu daqui — observou Jem.

— Eles saíram um pouco, depois dos jurados — disse o reverendo. — Os homens trouxeram comida para as mulheres e elas amamentaram os bebês.

— Há quanto tempo eles estão fora? — perguntou Jem.

— Uma meia hora. O sr. Finch e o sr. Gilmer falaram mais um pouco e o juiz deu orientações aos jurados.

— Como ele estava? — perguntou Jem.

— O que posso dizer? Ah, estava bem. Não tenho do que reclamar… Ele foi muito imparcial. De certa maneira, disse que se eles acreditavam em tal coisa, teriam de dar um veredito; se acreditavam em outra coisa, teriam de dar outro veredito. Acho que ele tende um pouco para o nosso lado… — disse o reverendo Sykes, coçando a cabeça.

Jem sorriu.

— Um juiz não deve tender para nenhum lado, reverendo, mas não se preocupe, nós ganhamos — avaliou, cheio de sapiência. — Nenhum júri seria capaz de condenar o réu depois do que ouvimos…

— Não fique tão confiante, Sr. Jem, nunca vi um júri dar ganho de causa a um negro contra um branco…

Mas Jem rebateu esse argumento e tivemos de ouvir uma longa revisão dos depoimentos, somada aos conhecimentos dele sobre a lei do estupro: não era estupro se fosse consentido e a vítima tivesse mais de dezoito anos. Isso, pela lei do estado do Alabama. E Mayella tinha dezenove anos. Aparentemente, a mulher tinha de chutar e berrar, precisava ser dominada, pisoteada e, de preferência, desmaiar com uma pancada na cabeça. Se tivesse menos de dezoito anos, não precisava de tudo isso.

— Sr. Jem, isso não é coisa para mocinhas ouvirem — observou o reverendo.

— Ah, ela não entende do que estamos falando. Scout, esse assunto é muito adulto para você, não é? — perguntou Jem.

— Claro que não, entendi tudo que vocês disseram. — Devo ter sido muito convincente, porque Jem ficou quieto e não tocou mais no assunto.

— Que horas são, reverendo? — ele perguntou.

— Quase oito.

Olhei para baixo e vi Atticus andando de um lado para o outro com as mãos nos bolsos: ele passou pelas janelas, depois pela balaustrada até o local onde ficavam os jurados. Olhou, examinou o juiz Taylor em sua cátedra e voltou para o lugar de onde tinha saído. Olhei para ele e acenei. Ele retribuiu meu aceno com um movimento de cabeça e começou a andar de novo.

O sr. Gilmer estava junto às janelas, falando com o sr. Underwood. Bert, o estenógrafo, fumava sem parar, sentado com os pés sobre a mesa.

Os oficiais da corte presentes (Atticus, o sr. Gilmer, o juiz Taylor, que dormia profundamente, e Bert), porém, eram os únicos cujo comportamento parecia normal. Eu nunca tinha visto um tribunal lotado tão silencioso. Às vezes, um bebê chorava loucamente ou uma criança corria, mas os adultos se portavam como se estivessem numa igreja. No balcão, os negros estavam sentados e em pé ao nosso redor com uma paciência de Jó.

O velho relógio do tribunal mexeu suas engrenagens e deu oito ensurdecedoras batidas que fizeram nossos ossos estremecerem.

Quando o relógio bateu onze horas, eu já estava fora do ar; cansada de lutar contra o sono, cochilei encostada no confortável braço do reverendo. Acordei de repente e me esforcei para continuar assim, olhando para baixo e me concentrando nas cabeças que estavam lá: havia dezesseis carecas, catorze homens que podiam ser considerados ruivos, quarenta que iam do castanho ao preto e... Lembrei de uma coisa que Jem tinha me explicado uma vez, quando passou por uma curta fase de estudos psíquicos. Jem disse que, se um determinado número de pessoas (um estádio esportivo lotado, por exemplo) se concentrasse em uma coisa, como em fazer uma árvore pegar fogo na floresta, ela se incendiaria. Brinquei com a ideia de pedir que todos se concentrassem na libertação de Tom Robinson, mas concluí que, se eles estivessem cansados como eu, não ia funcionar.

Dill dormia profundamente, com a cabeça no ombro de Jem, que estava quieto.

— Não está demorando? — perguntei a Jem.

— Claro que sim, Scout — ele respondeu, animado.

— Bom, do jeito que você falou, parecia que não ia levar mais de cinco minutos.

Jem franziu o cenho.

— Tem certas coisas que você não entende — ele disse, e eu estava cansada demais para discutir.

Mas eu devia estar razoavelmente desperta, porque uma estranha sensação foi tomando conta de mim, não muito diferente da que tinha sentido no inverno anterior. Senti um calafrio, apesar de a noite estar quente. A sensação foi aumentando até a atmosfera do tribunal ficar fria como uma manhã de inverno, quando os rouxinóis pararam de cantar e os carpinteiros de martelar na casa nova da srta. Maudie e todas as portas do bairro estavam tão bem fechadas quanto as da Residência Radley. A rua estava deserta, vazia, à espera, enquanto o tribunal estava lotado de gente. Uma noite sufocante de verão não era diferente de uma gélida manhã de inverno. O sr. Heck Tate, que tinha retornado ao tribunal e estava falando com Atticus, podia estar de botas longas e jaqueta de couro. Atticus interrompeu sua tranquila caminhada e apoiou o pé na trava inferior de uma cadeira enquanto ouvia o sr. Tate e passava lentamente a mão pela coxa. Era como se eu estivesse esperando que a qualquer momento o sr. Tate dissesse: "Atire nele, sr. Finch..."

Em vez disso, o sr. Tate disse:

— Silêncio no tribunal — com uma voz cheia de autoridade, e as pessoas na plateia levantaram a cabeça, assustadas. O sr. Tate saiu da sala e voltou acompanhado de Tom Robinson. Levou Tom para seu lugar ao lado de Atticus e ficou lá. O juiz Taylor tinha se levantado e estava alerta, empertigado, olhando para o lugar vazio destinado aos jurados.

O que aconteceu depois disso pareceu um sonho: vi os jurados voltarem, andando como se estivessem embaixo d'água, e a voz do juiz veio de longe, fraca. Vi algo que só a filha de um advogado poderia ter visto, algo a que só a filha de um advogado ficaria atenta, e foi como observar Atticus ir até a rua, apoiar o rifle no ombro e puxar o gatilho, mas observar sabendo o tempo todo que a arma estava descarregada.

Um júri nunca olha para um réu que ele tenha condenado, e quando os jurados entraram, nenhum deles olhou para Tom Robinson. O primeiro jurado entregou um papel para o sr. Tate, que o passou para o funcionário do tribunal, que o passou para o juiz...

Fechei os olhos. O juiz Taylor estava lendo o resultado da votação:

— Culpado... culpado... culpado... culpado...

Olhei para Jem: suas mãos estavam brancas de segurar com força na balaustrada do balcão e ele encolhia os ombros como se cada "culpado" fosse uma punhalada no peito.

O juiz Taylor estava dizendo alguma coisa. Segurava o martelo, mas não o usava. Envolto numa espécie de névoa, vi Atticus enfiando na pasta os papéis que estavam na mesa. Fechou a pasta, disse alguma coisa para o estenógrafo, acenou com a cabeça para o sr. Gilmer, foi até Tom Robinson e murmurou algo para ele. Atticus pôs a mão no ombro de Tom enquanto sussurrava. Tirou o paletó das costas da cadeira e colocou-o por cima do ombro. Depois, saiu do tribunal, mas não pela porta de sempre. Certamente queria tomar o caminho mais curto para casa, pois percorreu rápido o corredor central em direção à saída sul. Acompanhei o topo da cabeça dele enquanto se encaminhava para a porta. Ele não olhou para cima.

Alguém estava me cutucando, mas eu não queria desviar os olhos das pessoas na plateia e da caminhada solitária de Atticus pelo corredor.

— Srta. Jean Louise? — alguém chamou.

Olhei em volta. Estavam todos de pé. À nossa volta e no balcão na parede oposta os negros estavam se levantando. A voz do reverendo Sykes estava tão distante quanto a do juiz Taylor:

— Srta. Jean Louise, levante-se. O seu pai está passando.

22

Foi a vez de Jem chorar. Seu rosto estava riscado de amargas lágrimas de raiva enquanto passávamos pela multidão exultante.

— Não está certo — Jem resmungou até chegarmos à esquina da praça onde Atticus nos aguardava. Atticus estava embaixo de um poste e dava a impressão de que nada tinha acontecido: o colete estava abotoado, o colarinho e a gravata estavam no lugar, a corrente do relógio brilhava. Tinha voltado a ser o homem impassível de sempre.

— Não está certo, Atticus — repetiu Jem.

— Não, filho, não está.

Fomos para casa.

Tia Alexandra estava acordada, nos esperando. Estava de penhoar e eu podia jurar que, por baixo, usava espartilho.

— Sinto muito, meu irmão — ela murmurou.

Como nunca tinha ouvido tia Alexandra chamar Atticus de "irmão", dei uma olhada para Jem, mas ele não estava ouvindo. Olhava para Atticus, depois para o chão, e fiquei pensando se achava que de alguma forma Atticus era o culpado pela condenação de Tom Robinson.

— Ele está bem? — perguntou a tia, referindo-se a Jem.

— Daqui a pouco ele melhora. Foi um pouco demais para ele — Atticus respondeu com um suspiro. — Vou dormir. Se eu não acordar de manhã, não me chamem...

— Desde o início não achei sensato deixar que eles...

— Esta é a cidade deles, minha irmã — disse Atticus. — Nós a fizemos assim, e eles precisam aprender a viver nela.

— Mas não precisam ir ao tribunal e chafurdar naquela…

— O tribunal diz tanto sobre o condado de Maycomb quanto os chás das missionárias.

— Atticus… — Tia Alexandra tinha um olhar ansioso. — Você é a última pessoa que eu achava que fosse ficar amarga por causa disso.

— Não estou amargo, só estou cansado. Vou dormir.

— Atticus… — chamou Jem, desolado.

Ele se virou, já na porta.

— O que foi, filho?

— Como eles puderam fazer isso? Como?

— Não sei, mas fizeram. Já fizeram antes, fizeram hoje e vão fazer de novo, e quando uma coisa assim acontece… parece que só as crianças choram. Boa noite.

Mas as coisas sempre parecem melhores de manhã. Atticus madrugou como de hábito e estava na sala lendo o *Mobile Register* quando nós entramos, sonolentos. Na cara amassada de Jem estava estampada a pergunta que sua boca sonolenta não conseguia fazer.

— Não é hora de se preocupar ainda — garantiu Atticus enquanto íamos para a sala de jantar. — Ainda não terminamos. Vamos entrar com um recurso, pode ter certeza. Meu Deus, Cal, o que é isso?

Ele estava olhando para o prato de café da manhã.

— O pai de Tom Robinson mandou essa galinha para o senhor hoje cedo. Eu preparei.

— Diga a ele que fico muito honrado, aposto que na Casa Branca eles não têm galinha no café da manhã. E aquilo ali, c que é?

— Brioches. Foi Estelle do hotel que mandou — disse Calpúrnia.

Atticus olhou para ela, confuso, e Cal disse:

— É melhor o senhor ir até a cozinha, sr. Finch.

Fomos atrás dele. Na mesa da cozinha tinha comida suficiente para um batalhão: carne de porco salgada, tomates, ervilhas até uvas. Atticus sorriu quando viu um vidro com joelho de porco na salmoura.

— Será que a tia nos deixa comer isso no jantar?

Calpúrnia acrescentou:

— Estava tudo na escada de trás quando cheguei de manhã. Eles… ficaram agradecidos pelo que o senhor fez, sr. Finch. Eles… não estão abusando, estão?

Atticus ficou com os olhos cheios de lágrimas. Ficou calado um instante.

— Diga a eles que fico muito grato. Diga… que não devem fazer isso de novo, os tempos estão muito difíceis...

Saiu da cozinha, foi até a sala de jantar, pediu licença para a tia Alexandra, pôs o chapéu e foi para a cidade.

Ouvimos os passos de Dill no corredor, então Calpúrnia deixou o café da manhã que Atticus não tinha tomado na mesa. Entre uma garfada e outra, Dill nos contou a reação da srta. Rachel aos fatos da noite anterior, que foi a seguinte: se um homem como Atticus Finch quer bater com a cabeça na parede, o problema é dele.

— Eu queria contar tudo a ela — resmungou Dill, mordendo uma coxa de frango —, mas ela não queria muita conversa hoje de manhã. Disse que passou quase a noite toda acordada, imaginando onde eu estava, que ia mandar o xerife atrás de mim, mas ele estava no tribunal.

— Dill, você não pode continuar saindo de casa sem avisar. Isso só deixa sua tia ainda mais irritada — disse Jem.

Dill deu um suspiro resignado.

— Cansei de dizer a ela aonde eu ia… Mas ela vê coisa onde não tem. Aposto que ela bebe meio litro de uísque no café da manhã… Eu sei que ela bebe dois copos cheios. Eu vi.

— Não fale assim, Dill — zangou tia Alexandra. — Não fica bem para uma criança. É… cínico.

— Não sou cínico, srta. Alexandra. Dizer a verdade não é cinismo, é?

— Do jeito que você fala, é.

Jem olhou para ela, mas disse a Dill:

— Vamos. Pode levar essa coxa de galinha.

Quando chegamos na varanda da frente, a srta. Stephanie Crawford estava entretida contando tudo para a srta. Maudie e c sr. Avery. Olharam para nós e continuaram falando. Jem rosnou alto. Eu desejei ter uma arma.

— Detesto quando os adultos ficam olhando pra gente — disse Dill. — Parece que a gente fez alguma coisa errada.

A srta. Maudie chamou Jem.

Jem resmungou e se levantou do balanço.

— Nós vamos com você — disse Dill.

A srta. Stephanie franziu o nariz de curiosidade. Ela queria saber quem tinha dado permissão para entrarmos no tribunal. Não tinha nos visto lá, mas, naquela manhã, a cidade toda sabia que estávamos no balcão dos negros. Será que Atticus tinha nos colocado lá para fazer alguma espécie de…? Não era direito ficar lá com todos aqueles... Scout tinha entendido todo o...?

Não ficamos arrasados ao ver nosso pai perder a causa?

— Fica quieta, Stephanie. — O tom da srta. Maudie era mortal. — Tenho mais o que fazer do que passar a manhã inteira aqui na varanda… Vim até aqui, Jem Finch, para saber se você e seus parceiros querem comer um bolo. Levantei às cinco para prepará-lo, então é melhor vocês quererem. Com licença, Stephanie. Tenha um bom dia, sr. Avery.

Na mesa da cozinha da srta. Maudie tinha um bolo grande e mais dois bolinhos. Deviam ser três pequenos. Não era do feitio da srta. Maudie esquecer Dill e nossa cara deve ter demonstrado isso. Mas entendemos tudo quando ela cortou uma fatia do bolo grande para Jem.

Enquanto comíamos, nos demos conta de que aquele era o jeito da srta. Maudie de dizer que, para ela, nada tinha mudado. Ficou numa cadeira da cozinha, olhando para nós, em silêncio.

De repente, ela disse:

— Não se preocupe, Jem. As coisas nunca são tão ruins quanto parecem.

Quando a srta. Maudie queria dizer algo importante em casa, colocava as mãos espalmadas sobre os joelhos e ajeitava a ponte móvel na boca. Foi o que ela fez, e nós aguardamos.

— Quero dizer apenas que há homens neste mundo que nasceram para fazer o trabalho duro para nós. O pai de vocês é um desses.

— Ah, entendi — concordou Jem.

— Não venha com "ah, entendi" — retrucou a srta. Maudie, identificando uma reação fatalista de Jem. — Você não tem idade para entender o que eu disse.

Jem olhava para o bolo, que estava pela metade.

— É como ser uma lagarta no casulo — disse ele. — Uma coisa adormecida, toda enrolada num lugar quente. Eu sempre achei que as pessoas de Maycomb eram as melhores pessoas do mundo, pelo menos pareciam ser.

— Somos as pessoas mais seguras do mundo — ajuntou a srta. Maudie. — Raramente se exige que sejamos cristãos mas, quando isso acontece, temos homens como Atticus para nos representar.

Jem deu um sorriso amargo.

— Gostaria que todo o condado pensasse assim.

— Ficaria surpreso se soubesse quantos de nós pensam assim.

— Quem? — Jem elevou a voz. — Quem nessa cidade fez alguma coisa para ajudar Tom Robinson?

— Em primeiro lugar, os amigos negros dele, e pessoas como nós. Como o juiz Taylor. Como o sr. Heck Tate. Pare de comer e comece a pensar, Jem. Não passou pela sua cabeça que o juiz não indicou Atticus para defender aquele rapaz por acaso? Que talvez ele tivesse razões para fazer isso?

É mesmo. Quando o tribunal tinha de designar um advogado, em geral o caso era entregue a Maxwell Green, o mais novo advogado do condado, que não tinha experiência. Ele deveria ter assumido o caso de Tom Robinson.

— Pense nisso — disse a srta. Maudie. — Não foi por acaso. Na noite passada, fiquei na varanda, esperando. Espere horas vocês virem pela calçada e enquanto esperava pensei que Atticus Finch não ia ganhar a causa, ele não podia ganhar, mas é o único homem das redondezas que consegue fazer o júri deliberar por tanto tempo num caso assim. E pensei com meus botões: bom, estamos dando um passo à frente; pequeno mas, mesmo assim, um passo.

— Tudo bem, mas será que não tem juízes e advogados cristãos que possam compensar esses jurados ignorantes? — resmungou Jem. — Quando eu crescer…

— Isso é uma coisa que você vai ter que discutir com o seu pai — disse a srta. Maudie.

Descemos os degraus frios da escada nova da srta. Maudie e fomos para o sol. O sr. Avery e a srta. Stephanie continuavam conversando. Tinham seguido pela calçada e estavam em frente à casa da srta. Stephanie. A srta. Rachel estava indo ao

encontro deles.

— Quando crescer, acho que vou ser palhaço — disse Dill.

Jem e eu paramos.

— Isso mesmo, palhaço. A única coisa que sei fazer na vida é rir das pessoas, então vou entrar para o circo e rir à beça — explicou Dill.

— Você está se confundindo, Dill. Os palhaços são tristes, o público é que ri deles — disse Jem.

— Bom, vou ser um novo tipo de palhaço. Vou ficar no meio do picadeiro e rir de todo mundo. Olha ali — ele apontou. — Eles deviam estar montados em vassouras voadoras. A tia Rachel já tem a dela.

As srta. Stephanie e srta. Rachel acenavam exageradamente para nós, de um jeito que parecia confirmar o que Dill tinha dito.

— Ai, meu Deus, acho que fica feio fazer de conta que não vimos as duas — murmurou Jem.

Tinha algo errado. O sr. Avery estava vermelho de tanto espirrar e quase nos soprou para fora da calçada quando nos aproximamos. A srta. Stephanie tremia de excitação e a srta. Rachel pegou no ombro de Dill.

— Vão para o quintal dos fundos e não saiam de lá. A situação vai ficar perigosa — ela avisou.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Ainda não sabem? A cidade inteira está comentando…

Nesse momento, tia Alexandra apareceu na porta e nos chamou, mas era tarde demais. A srta. Stephanie teve o prazer de nos contar que, naquela manhã, o sr. Bob Ewell parou Atticus na esquina do correio, cuspiu na cara dele e disse que ia acabar com ele, nem que levasse a vida inteira.

23

— Só gostaria que Bob Ewell não mascasse tabaco — foi o único comentário de Atticus.

Segundo a srta. Stephanie Crawford, Atticus estava saindo do correio quando o sr. Ewell se aproximou, xingou-o, cuspiu nele e ameaçou matá-lo. A srta. Stephanie (que na segunda vez que me contou isso estava lá e havia presenciado tudo, pois estava voltando da Jitney Jungle) disse que Atticus nem piscou, apenas pegou o lenço, limpou o rosto e ficou parado ouvindo o sr. Ewell xingá-lo de nomes que ela não ia repetir por nada neste mundo. O sr. Ewell era veterano de uma guerra obscura; isso, somado ao fato de Atticus não reagir à agressão, fez com que perguntasse: "Orgulhoso demais para brigar, seu defensor de pretos maldito?" A srta. Stephanie disse que Atticus respondeu: "Não, apenas velho demais" — enfiou as mãos nos bolsos e saiu andando. Ela disse também que era preciso admitir que às vezes Atticus Finch podia ser bem seco.

Jem e eu não achamos graça nenhuma.

— Afinal de contas, ele já foi o tiro mais certeiro do condado. Ele podia... — lembrei.

— Você sabe que ele não anda armado, Scout. Nem tem uma arma... — disse Jem. — Você sabe que ele não estava armado nem naquela noite na cadeia. Ele me disse que ter uma arma é um convite para levar um tiro.

— Mas agora é diferente. Podemos pedir para ele pegar uma arma emprestada — sugeri.

Pedimos e ele disse:

— Isso é bobagem.

Dill achava que um apelo ao bom senso de Atticus podia funcionar: afinal de contas, se o sr. Ewell o matasse, nós morreríamos de fome, além de sermos criados apenas por tia Alexandra, e sabíamos muito bem que a primeira coisa que ela ia fazer, antes mesmo de Atticus ser enterrado, seria demitir Calpúrnia. Jem disse que podia funcionar se eu chorasse e tivesse um ataque, já que eu era criança e menina. Mas isso também não funcionou.

Mas, quando percebeu que estávamos andando cabisbaixos pela vizinhança, não comíamos nem demonstrávamos muito interesse pelas nossas atividades habituais, Atticus descobriu que estávamos apavorados. Uma noite, tentou agradar Jem levando para ele uma revista nova de futebol, e quando o viu folhear a revista e deixá-la de lado, perguntou:

— Qual é o problema, filho?

Jem foi direto ao ponto:

— É o sr. Ewell.

— O que houve?

— Nada. Estamos com medo do que pode acontecer com você e achamos que você precisa fazer alguma coisa.

Atticus deu um sorriso estranho.

— Fazer o quê? Pedir ao juiz uma medida cautelar contra ele?

— Quando alguém diz que vai acabar com você, está falando sério.

— E ele estava mesmo falando sério quando disse isso — concordou Atticus. — Jem, procure se colocar no lugar de Bob Ewell um instante. No julgamento, eu acabei com o pouco de credibilidade que ele ainda tinha, se é que tinha alguma. O sujeito tinha de revidar de alguma maneira, esse tipo de gente é assim. Então, se o fato de ter cuspido no meu rosto e me ameaçado salvou Mayella Ewell de levar mais uma surra, fico contente. Ele tinha de descontar em alguém, e é melhor que

tenha sido em mim do que naquelas crianças na casa dele. Entendeu?

Jem concordou com a cabeça.

Tia Alexandra entrou na sala no momento em que Atticus dizia:

— Não precisamos ter medo de Bob Ewell, ele pôs tudo que queria para fora naquela manhã.

— Eu não teria tanta certeza disso, Atticus — disse ela. — Aquela gente faz qualquer coisa para se vingar. Você sabe como eles são.

— O que Ewell poderia fazer comigo, irmã?

— Alguma coisa furtiva. Pode ter certeza — disse a tia.

— Ninguém consegue fazer nada furtivo em Maycomb — observou Atticus.

Depois disso, perdemos o medo. O verão estava acabando e aproveitamos ao máximo. Atticus nos garantiu que nada ia acontecer a Tom Robinson até o Tribunal Superior rever o processo e que ele tinha chance de ser libertado ou, pelo menos, ir a novo julgamento. Ele estava no presídio agrícola de Enfield, a uns cem quilômetros de Maycomb, no condado de Chester. Perguntei se a mulher e os filhos dele podiam visitá-lo, e Atticus disse que não.

— Se o recurso for negado — perguntei, certa noite —, o que vai acontecer com ele?

— Ele vai para a cadeira elétrica, a menos que o governador comute a pena. Mas ainda não é hora de se preocupar, Scout. Temos muita chance.

Jem estava esparramado no sofá lendo *Popular Mechanics* e tirou os olhos da revista.

— Não está certo. Mesmo que fosse culpado, ele não matou ninguém. Não tirou a vida de ninguém.

— Você sabe que o estupro é considerado crime capital no Alabama — lembrou Atticus.

— Eu sei, mas os jurados não precisavam condená-lo a morte… podiam dar uma sentença de vinte anos.

— É verdade — concordou Atticus. — Mas Tom é negro, Jem. Aqui nesta parte do mundo, nenhum júri vai dizer "consideramos você culpado, mas não muito", diante de uma acusação como essa. Ou era absolvição direta, ou nada.

Jem balançava a cabeça, incrédulo.

— Eu sei que não é justo, mas não consigo descobrir o que está errado… Talvez o estupro não devesse ser crime capital…

Atticus deixou o jornal cair no chão ao lado da cadeira. Disse que nunca tinha discordado da lei do estupro, mas tinha grandes reservas quando o Estado pedia e o júri concedia uma pena capital com base em provas meramente circunstanciais. Olhou para mim, viu que eu estava ouvindo e explicou:

— Ou seja, antes de um homem ser condenado à morte por assassinato, deveria haver uma ou duas testemunhas oculares. Alguém que pudesse afirmar: "Sim, eu estava lá e vi quando ele puxou o gatilho."

— Mas muita gente foi enforcada com base em provas circunstanciais — lembrou Jem.

— Eu sei, e muitos decerto mereceram, mas, se não há testemunhas oculares, fica sempre uma dúvida, às vezes apenas a sombra de uma dúvida. A lei fala em "dúvida razoável", mas eu acho que o condenado tem direito à sombra de uma dúvida. Há sempre a possibilidade, por mais improvável que seja, de ele ser inocente.

— Então fica tudo nas mãos do júri. Devíamos acabar com os júris — Jem estava irredutível.

Atticus fez um esforço para ficar sério, não conseguiu.

— Você está sendo muito duro conosco, filho. Acho que talvez haja uma solução melhor. Mudar a lei. Mudá-la de maneira que só o juiz possa fixar a pena no caso de crimes com pena capital.

— Então, vá a Montgomery e mude a lei.

— Você não faz ideia de como é difícil fazer isso. Não vou viver para ver essa lei ser mudada, e se você viver o bastante para isso, já estará velho.

Jem não se satisfez.

— Não, senhor, eles têm que acabar com os júris. Para começar, Tom era inocente e o júri decidiu que não era.

— Se você fizesse parte daquele júri, filho, e mais onze rapazes como você, Tom seria um homem livre — disse Atticus. — Até agora, nada na sua vida interferiu no seu processo de raciocínio. O júri de Tom era composto de doze homens que são sensatos no dia a dia, mas você viu algo se interpondo entre eles e a razão. Você viu a mesma coisa naquela noite na frente da cadeia. Quando os homens foram embora, não foram por serem sensatos, mas porque nós estávamos lá. Existem coisas no nosso mundo que fazem os homens perderem a cabeça; não conseguiriam ser justos nem se quisessem. Nos nossos tribunais, quando se trata da palavra de um branco contra a de um negro, o branco sempre vence. É horrível, mas é a vida.

— Continua não sendo justo — disse Jem, irredutível, batendo o punho no joelho. — Não se pode condenar um homem com provas como aquelas… não mesmo.

— *Você* não poderia, mas *eles* puderam e condenaram. Quanto mais viver, mais coisas assim você vai ver. O tribunal é o único lugar onde todas as pessoas deveriam ser tratadas como iguais, não importa de qual cor do arco-íris elas sejam, mas as pessoas sempre acabam levando seus ressentimentos para o banco do júri. À medida que for crescendo, vai ver brancos enganando negros todos os dias, mas vou lhe dizer uma coisa e quero que nunca esqueça: sempre que um branco faz esse tipo de coisa com um negro, não importa quem ele seja, quanto dinheiro tenha ou quão distinta seja a família da qual ele vem, esse homem branco não vale nada.

Atticus falava tão calmamente que a última palavra doeu no nosso ouvido. Olhei para cima e a expressão no rosto dele era de veemência.

— Para mim não há nada mais repugnante do que um branco de quinta categoria tirar vantagem da ignorância de um negro. Podem ter certeza: essa dívida está aumentando e um dia vamos pagar essa conta. Espero que até lá vocês já tenham morrido.

Jem coçava a cabeça. De repente, ficou intrigado e arregalou os olhos.

— Atticus, por que gente como nós e a srta. Maudie nunca participa de júris? Nunca tem um morador de Maycomb, os jurados são sempre do interior — disse Jem.

Atticus recostou-se na cadeira de balanço. Por alguma razão, ele parecia satisfeito com Jem.

— Eu estava pensando quando você ia perguntar isso. Por várias razões: primeiro, a srta. Maudie não pode participar de um júri por ser mulher.

— Quer dizer que as mulheres no Alabama não podem...? — Fiquei indignada.

— Isso mesmo. Deve ser para proteger nossas delicadas senhoras de ouvir casos sórdidos como o de Tom. Além disso, duvido que conseguíssemos levar um julgamento até o fim. As senhoras não iam parar de fazer perguntas — disse Atticus, rindo.

Jem e eu rimos. A srta. Maudie num júri seria incrível. Pensei na velha sra. Dubose na cadeira de rodas dizendo ao juiz: "Pare de bater esse martelo, John Taylor, quero perguntar uma coisa a esse homem." Vai ver que nossos antepassados tinham razão.

Atticus estava dizendo:

— Com pessoas como nós… esse é o preço que pagamos. Em geral, temos o júri que merecemos. Em primeiro lugar, os respeitáveis cidadãos de Maycomb não estão interessados. Em segundo, eles têm medo. Além disso, eles…

— Medo do quê? — perguntou Jem.

— Bem… e se, por exemplo, o sr. Link Deas tivesse que estipular qual seria a indenização que a srta. Rachel teria de pagar à srta. Maudie por atropelá-la? Link não ia querer perder nenhuma das duas freguesas na loja dele, não é? Por isso, diz ao juiz Taylor que não pode participar do júri porque não tem quem fique na loja enquanto está no tribunal. O juiz Taylor o dispensa. Às vezes, a contragosto.

— O que faria o sr. Link pensar que perderia as freguesas? — perguntei.

Jem disse:

— A srta. Rachel deixaria de ser cliente, a srta. Maudie, não. Mas o voto dos jurados é secreto, Atticus.

Papai riu.

— Você ainda tem muito caminho pela frente, filho. O voto dos jurados deveria ser secreto. Mas fazer parte de um júri obriga um homem a decidir e se pronunciar sobre algo. E os homens não gostam de fazer isso. Às vezes, é desagradável.

— Os júri de Tom decidiu bem rápido — resmungou Jem.

Atticus pôs a mão no bolso do relógio.

— Não, não decidiu — ele disse, mais para si mesmo do que para nós. — Foi isso que me fez pensar que, bem, esse poderia ser o começo de alguma coisa. O júri demorou algumas horas. Talvez o veredicto fosse inevitável, mas, em geral, eles levam apenas alguns minutos. Dessa vez... — ele se interrompeu e olhou para nós — vocês vão gostar de saber que um dos jurados custou para ser convencido... a princípio, ele queria a absolvição total.

— Quem? — Jem estava pasmo.

Os olhos de Atticus brilharam.

— Não posso dizer, mas vou dar uma pista. É um dos velhos conhecidos de vocês de Old Sarum...

— É um Cunningham? — gritou Jem. — Um dos... Não reconheci nenhum deles... Você está brincando. — E olhou de soslaio para Atticus.

— Um parente deles. Não o recusei porque tive um palpite. Só um palpite. Eu poderia tê-lo recusado, mas não fiz isso.

— Puxa vida! — exclamou Jem, admirado. — Uma hora eles querem matá-lo, na outra querem soltá-lo... Nunca vou entender aquela gente.

Atticus disse que bastava conhecê-los. E que os Cunningham nunca tinham tirado nem aceitado nada de ninguém desde que vieram para o Novo Mundo. E disse também que quem conquistava o respeito deles podia contar com eles para qualquer coisa. Atticus contou que teve a impressão, não mais que uma suspeita, que, depois daquela noite em que foram à cadeia, os Cunningham passaram a ter um respeito considerável pelos Finch. Além disso, acrescentou, seria preciso um raio e mais um Cunningham para fazer um deles mudar de ideia.

— Se tivéssemos mais um Cunningham entre os jurados, o júri chegaria a um impasse.

Jem perguntou, devagar:

— Quer dizer que você aceitou no júri um homem que um dia antes queria matá-lo? Por que se arriscou tanto, Atticus? Por quê?

— Se você analisar bem, verá que havia pouco risco. Não há muita diferença entre dois homens que vão condenar um réu. Mas há uma pequena diferença entre um homem que vai condenar e outro que está meio confuso, não? Ele era a única incerteza na lista de jurados.

— Qual é o parentesco dele com o sr. Walter Cunningham? — perguntei.

Atticus levantou-se, esticou os braços e bocejou. Ainda não estava na nossa hora de dormir, mas sabíamos que ele queria ler o jornal. Pegou-o, dobrou-o e deu uma batidinha com ele na minha cabeça.

— Vejamos — disse ele, pensativo. — Já sei, os dois são duas vezes primos de primeiro grau.

— Como pode?

— Duas irmãs se casaram com dois irmãos. É só o que vou dizer... vocês tirem suas conclusões.

Pensei muito e achei que, se eu me casasse com Jem e Dill tivesse uma irmã com quem se casasse, nossos filhos seriam duas vezes primos de primeiro grau.

— Caramba, Jem — comentei depois que Atticus se retirou —, eles são pessoas engraçadas. Ouviu isso, tia?

Tia Alexandra estava bordando um tapete sem olhar para nós, mas estava ouvindo a conversa. Ela estava sentada na cadeira com o cesto de costura ao lado, o tapete aberto no colo. Nunca entendi por que as mulheres bordavam tapetes de lã em noites tórridas.

— Ouvi — respondeu ela.

Lembrei do dia distante e desastroso em que defendi o jovem Walter Cunningham. Agora estava contente por ter feito isso.

— Assim que as aulas começarem vou convidar Walter para almoçar aqui — planejei, esquecendo que tinha prometido a mim mesma dar uma surra nele na próxima vez que o encontrasse. — Ele também pode ficar aqui depois da escola de vez em quando. Atticus pode levá-lo de carro para Old Sarum depois. Talvez até pudesse dormir aqui um dia, não acha, Jem?

— Vamos ver — respondeu a tia Alexandra, uma frase que, vindo dela, era sempre uma ameaça, nunca uma promessa. Surpresa, eu me virei para ela:

— Por que não, tia? Eles são boa gente.

Ela me olhou por cima dos óculos de costura.

— Jean Louise, tenho certeza de que eles são boa gente, mas não são como nós.

Jem apartou:

— Ela quer dizer que são broncos, Scout.

— O que é um bronco?

— Ah, são uns toscos. Gostam de tocar rabeca e coisas assim.

— Ah, eu também gosto…

— Não seja boba, Jean Louise — disse tia Alexandra. — A questão é que poderíamos esfregar Walter Cunningham até ele brilhar, fazer com que ele vestisse sapatos e uma roupa nova, mas ele nunca será como Jem. Além disso, eles têm uma longa história com a bebida. As moças Finch não se interessam por esse tipo de gente.

— Tia, Scout não tem nem nove anos — disse Jem.

— Mas é melhor que já fique sabendo.

Tia Alexandra tinha dado sua sentença. Lembrei bem da última vez em que ela tinha batido pé e eu nunca entendi o motivo. Foi quando eu estava cheia de planos de ir à casa de Calpúrnia — eu estava curiosa, interessada; queria ser "visita", ver como ela morava, saber quem eram os amigos dela. Foi como se eu quisesse ver o outro lado da lua. Dessa vez, a tática era outra, mas o alvo de tia Alexandra era o mesmo. Talvez tivesse sido por isso que tinha ido morar conosco: para nos ajudar a escolher nossos amigos. Mas eu ia impedi-la enquanto pudesse:

— Se eles são boas pessoas, por que não posso ser simpática com Walter?

— Eu não disse para não ser simpática com ele. Você deve ser agradável e educada com ele. Deve ser amável com todos, querida. Mas não precisa convidá-lo para vir à sua casa.

— E se ele fosse nosso parente, tia?

— Mas não é e, se fosse, a minha resposta seria a mesma.

— Tia — disse Jem —, Atticus disse que a gente pode escolher os amigos, mas não a família, que nossos parentes continuam sendo parentes, quer a gente queira reconhecê-los quer não. E que não aceitar isso nos faz parecer tolos.

— Lá vem o seu pai outra vez — disse tia Alexandra. — Mas insisto que Jean Louise não vai convidar Walter Cunningham para vir a esta casa. Se ele fosse duas vezes primo em primeiro grau, continuaria não sendo recebido nesta casa, a menos que viesse tratar de negócios com Atticus. E chega desse assunto.

Ela tinha dito um não enfático, mas dessa vez teria de apresentar os motivos.

— Mas eu quero brincar com Walter, tia, por que não posso?

Ela tirou os óculos e me encarou.

— Vou dizer por quê: porque... ele... é… lixo, por isso. Não vou deixar você ficar perto dele para pegar hábitos dele e aprender sabe Deus o que mais. Você já dá problema demais para o seu pai do jeito que está.

Não sei o que eu teria feito naquele momento, mas Jem me impediu. Segurou meus ombros, passou o braço em torno de mim e me levou para o quarto dele, chorando de raiva. Atticus ouviu e enfiou a cabeça pela porta:

— Não foi nada, pai — disse Jem, ríspido.

Atticus foi embora.

— Toma um caramelo de chocolate, Scout — disse Jem, enfiando a mão no bolso e tirando uma bala Tootsie Roll. Levei alguns minutos para transformar a bala em uma massa macia na minha boca.

Jem estava arrumando as coisas em cima da cômoda. O cabelo dele era espetado atrás e caído na frente, e fiquei pensando se algum dia ia parecer com o cabelo de um homem. Se ele raspasse tudo e deixasse crescer de novo, talvez ficasse direito. As sobrancelhas dele estavam engrossando e o corpo parecia mais esbelto. Ele também estava mais alto.

Quando se virou ele deve ter pensado que eu ia começar a chorar de novo, então disse:

— Se não contar a ninguém, eu mostro uma coisa.

Perguntei o que era. Ele desabotoou a camisa e sorriu, tímido.

— O que é?

— Não está vendo?

— Bem, não.

— Pelos.

— Onde?

— Aqui, bem aqui.

Ele tinha me ajudado tanto, então eu disse "que lindo", mas não vi nada.

— Que legal, Jem.

— Embaixo dos braços também tem. No ano que vem, vou entrar para o time de futebol. Scout, não fique chateada com a tia Alexandra.

Parecia que tinha sido ontem que ele tinha dito para eu não chatear a tia.

— Você sabe que ela não está acostumada com meninas — disse Jem. — Pelo menos não com meninas como você. Está tentando transformar você em uma dama. Não pode aprender a costurar ou algo assim?

— Não, pelo amor de Deus. Ela não gosta de mim, é só isso, e eu não me importo. Fiquei irritada porque ela chamou Walter Cunningham de lixo, Jem, e não porque disse que sou um problema para Atticus. Nós dois já conversamos sobre isso, perguntei se eu era um problema e ele disse que não muito, pelo menos era um problema que ele conseguia resolver, e não era para eu me preocupar achando que o incomodava. Não foi por isso que chorei, foi por causa de Walter… ele não é lixo, Jem. Não é como os Ewell.

Jem tirou os sapatos e colocou os pés em cima da cama. Recostou-se num travesseiro e acendeu a luz do abajur.

— Sabe de uma coisa, Scout? Agora entendi tudo. Tenho pensado bastante nisso ultimamente e entendi. Há quatro tipos de gente no mundo: as pessoas comuns como nós e nossos vizinhos; as que vivem no mato como os Cunningham; as que vivem no lixão como os Ewell, e os negros.

— E os chineses? E os *cajun* que vivem no condado de Baldwin?

— Estou falando de Maycomb. O problema aqui é que nós não gostamos dos Cunningham, que não gostam dos Ewell, que

por sua vez, odeiam e desprezam os negros.

Retruquei que, se era assim, por que o júri, formado por gente como os Cunningham, não absolveu Tom para irritar os Ewell?

Jem ignorou minha pergunta por considerá-la pueril.

— Sabe, já vi Atticus acompanhar o ritmo de uma rabeca com os pés quando toca uma música no rádio. E ninguém gosta mais de um caldo de legumes do que ele.

— Então somos parecidos com os Cunningham. Não sei por que a tia…

— Espera, deixa eu terminar. Somos parecidos sim, mas ao mesmo tempo diferentes. Atticus uma vez disse que a tia dá tanta importância a essa história de berço porque é só o que temos, não temos um centavo.

— Bom, Jem, não sei… Atticus uma vez também me disse que essa história de "família antiga" é bobagem, porque todas as famílias são antigas. Perguntei se isso incluía os negros e os ingleses e ele respondeu que sim.

— Berço não é a mesma coisa que família antiga, acho que quer dizer há quanto tempo as pessoas daquela família sabem ler e escrever. Scout, estudei muito o assunto e essa é a única razão que encontrei. Um dia, quando os Finch ainda estavam no Egito, um deles deve ter aprendido um ou dois hieróglifos e ensinou ao filho — Jem riu. — Imagino a tia toda orgulhosa porque o tataravô dela sabia ler e escrever… As mulheres se orgulham de cada coisa.

— Bom, ainda bem que o tataravô aprendeu, senão quem ia ensinar Atticus? E se ele não soubesse ler, você e eu ficaríamos num mato sem cachorro. Não acho que berço seja isso, Jem.

— Então como explicar o fato de os Cunningham serem diferentes? O sr. Walter mal sabe assinar o nome, eu já vi. Nós sabemos ler e escrever há mais tempo do que eles.

— Mas todo mundo tem que aprender, ninguém nasce sabendo. Walter é muito inteligente, ele só se atrasa na escola porque tem que ajudar o pai. Não tem nada de errado com ele. Olha, Jem, eu acho que só existe um tipo de gente: gente.

Jem virou-se e deu um soco no travesseiro. Quando se recostou de novo, parecia confuso. Ia dar uma de suas descidas ao fundo dele mesmo e fiquei preocupada. Suas sobrancelhas se juntaram, a boca virou uma linha fina. Ele ficou em silêncio por um tempo.

— Eu também achava isso — ele disse, por fim —, quando tinha a sua idade. Se só existe um tipo de gente, por que as pessoas não se entendem? Se são todos iguais, por que se esforçam para desprezar uns aos outros? Scout, acho que estou começando a entender uma coisa. Acho que estou começando a entender por que Boo Radley ficou trancado em casa todo esse tempo… é porque ele *quer* ficar lá dentro.

24

Calpúrnia vestia o seu avental mais engomado. Carregava uma bandeja com torta charlotte. Ficou de costas para a porta e empurrou-a de leve. Eu admirava a facilidade e a graça com que ela carregava pesadas bandejas de coisas delicadas. Tia Alexandra também devia admirar, porque tinha deixado Calpúrnia servir as convidadas.

Estávamos no final de agosto. No dia seguinte, Dill ia embora para Meridian, então foi com Jem ao riacho Barker. Jem tinha descoberto, com um misto de irritação e espanto, que ninguém tinha se preocupado em ensinar Dill a nadar, coisa que ele considerava tão fundamental quanto andar. Os dois passaram duas tardes no riacho; disseram que iam nadar nus, por isso eu não podia ir, então dividi meu tempo solitário entre Calpúrnia e a srta. Maudie.

Nesse dia, tia Alexandra e suas missionárias tinham espalhado o espírito da boa ação pela casa toda. Da cozinha, podia ouvir a sra. Grace Merriweather na sala fazendo um relatório sobre a vida miserável dos mrunas, pelo que pude entender. Colocavam as mulheres em cabanas quando chegava a hora delas, fosse lá o que isso fosse; não tinham nenhuma noção de família — eu sabia que isso ia deixar a tia perturbada; quando faziam treze anos, as crianças eram submetidas a provas terríveis; viviam cheios de lombrigas e parasitas, mastigavam casca de árvore, que cuspiam num pote comunitário, embebedando-se com essa substância.

Imediatamente depois de ouvirem isso, as senhoras fizeram uma pausa para tomar refresco.

Eu não sabia se ia até a sala ou não. Tia Alexandra me disse para entrar e tomar refresco com elas; não era necessário que eu acompanhasse a parte séria do encontro, disse que ia me entediar. Eu estava com meu vestido rosa de usar aos domingos, sapatos e anágua e concluí que, se derramasse alguma coisa no vestido, Calpúrnia ia ter de lavar, secar e passar para o dia seguinte. Ela estava cheia de trabalho nesse dia. Resolvi não entrar.

— Quer que eu ajude, Cal? — perguntei, querendo ser útil.

Calpúrnia parou na porta da sala.

— Fique aí, quieta como um ratinho no canto. Quando eu voltar, você me ajuda a encher as bandejas — ela respondeu.

O murmúrio suave das vozes femininas aumentou quando ela abriu a porta da sala.

— Nossa, Alexandra, nunca vi uma charlote assim... Que beleza... Nunca consigo uma crosta assim... E quem pensou em fazer essas tortinhas de amora... Calpúrnia?... Quem diria... Você já soube que a mulher do reverendo está... Não, bem, ela está, e o outro ainda nem sabe andar...

Elas se calaram e concluí que estavam todas servidas. Calpúrnia voltou e colocou na bandeja o pesado bule de prata que tinha sido da minha mãe.

— Esse bule de café é uma preciosidade, não fazem mais bules assim — murmurou ela.

— Posso levar para a sala?

— Se tiver cuidado e não derramar. Coloque na ponta da mesa, ao lado da srta. Alexandra. Perto das xícaras e tal. Ela serve.

Tentei empurrar com o traseiro, como Calpúrnia tinha feito, mas a porta nem se mexeu. Sorrindo, ela a segurou aberta para mim.

— Cuidado, o bule está cheio. Não olhe para ele, assim não derrama.

Minha missão foi bem-sucedida: tia Alexandra abriu um sorriso radiante.

— Fique conosco, Jean Louise — disse ela. O convite fazia parte da campanha para me transformar numa dama.

Era costume que a anfitriã dos círculos missionários convidasse as vizinhas para tomar refrescos, fossem elas batistas ou presbiterianas, o que explicava a presença da srta. Rachel (solene como um juiz), da srta. Maudie e da srta. Stephanie Crawford. Nervosa, eu me sentei ao lado da srta. Maudie e fiquei me perguntando por que as senhoras punham chapéu para ir do outro lado da rua. Grupos de senhoras sempre me causavam uma vaga apreensão e o firme desejo de estar em outro lugar, o que tia Alexandra chamava de ser "mimada".

As senhoras usavam lindos vestidos estampados em tons pastéis, a maioria estava com a cara cheia de pó de arroz, mas sem ruge, e o único batom na sala era Tangee Natural. O esmalte Cutex Natural brilhava nas unhas, as mais jovens, porém, usavam rosa. Estavam deliciosamente perfumadas. Sentei quieta, controlei as mãos segurando com força os braços da cadeira e esperei que alguém falasse comigo.

A ponte móvel de ouro da srta. Maudie reluziu:

— Você está muito bem-vestida, srta. Jean Louise. Onde estão suas calças? — perguntou.

— Por baixo do vestido.

Eu não quis fazer graça, mas as senhoras riram. Corei quando percebi meu erro, mas a srta. Maudie me olhava séria. Ela nunca ria dos meus comentários, a não ser que eu quisesse ser engraçada.

No silêncio repentino que se seguiu, a srta. Stephanie perguntou, do outro lado da sala:

— O que vai ser quando crescer, Jean Louise? Advogada?

— Não, ainda não pensei nisso... — respondi, grata porque a srta. Stephanie tinha mudado de assunto. Comecei a pensar rapidamente na minha vocação. Enfermeira? Aviadora? — Bem...

— Ora, pensei que quisesse ser advogada, já até começou a ir ao tribunal.

As senhoras riram outra vez.

— Essa Stephanie é uma peça — disse alguém, e ela se animou a continuar.

— Não quer ser advogada quando crescer?

A srta. Maudie colocou a mão sobre a minha e eu respondi, baixinho:

— Não, só quero ser uma dama.

A srta. Stephanie me olhou desconfiada, concluiu que eu não estava sendo impertinente e contentou-se em dizer:

— Bem, não vai muito longe se não passar a usar vestidos com mais frequência.

A srta. Maudie apertou a minha mão e eu não disse nada. O calor da mão dela bastou.

A sra. Grace Merriweather estava sentada à minha esquerda e achei que seria educado falar com ela. O sr. Merriweather, um fiel metodista sob coação, não via nenhum problema em cantar: "Ó Sublime Graça, como é doce o som que salvou um miserável como eu..." Mas todo mundo em Maycomb sabia que a sra. Merriweather tinha feito ele largar a bebida, transformando-o em um cidadão razoavelmente útil. Ela era, sem dúvida, a senhora mais devota de Maycomb. Procurei um assunto que fosse do interesse dela.

— O que as senhoras discutiram esta tarde? — perguntei.

— Ah, filha, falamos nos pobres mrunas — ela respondeu e ficou quieta. Algumas perguntas mais seriam necessárias.

Os grandes olhos castanhos da sra. Merriweather sempre se enchiam de lágrimas quando ela pensava nos oprimidos.

— Imagine o que é viver naquela selva sem ninguém a não ser J. Grimes Everett. Nenhum branco tem coragem de se aproximar deles, só o abençoado J. Grimes Everett.

A sra. Merriweather usava a voz como se fosse um órgão, reforçando o tom de cada palavra:

— A pobreza... a escuridão... a imoralidade... Apenas J. Grimes Everett sabe o que é isso. Sabe, quando a igreja me ofereceu aquela viagem para o acampamento, J. Grimes Everett me disse...

— Ele estava lá, senhora? Pensei que... — perguntei.

— Ele estava em casa, de licença. Mas ele me disse: "Sra. Merriweather, a senhora não faz ideia, não imagina a luta que estamos travando lá." Foi o que ele me disse.

— Sim, senhora.

— Eu então disse a ele: "Sr. Everett, o senhor tem todo o apoio das senhoras da Igreja Episcopal Metodista de Maycomb no Alabama." Foi o que eu disse a ele. Então ali mesmo, naquele momento, jurei a mim mesma que, quando voltasse para casa, eu ia dar um curso sobre mrunas e levar a mensagem de J. Grimes Everett a Maycomb. É o que estou fazendo.

— Sim, senhora.

Quando a sra. Merriweather balançava a cabeça, seus cachos negros se agitavam.

— Jean Louise, você é uma menina de sorte. Mora num lar cristão, com pessoas cristãs, numa cidade cristã. Lá na terra de J. Grimes Everett, só existe pecado e sordidez.

— Sim, senhora.

— Pecado e sordidez... O que disse, Gertrude? — A sra. Merriweather voltou-se para a senhora que estava sentada ao seu lado. — Ah, sim, essa história... Eu sempre digo: perdoe e esqueça, perdoe e esqueça. O que a igreja devia fazer era ajudá-la a levar uma vida cristã, pelo bem daquelas crianças daqui em diante. Alguns dos homens deviam ir lá e dizer àquele pregador para encorajá-la.

— Desculpe, sra. Merriweather — interrompi —, estão falando de Mayella Ewell?

— May... o quê? Não, filha. Estou falando na mulher daquele preto, a mulher de Tom, Tom...

— Tom Robinson, senhora.

A sra. Merriweather virou-se novamente para a senhora ao lado.

— Tem uma coisa na qual eu acredito de verdade, Gertrude — ela continuou —, mas algumas pessoas discordam de mim. Se eles souberem que nós os perdoamos, que nós esquecemos, tudo isso estaria terminado.

— Ah... Sra. Merriweather — interrompi mais uma vez —, o que estaria terminado?

De novo, ela se virou para mim. A sra. Merriweather era um desses adultos sem filhos que acham que precisam mudar o tom de voz quando falam com uma criança.

— Nada, Jean Louise — ela respondeu, lentamente. — As cozinheiras e os trabalhadores do campo só estão insatisfeitos, mas já estão se acalmando... Depois do julgamento, eles passaram o dia reclamando.

A sra. Merriweather se voltou para a sra. Farrow:

— Gertrude, vou lhe dizer que a coisa mais desagradável que existe é um preto de cara amarrada. Penduram o beiço até aqui. Uma pessoa dessas na sua cozinha acaba com o seu dia. Sabe o que eu disse para a minha Sophy, Gertrude? Eu disse: "Sophy, você hoje não está sendo uma boa cristã. Jesus Cristo não andava por aí resmungando e reclamando." E quer saber? Foi bom para ela. Parou de olhar para o chão e disse: "É mesmo, sra. Merriweather, Jesus nunca ficava resmungando." Garanto, Gertrude, não devemos perder a oportunidade de dar testemunho do Senhor.

Lembrei do pequeno órgão antigo na capela em Finch's Landing. Quando eu era bem pequena, se tivesse me comportado durante o dia, Atticus me deixava pisar nos pedais enquanto ele tirava a melodia com um dos dedos. A última nota ficava no ar enquanto houvesse ar para sustentá-la. A sra. Merriweather parecia ter perdido o ar e estava se recuperando enquanto a sra. Farrow se preparava para falar.

A sra. Farrow era uma mulher bonita, de olhos claros e pés finos. Tinha feito um permanente havia pouco tempo e os

cabelos eram uma massa de cachos cinzentos. Era a segunda senhora mais devota de Maycomb. Tinha o estranho costume de começar cada frase com um leve som sibilante.

— *Ssss* Grace — ela começou —, é como eu disse outro dia ao irmão Hutson: "*Sss* irmão Hutson, acho que estamos travando uma batalha perdida, uma batalha perdida. *Sss* eles não querem saber de nada. Podemos tentar educá-los até ficarmos roxos, podemos tentar fazer deles cristãos até não aguentarmos mais. Mesmo assim, nenhuma mulher pode se sentir segura quando se deita à noite." E ele me disse: "Sra. Farrow, não sei onde vamos parar." *Sss* eu disse a ele que ele tinha toda razão.

A sra. Merriweather concordou, séria. A voz dela ressoou acima do tilintar das xícaras de café e do ruído bovino das senhoras mastigando iguarias.

— Gertrude, vou lhe dizer uma coisa: nesta cidade há pessoas boas, mas que se afastaram do bom caminho. Boas, mas desgarradas. Gente que acha que está fazendo a coisa certa é o que eu quero dizer. Longe de mim dizer quem são, mas há pouco tempo algumas dessas pessoas acharam que estavam fazendo o bem, mas só o que fizeram foi inflamá-los. Mais nada. Pode ser que na hora parecesse que era certo, não sei, não conheço bem a questão, mas agora eles estão mal-humorados... insatisfeitos... Sabe, se a minha Sophy ficasse daquele jeito mais um dia que fosse, eu a mandava embora. Jamais vai entrar naquela cabeça oca que só fico com ela porque estamos passando por uma crise e ela precisa do dinheiro que ganha por semana.

— Mas a comida dela não é nada má, não é?

Quem perguntou foi a srta. Maudie. Duas linhas duras apareceram nos cantos de sua boca. Até então, ela estava sentada em silêncio ao meu lado, com a xícara de café equilibrada no joelho. Eu já tinha perdido o fio da conversa fazia tempo, quando elas pararam de falar na esposa de Tom Robinson, e estava distraída pensando em Finch's Landing e no rio. Tia Alexandra tinha entendido tudo ao contrário: a parte séria da reunião era de gelar o sangue, enquanto a parte social era deprimente.

— Maudie, tenho certeza de que não entendi o que você quis dizer — disse a sra. Merriweather.

— Eu tenho certeza de que entendeu — disse a srta. Maudie, ríspida.

E calou-se. Quando se zangava, a srta. Maudie era de uma concisão gélida. Tinha se irritado profundamente com alguma coisa e seus olhos cinzentos ficaram frios como a voz. A sra. Merriweatter ruborizou, olhou para mim e desviou o olhar. Eu não conseguia ver a sra. Farrow.

Tia Alexandra levantou-se rapidamente da mesa e tratou de servir mais refrescos, começando uma conversa com a sra. Merriweather e a sra. Gates. Quando elas estavam bem entretidas, acompanhadas da sra. Perkins, tia Alexandra se afastou e dirigiu um olhar de pura gratidão para a srta. Maudie. Fiquei refletindo sobre o mundo das mulheres. A srta. Maudie e tia Alexandra nunca foram muito amigas, mas eis que a tia estava agradecendo a ela em silêncio por alguma coisa. Pelo que, eu não sabia. Fiquei satisfeita de ver que tia Alexandra era capaz de demonstrar gratidão. Não tinha jeito, em breve eu teria de entrar naquele mundo em cuja superfície senhoras perfumadas faziam gestos lentos, se abanavam delicadamente e bebiam água fresca.

Mas eu ficava mais à vontade no mundo do meu pai. Gente como o sr. Heck Tate não escondia armadilhas atrás de perguntas ingênuas para ridicularizar as pessoas; nem mesmo Jem conseguia ser muito crítico, a menos que você dissesse alguma coisa realmente idiota. As senhoras pareciam ter horror dos homens, como se não estivessem dispostas a dar-lhes sua sincera aprovação. Mas eu gostava dos homens. Por mais que xingassem, bebessem, jogassem e mascassem fumo, por menos agradáveis que fossem, havia algo neles de que eu gostava por instinto... Eles não eram...

— Hipócritas, sra. Perkins, hipócritas de nascença — estava dizendo a sra. Merriweather. — Pelo menos, aqui no Sul não cometemos esse pecado. As pessoas lá no Norte os libertaram, mas não se sentam na mesma mesa com eles. Pelo menos, não temos o descaramento de dizer que são iguais a nós, mas é para ficarem longe da gente. Aqui, só queremos que eles vivam a vida deles e nós vivemos a nossa. Acho que aquela mulher, a sra. Roosevelt perdeu a cabeça... Só pode ter perdido a cabeça

para ir até Birmingham e querer sentar-se no meio deles. Se eu fosse o prefeito de Birmingham, eu...

Bom, nenhuma de nós era o prefeito de Birmingham, mas eu gostaria de ser o governador do Alabama por um dia: eu ia libertar Tom Robinson tão rápido que a Sociedade Missionária não teria nem tempo de se assustar. Outro dia, Calpúrnia estava comentando com a cozinheira da srta. Rachel que Tom estava passando por maus bocados na cadeia e continuou falando quando entrei na cozinha. Disse que Atticus não podia fazer nada para melhorar a situação dele e que, quando foi levado para a prisão, Tom disse a Atticus: "Adeus, sr. Finch, o senhor não pode fazer mais nada, então não adianta tentar." Calpúrnia disse que Atticus tinha contado que no dia em que levaram Tom para a prisão ele perdeu as esperanças. Atticus tentou explicar as coisas para ele e pediu para Tom não se desesperar, pois estava fazendo tudo o que podia para libertá-lo. A cozinheira da srta. Rachel perguntou a Calpúrnia por que Atticus não tinha dito que ele ia ser libertado, sem grandes explicações, pois isso seria um grande consolo para Tom. Calpúrnia então respondeu: "Você não conhece a lei. A primeira coisa que a gente aprende quando trabalha na casa de um advogado é que não dá para ter certeza de nada. O sr. Finch não podia dizer isso se não tinha certeza."

A porta da frente bateu e ouvi os passos de Atticus no corredor. Automaticamente, pensei que horas seriam. Não estava nem perto da hora de ele voltar para casa e geralmente nos dias de reunião da Sociedade Missionária ele ficava na cidade até tarde.

Ele apareceu na porta da sala, de chapéu na mão e com o rosto pálido.

— Desculpem, senhoras — disse. — Continuem a reunião, não quero atrapalhar. Alexandra, pode vir à cozinha um instante? Vou precisar da Calpúrnia por um tempo.

Em vez de passar pela sala, ele foi pelo corredor dos fundos e entrou pela porta de trás da cozinha. Tia Alexandra e eu fomos até lá. A porta da sala de jantar se abriu outra vez e a srta. Maudie entrou. Calpúrnia estava se levantando da cadeira.

— Cal — disse Atticus —, quero que você vá comigo à casa de Helen Robinson...

— O que houve? — perguntou tia Alexandra, assustada com a expressão no rosto do meu pai.

— Tom morreu.

Tia Alexandra colocou as mãos sobre a boca.

— Foi morto a tiros — disse Atticus. — Ele estava correndo na hora da ginástica no presídio quando, de repente, saiu correndo em disparada até a cerca e começou a escalá-la, bem na frente deles...

— Eles não tentaram impedir? Não deram um aviso? — a voz de tia Alexandra vacilou.

— Ah, sim, os guardas mandaram que ele parasse. Primeiro deram tiros para o alto, depois atiraram para matar. Acertaram Tom quando ele estava quase saltando da cerca. Disseram que se ele tivesse os dois braços sadios, teria conseguido pular a cerca, de tão rápido que foi. No corpo dele havia dezessete buracos de bala. Não precisavam ter atirado tanto. Cal, quero que você venha comigo e me ajude a contar a Helen.

— Sim, senhor — ela murmurou, tentando desfazer o laço do avental. A srta. Maudie a ajudou.

— Isso foi a gota d'água, Atticus — disse tia Alexandra.

— Depende da perspectiva — ele disse. — O que é um negro a mais ou a menos no meio de duzentos? Para eles, aquele não era Tom, era um fugitivo.

Atticus encostou-se na geladeira, tirou os óculos e coçou os olhos.

— Tínhamos uma boa chance. Eu disse a ele o que achava, mas na verdade não podia garantir que tínhamos mais do que uma boa chance. Acho que Tom estava cansado da sorte dos brancos e preferiu tentar a própria sorte. Está pronta, Cal?

— Sim, sr. Finch.

— Então, vamos.

Tia Alexandra sentou-se na cadeira onde Cal estava antes e colocou as mãos no rosto. Ficou parada, tão quieta que pensei que fosse desmaiar. A srta. Maudie respirava como se tivesse acabado de subir uma escada, enquanto na sala as senhoras conversavam animadas.

Pensei que tia Alexandra estivesse chorando, mas, quando ela tirou as mãos do rosto, vi que não. Parecia exausta. Então disse com a voz inexpressiva:

— Não posso dizer que aprovo tudo o que ele faz, Maudie, mas ele é meu irmão e só quero saber quando é que isso vai acabar. — Sua voz se elevou: — Ele está destroçado. Não demonstra, mas está. Eu o vi quando... O que mais querem dele Maudie? O quê?

— Quem, Alexandra? — perguntou a srta. Maudie.

— Essa cidade. Estão mais do que dispostos a deixar que ele faça o que eles não têm coragem de fazer... porque poderiam perder dinheiro. Não se importam se ele destrói a própria saúde fazendo o que eles não têm coragem, eles...

— Fique quieta, elas podem ouvir — disse a srta. Maudie. — Já pensou da seguinte forma, Alexandra? Maycomb pode não se dar conta, mas nós estamos prestando a ele a maior homenagem que se pode fazer a um homem: confiamos nele para fazer o que é certo. É simples assim.

— Quem? — tia Alexandra nunca soube que tinha repetido as palavras do sobrinho de doze anos.

— Os poucos moradores desta cidade que acham que justiça não é só para os brancos, os poucos que acreditam que um julgamento justo é um direito de todos, não apenas nosso. As poucas pessoas que, ao verem um negro, têm a humildade de pensar: "Aquele poderia ser eu, não fosse a bondade do Senhor." — A velha rispidez da srta. Maudie estava de volta. Ela continuou: — As poucas pessoas nessa cidade que têm berço. É a elas que me refiro.

Se eu estivesse prestando mais atenção, poderia ter algo mais a acrescentar à definição de berço de Jem, mas estava tremendo e não conseguia parar. Eu conhecia a penitenciária agrícola de Enfield, Atticus tinha me mostrado o pátio de ginástica. Era do tamanho de um campo de futebol.

— Pare de tremer — mandou a srta. Maudie, e eu parei. — Vamos voltar para a sala, Alexandra, já as deixamos sozinhas tempo demais.

Tia Alexandra se levantou e alisou as dobras da saia nos quadris. Pegou o lenço no cinto e assoou o nariz. Deu uma alisada nos cabelos e perguntou:

— Dá para perceber alguma coisa?

— Não, nada. Já se recompôs, Jean Louise? — perguntou a srta. Maudie.

— Sim, senhora.

— Então, vamos nos juntar às senhoras — ela disse, séria.

Quando ela abriu a porta da sala, o vozerio aumentou. Tia Alexandra foi na minha frente e empinou a cabeça ao passar pela porta.

— Ah, sra. Perkins, aceita mais uma xícara de café? Vou buscar.

— Calpúrnia precisou sair um instante, Grace. Deixe-me servir mais tortinhas de morango — disse a srta. Maudie. — Você soube o que meu primo fez outro dia, aquele que gosta de pescaria?

E assim continuaram, a roda de senhoras sorridentes em volta da mesa de jantar, servindo-se de mais um pouco de café, degustando delícias como se a única coisa a lastimar fosse o pequeno problema doméstico da ausência temporária de Calpúrnia.

O leve burburinho voltou:

— Isso mesmo, sra. Perkins, J. Grimes Everett é um santo mártir, ele... Queriam se casar então os dois fugiam... Para

salão de beleza todo sábado à tarde... Assim que o sol se põe. Ele dorme com... as galinhas, um caixote cheio de galinhas doentes, Fred diz que foi aí que tudo começou, Fred diz...

Tia Alexandra olhou para mim do outro lado da sala e sorriu. Olhou para uma bandeja de biscoitos na mesa e fez um sinal com a cabeça. Peguei a bandeja com cuidado e fui até a sra. Merriweather. Usando do máximo de gentileza, perguntei se ela estava servida. Afinal, se tia Alexandra conseguia ser uma dama numa hora daquelas, eu também conseguia.

25

— Não faça isso, Scout. Coloque-a na escada dos fundos.

— Jem, você ficou louco?

— Eu disse para pôr ela na escada dos fundos.

Com um suspiro, peguei a criaturinha, coloquei-a no primeiro degrau e voltei para a minha cama de campanha. Setembro tinha chegado, mas nem sinal de frio e nós continuávamos dormindo na varanda dos fundos. Os vagalumes ainda estavam circulando, os insetos noturnos e voadores que batiam na tela o verão inteiro ainda não tinham ido para onde quer que iam no outono.

Uma centopeia tinha conseguido entrar em casa. Concluí que o bichinho tinha subido a escada e entrado por baixo da porta. Estava pousando meu livro no chão, ao lado da cama de campanha, quando a vi. Essas criaturas têm uns três centímetros de comprimento e quando tocamos nelas, se enrolam feito uma bola cinzenta.

Deitei de barriga no chão e cutuquei-a. Ela se enrolou. Depois, acho que se sentiu segura e se desenrolou. Andou alguns centímetros com suas centenas de pernas e toquei-a de novo. Ela se enrolou. Eu estava com sono, então resolvi acabar com aquela história. Estava prestes a esmagá-la quando Jem se manifestou.

Ele ficou zangado. Com certeza, fazia parte da fase pela qual ele estava passando e desejei que essa bendita fase passasse rápido. É verdade que ele nunca tinha sido cruel com animais, mas eu não sabia que sua bondade se estendia ao mundo dos insetos.

— Por que não posso esmagá-la? — perguntei.

— Porque ela não está incomodando — respondeu Jem, no escuro. Tinha desligado a luz do abajur.

— Acho que você deve estar na fase de não matar moscas e mosquitos — falei. — Me avise quando passar. Só vou dizer uma coisa: não vou ficar parada e deixar de esmagar um inseto.

— Ah, fica quieta — ele disse, sonolento.

Era Jem que estava ficando cada dia mais parecido com uma moça, não eu. À vontade, estiquei-me na cama e esperei o sono chegar, e enquanto esperava pensei em Dill. Ele tinha ido embora no primeiro dia do mês, com a promessa de voltar assim que as aulas terminassem. Ele achava que os pais tinham entendido que ele gostava de passar os verões em Maycomb. A srta. Rachel nos levou de táxi até o entroncamento de Maycomb e Dill acenou para nós da janela do trem até sumir de vista. Ele não saía da minha cabeça: sentia falta dele. Nos dois últimos dias que ele passou conosco, Jem o ensinou a nadar…

Ensinou a nadar. Eu estava bem desperta, lembrando do que Dill tinha me contado.

O riacho Barker fica no final de uma estrada de terra que sai da estrada de Maycomb, a um quilômetro e meio da cidade. É fácil pegar carona num vagão de algodão ou num carro na estrada e andar até o rio, que fica perto, mas a perspectiva de voltar a pé para casa no final do dia, quando não há mais muito trânsito na estrada, é cansativa. Por isso, as pessoas que vão nadar no rio tomam o cuidado de não ficar lá até muito tarde.

Segundo Dill, os dois tinham acabado de chegar na estrada quando viram Atticus vindo de carro na direção deles. Ele não parecia estar vendo os dois, então eles acenaram e Atticus finalmente reduziu a velocidade. Quando parou o carro ao lado deles, papai disse:

— É melhor arrumarem carona de volta. Vou demorar a voltar para casa.

Calpúrnia estava no banco de trás.

Jem reclamou, depois pediu para ir junto com Atticus e ele concordou:

— Está bem, podem vir conosco, se ficarem no carro.

No caminho para a casa de Tom Robinson, Atticus contou a eles o que tinha acontecido.

O carro saiu da estrada principal, rodou devagar ao lado do lixão, passando pela casa de Ewell e pelo caminho estreito que levava aos barracos dos negros. Dill disse que tinha um monte de negrinhos jogando bola de gude no jardim da frente da casa de Tom. Atticus estacionou o carro e saltou. Calpúrnia seguiu-o e entraram pelo portão da frente.

Dill ouviu quando ele perguntou a uma das crianças:

— Onde está sua mãe, Sam?

E o menino respondeu:

— Está na casa da irmã Stevens, sr. Finch. Quer que eu vá chamar?

Dill contou que Atticus ficou indeciso, depois aceitou e Sam saiu correndo. Atticus disse às crianças:

— Podem continuar jogando.

Uma menina pequena apareceu na porta do barraco e ficou olhando para Atticus. Dill disse que os cabelos dela eram uma barafunda de trancinhas amarradas com fitas coloridas. Ela sorriu de uma orelha a outra e foi até o nosso pai, mas era muito pequena para descer a escada. Dill contou que Atticus foi até ela, tirou o chapéu e ofereceu-lhe um dedo. Ela agarrou o dedo e ele a ajudou a descer a escada. Depois, Atticus entregou-a a Calpúrnia.

Sam veio correndo atrás da mãe. Dill disse que Helen cumprimentou:

— Boa tarde, sr. Finch. Não quer sentar? — E não disse mais nada. Nem Atticus.

— Scout — contou Dill —, ela caiu no chão. Simplesmente desmoronou, como se um gigante tivesse aparecido e pisado nela. Assim... — O pé gorducho de Dill pisou na terra. — Como quem amassa uma formiga.

Dill contou que Calpúrnia e Atticus levantaram Helen do chão e que ela foi meio carregada meio andando para o barraco. Ficaram lá dentro bastante tempo e Atticus saiu sozinho. Na volta de carro, quando passaram pelo lixão, alguns Ewell gritaram coisas para eles, mas Dill não entendeu o que era.

O interesse de Maycomb pela morte de Tom durou talvez uns dois dias, tempo suficiente para a notícia se espalhar pela região. "Você soube? Não? Bem, disseram que ele corria mais rápido que um raio..." Para Maycomb, a morte de Tom foi típica. Era típico de um negro ficar desesperado e correr; não ter um plano, um projeto para o futuro, só correr sem direção quando via uma chance. Engraçado, Atticus Finch podia ter conseguido a liberdade para ele, mas esperar? Nem pensar. Você sabe como eles são. Assim como vêm vão. Veja só, o tal Robinson era legalmente casado, dizem que era asseado, frequentava a igreja e tudo, mas no fim das contas o verniz era fino demais. Os negros sempre acabam aprontando.

Mais alguns detalhes, que permitiam ao ouvinte dar sua própria versão do caso, depois nada mais a dizer até o *Maycomb Tribune* sair na quinta-feira seguinte, com um pequeno obituário na seção de notícias dos negros. Mas havia também um editorial.

O sr. B.B. Underwood nunca tinha escrito de forma mais amarga, pouco se importando se anúncios ou assinaturas fossem cancelados. (Mas as coisas não funcionavam assim em Maycomb: o sr. Underwood podia esbravejar até ficar rouco e escrever o que bem entendesse que continuaria com seus anunciantes e assinantes. Se ele queria fazer papel de bobo no jornal, o problema era dele.) No editorial, o sr. Underwood não falou em descalabros da justiça, escreveu de maneira que até as crianças pudessem entender. Disse apenas que era um pecado matar um aleijado, não importava se ele estivesse de pé, sentado ou fugindo. Comparou a morte de Tom à matança cruel de pássaros canoros pelos caçadores e pelos meninos e os leitores de

Maycomb acharam que ele queria fazer um editorial poético para ser republicado no *Montgomery Advertiser*.

Quando li o editorial do sr. Underwood, fiquei pensando: como assim, matança cruel? Tom teve direito a um processo de acordo com os ditames da lei até o dia de sua morte; teve um julgamento público e foi condenado por doze homens sensatos e direitos; meu pai lutou por ele o tempo todo. Então, entendi o que o sr. Underwood queria dizer: Atticus lançou mão de todos os meios ao alcance dos homens livres para salvar Tom Robinson, mas no tribunal secreto do coração dos homens, ele não tinha chance. Tom era um homem morto no momento em que Mayella Ewell abriu a boca e gritou.

O nome Ewell me causava um enjoo imediato. Maycomb não perdeu em saber a opinião do sr. Ewell sobre a morte de Tom e transmiti-la através do verdadeiro Canal da Mancha da fofoca que era a srta. Stephanie Crawford. Ela disse à tia Alexandra, na presença de Jem ("Ora, ele já tem idade para ouvir isso"), que o sr. Ewell tinha dito que um já estava morto, agora só faltavam dois. Jem disse para eu não ter medo, que as ameaças do o sr. Ewell eram papo-furado. Também disse que se eu dissesse uma palavra daquilo a Atticus, se Atticus ficasse sabendo que eu sabia, ele nunca mais falava comigo.

26

As aulas começaram, assim como nossas passagens diárias em frente à casa dos Radley. Jem estava no sétimo ano e ia para o ginásio, que ficava atrás do prédio do primário. Eu estava no terceiro ano e nossas rotinas eram tão diferentes que eu só via Jem de manhã, quando íamos juntos para a escola, e na hora das refeições. Ele entrou para o time de futebol, mas era magro e jovem demais, então apenas carregava o balde de água do time. Mas fazia isso com entusiasmo e costumava chegar em casa só depois de anoitecer.

A casa dos Radley não me aterrorizava mais, porém continuava sombria, fria sob os grandes carvalhos e pouco acolhedora. O sr. Nathan Radley ainda era visto em dias claros, indo e voltando da cidade; sabíamos que Boo ainda estava lá, pelo mesmo motivo de sempre: ninguém o tinha visto sair carregado num caixão. De vez em quando, eu sentia uma pontada de remorso ao passar pela velha casa, arrependida de ter participado do tormento que devíamos ter causado a Arthur Radley. Que pessoa sensata e reclusa quer crianças espiando pelas janelas, entregando bilhetes na ponta de varas de pescar ou andando pelas plantações de couve à noite?

E, no entanto, eu me lembrava. Duas moedas cunhadas com cabeças de índios, goma de mascar, bonecos esculpidos em sabão, uma medalha enferrujada, um relógio quebrado com a corrente. Jem devia ter guardado tudo aquilo em algum lugar. Uma tarde, parei e olhei para a árvore: o tronco estava crescendo por cima do cimento, que estava amarelando.

Nós quase vimos Boo duas vezes, uma boa marca para qualquer pessoa.

Mas eu continuava olhando quando passava por lá. Talvez um dia o víssemos. Eu imaginava como seria: ele estaria sentado no balanço e eu cumprimentaria: "Oi, sr. Arthur", como se tivesse feito isso todas as tardes da minha vida. "Boa tarde, Jean Louise", ele responderia, como se tivesse dito isso todas as tardes da minha vida. "Que dias bonitos tem feito, não acha?" "É verdade, bonitos mesmo", eu concordaria, e seguiria em frente.

Mas isso não passava de uma fantasia. Nós jamais o veríamos. Ele provavelmente saía de casa quando a lua estava baixa e ia espiar a srta. Stephanie. Eu teria escolhido espiar outra pessoa, mas isso era problema dele. Ele nunca ia nos espiar.

— Não vão começar com esse negócio outra vez, vão? — perguntou Atticus uma noite, quando confessei meu desejo de dar pelo menos uma olhada em Boo Radley antes de morrer. — Se estiverem pensando nisso, já vou avisando: podem parar. Estou velho demais para ficar atrás de vocês no quintal dos Radley. Além do mais, é perigoso. Podem levar um tiro. Vocês sabem que o sr. Nathan atira em qualquer sombra, mesmo naquelas que deixam pegadas do tamanho de um pé de criança descalça. Tiveram sorte de não terem sido mortos.

Calei a boca na hora. Ao mesmo tempo, fiquei admirada com Atticus. Era a primeira vez que ele nos mostrava que sabia muito mais do que pensávamos. E aquilo tinha acontecido anos antes. Não, tinha sido apenas no verão passado; não, no retrasado, quando… o tempo estava me pregando peças. Eu precisava perguntar a Jem.

Tantas coisas aconteceram conosco que Boo Radley era o menor dos nossos temores. Atticus disse que não ia acontecer mais nada, que as coisas iam se acalmar e, com o tempo, as pessoas iam esquecer que um dia Tom Robinson tinha existido.

Atticus podia ter razão, mas os acontecimentos daquele verão continuavam a pairar sobre nós como fumaça num quarto fechado. Os adultos de Maycomb jamais comentavam o caso com Jem e comigo, mas deviam conversar com os filhos, dizendo que não tínhamos culpa de sermos filhos de Atticus, e que, apesar disso, deviam ser gentis conosco. As crianças jamais teriam

essa atitude por iniciativa própria: se nossos colegas de classe tivessem agido como bem entendessem, Jem e eu teríamos nos metido em algumas boas brigas e o assunto teria acabado de uma vez. Mas em vez disso éramos obrigados a erguer a cabeça e nos comportar como um cavalheiro e uma dama, respectivamente. De certa forma, era como no tempo da sra. Henry Lafayette Dubose, mas sem todos aqueles berros dela. Havia um detalhe estranho, porém, que eu nunca entendi: apesar das restrições feitas a Atticus como pai, as pessoas não tiveram escrúpulos em reelegê-lo para a Câmara estadual naquele ano, como de costume, sem oposição. Cheguei à conclusão de que as pessoas eram estranhas. Por isso, mantinha distância e só pensava nelas quando era obrigada.

Um dia, na escola, fui obrigada. Uma vez por semana tínhamos uma atividade chamada Atualidades, em que cada aluno devia escolher uma notícia no jornal, ler e levar o recorte para a escola, onde tinha de relatar o fato para a classe. Isso, supostamente, corrigia uma série de problemas: ao ficar de pé na frente da classe o aluno adquiria boa postura e segurança; manter um pequeno diálogo estimulava a comunicação; discorrer sobre um fato recente fortalecia a memória; por fim, seu isolamento diante da classe faria com que desejasse mais do que nunca voltar ao grupo.

A ideia era profunda, mas, como sempre, não funcionou direito em Maycomb. Primeiro, porque poucas crianças do campo tinham acesso a jornais e a tarefa passou a ser feita pelas crianças da cidade, o que fazia com que as crianças do campo tivessem ainda mais certeza de que as da cidade recebiam mais atenção. As crianças do campo que conseguiam, geralmente levavam recortes do que elas chamavam de *The Grit Paper*, uma publicação que a srta. Gates, nossa professora, considerava abominável. Nunca entendi porque ela não gostava quando um aluno lia algo desse jornal, mas de alguma forma isso era associado a gostar de tocar rabeca, comer biscoito de melado no almoço, ser um fanático religioso e cantar *Sweetly Sings the Donkey* pronunciando *dunkey*, todos comportamentos que o Estado pagava os professores para desencorajarem.

Mesmo assim, poucos alunos sabiam o que era um fato atual. Chuck Little, que sabia tudo sobre os hábitos e os costumes das vacas, já estava na metade da história sobre Uncle Natchell, personagem que era garoto-propaganda de um fertilizante, quando a professora interrompeu:

— Charles, isso que você está contando não é um fato atual, é um anúncio.

Mas nosso colega Cecil Jacobs sabia o que era um fato atual. Quando chegou a vez dele, foi para a frente da classe e começou:

— O velho Hitler…

— Adolf Hitler, Cecil — corrigiu a srta. Gates. — Ninguém começa uma exposição dizendo "o velho fulano".

— Sim, senhora. O velho Adolf Hitler anda prosseguindo os judeus…

— *Perseguindo*, Cecil…

— Não, srta. Gates, está escrito aqui… Bem, o velho Adolf Hitler anda atrás dos judeus, prendendo eles e tirando os bens deles. Não deixa eles saírem do país e está lavando os débeis mentais e…

— Lavando os débeis mentais?

— Sim, srta. Gates, acho que eles não têm capacidade de se lavar, um débil mental não consegue cuidar da higiene. De todo jeito, Hitler iniciou um programa para pegar todos os meios judeus também e quer que sejam registrados para o caso de quererem causar algum problema. Acho tudo isso muito errado e esse é o meu fato atual.

— Muito bem, Cecil — disse a professora. Ofegante, Cecil voltou para sua carteira.

No fundo da sala, alguém levantou a mão.

— Como ele pode fazer uma coisa dessa?

— A que você se refere? — perguntou a srta. Gates, paciente.

— Quer dizer, como Hitler pode prender um monte de gente assim, o governo não faz nada? — perguntou o dono da mão.

— Hitler é o governo — respondeu a professora e, aproveitando a chance para dinamizar a aula, foi até o quadro-negro.

Escreveu DEMOCRACIA em letras maiúsculas. — Alguém sabe o que é democracia? — perguntou.

— Somos nós — respondeu alguém.

Levantei a mão, lembrando-me de um antigo lema de campanha que Atticus uma vez me disse.

— O que você acha que é, Jean Louise?

— "Direitos iguais para todos, privilégios para ninguém!" — citei.

— Muito bem, Jean Louise, muito bem — elogiou a srta. Gates, sorrindo. — Na frente da palavraDEMOCRACIA, ela escreveu NÓS SOMOS UMA. — Agora, leiam todos juntos: "Nós somos uma democracia."

Lemos. Depois, a professora disse:

— Essa é a diferença entre os Estados Unidos e a Alemanha. Nós somos uma democracia e a Alemanha é uma ditadura Di-ta-du-ra — disse, separando as sílabas. — Em nosso país ninguém é perseguido. A perseguição acontece em países onde há preconceito. Pre-con-cei-to — enunciou cuidadosamente. — Os judeus são o melhor povo do mundo, não entendo por que Hitler não acha o mesmo.

Uma alma inquiridora no meio da sala perguntou:

— Então, por que a senhora acha que eles não gostam dos judeus, srta. Gates?

— Não sei, Henry. Os judeus contribuem para todas as sociedades em que vivem e são, sobretudo, um povo profundamente religioso. Hitler está querendo acabar com a religião, então pode ser que não goste deles por isso.

Cecil se manifestou:

— Não tenho certeza, mas eles não vivem de emprestar dinheiro ou algo assim? Só que isso não é motivo para serem perseguidos. São brancos, não são?

A srta. Gates disse:

— Quando você entrar no ensino médio, Cecil, vai aprender que os judeus são perseguidos desde o começo do mundo, foram expulsos até do próprio país. É um dos fatos mais terríveis da história. Está na hora de estudarmos matemática, meninos.

Como jamais gostei de matemática, passei a aula olhando pela janela. A única vez em que eu via Atticus irritado era quando o radialista Elmer Davis dava as últimas notícias sobre Hitler. Papai desligava o rádio e dizia: "*Humpf*!" Uma vez, perguntei a ele por que não gostava de Hitler e ele respondeu: "Porque ele é um maníaco."

Isso não era suficiente, pensei enquanto a classe continuava fazendo somas. Um maníaco e milhões de alemães. Eles é que deviam trancá-lo numa cela, em vez de deixar que ele saísse prendendo as pessoas. Tinha alguma coisa errada, eu ia perguntar ao meu pai.

Perguntei mesmo e ele disse que não podia responder porque não sabia a resposta.

— Mas tudo bem odiar Hitler?

— Não. Não é bom odiar ninguém.

— Atticus, não entendi uma coisa — eu disse. — A srta. Gates disse que Hitler faz coisas horríveis, ela pareceu muito irritada com isso…

— Tem razão em ficar.

— Mas…

— Mas o quê?

— Nada, não.

Fui embora, sem saber se conseguiria explicar a Atticus o que estava passando pela minha cabeça, sem ter certeza se poderia explicar o que não passava de um sentimento. Talvez Jem pudesse responder. Ele entendia as coisas da escola melhor

do que Atticus.

Jem estava exausto depois de passar o dia todo carregando baldes de água. Ao lado da cama dele tinha no mínimo uma dúzia de cascas de banana e uma garrafa de um litro de leite vazia.

— Por que está comendo tanto? — perguntei.

— O técnico do time disse que, se eu engordar dez quilos por ano, daqui a dois anos posso jogar. É a maneira mais rápida de conseguir — respondeu ele.

— Se você não vomitar, né? Jem, quero perguntar uma coisa.

— Manda — disse ele, largando o livro e esticando as pernas.

— A srta. Gates é legal, não é?

— Claro. Eu gostava de ser aluno dela.

— Mas ela detesta Hitler…

— E qual é o problema?

— Bom, ela disse que ele trata os judeus muito mal. Jem, é errado perseguir alguém, não é? Quer dizer, não se deve nem pensar mal dos outros, não é?

— Claro que não, Scout. Qual é o problema?

— Naquela noite, quando saímos do tribunal, a srta. Gates estava descendo a escada na nossa frente, você com certeza não a viu, ela estava conversando com a srta. Stephanie Crawford. Ouvi quando ela disse que estava na hora de alguém dar uma lição neles, que estavam indo longe demais, daqui a pouco iam querer casar com brancos. Jem, como uma pessoa pode detestar tanto Hitler e depois falar isso de alguém daqui mesmo…?

De repente, Jem ficou uma fera. Pulou da cama, agarrou a gola da minha blusa e me sacudiu.

— Nunca mais quero ouvir falar naquele julgamento, entendeu? Entendeu? Não diga mais uma palavra sobre isso, entendeu? Agora dá o fora!

Fiquei tão assustada que nem consegui chorar. Saí de mansinho e fechei a porta com cuidado, para o barulho não irritá-lo outra vez. De repente, me senti cansada e precisava de Atticus. Ele estava na sala, fui até lá e tentei sentar no colo dele.

Atticus sorriu.

— Você está tão grande que só dá para eu abraçar uma parte. — Ele me abraçou e disse, carinhoso: — Scout, não fique chateada com Jem. Ele está passando por uma fase difícil. Ouvi vocês dois.

Atticus explicou que Jem estava querendo muito tirar uma coisa da cabeça, mas, na verdade, estava guardando tudo dentro dele mesmo até que passasse o tempo necessário. Então ele poderia refletir e entender o que tinha acontecido. Quando conseguisse pensar naquilo tudo, ele voltaria a ser quem era.

27

Depois de um tempo, as coisas se acalmaram, como Atticus tinha previsto. Até meados de outubro, só duas coisas fora do comum aconteceram em Maycomb. Duas não, três, e não estavam diretamente ligadas a nós, os Finch, mas de certa maneira nos diziam respeito.

A primeira foi que o sr. Bob Ewell foi contratado e demitido em questão de dias e certamente virou um caso único nos anais da década de 1930: foi o único homem que conheci despedido da Liga para o Progresso por indolência. Creio que seu curto período de fama levou a outro, mais curto ainda, de produtividade, mas o emprego durou o tempo da fama e ele acabou tão esquecido quanto Tom Robinson. Depois disso, voltou a ir semanalmente ao escritório da assistência social para receber seu seguro-desemprego, resmungando sobre os desgraçados que achavam que mandavam na cidade e não deixavam um homem honesto ganhar a vida. Ruth Janes, a funcionária da assistência social, disse que o sr. Ewell acusava abertamente Atticus de tirar o emprego dele. Ela ficou tão indignada que foi ao escritório de Atticus contar tudo a ele. Atticus disse a ela para não se preocupar: se Bob Ewell quisesse reclamar com ele por ter lhe "tirado" o emprego, sabia o endereço do escritório.

O segundo fato ocorreu com o juiz Taylor. Ele não costumava ir à igreja aos domingos, mas a sra. Taylor sim. Ele então aproveitava a noite de domingo sozinho no casarão onde moravam para se enfurnar no escritório e ler os textos de Bob Taylor (que não era seu parente, mas o juiz ficaria orgulhoso se fosse). Numa dessas noites, o juiz estava perdido em metáforas saborosas e frases floreadas, quando sua atenção foi desviada para um irritante ruído de alguém arranhando uma superfície. "Quieta", disse para Ann Taylor, sua gorda cadela vira-lata, e só então se deu conta de que estava sozinho no escritório, e o ruído vinha dos fundos da casa. O juiz foi até lá para soltar Ann e encontrou a porta telada aberta. Notou uma sombra em um canto e isso foi tudo que viu do visitante. Quando a sra. Taylor chegou da igreja, encontrou o marido sentado na cadeira, imerso nos escritos de Bob Taylor, com uma espingarda no colo.

O terceiro fato ocorreu com a viúva de Tom, Helen Robinson. Se o sr. Ewell tinha caído no esquecimento como Tom Robinson, Tom tinha caído no esquecimento como Boo Radley. Mas não para o patrão dele, o sr. Link Deas, que arrumou um emprego para Helen. Na verdade, ele não precisava dos serviços dela, mas disse que se sentia mal com a forma como tudo tinha acabado. Nunca soube quem cuidava das crianças enquanto Helen ia trabalhar. Calpúrnia disse que a situação de Helen era complicada, pois ela precisava dar uma volta de quase dois quilômetros para não passar pela casa dos Ewell, que, segundo Helen, "atiraram coisas nela" a primeira vez que tentou passar por lá. O sr. Link acabou percebendo que todos os dias Helen chegava ao trabalho pelo caminho inverso do que deveria, e perguntou a ela por quê.

— Deixa para lá, sr. Link, por favor — pediu Helen.

— Deixo nada — retrucou o sr. Link. E mandou que ela fosse à loja dele naquela tarde, antes de voltar para casa. Ela foi e o sr. Link fechou a loja, pôs o chapéu com firmeza na cabeça e levou Helen para casa. O sr. Link fez o caminho mais curto, passando pela casa dos Ewell. Quando voltou, ele parou no portão bizarro.

— Ewell. Venha cá, Ewell! — chamou.

As janelas, que costumavam estar cheias de crianças, estavam vazias.

— Eu sei que vocês estão todos aí deitados no chão! Ouça bem, Bob Ewell: se eu souber que a minha funcionária Helen está tendo alguma dificuldade para passar por aqui, boto você na cadeia antes do dia terminar! — O sr. Link deu uma cuspida

no chão e foi para casa.

Helen foi trabalhar na manhã seguinte e passou pela casa dos Ewell. Ninguém mexeu com ela mas, quando estava um pouco mais longe, viu que o sr. Ewell vinha atrás. Ela se virou e continuou andando e o sr. Ewell manteve a mesma distância até ela chegar na casa do sr. Link. Durante o caminho, disse, ouviu o tempo todo uma voz suave atrás dela, dizendo palavrões. Aterrorizada, telefonou para o sr. Link na loja, que era perto de onde ele morava. O sr. Link saiu da loja e encontrou o sr. Ewell encostado na cerca da casa. Ele disse:

— Não fique me olhando como se eu fosse lixo, Link Deas. Eu não fiz nada...

— Antes da mais nada, Ewell, tire a sua carcaça fedorenta da minha propriedade. Está encostado na minha cerca e não tenho dinheiro para pintar de novo. E mantenha distância da minha cozinheira, ou vou acusá-lo de assédio…

— Não encostei um dedo nela, Link Deas, e não sou de ficar atrás de pretas!

— Não precisa tocar nela, basta que ela se sinta acuada, e se assédio não for o suficiente para você ficar preso por um bom tempo, vou enquadrá-lo por desrespeito à Lei das Senhoras, então dê o fora daqui! Se acha que não estou falando sério, dirija-se a ela outra vez!

Obviamente o sr. Ewell percebeu que ele estava falando sério, porque Helen não reportou mais nenhum incidente.

— Essas coisas não me agradam, Atticus, não me agradam nem um pouco — foi o que tia Alexandra disse sobre o fato. — Esse homem parece ter uma obsessão permanente por se vingar de todos os que estiveram envolvidos naquele caso. Essa gente não descansa enquanto não se vinga, mas não entendo por que tanto ressentimento: ele conseguiu o que queria no tribunal, não foi?

— Acho que eu entendo — disse Atticus. — No fundo, ele sabe que poucas pessoas em Maycomb acreditam no que ele e Mayella disseram. Ele pensou que fosse virar um herói, mas a única coisa que conseguiu foi: "Está bem, vamos condenar esse negro, mas volte para o seu lixão." Ele já brigou com todo mundo, devia estar satisfeito. Vai sossegar quando mudar a estação.

— Mas por que ele ia querer assaltar a casa do juiz Taylor? Ele obviamente não sabia que o juiz estava em casa, senão não teria tentado. Nos domingos, as únicas luzes que John deixa acesas são as da varanda da frente e a do escritório…

— Você não sabe se Bob Ewell cortou mesmo a tela daquela porta, ninguém sabe quem foi — disse Atticus. — Mas posso imaginar. Mostrei que ele é um mentiroso, mas John Taylor fez ele parecer um idiota. Durante todo o depoimento de Ewell, eu não conseguia olhar para John sem ter vontade de rir. John olhava para ele como se ele fosse uma galinha de três pernas saída de um ovo quadrado. Não venha me dizer que os juízes não tentam influenciar os jurados… — concluiu Atticus, rindo.

No final de outubro, nossa vida voltou à rotina de sempre: ir à escola, brincar, estudar. Jem parecia ter tirado da cabeça o que quer que fosse que queria esquecer e nossos colegas tiveram a bondade de não nos lembrar das excentricidades de nosso pai. Um dia, Cecil Jacobs me perguntou se Atticus era um radical. Quando perguntei a Atticus, ele achou tanta graça que fiquei irritada, mas ele explicou que não estava rindo de mim:

— Diga a Cecil que sou tão radical quanto Cotton Tom Heflin.

Tia Alexandra prosperava. Parecia que a srta. Maudie tinha silenciado toda a Sociedade Missionária de um golpe só, pois tia Alexandra voltou a reinar no galinheiro. Os refrescos que ela oferecia ficaram ainda mais deliciosos. E aprendi mais sobre a vida social dos pobres mrunas com a sra. Merriweather: eles tinham tão pouca noção de família que a tribo inteira era uma grande família. As crianças eram filhas de todos os homens e de todas as mulheres da comunidade. J. Grimes Everett estava fazendo o possível para mudar isso e precisava desesperadamente de nossas orações.

Maycomb tinha voltado a ser como sempre foi. Exatamente a mesma que no ano anterior e no outro, com apenas duas pequenas mudanças. Primeiro, as pessoas tinham retirado das vitrines das lojas e dos vidros dos carros o adesivo PLANO DE RECUPERAÇÃO NACIONAL — NÓS FAZEMOS A NOSSA PARTE. Perguntei o motivo para Atticus e ele respondeu que o Plano de Recuperação Nacional tinha acabado. Perguntei quem tinha acabado com ele e ele disse que foram nove velhos.

A segunda mudança em Maycomb desde o ano anterior não teve abrangência nacional. Até então, o Dia das Bruxas em Maycomb era um evento totalmente desorganizado. Cada criança fazia o que bem entendesse e se ajudavam quando havia alguma tarefa pesada, como colocar uma pequena charrete no telhado da cocheira municipal. Mas os pais tinham chegado à conclusão de que as coisas tinham ido longe demais no ano anterior, depois que as crianças tiraram o sossego das srta. Tutti e da srta. Frutti.

As srtas. Tutti e Frutti Barber eram duas irmãs solteironas que moravam na única casa da cidade que tinha porão. Dizia-se que as Barber eram republicanas, tendo vindo de Clanton, no Alabama, em 1911. Tinham hábitos diferentes dos nossos e ninguém sabia para que queriam um porão, mas quiseram, construíram um e passaram o resto da vida expulsando de lá gerações sucessivas de crianças.

Além de terem hábitos ianques, as duas (que na verdade se chamavam Sarah e Francis) eram surdas. A srta. Tutti negava e vivia em um mundo de silêncio, mas a srta. Frutti não queria perder nada do que acontecesse e usava uma corneta acústica tão grande que Jem dizia que era como o alto-falante de uma daquelas vitrolas de uma marca cujo desenho era um cachorro ouvindo num megafone.

Considerando tudo isso e com a proximidade do Dia das Bruxas, alguns garotos levados esperaram as duas irmãs irem dormir, entraram na sala (só os Radley trancavam a porta de casa à noite) e levaram todos os móveis para o porão. Juro que não participei disso.

— Eu ouvi tudo! — foi o grito que acordou os vizinhos delas na manhã seguinte. — Ouvi quando pararam um caminhão na porta da frente! Fizeram um barulho dos infernos. A essa hora já devem estar em Nova Orléans!

A srta. Tutti tinha certeza que os móveis tinham sido levados pelos vendedores ambulantes de peles que chegaram à cidade dois dias antes.

— Eram morenos, deviam ser sírios — disse ela.

O sr. Heck Tate foi chamado. Olhou a área e concluiu que o autor era da região. A srta. Frutti disse que reconheceria a voz de um nativo de Maycomb em qualquer lugar e que as vozes na sala na noite anterior não eram de gente dali, pois tinham um sotaque bem carregado. E que só com cães treinados poderiam localizar a mobília delas. Insistiu e o sr. Tate se viu obrigado a percorrer quinze quilômetros para buscar os cães farejadores e colocá-los na trilha dos meliantes.

O sr. Tate soltou-os nos degraus da escada das duas irmãs, mas eles apenas correram para trás da casa e começaram a latir na porta do porão. Depois de soltar os cães três vezes, o sr. Tate finalmente entendeu. Lá pelo meio-dia, não havia uma só criança descalça na cidade e todo mundo ficou de sapato até os cachorros irem embora.

Por isso, as senhoras da cidade disseram que naquele ano as coisas iam ser diferentes. O auditório do ginásio seria aberto e haveria um desfile para os adultos e brincadeiras para as crianças, como pegar maçã com a boca, puxar massa de bala puxa-puxa e espetar o rabo no burro. Também haveria um prêmio de vinte e cinco centavos para quem criasse e desfilasse a melhor fantasia de Dia das Bruxas.

Jem e eu reclamamos. Não porque tivéssemos feito nada de errado, mas por uma questão de princípio. De qualquer modo, Jem se considerava velho demais para Dia das Bruxas e garantiu que não chegaria nem perto do ginásio. Bem, pensei, Atticus ia me levar.

Mas logo fiquei sabendo que meus serviços tinham sido solicitados no palco. A sra. Grace Merriweather concebeu um desfile intitulado *Condado de Maycomb: ad astra per aspera,* no qual eu faria o papel de presunto. Ela achou que seria maravilhoso se as crianças desfilassem fantasiadas dos produtos agropecuários do condado. Assim, Cecil Jacobs iria de vaca, Agnes Boone seria uma adorável feijão-manteiga, outra criança seria um amendoim e assim por diante até a imaginação da sra. Merriweather e o número de crianças se esgotarem.

Pelo que entendi nos dois ensaios, nossa única atribuição seria entrar no palco pela esquerda, enquanto a sra. Merriweather (autora e apresentadora do texto) identificava cada um. Quando ela dissesse "porco", era a minha deixa. Depois que todos estivessem no palco, cantaríamos *Condado de Maycomb, condado de Maycomb, a ti seremos sempre fiéis* como o *grand finale*, e a sra. Merriweather entraria no palco com a bandeira do Alabama.

Minha fantasia não chegou a ser problema. A costureira da cidade, sra. Crenshaw, era tão criativa quanto a sra. Merriweather. Pegou um arame de galinheiro e dobrou-o na forma de um presunto defumado. Depois, cobriu com um pano marrom e pintou-o conforme o original. Eu entraria na armação por baixo e alguém me ajudaria a ajustar o negócio cabeça abaixo. A fantasia ia quase até os meus joelhos. A sra. Crenshaw teve a excelente ideia de deixar dois buracos para eu enxergar. Ela fez um ótimo trabalho: Jem disse que eu estava igualzinha a um presunto com pernas. Mas havia alguns desconfortos: a roupa era quente e apertada; eu não poderia coçar o nariz se precisasse e só conseguiria sair da roupa com ajuda.

No Dia das Bruxas, achei que toda a família iria assistir a minha apresentação, mas me enganei. Atticus disse, com o maior tato possível, que não aguentaria assistir um desfile naquela noite, estava muito cansado. Tinha passado a semana em Montgomery e chegara no final da tarde. Jem poderia me levar, se eu pedisse.

Tia Alexandra explicou que precisava dormir cedo, pois tinha passado a tarde arrumando o cenário da apresentação e estava exausta — parou no meio da frase. Fechou a boca, abriu para dizer alguma coisa, mas não encontrou as palavras.

— O que foi, tia? — perguntei.

— Ah, nada, nada. Só tive um arrepio de pressentimento — ela respondeu. Deixou de lado a causa do arrepio e sugeriu que eu fizesse uma prévia do espetáculo para a família na sala. Então, Jem me enfiou na fantasia, ficou na porta da sala e chamou "poooor-co" exatamente como a sra. Merriweather faria. Entrei em cena. Atticus e tia Alexandra adoraram.

Repeti tudo na cozinha e Calpúrnia disse que eu estava maravilhosa. Eu quis atravessar a rua para mostrar à srta. Maudie mas Jem disse que ela certamente estaria no auditório.

Depois disso, já não me importava se eles iam ou não. Jem disse que ia me levar. E esse foi o começo da nossa mais longa jornada juntos.

28

O tempo estava estranhamente quente para o último dia de outubro. Nem sequer precisamos de casacos. O vento estava ficando mais forte e Jem disse que talvez chovesse antes de chegarmos em casa. Não havia lua.

O poste da esquina projetava sombras estranhas sobre a casa dos Radley. Jem riu baixinho.

— Aposto que esta noite ninguém vai incomodar os Radley — ironizou.

Jem carregava minha fantasia de presunto, meio desajeitado, já que era pesada para eu levar. Achei uma gentileza da parte dele.

— Mas é um lugar assustador, não acha? Boo não quer fazer mal a ninguém, mas fico contente por você estar comigo — eu disse.

— Você sabe que Atticus não deixaria você ir até a escola sozinha — disse Jem.

— Não sei por que, é só virar a esquina e passar pelo pátio.

— É um pátio enorme para uma menininha atravessar à noite. Não tem medo de assombrações? — perguntou, para me irritar.

Rimos.

— Assombrações, vapores quentes, encantamentos, sinais secretos, aquela coisa toda — lembrou Jem. — *Anjo da luz, vivo na morte, saia da estrada, não leve a minha sorte.*

— Pare com isso agora — mandei. Estávamos na frente da casa dos Radley.

— Boo não deve estar em casa. Ouça — Jem disse.

No escuro, bem lá no alto, um solitário rouxinol exibia satisfeito seu repertório, sem saber quem era o dono da árvore onde se empoleirava. Passava do agudo *qui-qui-qui* do pássaro-girassol para o irritante *qua-ack* de um gaio, terminando no lamento solitário do noitibó, *puu-i*, *puu-i*.

Quando viramos a esquina, tropecei numa raiz na calçada. Jem tentou me ajudar, mas acabou derrubando minha fantasia no chão. Recuperei o equilíbrio e continuamos nosso caminho.

Saímos da estrada e entramos no pátio da escola. Estava escuro como breu.

— Como você sabe onde estamos, Jem? — perguntei, após avançarmos alguns passos.

— Sei que estamos embaixo do grande carvalho porque estamos passando por um lugar frio. Cuidado para não tropeçar de novo.

Tínhamos reduzido o passo e estendíamos as mãos à nossa frente para não batermos nas árvores. A árvore era um velho e solitário carvalho com um tronco tão largo que duas crianças juntas não conseguiriam abraçá-lo. Ficava longe dos professores, dos espiões deles e dos vizinhos curiosos e perto do quintal dos Radley, mas eles não eram curiosos. Em um pequeno espaço embaixo do carvalho a terra era mais compactada e firme devido às inúmeras brigas e jogos de dados realizados ali às escondidas.

As luzes no auditório do ginásio brilhavam ao longe, mas em vez de nos ajudarem nos cegavam.

— Não olhe para a frente, Scout, olhe para o chão para não cair — recomendou Jem.

— Você devia ter trazido a lanterna, Jem.

— Não sabia que estava tão escuro. De tarde, não parecia que ia ficar assim. É porque está bem nublado, mas acho que passa logo.

Alguém pulou diante de nós.

— Santo Deus! — exclamou Jem.

Um círculo de luz iluminou nosso rosto e, atrás dele, Cecil Jacobs dava pulos de satisfação.

— Peguei vocês! Achei que vinham por aqui! — ele berrou.

— O que faz sozinho nesse lugar, garoto? Não tem medo de Boo Radley?

Cecil tinha ido para o auditório de carro com os pais e, como não nos viu, foi até lá porque tinha certeza de que passaríamos por ali. Mas pensou que o sr. Finch estaria conosco.

— Ora, é só virar a esquina — disse Jem. — Quem tem medo de dobrar a esquina?

Mas tínhamos de reconhecer que Cecil tinha se saído muito bem. Conseguiu nos dar um belo susto e tinha o direito de contar isso para a escola inteira.

— Ei, você não vai fazer o papel de vaca? Cadê a sua fantasia? — perguntei.

— Está no camarim. A sra. Merriweather disse que o desfile ainda vai demorar um pouco para começar. Você pode guardar a sua fantasia com a minha e podemos ir ficar com os outros.

Jem achou a ideia excelente. Também achou ótimo que Cecil e eu ficássemos juntos, assim ele podia ficar com os meninos da idade dele.

Quando chegamos ao auditório, a cidade inteira estava lá, menos Atticus, as senhoras exaustas de tanto decorar o palco, os párias e os reclusos de sempre. Parecia que o condado inteiro tinha ido: o saguão estava lotado de camponeses com suas melhores roupas. O prédio do ginásio tinha um amplo corredor no térreo, onde as pessoas circulavam por barracas instaladas dos dois lados.

— Ah, Jem, esqueci de trazer dinheiro — lastimei, quando vi as barracas.

— Mas Atticus não esqueceu. Tome trinta centavos, dá para fazer seis coisas. A gente se encontra mais tarde — disse Jem.

— Tudo bem — aceitei, muito satisfeita com trinta centavos e a companhia de Cecil. Fomos para o auditório, entramos por uma porta lateral e chegamos ao camarim. Livrei-me da minha fantasia de presunto e saí correndo, pois a sra. Merriweather estava num pódio na frente da primeira fila, fazendo mudanças de última hora no roteiro, frenética.

— Quanto dinheiro você tem? — perguntei a Cecil.

Ele também tinha trinta centavos, estávamos na mesma. Gastamos os primeiros centavos na Casa dos Horrores, que não nos assustou nada: entramos na sala escura do sétimo ano e fomos conduzidos pelo fantasma em exercício, que nos mandou tocar em vários objetos que, segundo ele, eram partes do corpo humano.

— Estes são os olhos — disse uma voz quando tocamos em duas uvas sem casca num pires.

— Este é o coração — disse diante de uma coisa que parecia fígado cru.

— Estas são as tripas. — E nossas mãos foram enfiadas num punhado de espaguete frio.

Cecil e eu passamos por várias barracas. Cada um comprou um saco de suspiros feitos pela esposa do juiz Taylor. Eu queria brincar de pegar com a boca maçãs boiando na tigela, mas Cecil disse que não era higiênico. A mãe dele tinha dito que aquela brincadeira podia transmitir doenças.

— Ah, mas não tem nenhuma doença para pegar na cidade — reclamei, mas a mãe de Cecil tinha dito também que era anti-higiênico colocar a boca no mesmo lugar que outras pessoas. Perguntei depois para tia Alexandra e ela disse que gente que pensava assim costumava ser novos-ricos.

Estávamos prestes a comprar um pedaço de bala puxa-puxa quando os ajudantes da sra. Merriweather apareceram

mandando todo mundo ir para o camarim, pois estava na hora de se arrumar para o desfile. O auditório estava lotado e a banda do Ensino Médio do Condado Maycomb estava a postos na frente do palco. O palco estava iluminado por holofotes e a cortina de veludo vermelho ondulava e se agitava com a confusão por trás dela.

No camarim, Cecil e eu entramos no corredor estreito e cheio: adultos usavam chapéus de três pontas feitos em casa, bonés confederados, boinas da guerra hispano-americana e capacetes da Primeira Guerra. As crianças fantasiadas de produtos agropecuários se amontoavam em volta de uma pequena janela.

— Amassaram a minha fantasia — reclamei, aborrecida. A sra. Merriweather veio correndo, ajeitou o arame de galinheiro e me enfiou dentro da fantasia de presunto.

— Está tudo bem aí dentro, Scout? — perguntou Cecil. — Sua voz está tão longe que parece que você está do outro lado de uma colina.

— A sua voz também está longe.

A banda tocou o hino nacional e ouvimos a plateia se levantar. Os tambores rufaram. A sra. Merriweather, no estrado ao lado da banda, declarou:

— *Condado de Maycomb: ad astra per aspera.*

Os tambores rufaram de novo.

— Isso quer dizer — traduziu a sra. Merriweather para os menos letrados — "por caminhos difíceis, chegamos às estrelas". — E acrescentou, o que achei desnecessário: — Um desfile.

— Se ela não dissesse, eles não saberiam — cochichou Cecil e imediatamente alguém mandou ele ficar quieto.

— A cidade inteira sabe — sussurrei.

— Mas os camponeses também vieram — lembrou Cecil.

— Fiquem quietos — mandou uma voz masculina. E nós nos calamos.

O tambor rufava a cada frase da sra. Merriweather. Num tom lamentoso, ela contou que o condado Maycomb era mais antigo que o estado, que tinha sido parte dos territórios do Mississippi e do Alabama; que o primeiro branco a pôr os pés naquelas florestas virgens tinha sido um antepassado do juiz de sucessões, cinco gerações antes, e nunca mais se teve notícia dele. Depois veio o destemido coronel Maycomb, que deu nome ao condado.

Andrew Jackson nomeou o coronel para um cargo importante, mas o excesso de autoconfiança e seu péssimo senso de orientação foram um desastre para todos que o acompanharam nas batalhas contra os índios creek. O coronel perseverou em seus esforços para tornar a região segura para a democracia, porém sua primeira campanha foi também a última. As ordens, levadas até ele por um mensageiro índio de confiança, eram para que o coronel se deslocasse para o sul. Depois de examinar o líquen de uma árvore para saber em que direção ficava o sul e sem dar ouvidos aos subordinados que ousaram contradizê-lo, o coronel partiu em uma jornada resoluta para acabar com o inimigo, embrenhando suas tropas de tal forma na floresta primitiva a noroeste que acabaram sendo resgatados por colonos que iam para o interior.

A sra. Merriweather passou meia hora descrevendo as proezas do coronel. Descobri que, se dobrasse as pernas, podia enfiá-las dentro da fantasia e me sentar. Sentei, fiquei ouvindo a lenga-lenga da sra. Merriweather, o rufar do tambor e em pouco tempo estava dormindo.

Depois me disseram que a sra. Merriweather deu tudo de si no final apoteótico e chamou, suave, "Por-co" com a segurança de quem tinha sido prontamente atendida por pinheiros e feijões-manteiga, que entraram em fila no palco. Esperou alguns segundos e repetiu: "Poor-co?" Como nada aconteceu, ela berrou: "Porco!"

Eu devo tê-la ouvido no meu sono, ou acordei com a banda tocando *Dixie,* mas foi só quando a sra. Merriweather subiu ao palco, carregando, vitoriosa, a bandeira do Estado, que decidi entrar. Decidir não é o termo apropriado: achei que era melhor me juntar aos outros.

Mais tarde me disseram que o juiz Taylor foi para o fundo do auditório e ficou lá rindo e batendo nos joelhos com tanta força que a mulher dele teve de levar um copo d´ água e uma de suas pílulas.

A apresentação da sra. Merriweather parecia ter sido um sucesso, pois todo mundo batia palmas entusiasmadas, mas ela me pegou no camarim e disse que eu tinha arruinado o desfile. Fiquei me sentindo mal, mas quando Jem veio me pegar, ele foi compreensivo. Disse que, do lugar onde estava, não via direito a minha fantasia. Não sei como Jem descobriu que eu estava chateada dentro da fantasia, mas ele disse também que minha atuação tinha sido boa, só tinha entrado um pouco atrasada, mais nada. Jem estava ficando quase tão bom quanto Atticus em matéria de fazer eu me se sentir melhor quando as coisas davam errado. Quase, porque nem ele podia me fazer enfrentar aquele monte de gente, então aceitou esperar comigo no camarim até todo mundo ir embora.

— Quer tirar a fantasia, Scout? — ele perguntou.

— Não, vou ficar com ela. — Assim eu podia esconder o meu constrangimento.

— Querem uma carona para casa? — alguém perguntou.

— Não, senhor, obrigado, é perto — Jem respondeu.

— Cuidado com as assombrações. Ou melhor, diga às assombrações para tomarem cuidado com a Scout.

— Já foi quase todo mundo embora. Vamos — disse Jem para mim.

Passamos pelo auditório até a entrada e descemos a escada. Continuava escuro como breu. Os faróis dos carros estacionados do outro lado do prédio iluminavam pouco.

— Se alguns desses carros fossem na mesma direção que nós, enxergaríamos melhor. Vem, Scout, deixa eu segurar na sua… perna de porco. Você pode se desequilibrar.

— Estou enxergando bem.

— Tudo bem, mas pode perder o equilíbrio.

Senti uma leve pressão na cabeça e achei que Jem tinha segurado no alto do presunto.

— Está me segurando?

— *Rã-rã.*

Começamos a atravessar o pátio escuro da escola, fazendo um esforço para enxergar nossos pés.

— Jem, esqueci os sapatos no camarim atrás do palco.

— Vamos buscar, então.

Mas quando nos viramos, as luzes do auditório se apagaram.

— Você pode pegar amanhã — disse ele.

— Mas amanhã é domingo — protestei quando Jem me virou na direção de casa.

— Pode pedir ao vigia para deixar você entrar… Scout?

— O que foi?

— Nada.

Jem fazia isso há tempos. Eu me perguntei no que ele devia estar pensando. Quando quisesse, ele me diria o que era, provavelmente quando chegássemos em casa. Senti os dedos dele apertarem o topo da minha fantasia com muita força. Balancei a cabeça.

— Jem, não precisa…

— Fica quieta um minuto, Scout — ele disse, me dando um beliscão.

Andamos em silêncio.

— O minuto passou — avisei. — O que você está pensando?

Virei-me para ele, mas mal dava para ver sua silhueta.

— Acho que ouvi algo. Pare um minuto.

Paramos.

— Está ouvindo alguma coisa? — ele perguntou.

— Não.

Mal demos cinco passos e ele me obrigou a parar de novo.

— Jem, está querendo me assustar? Você sabe que não tenho mais idade…

— Quieta — ele disse, e vi que estava falando sério.

A noite estava silenciosa. Dava para ouvir a respiração dele ao meu lado. De vez em quando, uma brisa leve batia nas minhas pernas nuas, embora fosse tudo que restava da previsão de ventania. Era a calmaria antes da tempestade. Ficamos ouvindo.

— Ouço um cachorro latindo — eu disse.

— Não é isso. Ouvi alguma coisa enquanto estávamos andando, mas quando paramos não ouvi mais — disse Jem.

— É o farfalhar da minha fantasia. E está impressionado porque é Dia das Bruxas...

Eu disse isso mais para convencer a mim mesma do que a Jem, porque, quando começamos a andar, ouvi o som do qual ele tinha falado. Não era da minha fantasia.

— É só o palerma do Cecil. Dessa vez não vai nos dar um susto. Não vamos deixar ele pensar que estamos nos apressando por medo — disse Jem, por fim.

Diminuímos o passo. Perguntei a Jem como Cecil podia nos seguir naquela escuridão; eu achava que ele ia esbarrar com a gente por trás.

— Consigo ver você, Scout — disse Jem.

— Como? Eu não consigo ver você.

— As marcas de gordura da sua fantasia estão brilhando. A sra. Crenshaw pintou a sua fantasia com aquelas coisas brilhantes para reluzirem sob os holofotes. Estou vendo você, o Cecil também deve estar, pelo menos o suficiente para manter a distância.

Resolvi mostrar a Cecil que sabíamos que ele estava atrás de nós e estávamos prontos para enfrentá-lo.

— Cecil Jacobs é uma galinha molhada! — berrei, virando para trás de repente.

Paramos. Não houve resposta, a não ser o final de *molhada* ecoando no muro da escola.

— Vou pegar ele. Ei! — disse Jem.

Ei, respondeu o muro da escola.

Era pouco provável que Cecil se segurasse por tanto tempo. Quando ele inventava uma brincadeira, repetia sem parar, já devia ter pulado em cima de nós. Jem fez sinal para eu parar de novo. Perguntou baixinho:

— Scout, você consegue tirar esse negócio?

— Acho que sim, mas estou quase sem roupa por baixo.

— Eu trouxe o seu vestido.

— Não consigo vestir no escuro.

— Tudo bem, deixa pra lá.

— Jem, você está com medo?

— Não, acho que estamos quase chegando na árvore. Mais alguns metros e chegamos na estrada. Então teremos a luz dos postes.

Jem falava em um tom lento e inexpressivo, e fiquei pensando por quanto tempo ele ia tentar manter a farsa de Cecil.

— Jem, acha que devemos cantar?

— Não, fique bem quieta de novo, Scout.

Seguíamos no mesmo passo. Jem sabia tanto quanto eu que, se corrêssemos, podíamos dar uma topada, tropeçar em pedras e ter outros inconvenientes. Além do mais, eu estava descalça. Vai ver que o som era do vento batendo nas árvores. Mas não estava ventando, nem havia árvores, só o grande carvalho.

A pessoa que nos seguia arrastava os pés, como se usasse sapatos pesados. Quem quer que fosse, usava calças de algodão grosso; o que eu tinha achado que eram folhas de árvores era o ruído suave de algodão roçando em algodão, *uíque*, *uíque* a cada passo.

Senti a areia ficar mais fria sob meus pés e soube que estávamos perto do grande carvalho. Jem apertou o alto da minha fantasia. Paramos e escutamos.

Dessa vez, os pés arrastados continuaram andando. As calças roçavam suaves e firmes. Depois, pararam. Ele vinha correndo, correndo na nossa direção, e não eram passos de criança.

— Corra, Scout, corra! Corra! — berrou Jem.

Dei um passo enorme e cambaleei: no escuro e sem poder estender os braços, perdi o equilíbrio.

— Jem, Jem, me ajude, Jem!

Alguma coisa amassou o arame da minha fantasia. Ouvi o barulho de metal batendo em metal, caí e fui rolando, tentando escapar da minha prisão de arame. De algum lugar próximo veio o som de luta, chutes, sapatos e corpos se arrastando contra a terra e as raízes. Alguém rolou para cima de mim e vi que era Jem. Rápido, ele se levantou e me puxou junto, mas, apesar de estar com a cabeça e os ombros livres, meus movimentos estavam tão restritos que não conseguimos ir muito longe.

Estávamos quase na estrada quando senti a mão de Jem me soltar e ouvi ele cair de costas. Mais barulho de luta, depois alguma coisa estalou e Jem deu um grito.

Corri na direção do grito dele e bati na barriga flácida de um homem. O dono da barriga fez *uf!* e tentou me segurar, mas meus braços estavam presos sob o arame. A barriga dele era macia, mas os braços eram duros como aço. Lentamente ele começou a apertar a minha garganta e me sufocar. Eu não conseguia me mexer. De repente, ele caiu para trás, se esparramou no chão e quase me levou junto. Pensei: Jem se levantou.

Às vezes, a mente de uma pessoa funciona bem devagar. Atordoada, fiquei lá, sem dizer nada. Os sons de luta foram diminuindo, alguém respirava pesado e a noite voltou a ficar silenciosa.

Silenciosa exceto pela respiração ofegante de um homem aos tropeços. Achei que ele tinha ido até a árvore e se apoiado nela. Ele tossia violentamente, uma tosse soluçante, que fazia os ossos tremerem.

— Jem?

A única resposta foi a respiração pesada do homem.

— Jem?

Jem não respondeu.

O homem começou a se mover como se estivesse procurando algo. Ouvi-o grunhir e arrastar uma coisa pesada pelo chão. Aos poucos, fui me dando conta de que havia quatro pessoas embaixo da árvore.

— Atticus…?

O homem andava pesado e desnorteado em direção à estrada.

Fui até onde achei que ele estivesse e tateei o chão com os pés. Toquei em alguém.

— Jem?

Meus pés tocaram numa calça, numa fivela de cinto, em botões, em algo que não consegui identificar, num colarinho, num rosto. O rosto barbado me disse que não era Jem. Senti cheiro de uísque barato.

Fui andando na direção que eu achava que era a estrada. Não tinha certeza, porque tinha dado várias voltas. Mas achei a estrada e olhei em direção ao poste. Um homem estava passando embaixo dele. Andava com os passos incertos de quem carregava alguma coisa muito pesada. Ia virar a esquina. Estava carregando Jem, cujo braço balançava de forma estranha à sua frente.

Quando cheguei à esquina, o homem estava atravessando nosso jardim. Atticus ficou emoldurado pela luz da porta por um instante, desceu a escada e, junto com o homem, carregou Jem para dentro.

Cheguei na porta da frente quando eles entravam pelo corredor. Tia Alexandra correu ao meu encontro.

— Chame o dr. Reynolds! — disse Atticus, ríspido, do quarto de Jem. — Onde está Scout?

— Está aqui — respondeu tia Alexandra, me puxando com ela até o telefone. Ela me apalpava, preocupada.

— Estou bem, tia. É melhor você telefonar — eu disse.

Ela tirou o fone do gancho e disse:

— Eula May, me ligue com o dr. Reynolds, rápido!

— Agnes, seu pai está em casa? Ah, meu Deus, aonde ele foi? Por favor, diga para ele vir aqui o mais rápido possível. Por favor, é urgente!

Tia Alexandra não precisou se identificar, em Maycomb todo mundo conhecia a voz de todo mundo.

Atticus saiu do quarto de Jem. Assim que tia Alexandra desligou, Atticus pegou o fone da mão dela. Bateu no gancho e disse:

— Eula May, me ligue com o xerife, por favor.

— Heck? Aqui é Atticus Finch. Alguém atacou meus filhos, Jem está ferido. No caminho da escola para casa. Tenho de ficar com meu filho. Por favor, vá ver se a pessoa ainda está por lá. Não creio que esteja, mas gostaria de vê-lo, se você o encontrar. Preciso desligar. Obrigado, Heck.

— Atticus, Jem está morto?

— Não, Scout. Irmã, cuide dela — pediu, saindo pelo corredor.

As mãos de tia Alexandra tremiam enquanto ela tirava minha fantasia amassada e retorcida.

— Está se sentindo bem, querida? — perguntou várias vezes enquanto me libertava.

Foi um alívio tirar aquela roupa. Meus braços estavam começando a formigar e estavam cobertos de pequenas manchas vermelhas. Esfreguei-as e melhorou.

— Tia, Jem morreu?

— Não… não, querida, só está inconsciente. Só vamos saber o estado dele depois que o dr. Reynolds chegar. Jean Louise, o que aconteceu?

— Não sei.

Ela não insistiu. Trouxe uma roupa para mim e, se minha cabeça estivesse funcionando naquela hora, eu nunca a teria deixado esquecer: distraída, ela me levou o meu macacão.

— Vista isso, querida — ela disse, me entregando a roupa que mais detestava.

Foi rápido até o quarto de Jem, depois voltou, me deu um tapinha carinhoso e foi para o quarto de Jem outra vez.

Um carro parou na frente da casa. Eu conhecia os passos do dr. Reynolds quase tão bem quanto os do meu pai. Ele tinha nos trazido ao mundo, Jem e eu, nos tratou de todas as doenças infantis conhecidas pelo homem, inclusive quando Jem caiu da casa na árvore, e nunca deixou de ser nosso amigo. O dr. Reynolds dizia que, se tivéssemos tendência a ter pústulas,

furúnculos e coisas do gênero, nossa relação seria diferente, mas nós não acreditávamos.

Ele entrou pela porta e exclamou:

— Meu Deus. — Veio na minha direção, disse "você ainda está de pé" e virou as costas. Conhecia a casa toda e sabia que, se eu estava mal, Jem também estava.

Séculos depois, o dr. Reynolds voltou:

— Jem está morto? — perguntei.

— Longe disso — ele respondeu, se agachando diante de mim. — Está com um galo na cabeça como você e com o braço quebrado. Scout, olhe para lá; não, sem virar a cabeça, mexa só os olhos. Olhe para longe. Ele teve uma fratura grave, acho que no cotovelo. Como se alguém tivesse tentado arrancar o braço dele… Agora, olhe para mim.

— Então ele não morreu?

— Nã-ã-ão! — o dr. Reynolds se levantou. — Não podemos fazer muito agora à noite além de deixá-lo confortável. Vamos ter que radiografar o braço, acho que vai ter de engessar por um tempo. Mas não se preocupe, ele vai ficar novo em folha. Meninos da idade dele se recuperam logo.

Enquanto falava, o dr. Reynolds olhava bem para mim, tocando de leve o galo na minha testa.

— Você não está se sentindo quebrada em nenhum lugar, está?

Ri da piadinha dele.

— Então, você não acha que Jem morreu? — insisti.

Ele colocou o chapéu.

— Claro que posso estar enganado, mas acho que está bem vivo. Tem todos os sinais vitais. Vá lá dar uma olhada nele e, quando eu voltar, nós nos reunimos para dar o diagnóstico.

O dr. Reynolds tinha um andar jovem e rápido. Já o sr. Heck Tate, não. As pesadas botas dele castigaram o assoalho da varanda. Ele abriu a porta, desajeitado, e entrou perguntando a mesma coisa que o dr. Reynolds:

— Você está bem, Scout?

— Está. Vou ver o Jem. Atticus está lá com ele.

— Vou com você — disse o sr. Tate.

Tia Alexandra tinha colocado uma toalha em cima do abajur de Jem e o quarto estava na penumbra. Jem estava deitado e tinha uma marca feia no rosto. O braço esquerdo estava afastado do corpo e o cotovelo estava meio dobrado, mas na direção errada. Jem estava de cenho franzido.

— Jem…?

Atticus respondeu por ele:

— Ele não pode ouvir você, Scout, está apagado como uma luz. Estava voltando à consciência, mas o dr. Reynolds tirou-o do ar novamente.

— Sei — eu disse, dando um passo atrás.

O quarto de Jem era grande e quadrado. Tia Alexandra estava numa cadeira de balanço ao lado da lareira. O homem que tinha levado Jem para casa estava num canto, encostado na parede. Era um camponês que eu não conhecia. Devia ter ido ver o desfile e estava por perto quando tudo aconteceu. Provavelmente ouviu os gritos e foi correndo ajudar.

Atticus estava ao lado da cama de Jem.

O sr. Heck estava parado na porta, com o chapéu na mão e uma lanterna saindo do bolso da calça. Usava uniforme de xerife.

— Entre, Heck — disse papai. — Descobriu alguma coisa? Não entendo como alguém pode ser tão desprezível a ponto de fazer uma coisa dessas. Espero que você o encontre.

O sr. Tate fungou. Olhou rapidamente para o homem no canto, cumprimentou-o com a cabeça e olhou em volta, para Jem, tia Alexandra, depois Atticus.

— Sente-se, sr. Finch — ele disse, afável.

Atticus convidou:

— Vamos todos nos sentar. Fique com aquela cadeira, Heck. Vou pegar outra na sala.

O sr. Tate sentou-se na cadeira da escrivaninha de Jem. Esperou Atticus voltar da sala e se acomodar. Fiquei pensando por que papai não tinha levado uma cadeira para o homem que estava no canto, mas ele conhecia as pessoas do campo melhor do que eu. Atticus tinha alguns clientes que eram do campo; amarravam seus cavalos orelhudos embaixo dos cinamomos do quintal e Atticus se reunia com eles na escada dos fundos. Aquele homem devia se sentir mais à vontade como estava.

— Sr. Finch, vou dizer o que achei — disse o sr. Tate. — Um vestido de menina… está lá no carro. É seu, Scout?

— Sim, senhor, se for cor-de-rosa, bordado com casinhas de abelha — respondi.

O sr. Tate parecia estar no banco de testemunhas. Gostava de falar as coisas do jeito dele, sem ser interrompido pela defesa ou pela acusação, e às vezes isso demorava.

— Encontrei também uns pedaços de pano marrons esquisitos…

— Eram da minha fantasia, sr. Tate.

O sr. Tate passou as mãos pelas coxas, esfregou o braço esquerdo e observou a cornija da lareira de Jem, depois a lareira. Passou os dedos pelo nariz comprido.

— O que foi, Heck? — perguntou Atticus.

O sr. Heck levou a mão ao pescoço e coçou-o.

— Bob Ewell está estirado embaixo da árvore, com uma faca de cozinha enfiada nas costelas. Ele está morto, sr. Finch.

29

Tia Alexandra levantou-se e apoiou-se na cornija da lareira. O sr. Tate levantou-se para ajudá-la, mas ela o dispensou. Pela primeira vez na vida, a cortesia instintiva de Atticus não funcionou e ele continuou sentado.

Eu só conseguia pensar no sr. Bob Ewell dizendo que ia se vingar de Atticus, mesmo que fosse a última coisa que faria. Quase conseguiu e foi a última coisa que fez.

— Tem certeza? — perguntou Atticus, desolado.

— Ele está morto — garantiu o sr. Tate. — Mortinho da silva. Não vai mais fazer mal a essas crianças.

— Não foi isso que eu quis dizer — apartou Atticus, como um sonâmbulo. Ele estava começando a mostrar a idade, seu único sinal de inquietação: a linha forte do queixo tinha perdido um pouco a força, dava para notar rugas reveladoras se formando e as mechas grisalhas nas têmporas se destacavam em meio aos cabelos pretos.

— Não acham melhor irmos para a sala? — perguntou finalmente tia Alexandra.

— Se me permite e se não incomodar Jem, prefiro ficar aqui. Quero dar uma olhada nos ferimentos dele enquanto Scout... nos conta como foi — disse o sr. Tate.

— Posso me retirar? Acho que estou sobrando aqui — disse tia Alexandra. — Se precisar de mim, estou no meu quarto, Atticus. — Ela se encaminhou para a porta mas parou e disse: — Atticus, tive um pressentimento sobre essa noite... Eu... A culpa é minha, eu devia...

O sr. Tate levantou a mão.

— Pode ir, srta. Alexandra, sei que foi um choque para a senhora. E não se preocupe com nada; se fossemos ouvir os nossos pressentimentos toda vez que temos um ficaríamos como gatos correndo atrás do próprio rabo... Srta. Scout, veja se consegue nos contar o que houve enquanto as lembranças estão frescas. Acha que consegue? Viram Bob seguindo vocês?

Fui até Atticus e ele me abraçou. Enfiei o rosto no colo dele.

— Nós estávamos voltando para casa quando avisei a Jem que eu tinha esquecido os sapatos na escola. Íamos voltar para pegar, mas as luzes se apagaram e Jem disse para eu pegar amanhã...

— Scout, fale mais alto para o sr. Tate ouvir — pediu Atticus. Sentei no colo dele.

— Jem disse para ficarmos quietos um instante. Achei que ele estava pensando, sempre pede silêncio para pensar. Ele então disse que tinha ouvido algo. Pensamos que fosse Cecil.

— Quem é Cecil?

— Cecil Jacobs. Ele já tinha nos dado um susto hoje à noite, achamos que era ele de novo Apareceu coberto com um lençol. Eles premiaram a melhor fantasia com uma moeda de vinte e cinco centavos, mas não sei quem ganhou...

— Onde estavam quando pensaram que era Cecil?

— Perto da escola. Gritei uma coisa para Cecil...

— Gritou o quê?

— Cecil Jacobs é uma galinha gorda, acho. Não ouvimos nada, então Jem gritou olá ou alguma outra coisa tão alto que era capaz de despertar os mortos...

— Só um instante, Scout. Sr. Finch, o senhor os ouviu? — perguntou o sr. Tate.

Atticus disse que não, estava com o rádio ligado. Tia Alexandra também estava com o rádio ligado no quarto dela. Ele se lembrava porque a tia tinha pedido para ele abaixar um pouco o som para ela poder ouvir o rádio dela. Atticus sorriu.

— Sempre ouço o rádio alto demais.

— Será que os vizinhos ouviram alguma coisa… — supôs o sr. Tate.

— Duvido, Heck. Quase todos ouvem rádio ou vão dormir com as galinhas. Maudie Atkinson podia estar acordada, mas duvido.

— Continue, Scout — pediu o sr. Tate.

— Bom, depois que Jem gritou, continuamos andando. Eu estava de fantasia, mas dessa vez dava para ouvir os passos; eles andavam e paravam junto conosco. Jem disse que conseguia me ver porque a sra. Crenshaw passou uma tinta que brilha na minha fantasia de presunto.

— Fantasia de quê? — perguntou o sr. Tate, pasmo.

Atticus então explicou o meu personagem e a armação da fantasia.

— Você precisava ver quando ela chegou, a fantasia estava toda amassada, uma maçaroca — disse ele.

O sr. Tate coçou o queixo.

— Agora entendo por que ele tinha aquelas marcas nos braços. E as mangas tinham pequenos furos que coincidem com as marcas. Deixe-me ver a fantasia, senhor.

Atticus foi buscar o que restava da minha fantasia. O sr. Tate virou-a do avesso e ajeitou a armação de arame para ter uma ideia do formato original.

— Essa roupa provavelmente salvou a vida dela — disse ele. — Veja.

Ele apontou com o longo dedo. Uma linha brilhante e nítida se destacava no arame opaco.

— Bob Ewell não estava de brincadeira — murmurou o sr. Tate.

— Ele estava fora de si — acrescentou Atticus.

— Não gosto de contradizer o senhor, sr. Finch, mas ele não estava maluco, ele era ruim como o diabo. Era um patife da pior espécie com a cabeça cheia de bebida o suficiente para ter coragem de matar crianças. Ele nunca teria coragem de enfrentar o senhor cara a cara.

Atticus balançou a cabeça.

— Não posso conceber um homem que…

— Sr. Finch, há um tipo de homem em quem devemos dar um tiro antes mesmo de cumprimentá-los. Mesmo assim, eles não valem a bala que gastamos. Ewell era um desses.

Atticus disse:

— Achei que ele tinha colocado tudo para fora com a ameaça que me fez aquele dia. Mesmo que não tivesse me ameaçado, achei que ele viria atrás de mim.

— Ele teve a coragem de perseguir uma pobre negra, de ir atrás do juiz Taylor quando pensou que a casa estava vazia. Você acha que ele ia atrás de você à luz do dia? — O sr. Tate suspirou. — É melhor continuarmos o relato. Scout, você o ouviu atrás de vocês…

— Foi. Quando chegamos embaixo da árvore…

— Como sabia que estava embaixo da árvore se não dava para enxergar um palmo diante do nariz lá fora?

— Eu estava descalça e Jem diz que a terra é mais fria embaixo das árvores.

— Vamos ter de nomeá-lo assistente de investigação. Continue.

— Então, de repente, alguma coisa me agarrou e amassou a minha fantasia… Acho que caí no chão… Ouvi… uma luta

embaixo da árvore... Parecia que estavam se chocando contra a árvore. Jem me achou e foi me empurrado para a estrada. Alguém... o sr. Ewell o derrubou. Eles lutaram mais e ouvi um barulho estranho... Jem gritou.

Parei de falar. O barulho era do braço de Jem se quebrando.

— De todo jeito, Jem gritou e não ouvi mais nada, depois... O sr. Ewell estava tentando me estrangular, acho... Então alguém derrubou ele. Acho que Jem deve ter se levantado. É só isso que sei...

— E aí? — o sr. Tate me olhava, atento.

— Alguém veio tropeçando, ofegante, tossindo muito. Achei que era Jem, mas não parecia, então comecei a procurar por ele no chão. Pensei que Atticus tinha vindo nos ajudar e tinha ficado cansado...

— Quem era?

— Ora, aquele ali, sr. Tate. Ele pode dizer como se chama.

Enquanto falava fiz menção de apontar para o homem que estava no canto, mas abaixei o braço rápido, pois Atticus podia me dar uma bronca por fazer isso. Era falta de educação apontar para as pessoas.

O homem continuava encostado na parede, de braços cruzados. Já estava assim quando entrei no quarto e, quando apontei, ele descruzou os braços e espalmou as mãos na parede. As mãos eram brancas, mãos doentiamente brancas, que nunca tinham visto o sol, tão brancas que se destacavam na parede creme na penumbra do quarto de Jem.

Percorri com o olhar as mãos dele, as calças cáqui sujas de terra, o corpo magro, a camisa rasgada. O rosto era tão branco quanto as mãos, exceto por uma sombra no queixo pontudo. As maçãs do rosto eram encovadas, a boca grande e nas têmporas havia marcas leves, quase delicadas; os olhos cinzentos eram tão opacos que pensei que ele fosse cego. O cabelo era sem brilho e fino, quase uma penugem no alto da cabeça.

Quando apontei para ele, as mãos escorregaram um pouco na parede, deixando marcas de suor, e ele enfiou os polegares no cinto. Teve um pequeno tremor estranho, como se ouvisse alguém raspar as unhas numa lousa, mas quando olhei para ele admirada, a tensão foi sumindo do seu rosto. A boca se abriu num sorriso tímido e a imagem do nosso vizinho ficou borrada com as lágrimas que, de repente, encheram meus olhos.

— Oi, Boo — eu disse.

30

— Ele se chama sr. Arthur, querida — corrigiu Atticus com delicadeza. — Jean Louise, esse é o Sr. Arthur Radley. Acho que ele já conhece você.

Só Atticus para, num momento como aquele, me apresentar a Boo Radley— Atticus era assim mesmo.

Boo me viu correr instintivamente para a cama onde Jem dormia, pois o mesmo sorriso tímido se insinuou no rosto dele. Vermelha de constrangimento, tentei disfarçar cobrindo Jem.

— Ah-ah, não mexa nele — disse Atticus.

O sr. Tate olhava fixamente para Boo com os óculos de aro de tartaruga. Ia dizer alguma coisa, quando ouvimos o dr. Reynolds vindo pelo corredor.

— Saiam todos — disse, ao chegar à porta. — Boa noite, Arthur, não vi que você estava aí.

A voz do médico era tão jovial quanto o andar, como se ele tivesse feito aquele cumprimento todas as noites da sua vida, o que me deixou ainda mais perplexa do que estar no mesmo cômodo que Boo Radley. Claro... até Boo Radley às vezes ficava doente, pensei. Mas, por outro lado, não tinha tanta certeza.

O dr. Reynolds estava carregando um grande pacote enrolado em jornal. Colocou-o sobre a escrivaninha de Jem e tirou o paletó.

— Então, está convencida de que ele está vivo? Vou dizer como eu sabia. Quando fui examiná-lo ele reagiu com um chute. Precisei colocá-lo fora de combate para conseguir tocá-lo. Agora vá — ele disse para mim.

— *Ah*... — fez Atticus, olhando para Boo. — Heck, vamos para a varanda da frente. Lá tem cadeiras suficientes e ainda está fazendo calor.

Fiquei pensando por que Atticus tinha nos convidado para ir para a varanda e não para a sala, então entendi: as luzes da sala eram muito fortes.

Saímos em fila, primeiro o sr. Tate.... Atticus ficou esperando na porta para que passássemos na frente dele, mas mudou de ideia e foi atrás do sr. Tate.

As pessoas têm a mania de manter as rotinas diárias até nas situações mais estranhas. Eu não era exceção.

— Venha, sr. Arthur, sei que não conhece bem a casa. Vou levá-lo até a varanda — ouvi eu mesma dizer.

Ele olhou para mim e concordou com a cabeça.

Levei-o através do corredor e da sala de visitas.

— Não quer sentar, sr. Arthur? Esta cadeira de balanço é muito confortável.

Lembrei da minha pequena fantasia com ele: ele estaria sentado na varanda... "Que dias bonitos tem feito, não, sr. Arthur?" "Sim, muito bonitos." Sentindo-me um pouco irreal, levei-o para a cadeira mais distante de Atticus e do sr. Tate. Ficava bem no escuro. Boo se sentiria melhor assim.

Atticus estava sentado no balanço e o sr. Tate numa cadeira ao lado. A luz forte que vinha da janela da sala incidia sobre eles. Sentei-me ao lado de Boo.

— Bom, Heck — Atticus estava dizendo. — Acho que o melhor a fazer é... Meu Deus, estou perdendo a memória... — Atticus empurrou os óculos para cima e apertou os olhos com as mãos. — Jem ainda não fez treze anos... não, ele já tem

treze... Não me lembro. De todo jeito, o caso vai ter que ser apresentado ao tribunal…

— Que caso, Sr. Finch? — o sr. Tate descruzou as pernas e se inclinou para a frente.

— É claro que foi legítima defesa, mas tenho de ir ao escritório e procurar…

— O senhor acha que foi Jem que matou Bob Ewell, sr. Finch? Acha mesmo?

— Você ouviu o que Scout disse, não há dúvida. Ela disse que Jem se levantou e tirou Ewell de cima dela… Deve ter pego a faca de Ewell no escuro… Bem, saberemos amanhã.

— Espere um momento, sr. Finch. Jem não esfaqueou Bob Ewell — disse o sr. Tate.

Atticus ficou em silêncio por um instante. Olhou para o sr. Tate como se gostasse do que tinha ouvido. Mas balançou a cabeça.

— Heck, é muita gentileza sua, e sei que está falando isso porque tem um bom coração, mas não faça isso.

O sr. Tate se levantou e foi até a beira da varanda. Cuspiu nos arbustos, pôs as mãos nos bolsos e olhou para Atticus.

— Não faça o quê? — perguntou o sr. Tate.

— Desculpe se fui ríspido, Heck, mas esse caso não vai ser abafado. Não sou assim.

— Ninguém vai abafar nada, sr. Finch.

O sr. Tate falava calmamente, mas suas botas estavam tão solidamente plantadas nas tábuas da varanda que pareciam ter crescido ali. Havia uma curiosa disputa sendo travada entre meu pai e o xerife cuja natureza eu não conseguia saber.

Foi a vez de Atticus levantar-se e ir até a beira da varanda. Pigarreou e deu uma cuspida no jardim. Pôs as mãos nos bolsos e olhou para o sr. Tate.

— Heck, você não disse nada, mas sei o que está pensando e agradeço. Jean Louise… — ele se virou para mim —, você disse que Jem tirou o sr. Ewell de cima de você?

— Sim, senhor, foi o que pensei… Eu…

— Está vendo, Heck? Agradeço do fundo do meu coração, mas não quero que meu filho comece a vida com um peso desses nas costas. O melhor é deixar tudo às claras. Deixar que os moradores do condado venham para assistir e tragam seus sanduíches. Não quero que ele cresça com gente cochichando pelas costas dele: "Jem Finch? O pai pagou uma nota para abafar a história." Quanto antes acabarmos com isso, melhor.

— Sr. Finch, Bob Ewell caiu em cima da faca. Ele se matou.

Atticus foi até o canto da varanda e olhou as glicínias. Cada um a seu modo, pensei, um era tão teimoso quanto o outro. Não dava para saber quem ia entregar os pontos primeiro. A teimosia de Atticus era tranquila e raras vezes evidente, mas de certa maneira ele era tão cabeça-dura quanto os Cunningham. O sr. Tate era menos culto e mais direto, mas era igual ao meu pai.

— Heck — Atticus estava de costas para nós —, se isso for abafado, vai contradizer tudo o que sempre ensinei a Jem. Às vezes acho que sou um completo fracasso como pai, mas sou tudo o que eles têm. Antes de olhar para qualquer pessoa, Jem olha para mim, e procuro viver de modo que eu possa olhar diretamente para ele… Se eu for conivente com uma coisa dessas, não poderei olhá-lo nos olhos, e no dia em que não puder fazer isso, vou perdê-lo. Não quero perder nem ele nem a Scout, porque eles são tudo o que eu tenho.

— Sr. Finch — o sr. Tate continuava com os pés plantados no chão da varanda —, Bob Ewell caiu em cima da faca, posso provar.

Atticus girou nos calcanhares. As mãos se enterraram ainda mais nos bolsos.

— Heck, pode ao menos tentar ver as coisas do meu ponto de vista? Você também tem filhos, mas sou mais velho. Quando os meus crescerem, serei um homem velho, se é que chegarei lá, mas agora… se eles não confiarem em mim, não vão confiar em ninguém. Jem e Scout sabem o que aconteceu. Se eles souberem que eu disse outra coisa na cidade, Heck, vou perdê-los

Não posso ser uma pessoa na cidade e outra em casa.

O sr. Tate balançou-se nos calcanhares e disse, paciente:

— Ele derrubou Jem, tropeçou na raiz da árvore e veja… posso mostrar.

O sr. Tate procurou no bolso do paletó e tirou um longo canivete. Nesse momento, o dr. Reynolds apareceu na porta.

— O filho da… O morto está embaixo daquela árvore, doutor, no pátio da escola. Tem uma lanterna? Se não tem, é melhor levar esta.

— Posso ir de carro e ligar os faróis — disse o dr. Reynolds, mas pegou a lanterna do sr. Tate. — Jem está bem, vai dormir até amanhã, acredito, portanto, não se preocupem. Foi essa faca que o matou, Heck?

— Não, senhor, a faca ainda está enfiada nele. Pelo cabo, parece faca de cozinha. Ken deve estar chegando lá com o rabecão, doutor. Boa noite.

O sr. Tate abriu o canivete e disse:

— Foi assim.

Ele empunhou o canivete e fingiu tropeçar; quando caiu, o braço esquerdo ficou na frente dele.

— Está vendo? Ele se apunhalou e a faca entrou no espaço entre as costelas. O peso dele enterrou a faca no corpo.

O sr. Tate fechou o canivete e guardou-o no bolso outra vez.

— Scout tem oito anos, estava muito assustada para saber o que aconteceu exatamente — ele concluiu.

— Você ficaria surpreso — disse Atticus, entredentes.

— Não estou dizendo que ela inventou, só que estava assustada demais para saber o que aconteceu exatamente. Estava escuro como breu. Precisava ser alguém muito acostumado com o escuro para ser uma boa testemunha…

— Não estou convencido — disse Atticus baixinho.

— *Pelo amor de Deus, não estou pensando em Jem!*

O sr. Tate bateu com tanta força as botas no chão que as luzes do quarto da srta. Maudie se acenderam. As da srta. Stephanie Crawford também. Atticus e o sr. Tate olharam para o outro lado da rua, depois se entreolharam. Esperaram.

Quando o sr. Tate voltou a falar, mal dava para ouvir a voz dele.

— Sr. Finch, não gosto de discutir com o senhor no estado em que se encontra agora. Nenhum homem deveria passar pela tensão pela qual o senhor passou esta noite. Não sei como ainda não está de cama, mas sei que pela primeira vez não está conseguindo juntar dois mais dois e temos de resolver isso agora, porque amanhã será tarde demais. Bob Ewell tem uma faca de cozinha enfiada na barriga.

O sr. Tate disse ainda que papai não ia insistir que um garoto do tamanho de Jem, com um braço quebrado, teria força para atacar e matar um homem adulto, na escuridão total.

— Heck, você mostrou um canivete. Onde arrumou? — perguntou Atticus.

— Tirei de um bêbado — respondeu o sr. Tate, calmo.

Tentei me lembrar: o sr. Ewell estava em cima de mim… Ele caiu… Jem deve ter se levantado. Pelo menos foi o que pensei…

— Heck?

— Eu disse que peguei de um bêbado na cidade esta noite. Ewell deve ter encontrado aquela faca no lixão. Pegou e esperou uma oportunidade… só isso.

Atticus foi até o balanço e sentou-se. As mãos ficaram caídas no meio das pernas. Olhava para o chão. Mexia-se com a mesma lentidão daquela noite na frente da cadeia, quando achei que ele levou uma eternidade para dobrar o jornal e colocá-lo na cadeira.

O sr. Tate continuava andando pesado pela varanda.

— A decisão não é sua, Finch, é minha. A decisão e a responsabilidade são minhas. Pela primeira vez, se não conseguir ver as coisas como eu, não poderá fazer nada. Se tentar, vou chamá-lo de mentiroso na sua cara. Seu filho não esfaqueou Bob Ewell — disse, devagar. — Longe disso, e agora o senhor sabe. Ele só queria chegar em casa em segurança com a irmã.

O sr. Tate parou de andar. Ficou de frente para Atticus e de costas para nós.

— Posso não ser o melhor dos homens, mas sou o xerife do condado de Maycomb. Moro aqui desde que nasci e já vou fazer quarenta e três anos. Sei de tudo que aconteceu aqui desde antes de eu nascer. Um rapaz negro foi morto sem motivo e o responsável por isso também está morto. Vamos deixar os mortos enterrarem os mortos desta vez, sr. Finch. Vamos deixar os mortos enterrarem os mortos.

O sr. Tate foi até o balanço e pegou o chapéu que estava ao lado de Atticus. Puxou os cabelos para trás e pôs o chapéu na cabeça.

— Não sabia que era contra a lei alguém fazer todo o possível para evitar que um crime seja cometido, e foi exatamente isso que ele fez. Talvez o senhor ache que tenho a obrigação de contar tudo para a cidade inteira e não abafar nada. Sabe o que vai acontecer então? Todas as senhoras da cidade, inclusive a minha mulher, vão bater na porta dele levando bolos. Eu acho, sr. Finch, que colocar holofotes sobre um homem tímido e recluso que prestou um grande serviço ao senhor e à cidade… é um erro. E não quero ter esse erro na minha consciência. Se fosse outro homem, seria diferente. Mas não esse, sr. Finch.

O sr. Tate tentava cavar um buraco no piso com o salto da bota. Passou a mão no nariz depois massageou o braço esquerdo.

— Posso não ser grande coisa, sr. Finch, mas continuo sendo o xerife do condado de Maycomb e Bob Ewell caiu em cima da faca. Boa noite, senhor.

O sr. Tate saiu pisando forte pela varanda e atravessou o jardim. Bateu a porta do carro e foi embora.

Atticus ficou olhando para o chão por um bom tempo. Finalmente, levantou a cabeça.

— Scout, o sr. Ewell caiu em cima da faca, consegue entender isso? — perguntou.

Tive a impressão de que Atticus precisava de ânimo. Fui até ele, e o abracei e o beijei com força.

— Consigo, sim. O sr. Tate está certo — garanti.

Atticus desvencilhou-se do abraço e me encarou.

— O que você quer dizer com isso?

— Bom, seria como matar um rouxinol, não?

Atticus enfiou o rosto nos meus cabelos e acariciou-os. Quando se levantou e foi até a parte escura da varanda, seus passos joviais tinham voltado. Antes de entrar em casa, parou na frente de Boo Radley.

— Obrigado pelo que fez pelos meus filhos, Arthur — disse.

31

Quando Boo Radley se levantou, a luz que vinha das janelas da sala brilharam na testa dele. Todos os seus movimentos eram inseguros, como se ele não tivesse certeza de que as mãos e os pés podiam fazer contato com as coisas que tocavam. Tossiu a sua horrível tosse seca e ficou tão abalado que precisou sentar-se de novo. Enfiou a mão no bolso da calça e pegou um lenço. Tossiu nele e secou a testa.

Eu estava tão acostumada com a ausência dele que achei incrível que estivesse sentado ao meu lado o tempo todo, presente. Em absoluto silêncio.

Ele se levantou de novo. Virou-se para mim e fez sinal com a cabeça indicando a porta.

— Quer se despedir de Jem, não é, sr. Arthur? Venha.

Fui andando com ele pelo corredor. Tia Alexandra estava sentada ao lado da cama de Jem.

— Entre, Arthur — ela convidou. — Jem ainda está dormindo. O dr. Reynolds deu um sedativo forte para ele. Jean Louise seu pai está na sala?

— Acho que sim, senhora.

— Vou falar com ele um instante. O dr. Reynolds deixou algumas... — a voz dela desapareceu na distância.

Boo tinha se esgueirado para um canto do quarto e estava com o queixo levantado, olhando Jem de longe. Peguei a mão dele, que era muito quente, apesar de tão branca. Puxei-a de leve e ele deixou que o levasse até a cama de Jem.

O dr. Reynolds tinha feito uma espécie de armação no braço de Jem para que ficasse isolado, acho. Boo se debruçou sobre a armação e olhou; em seu rosto havia uma curiosidade tímida, como se ele nunca tivesse visto um menino. Abriu de leve a boca e olhou Jem dos pés à cabeça. Levantou a mão, mas deixou-a cair ao lado do corpo.

— Pode fazer carinho nele, sr. Arthur, ele está dormindo. Se estivesse acordado, ele não deixaria... Vá em frente — expliquei.

A mão de Boo pairou sobre a cabeça de Jem.

— Vá em frente, ele está dormindo.

Eu estava começando a entender a linguagem corporal dele. Ele apertou a minha mão, o que significava que queria ir embora.

Levei-o até a varanda da frente, onde seus passos inseguros pararam. Continuava segurando a minha mão e parecia que não ia soltar.

— Pode me levar em casa?

Ele praticamente sussurrou, com a voz de uma criança com medo do escuro.

Pisei no primeiro degrau da escada e parei. Eu podia conduzi-lo pela nossa casa, mas não podia conduzi-lo até a casa dele.

— Sr. Arthur, dobre o braço assim. Isso, muito bem.

Enfiei minha mão na dobra do braço dele.

Ele teve de curvar-se um pouco para me dar o braço, mas se a srta. Stephanie Crawford estivesse olhando da janela dela, veria Arthur Radley me acompanhando pela calçada, como qualquer cavalheiro faria.

Chegamos ao poste da esquina e pensei em quantas vezes Dill tinha ficado ali agarrado naquele mastro gordo, olhando, esperando, imaginando. E quantas vezes Jem e eu tínhamos feito aquele caminho, mas era a segunda vez na vida que eu entrava no portão dos Radley. Boo e eu subimos a escada da varanda. Ele segurou na maçaneta. Soltou minha mão delicadamente, abriu a porta, entrou e fechou a porta. Nunca mais o vi.

As pessoas levam flores quando alguém morre e comida quando alguém adoece, e pequenos presentes em outras ocasiões. Boo era nosso vizinho. Ele nos deu dois bonecos esculpidos em sabão, um relógio quebrado com a corrente, duas moedas da sorte e nossas vidas. Mas os vizinhos retribuem. Nós nunca colocamos de volta na árvore o que tínhamos tirado de lá: não demos nada para ele em troca, e isso me entristecia.

Virei-me para fazer o caminho de volta. Os postes piscavam na rua até a cidade. Eu nunca tinha visto o nosso bairro por aquele ângulo. Ali estavam a casa da srta. Maudie, a da srta. Stephanie... a nossa casa. Vi o balanço da varanda, a casa da srta. Rachel depois da nossa, perfeitamente visível. Dava para ver até a casa da sra. Dubose.

Olhei para trás. À esquerda da porta marrom havia uma janela comprida, com venezianas. Fui até lá, fiquei na frente dela e me virei. De dia, pensei, dava para ver a esquina do correio.

De dia… na minha cabeça, a noite desapareceu. Era dia e o bairro estava movimentado. A srta. Stephanie atravessava a rua para contar as últimas novidades para a srta. Rachel. A srta. Maudie estava debruçada sobre suas azáleas. Era verão e duas crianças iam pela calçada ao encontro de um homem. O homem acenou e as crianças correram até ele.

Ainda era verão e as crianças se aproximaram. Um menino veio pela calçada equilibrando uma vara de pescar no ombro. Um homem ficou olhando, com as mãos na cintura. Verão, e os filhos dele brincavam no jardim com um amigo, encenando uma estranha peça que tinham inventado.

Era outono e os filhos brigavam na calçada na frente da casa da sra. Dubose. O menino ajudou a irmã a se levantar e foram para casa. Outono, e os filhos iam e voltavam pela esquina, no rosto as derrotas e as vitórias do dia. Pararam num carvalho, encantados, confusos, apreensivos.

Inverno, e os filhos dele tremiam de frio no portão da frente, as silhuetas recortadas contra uma casa consumida pelas chamas. Inverno e um homem veio andando pela rua, tirou os óculos e atirou num cachorro.

Verão, e ele viu os filhos ficarem de coração partido. Outono de novo, e as crianças de Boo precisavam dele.

Atticus tinha razão. Uma vez ele disse que a gente só conhece uma pessoa de verdade quando se coloca no lugar dela e fica lá um tempo. Ficar parada na varanda dos Radley foi o suficiente.

A luz dos postes estava difusa sob a chuva fina que caía. Enquanto ia para casa, me senti muito velha, então olhei para a ponta do meu nariz e vi gotas minúsculas, mas fiquei tonta e parei com aquilo. Enquanto ia para casa, pensei em todas as coisas que tinha para contar a Jem no dia seguinte. Ele ia ficar com tanta raiva de ter perdido tudo que ia passar dias sem falar comigo. Enquanto ia para casa, pensei que Jem e eu íamos crescer mas não tínhamos mais muita coisa para aprender, a não ser, talvez, álgebra.

Subi a escada correndo e entrei em casa. Tia Alexandra tinha ido dormir e o quarto de Atticus estava escuro. Fui ver se Jem tinha acordado. Atticus estava lá, sentado na cama de Jem. Estava lendo um livro.

— Jem ainda não acordou?

— Está dormindo tranquilo. Só vai acordar de manhã.

— Ah. Você vai ficar aí com ele?

— Só por uma hora, mais ou menos. Vá dormir, Scout. O dia foi longo.

— Acho que vou ficar um pouco com você.

— Como quiser — disse Atticus. Devia ser mais de meia-noite, e fiquei surpresa por ele ter concordado. Mas ele era mais

esperto que eu: mal me sentei e comecei a ficar com sono.

— O que você está lendo? — perguntei.

Atticus me mostrou a capa do livro.

— Um livro de Jem. Chama-se *O fantasma cinzento.*

De repente, despertei.

— Por que escolheu esse?

— Querida, não sei. Só peguei. É um dos poucos livros que ainda não li — ele disse, direto.

— Por favor, leia alto, Atticus. Esse livro dá muito medo.

— Não, você já levou muito susto. O livro é bem...

— Atticus, eu não tive medo.

Ele franziu o cenho e eu protestei:

— Só tive medo quando comecei a contar tudo para o sr. Tate. Jem não teve medo. Perguntei e ele respondeu que não estava com medo. Além do mais, só nos livros é que as coisas são assustadoras de verdade.

Atticus abriu a boca para dizer alguma coisa, mas fechou de novo. Desmarcou a página que estava segurando com o dedo e voltou para a primeira página. Encostei a cabeça no joelho dele.

— Hum, vejamos: *O fantasma cinzento*, de Seckatary Hawkins, Capítulo Um...

Fiz um esforço para ficar acordada, mas a chuva estava tão fina, o quarto tão acolhedor, a voz dele tão agradável e o joelho tão confortável que adormeci.

Segundos depois, ou pelo menos foi o que me pareceu, o sapato dele tocou de leve nas minhas costelas. Ele me levantou e me levou para o meu quarto.

— Ouvi tudo o que você leu... não estava dormindo... é a história de um navio, Fred Três Dedos e o menino Stoner... — eu disse.

Ele desabotoou o meu macacão, me encostou nele e tirou-o. Me segurou com uma das mãos e pegou o meu pijama com a outra.

— E todos pensavam que era o menino Stoner que fazia bagunça no clube deles e jogava tinta por toda parte e...

Ele me levou até a cama e me fez sentar. Levantou minhas pernas e me colocou embaixo das cobertas.

— Eles o perseguiram, mas nunca conseguiam pegá-lo porque não sabiam como ele era e depois, Atticus, quando finalmente o encontraram viram que ele não tinha feito nada daquilo... Atticus, ele era muito bom...

As mãos dele estavam embaixo do meu queixo, puxando as cobertas e ajeitando-as em volta de mim.

— A maioria das pessoas é, Scout, quando enfim as conhecemos.

Ele apagou a luz e foi para o quarto de Jem. Ele ia ficar lá a noite toda, e estaria lá quando Jem acordasse de manhã.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

O sol é para todos

Skoob do livro

http://www.skoob.com.br/o-sol-e-para-todos-2178ed2886.html

Wikipédia do livro

http://pt.wikipedia.org/wiki/To_Kill_a_Mockingbird

Wikipédia do filme

http://pt.wikipedia.org/wiki/To_Kill_a_Mockingbird_(filme)

Wikipédia do autor

http://pt.wikipedia.org/wiki/Harper_Lee

Sumário

Capa
Rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
Primeira Parte
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
Segunda Parte
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29

30
31
Colofon
O sol é para todos